

DANILO CERQUEIRA ALMEIDA

**O RESGATE DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE
JOÃO PARAGUAÇU N’O *IMPARCIAL* DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho

Feira de Santana, BA
2014

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

A444r Almeida, Danilo Cerqueira
O resgate da produção literária de João Paraguaçu n' o Imparcial da Bahia. / Danilo Cerqueira Almeida. – Feira de Santana, 2014.

263 f : il..

Orientador: Profº Dr. Adeíto Manoel Pinho.

Mestrado (dissertação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Progel, 2014.

1. Literatura de Jornal. 2. João Paraguaçu. 3. O imparcial. 4. Memória. 5. História I. Pinho, Adeíto Manoel, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 82.091

DANILO CERQUEIRA ALMEIDA

**O RESGATE DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE
JOÃO PARAGUAÇU N’O *IMPARCIAL* DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Progel, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Aprovada em 23 de maio de 2014.

Prof. Doutor Adeíto Manoel Pinho
Orientador – UEFS

Profa. Doutora Patricia Kátia da Costa Pina
UNEB

Prof. Doutor Benedito José de Araújo Veiga
UEFS

Feira de Santana, BA
2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer acreditar em mim e, por isso, acreditar Nele.

Aos meus pais, Jivanildo e Hildete, irmãos e familiares, sem os quais, em parte, eu não poderia ser o que sou e chegar onde estou.

Ao meu orientador, Adeíto Manoel Pinho: pelas apresentações, formal e acadêmica, à pesquisa, a João Paraguaçu e às demais atividades de uma pós-graduação.

Às bancas de qualificação e defesa da dissertação, pelas contribuições a este trabalho acadêmico.

Aos membros do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos (Gelc), pelos momentos, discussões, reflexões e ações sobre Literatura, Ciência e Cultura.

Ao Progel, pelos espaço e estrutura que propiciaram experiências e convivências na produção de conhecimento.

À Fapesb, pelo incentivo e apoio à pesquisa e às vivências acadêmicas com mais tranquilidade.

À minha turma, por me elegerem seu representante discente e pelos momentos de convivência e aprendizado sobre a Literatura e as relações humanas no mundo acadêmico contemporâneo.

Aos professores do Progel, pelas aulas nas quais conheci, busquei e continuo almejando um pouco mais sobre o mundo pela objetiva dos Estudos Literários.

Aos conselhos editoriais da revista Graduando, que, “entre o ser e o saber”, também alargaram e melhoraram as minhas bases humana, discente, docente, acadêmica e social no período de pós-graduação.

A Dona Branca, uma das “cuidadoras” do Progel, pela confiança e também pela consideração e responsabilidade com o nosso ambiente de ensino e pesquisa.

A todas as pessoas e espaços que contribuíram para esta dissertação, não sendo possível citá-los nominalmente.

A memória constitui o ponto de intersecção entre as fontes e a criação artística. Se a noção de *fontes* pode abrigar tudo que antecede a produção de uma obra de arte, mas reaparece nela, é porque a memória apropriou-se da experiência prévia e elaborou-a, adaptando-a às necessidades de criação. A memória, portanto, fica a meio caminho entre o coletivo e o individual, o histórico e o pessoal, o apropriado e o original. Zilberman, “Minha teoria das edições humanas”: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a poética de Machado de Assis. In: *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da Literatura*.

O conhecimento do passado, em todos os tempos, só é desejável quando está a serviço do passado e do presente e não quando enfraquece o presente, quando erradica os germes vivos do futuro. Tudo isso é simples, simples como a verdade e disso fica persuadido aquele mesmo que não tem necessidade que lhe demonstrem historicamente isso. Nietzsche tradução Braga, Mioranza, *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*.

É uma verdade que a história se faz de pequenos fatos no momento despercebidos, mas com que, vindouros, ouvindo-os de velhos testemunhos ou recolhendo-os em arquivos, armam narrativas curiosas e sensacionais. João Paraguaçu, “Post-scriptum”, *O Imparcial*, 17/05/1938.

RESUMO

Apresentamos, nesta dissertação, a leitura e a catalogação da produção literária de João Paraguaçu, pseudônimo do escritor M. Paulo Filho (1890-1969), no jornal baiano *O Imparcial*. As duas atividades serão desenvolvidas sob as orientações teóricas da Literatura, da Memória e da História. Em Olinto (1989), a Ciência da Literatura Empírica (CLE/CEL) caracteriza a Literatura como um sistema social, sujeito a interesses e paixões, em diálogo constante com outros sistemas, como História e Imprensa, ambos decorrentes das ações humanas em sociedade. Conforme Bosi (1994) e Halbwachs (2012), a memória coletiva e social é identificada como articuladora e continuadora de experiências e produções humanas, constituindo ações dos sistemas propostos pela CLE. Referências como Certeau (2006) e Le Goff (1996) auxiliam no estudo da História como elemento de criação referencial e de estruturação social na feitura de textos memorialísticos. Esses referenciais exemplificam as analogias entre a biografia pessoal e pública de M. Paulo Filho, percebidas nos fatos e nas personalidades da cultura registrados nos textos de João Paraguaçu em artigos e crônicas memorialísticas, gêneros literários de constatáveis similaridades de acordo com Coutinho (1986, v. 4, v. 6), Portella (1970) e Candido (1992). Dentre as 623 publicações fotografadas e catalogadas segundo metodologias de Pinho (2008, v. 1, v. 2) e Castelo (1970), serão comentados textos sobre os dois temas mais encontrados na obra literária de João Paraguaçu: Rui Barbosa e a Academia Brasileira de Letras (ABL). As seleções do *corpus* constituem publicações representativamente integradas à cultura brasileira. Foram publicadas em jornais e, posteriormente, em livros, citados por poucos escritores. O conjunto de textos de *O Imparcial*, também publicado no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, constitui uma contribuição específica ao Jornalismo, à História e à Literatura do Brasil. Este alcance inclui o escritor, seu pseudônimo e os textos publicados nos Estudos Literários e Culturais contemporâneos.

Palavras-chave: Literatura de Jornal. João Paraguaçu. M. Paulo Filho. *O Imparcial*. Memória. História.

ABSTRACT

We present in this dissertation the reading and cataloging of João Paraguaçu's literary production, pseudonym of the writer M. Paulo Filho (1890-1969), in the Bahian newspaper *O Imparcial*. The two activities will be developed on the theoretical presuppositions of Literature, Memory and History. In Olinto (1989), the *Ciência da Literatura Empírica* (CLE/CEL) characterizes the Literature as a social system, subject to interests and passions, in constant dialogue with other systems like History and the Press, both resulting in human actions in society. In Bosi (1994) and Halbwachs (2012), collective and social memory is identified as an articulator and continuer of human existences and productions; thus constitute actions of the systems proposed by the CLE. References as Certeau (2006) and Le Goff (1996) support the study of History as an element of referential creation and social structuring in making memoirs texts. These references exemplify the analogies between personal and public biography of M. Paulo Filho, perceived the facts and figures of culture recorded in the João Paraguaçu's writings in articles and chronicles literary genres of observable similarities according to Coutinho (1986, v. 4, v. 6), Portella (1970) and Candido (1992). Among the 623 publications photographed and cataloged according to the methodology by Pinho (2008 v. 1, v. 2) and Castelo (1970), texts on the two topics most frequently found in the literary work João Paraguaçu will be discussed: Rui Barbosa and the Brazilian Academy of Letters. The selections of the *corpus* are representatively integrated into Brazilian culture publications were published in newspapers and later in books cited by few writers. The set of texts d'*O Imparcial*, also published in Rio de Janeiro's *Correio da Manhã* is a specific contribution to Journalism, Brazilian History and Literature. This range includes the writer and his pseudonym and published texts in contemporary Literary and Cultural Studies.

Keywords: Literatura de Jornal. João Paraguaçu (M. Paulo Filho). *O Imparcial*. Memory. History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MEMÓRIA, ESCRITOR E EXPERIÊNCIA: SOBRE A CRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO JORNAL	12
3 O JORNAL E AS JORNADAS: UM ESCRITOR MEMORIALISTA	17
3.1 M. PAULO FILHO: UM ESCRITOR, UM JORNALISTA, O(S) PSEUDÔNIMO(S) E AS ÁGUAS DA MEMÓRIA	19
3.2 <i>O IMPARCIAL</i> : NA HISTÓRIA E NA POLÍTICA	27
4 REDESCRIÇÕES: A CATALOGAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES DE JOÃO PARAGUAÇU N’O IMPARCIAL	37
5 AS “TIRA(DA)S” DE JOÃO PARAGUAÇU	49
5.1 PÁGINAS E MARGENS DE JOÃO PARAGUAÇU N’O <i>IMPARCIAL</i>	50
5.1.1 Rui Barbosa por João Paraguaçu	50
5.1.2 A Academia Brasileira de Letras por João Paraguaçu	72
6 MEMÓRIA E ESCRITAS DA HISTÓRIA: UMA LITERATURA EMPÍRICA ...	88
6.1 LUGARES DA MEMÓRIA: ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DA VIDA E NARRATIVAS LITERÁRIAS	93
6.2 A EXPERIÊNCIA SOCIAL EM LITERATURA: HISTÓRIAS EM NARRATIVAS	98
6.3 A LITERATURA NO JORNALISMO: A CRÔNICA	105
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	125

1 INTRODUÇÃO

Apresentamos nesta dissertação o estudo sobre o conjunto de textos escritos pelo pseudônimo de Manoel Paulo Telles de Mattos Filho (M. Paulo Filho), João Paraguaçu¹. Eles foram publicados na coluna “Vida Social” do jornal baiano *O Imparcial*, que circulou na cidade de Salvador durante 29 anos na primeira metade do século 20 (1918-1947). Defendemos que, em função de não haver pesquisas específicas anteriores sobre o autor, seu ortônimo ou sobre suas publicações em periódicos e livros, a pesquisa se caracteriza como um resgate por meio de um trabalho científico. Encontramos, num período de 8 anos de publicação (1936-1944), 623 textos de João Paraguaçu, nos quais elementos biográficos, históricos e sociais se encontram mesclados traços discursivos do ensaio, da crônica e do artigo. As produções encontradas destacam as motivações para a escrita em função de memórias sobre vida pessoal, pública e profissional de M. Paulo Filho, conhecido jornalista no Rio de Janeiro e ortônimo de João Paraguaçu. Nossa leitura e a catalogação dos textos, parte fundamental deste trabalho, visou encontrar, na reunião de personagens/personalidades da política, da cultura e da literatura brasileiras, constantes temáticas e de personagens que aparecem num texto marcado e desenvolvido em função da memória e pelo jornal, caracterizado, segundo propomos, por uma nomenclatura própria, “Literatura de Jornal” (PINHO, 2008, v. 1).

No capítulo 2, “Memória, escritor e experiência: sobre a criação do texto literário no jornal”, apresentaremos relações e comentários introdutórios sobre as naturezas do objeto pesquisado e do *corpus* em jornal, e das relações elementares entre corpo, experiência e suas participações na história. Esses contatos constituem o trabalho na medida em que são norteadores do processo de uma produção literária memorialista ligada a periódicos como *O Imparcial*.

No capítulo 3, “O jornal e as jornadas: um escritor memorialista”, abordaremos a localização, as especificidades e as relações identificáveis entre a biografia do escritor e as memórias do autor, bem como sobre a história do jornal no qual publica os textos pesquisados na dissertação. Esses dados serão de grande importância para identificá-los como agentes

¹ Esse pseudônimo de M. Paulo Filho e mesmo o registro deste nome completo apresentam algumas variantes — e alguns erros de grafia — n’*O Imparcial*. A variante mais presente, “João Paraguassú”, não será registrada no corpo da dissertação em função da atualização para “João Paraguaçu”, em consonância com alterações ortográficas e, inclusive, com o rio baiano no qual M. Paulo Filho inspirou-se para nomear seu pseudônimo. Utilizaremos, no momento em que nos referirmos ao autor no corpo do trabalho como “João Paraguaçu”. Também foi realizada a atualização ortográfica das citações dos textos. Entretanto, o título dos textos de Paraguaçu foi mantido com a grafia original, para facilitar a busca na catalogação.

aglutinadores dos elementos que permitem, simultaneamente, a leitura da época, do espaço e do pensamento nos quais o escritor e seus contemporâneos estão vivendo, agindo e pensando sobre as atividades do próprio tempo. Planejamos, com esse capítulo, contextualizar as possibilidades de criação do autor — cujas produções estão, nesta dissertação, em seu primeiro estudo específico e destacado — para que se retome, nos capítulos seguintes, a identificação de elementos estilísticos, históricos e memorialísticos que participam da escrita dos textos. A seção do trabalho acadêmico também procura expor uma relação que será melhor aprofundada nos próximos capítulos, com a apresentação mais detalhada da escolha de nossa linha teórico-metodológica para estudar os textos do autor como contribuição para a literatura baiana e brasileira n’*O Imparcial*.

No capítulo 4, “Redescrições: a catalogação das publicações de João Paraguaçu n’*O Imparcial*”, discutiremos sobre o trabalho metodológico realizado durante a pesquisa no jornal de Salvador. Nesse momento, elencamos os critérios e as etapas da coleta de dados: como e o que foi encontrado, registrado e utilizado na elaboração da dissertação. Essa etapa evidencia que o trabalho realizado está estruturado em uma pesquisa de fontes; descreveremos, portanto, alguns aspectos concretos da pesquisa, necessários ao aprofundamento na elaboração da dissertação.

O capítulo 5, “As ‘tira(da)s’ de João Paraguaçu”, trata das constantes temáticas e de personalidades presentes nas tiras² do jornal em que foram publicados os textos pesquisados. Eles serão apresentados e exemplificados com observações sobre as características históricas, estilísticas, teóricas e críticas apontadas nas publicações que as referem, conjugando e referenciando os conhecimentos do autor para a criação dos textos. Assim, descreveremos as publicações — e/ou o conjunto delas — para apontar as relações entre a escrita e a memória. Consideraremos, nesse diálogo, o tratamento literário dado a experiências de uma história pessoal que se transformam em memória (literária) coletiva publicizada.

No capítulo 6, “Memória e escritas da História: uma literatura empírica”, apresentaremos os aportes teóricos que fundamentam a proposta analítica para os assuntos depreendidos da produção de João Paraguaçu para este trabalho. A cultura (GEERTZ, 1973³), a literatura (OLINTO, 1989), a memória (BOSI, 1979⁴; HALBWACHS, 1968⁵) e a história

² Mais conhecidas atualmente como quadrinhos em jornal, tomamos o sentido encontrado em Pinho (2008), que as identifica como textos de curta duração publicados nas colunas do jornal (PINHO, 2008, v. 1, p. 131, p. 327).

³ A edição traduzida de *The interpretation of the cultures* utilizada na dissertação é de 2008.

⁴ A edição utilizada na dissertação é de 1994.

⁵ A edição traduzida de *La mémoire collective* utilizada na dissertação é de 2012.

(LE GOFF, 1990⁶; VEYNE, 1971⁷; CERTEAU, 1975⁸) são entendidas como fomentadoras do exercício e da transposição da experiência para textos de jornal. A seção aborda o papel da memória na sedimentação do material que passará a integrar os dados mais imediatos presentes no texto: fatos, personalidades e instituições de relevância para a história e a memória nacionais. Segue-se com a análise dos aspectos discursivos dos gêneros que mais se adequaram à feitura dos textos do autor, além da articulação da memória (trabalho e experiência) à forma em que os textos são publicados. Igualmente importante nesse momento da dissertação é a referência, nesses textos, ao conhecimento teórico que permite conceituá-los como literatura e, no caso de nosso objeto de estudo, articulador dos elementos mencionados anteriormente.

Ao considerar os estudos e as pesquisas realizados na dissertação, ponderaremos sobre o exposto neste trabalho de conclusão do mestrado nas considerações finais, presentes no capítulo 7. Nele ressaltamos esta produção acadêmica e sua contribuição aos conhecimentos literários e às comunidades universitária e externa. Assim, também apontaremos a importância das atividades e estudos do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: da Literatura de Jornal ao Sistema Literário (Gelc), de sua linha e projetos de pesquisa, que proporcionaram o conhecimento e a busca de referências sobre *O Imparcial* e João Paraguaçu. Afirmamos, ainda, que esta produção científica intenta a continuidade da pesquisa sobre as publicações do autor n' *O Imparcial* porque realizada no âmbito dos estudos literários, sociais e culturais.

Figuram, ainda, como último elemento da dissertação, apêndices com a catalogação das publicações de João Paraguaçu e um grupo de textos selecionados. As publicações reproduzidas aparecerão em versões atualizadas de acordo com a ortografia vigente, em confronto com os textos obtidos por meio de fotografias das páginas do jornal. Justificamos a existência destes apêndices pelo ineditismo dos trabalhos específicos sobre a produção literária do autor, fornecendo-os, assim, como material preliminar e essencial (segundo nosso estudo) para um conhecimento prévio do autor e de sua obra.

⁶ A edição traduzida de *Storia e memoria* utilizada na dissertação é de 1996.

⁷ A edição traduzida de *Comment on écrit l'histoire* utilizada na dissertação é de 1971.

⁸ A edição traduzida de *L'écriture de l'histoire* utilizada na dissertação é de 2006.

2 MEMÓRIA, ESCRITOR E EXPERIÊNCIA: SOBRE A CRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO JORNAL⁹

A literatura, na figura e ação do escritor, cria o espaço da ficção ao qual se adentra pela intermediação da leitura. Isso marca a sua existência numa área do conhecimento e no corpo social e intelectual do grupo no qual está. Também existem outras interseções entre a feitura e a leitura do texto: a veiculação, um suporte no qual se confirme e comprove a ação de escrever, a periodicidade. Estas, em diálogo com o homem e com o que está à volta dele, em espaço e em tempos, formam o entorno heterogêneo de experiências pessoais e coletivas, as quais se apresentam pelas próprias iniciativas de conhecer, por motivações de cunho político e por escolhas oportunas de expressão. Concebendo que o ato de criação literária seja a laboração sobre o que o escritor dispõe, no tempo e espaço da própria vida e o que lhe coube de acesso sobre momentos anteriores ou simultâneos, suas produções literárias sobrevivem, em parte que deve ser muito considerada, do que herda, vê, percebe, sente e lembra. Tal posicionamento do escritor perante o que o cerca e (sobre) o que escreve, entendemos, é um dos pressupostos deste trabalho.

O escritor é, nesse contexto, um leitor de fontes para o seu crescimento cognitivo, psicológico, social, criativo e artístico. Aos olhos de um novo leitor, essa experiência, “reincidente” no corpo social e cultural, volta a participar singularmente em mais ações e criações humanas, das quais a Literatura é uma delas. A memória aparece, assim, como um dos pontos destacados com este capítulo. Ela ajuda a resgatar escritores, textos, obras, pessoas e contextos a partir de dois espaços de ação: a experiência e a produção literária — cuja ordem de termos representa um oportuno diálogo hierárquico. A atuação organizadora da memória nesses dois processos aponta, nos textos de nosso autor, para produções que os articulam, demonstram e evidenciam numa difícil desvinculação.

Nesse sentido, o jornal é um espaço pragmático e simbólico ao nosso estudo. O alcance de uma publicação está fortemente relacionado às suas páginas, numa dinâmica de leitura e escrita cujas implicações são de caráter individual e coletivo, local e global, estático e articulado, instrumental e sistemático, temporal e actancial. Esse conjunto de aspectos, relacionados à motivação e à escrita de textos que tenham como elemento — ou que sejam oriundos de — a memória, exemplifica um processo de criação que ata fatos a documentos,

⁹ O objeto desta dissertação vem sendo pesquisado por mim desde 2011, no curso de Especialização em Estudos Literários, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Nele desenvolvi a monografia intitulada “O escritor João Paraguaçu nas páginas e margens d’*O Imparcial*: memórias da literatura brasileira”, uma das referências utilizadas para esta dissertação.

experiência à arte, memória à ficção. Com isso, tais construções sociais e artísticas, evidenciadas pela Literatura em suas relações com a História, legitimam e integram essas contribuições à(s) cultura(s) da(s) qual(is) se torna(m) expressão: informam ao mesmo instante em que orientam o intelecto e a visão de mundo do leitor. Desse modo, o jornal, veículo de publicação desses textos, expressa elementos que o identificam e o situam nas esferas da cultura, qualificando-o enquanto função social legitimada por esta mesma característica da condição humana, a memória.

O objeto da pesquisa a que se propõe esta dissertação versa a respeito de João Paraguaçu, um autor que publica as memórias no jornal *O Imparcial* durante oito anos. Segundo defendemos, esta ação social, por meio de uma literatura específica, própria do jornal (gêneros, estilo, veículo, público, períodos) mobiliza um sistema que contribui sobremaneira para que os seus leitores tomem conhecimento do texto. Nele, analisa-se aspectos sociais, históricos e estilísticos relacionados a exercícios de sobrevivência material e de criação intelectual. A capacidade da memória seria como uma das representações do ser humano na cultura, parcialmente alheia à nossa vontade em função das potencialidades criativas que o cérebro pode conceber a partir dela. Percebe-se, então, que o processo criativo de literatura atrai para si elementos que julga inerentes a uma expressão de produção, imagens, estilo etc. O resultado disso, a publicação em livros, periódicos ou outros suportes, então, (re)alia o que Pinho, em *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção* (2011, p. 20), atribui o nome de “memória perfeita”: “[...] há um fluxo que passa por elas [ações de lembrar, experimentar e inventar], tanto na gênese quanto na obra, no momento em que o escritor acessa experiências suas ou de outros para construir ficção ou poesia.” Esse fluxo é fomentado a ser descrito pelo desejo do ser humano em referenciar/reverenciar, e estimula o jogo de suas próprias relações com seus espaços de atuação e alcance.

Na pesquisa em fontes primárias que resulta nesta dissertação, o jornal está focalizado segundo os elementos massivos de publicização e as relações entre os conhecimentos diversos que suscita. Registra, com isso, elementos de cultura que a sociedade cria e comunica reincidentemente. É possível vê-lo como um dos mais importantes mantenedores da cultura letrada, literária e histórica, pelo conteúdo temporal sobre o qual escreve e que, nesta mesma ação, também contribui para criá-lo. Tal característica constata-se pela disseminação territorial (pontos de venda e de leitura) relacionada intrinsecamente à diversidade cultural que possui, uma vez que a produção jornalística perpassa os diversos estratos das populações que angaria em função da veiculação e da periodicidade. A busca por número considerável e progressivo de leitores é mais um ponto prático da articulação que o jornal promove. Assim,

quando compreendido como agente de ligação entre tempo e espaço historicamente indissociáveis da ação humana na cultura, o periódico de informação e entretenimento jornalístico retorna à reflexão acrescido de mais aplicações e sentidos. Sua existência continua atualizando e afirmando o que a própria etimologia da palavra pode sugerir, um veículo de retorno formativo e financeiro¹⁰.

Outros aspectos podem ser brevemente apontados sobre o jornal. É um meio de comunicação que apresenta elementos gráficos (letras, imagens, cores) e formas de exposição de conteúdo que remetem a temas que se fundamentam em distintas áreas do conhecimento. Isso representa a diversidade de um público pela variedade de assuntos, seções, matérias e colunas que publica. A circulação e leitura viabilizam o surgimento de um público leitor, ou seja, sujeitos que legitimam o que é produzido por meio do ato de decodificação dos textos. O leitor, então, em cotidiana e “despretensiosa” leitura da(s) parte(s) que mais lhe interessa(m), proporciona “vigor cultural” ao jornal. Isso fomenta não só a publicação de novos exemplares e a manutenção desse veículo como meio de comunicação, mas também o acompanhamento de assuntos relativos à própria vida em sociedade, marcada histórica e culturalmente neste tipo de periódico. Crônicas, críticas e folhetins são alguns dos gêneros de texto nos quais se pode figurar um diálogo mais direto entre a grande área da Literatura e o estilo jornalístico.

O estudo realizado depreende que o jornal pode ser pesquisado na Literatura enquanto fonte de conhecimento de mundo capaz de contribuir, a partir de sua função socialmente legitimada, para a (in) formação de um público leitor, no espaço e tempo do lançamento de cada exemplar. No mesmo eixo de ação, esse veículo de comunicação articula historicamente a existência de uma memória cultural entre os indivíduos da sociedade (ALMEIDA, 2012). Sob a forma de documento, validando a capacidade formadora do imaginário da sociedade sobre a (própria) história (LE GOFF, 1996), o jornal liga a periodicidade a essa memória, a qual (re)aparece mediante uma escrita que, em algumas seções, inevitavelmente pode distinguir-se pelo que tem de determinados estudos literários.

A leitura dos textos de João Paraguaçu n’*O Imparcial* está relacionada à história e passível de acompanhamento científico por parte da comunidade acadêmica. Entende-se que os textos valorizam este objeto, pesquisado no âmbito da cultura, enquanto conhecimento e memória resgatados para o estudo e a leitura. São crônicas e artigos de caráter ensaístico e

¹⁰ O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009) registra dois significados para a palavra jornal, na seguinte ordem: 1 substantivo masculino: remuneração salarial feita por dia de trabalho; 2 substantivo masculino: 2.1 publicação diária, com notícias sobre o cenário político nacional e internacional, informações sobre todos os ramos do conhecimento, entrevistas, comentários etc.; gazeta, periódico; 2.2 qualquer periódico; 2.3 noticiário transmitido pelo rádio ou apresentado na televisão; 2.4 escrito em que é feito um relato cotidiano dos acontecimentos; diário.

memorialístico que realizam diálogos históricos engendrados entre o literário e o poder instituído (nas narrativas sobre escritores e políticos dos séculos 19 e 20), entre o individual e o coletivo (referência a fatos pessoais em seu papel social) e entre a literatura e o jornalismo (ambientes de experiência e representação).

Para Henri Bergson, em “Da seleção das imagens para a representação”, capítulo do livro *Matéria e memória* (1939)¹¹, o corpo media as relações entre o homem e o universo. Sofre, então, inevitáveis manifestações da natureza, e transpõe — criando (agindo) — a visão a respeito delas na proporção das próprias necessidades temporais, algo que acontece em cada período da história. Ao ampliarmos a ideia de texto, considerando-o como a continuidade do olhar humano sobre o antepassado e a posteridade, pode-se atentar para o fato de que o mundo advindo da literatura é, para o leitor, mediante a ação da memória, semelhante e ligado ao mundo físico para os sentidos do homem. O entendimento do texto literário deve incluir essa concretude no seu acervo por meio de atitudes para compreensão de seu ambiente. Essa proposição também caracteriza a arte literária como uma das maneiras de construção do mundo ficcional. Ao se deparar com os nossos sentidos e com algumas ações humanas, necessita selecionar o que lhe é apreciável, para especificá-lo e atualizá-lo como aspecto de uma nova realidade para o leitor. A memória representa um aspecto importante na Literatura, existindo como instrumento de necessária reflexão. Assim, no *corpus* a que nos propomos discorrer — as publicações de João Paraguaçu n’*O Imparcial* —, a memória é fonte para a escrita e elemento histórico e social quando é lida num texto de literatura presente no jornal.

O periódico, de modo geral, aparece na história e na cultura como divulgador, difusor e articulador de informação, e igualmente das pessoas e de seus agrupamentos sociais. Mais especificamente na área da Literatura, essas mesmas características potencializam (ram) expressões de existência social, política e artística, apresentando constantes estilísticas em textos e níveis intelectuais dos seus agentes de produção e circulação. Assim, esses agentes promovem, em parte, a percepção da sua interatividade com outros campos da sociedade mediante, não raro, o pagamento de um produto, o periódico. A palavra jornal registra em um de seus significados, datado no século 13, a referência à “[...] remuneração salarial feita por dia de trabalho” (HOUAISS, 2009). Confluem-se, destarte, o tempo de experiência, de trabalho e a periodicidade da atividade. A estes se inserem a história e a política, em consideração ao crédito e à informação para retribuir pelo serviço, além da sociedade e da memória. Entendemos que discorrer sobre o contexto e as implicações históricas e sociais da

¹¹ A edição traduzida de *Matière et mémoire* é de 1999.

veiculação e periodicidade de um texto em jornal simboliza, para a Literatura, uma oportunidade legítima de valorizar esta forma de escrita no corpo da cultura, no tempo e na sociedade contemporâneos (ALMEIDA, 2011). Segundo nosso pensamento orientado, desenvolve-se com isso o que possui muito valor para a afirmação de qualquer grupo humano em suas literaturas: a memória pela informação e conhecimento obtidos — e readquiridos — pela própria história.

3 O JORNAL E AS JORNADAS: UM ESCRITOR MEMORIALISTA

Figura 1 – Primeira página da edição d’*O Imparcial* em que João Paraguaçu publicou o primeiro texto¹²



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Danilo Cerqueira Almeida

A leitura das produções e as características que envolvem as publicações permitiram encontrar opções metodológicas específicas para apresentar/estruturar este trabalho, iniciado a partir da monografia *O escritor João Paraguaçu nas páginas e margens d’O Imparcial: memórias na literatura brasileira* (ALMEIDA, 2011). A partir do referido trabalho, ampliamos a abordagem, o *corpus* e o objeto de estudo para a escrita desta dissertação.

O Imparcial intitula o jornal em que estão publicados os textos de João Paraguaçu pesquisados. São tiras praticamente diárias em determinados intervalos entre 1936 e 1944, intercaladas por poucos períodos de interrupção. Assim como é a relação do jornal com o leitor, a fonte para os textos publicados foi ofertada, em parte significativa, pelas experiências do escritor/jornalista. Se o jornal *informa e forma*, fenômeno semelhante ocorre em determinadas etapas da criação dos textos do pseudônimo de M. Paulo Filho. O escritor, ortônimo de João Paraguaçu, referencia fatos vividos na formulação dos textos d’*O Imparcial* da Bahia e de outros periódicos brasileiros, o que está evidenciado pelo narrador dos artigos e crônicas de sensível teor memorialista — e mesmo numa rápida leitura da biografia e livros de M. Paulo Filho. Nesse sentido, mostra-se inerente a este trabalho o conhecimento elementar da biografia de M. Paulo Filho. Intensifica-se, ainda, pelo fato de haver até o

¹² Crônica “Fioravanti”, publicada em 07/09/1936, p. 7.

presente momento poucas produções acadêmicas que o citam e pesquisam seus textos, destacando-se os estudos de Almeida (2011) e Pinho (2008). A obra de M. Paulo Filho foi reconhecidamente apontada e destacada logo após o falecimento do escritor:

Há muito que aprender na vida e no trabalho jornalístico de M. Paulo Filho, que pode servir de paradigma ao comunicador consciente de nossa época. De tal modo tinha ele o senso de responsabilidade e com tal segurança analisava os acontecimentos no momento mesmo em que ocorriam, que pode fazer transcrever, nos últimos anos de sua existência, quando a enfermidade do coração que o abateu já o impossibilitava de produzir novos artigos, muitas das crônicas que publicara anos atrás. (BELTRÃO, 2006, p. 184).¹³

A biografia de M. Paulo Filho permitir-nos-á inferir que foram efetuadas jornadas durante a sua vida social, política e literária, e que ele as recolheu para, posteriormente, transpô-las à linguagem literária sob a forma de crônicas e artigos, em jornais e em livros. A pesquisa e a leitura sobre os textos publicados permitiram perceber uma temática basicamente memorialista, a exemplo do pseudônimo que registra o nome do rio que margeia a cidade natal do autor. As seguintes subseções, cuja primeira apresenta uma biografia comentada sobre o ortônimo de João Paraguaçu, buscam traçar alguns paralelos entre a vida do escritor e o veículo no qual publicou os seus textos. Esse pareamento intenta evidenciar as ações e experiências nos temas e acontecimentos abordados nos textos, publicados nas colunas “Vida Social” e “A Vida Social”, respectivamente no jornal soteropolitano e no jornal carioca *Correio da Manhã*. Na subseção “*O Imparcial: na história e na política*” será discorrido brevemente sobre a história d’*O Imparcial*, destacando a embrionária relação do jornal com a política nas disputas eleitorais na Bahia e no contexto político nacional, principalmente durante a década de 1930. Também será evidenciado que, presentes desde a criação do jornal, as colunas literárias e semelhantes, que antecederam a coluna “Vida Social”, apresentaram muitas variações e modificações, acompanhando o que foi alterado e implementado pelos editores que estiveram à frente do periódico.

A afirmação da memória por meio das relações de contiguidade e interação entre a individualidade do escritor, a história social e uma representação coletiva, integram a proposta deste capítulo biográfico, político, sociológico e literário: apresentar o autor, perspectivas sobre o objeto e o *corpus*, o contexto das publicações e apontar para parte dos elementos e referências que compõem a sua escrita.

¹³ Texto “As linhas da Imprensa Brasileira”, publicado em 1969 na revista *Comunicação & Problemas*.

3.1 M. PAULO FILHO: UM ESCRITOR, UM JORNALISTA, O(S) PSEUDÔNIMO(S) E AS ÁGUAS DA MEMÓRIA

Figura 2 – M. Paulo Filho



Fonte – blog “Vapor de Cachoeira”

Figura 3 – M. Paulo Filho



Fonte – jornal *Correio da Manhã*¹⁴

João Paraguaçu é um dos dois outros nomes adotados por Manoel Paulo Telles de Mattos Filho¹⁵ para a autoria de textos em jornais e livros¹⁶. Baiano da cidade de Cachoeira, margeada pelo rio que sobrenomeia um de seus pseudônimos, M. Paulo Filho nasceu em 22 de março de 1890 e faleceu em 16 de março de 1969, no Rio de Janeiro, metrópole na qual consolidou carreira política, jornalística e literária desde 1911. Estudou, entre 1902 e 1905, nos colégios Vieira e Florêncio, em Salvador; formou-se no curso de Direito, em 1909, pela então Faculdade Livre de Direito da Bahia (atual Faculdade de Direito da UFBA); foi professor catedrático e procurador do Tribunal de Contas do estado da Guanabara (atual Rio de Janeiro). M. Paulo Filho foi casado com Maria Amália de Sousa Mattos e não teve filhos¹⁷.

¹⁴ Matéria “M. Paulo Filho relembra obra de Guerra Junqueiro”, publicada em 19/09/1963, p. 6.

¹⁵ Dentre grafias do nome do escritor disponíveis (“Manuel” ou “Manoel” e com dois “l” e dois “t”), adotou-se esta por constar numa edição do Diário Oficial da União (Seção II, dez. 1943), e também presente, em parte, no *Correio da Manhã*. A outra grafia pode ser encontrada, por exemplo, no regimento do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ).

¹⁶ O *Correio da Manhã* de 11/04/1969 (1º caderno, p. 8) e Beltrão (2006, p. 184) registram a afirmação de que há outro pseudônimo de M. Paulo Filho, JB Capivari (também grafado “Capivary”; entretanto, a forma “Capivari” será adotada na dissertação e na catalogação), cujos textos também estão presentes no periódico fluminense, além de ser citado como personagem em textos de João Paraguaçu. Há, ainda, textos assinados por CM (provavelmente abreviação do nome do periódico carioca).

¹⁷ Matéria “Morreu ontem o jornalista e escritor M. Paulo Filho”, publicada no jornal *O Globo* em 17/03/1969, p. 28.

Ocupou a cadeira número 49 da Academia Luso-Brasileira de Letras (ALBL)¹⁸, a cadeira número 35 da Academia Carioca de Letras (ACL)¹⁹ — da qual também foi presidente —, e a cadeira 4 da Academia Brasileira de Arte (ABA)²⁰; candidatou-se, ainda, mais de uma vez para a Academia Brasileira de Letras (ABL)²¹. Um desses pleitos, com três concorrentes, foi bastante polêmico e gerou a escrita de um livro pelo outro concorrente derrotado, o dramaturgo, escritor e crítico literário Guilherme de Oliveira Figueiredo (conhecido como Guilherme Figueiredo), *As excelências ou como entrar para a academia* (1964)²². Assim o descreve seu concorrente para a cadeira na ABL:

[...] Ivan Lins [membro da ABL] tem como candidato um de seus melhores amigos, M. Paulo Filho, do *Correio da Manhã*, que não pela primeira vez enfrenta a experiência da candidatura, sempre para perder, com resignado cavalheirismo, e sempre para voltar, com paciente esperança. (FIGUEIREDO, 1964, p. 37).

Esta rara referência a respeito de M. Paulo Filho em livros destaca a ABL, espaço conhecido, frequentado pelo escritor e um dos mais relatados na produção de João Paraguaçu. M. Paulo Filho foi também um dos sócios-fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHRJ)²³, presidindo também a instituição carioca. Presidiu, ainda, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no biênio 1928-1929 — eleito num dos pleitos mais disputados da instituição. Destacou-se pela gestão na qual aconteceram problemas políticos internos da classe jornalística e pela construção da sede da instituição. Nesse período, interveio junto ao Congresso Nacional para o melhoramento do sistema utilizado nas Caixas de Pensões e Aposentadorias, as quais tinham por função gerar um seguro social para os profissionais da imprensa²⁴. M. Paulo Filho também recebeu as comendas da Ordem de Cristo (Portugal), da Rainha Isabel (Espanha) e Cavaleiro da Ordem do Mérito (Chile). Filiado ao Partido Social Democrático (PSD)²⁵, foi Deputado na Assembleia Nacional Constituinte de 1934-1935, além de exercer a direção do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro (Sinpro-

¹⁸ Matéria “Povina pode ser eleito na Academia”, publicada no *Correio da Manhã* em 07/08/1969 (1º caderno, p. 8).

¹⁹ Fonte: Academia Carioca de Letras (ACL).

²⁰ Fonte: Academia Brasileira de Arte (ABA).

²¹ Artigos “M. Paulo Filho e a Academia”, de Othon Costa, publicado no *Correio da Manhã* em 10/07/1963 (2º caderno, p. 4), e “Um candidato às palmas acadêmicas”, de Carlos Maul, publicado no mesmo jornal em 24/10/1963 (2º caderno, p. 4).

²² Também encontrado em Mello (2012).

²³ Fonte: Regimento do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ).

²⁴ Fonte: Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

²⁵ Criado oficialmente em 1945 e extinto em 2003, atual Partido Social Democrata. (SILVA NETO, 2006. SILVA; SILVA, 2013. TORREZAN, 2009).

Rio), envolvendo-se em questões importantes da categoria, a exemplo de manifestações sindicais:

Com o avanço das lutas sindicais, o governo tenta através da força, desmobilizar o movimento e o SINPRO/Rio tendo como diretor o jornalista e professor Manoel Paulo Filho, grande defensor de um magistério privado, que assumiu a direção em 15 de junho de 1934, assumiu um posicionamento crítico se aproximando ‘das forças de oposição ao governo federal, protestando contra a ação arbitrária da polícia na sede de vários outros sindicatos. Essa postura desencadeou um processo de perseguição aos seus membros por parte do governo federal’²⁶. (CARVALHO, 2007, p. 3).

O ofício do jornalista, cronista, ensaísta e de crítico histórico-literário baiano pode ser apreciado, dentre uma vasta produção de textos, em jornais como “[...] o *Diário de Notícias*, de Lisboa, *A Tarde*, de Salvador, e *A Tribuna*, de Santos.” (MORREU..., 1969, p. 28). Destacam-se, pelo número de publicações de M. Paulo Filho, as contribuições no jornal *O Imparcial*, também de Salvador, e no jornal fluminense *Correio da Manhã*, um dos periódicos mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro (1901-1974), do qual foi redator e diretor por quase 40 anos (de 11/06/1929 até o falecimento, em 17/03/1969)²⁷. Beltrão (2006) salienta a importância do *Correio da Manhã* para a biografia M. Paulo Filho. Aponta que esse periódico, com o qual o escritor firmou um compromisso de aproximadamente 60 anos, ocupou importante espaço pessoal e político na sua vida, o que possivelmente implicou no afastamento de outros projetos literários.

[...] Por ele, para não falhar nas horas cruciais de inúmeras lutas e campanhas democráticas em que o jornal se empenhava, M. Paulo Filho sacrificou alguns de seus sonhos mais íntimos, entre os quais o de escrever uma obra literária duradoura, que lhe asseguraria um justo lugar na Academia Brasileira de Letras. (BELTRÃO, 2006, p. 184).

Destacam-se, entre os artigos de M. Paulo Filho publicados no jornal fluminense, os dedicados ao movimento do Cangaço, já utilizados como fonte em dissertação de mestrado (FREITAS, 2005). O literato teve participação ativa em diversas colunas nas publicações do jornal baiano *O Imparcial*. Em numerosos casos, os textos, tanto de M. Paulo Filho quanto de João Paraguaçu, foram enviados para Salvador do Rio de Janeiro (PINHO, 2008, v. 1, p. 82),

²⁶ Site da Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino no Estado do Rio de Janeiro (FETEERJ).

²⁷ Matéria “Morte de M. Paulo Filho enluta a imprensa do país”, publicada no jornal *Correio da Manhã* em 18/03/1969 (1º caderno, p. 3). Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional).

uma vez que ficava impossibilitado de residir na capital baiana pelas atividades de redator e vida pública e literária na então sede do governo federal.

Presentes na coluna “Vida Social” d’*O Imparcial* e “A Vida Social” do *Correio da Manhã*, entendidas imediatamente como dedicadas ao cotidiano social, cultural e literário, parte dos textos de João Paraguaçu são publicados nos dois jornais, carioca e baiano, respectivamente, em pequenos intervalos de tempo. O nome de M. Paulo Filho aparece como autor, no jornal de Salvador, em colunas de enfoque opinativo, cujos textos apresentam elementos discursivos de crítica social, histórica e literária. “Eterno Romantismo”²⁸ discute ideias em torno da crítica literária feita ao livro *O enamorado da vida* (1937), do acadêmico Olegário Mariano²⁹. No texto, M. Paulo Filho expõe a importância do romantismo na literatura, recorrendo aos estudos de Silvio Romero para distinguir e referenciar o livro lançado: “O romantismo foi pois uma mudança de método na literatura; foi a introdução do princípio da relatividade nas produções literárias; foi o constante apelo para o regime³⁰ da historicidade na revolução da vida poética e artística” (PAULO FILHO, 1937, p. 5). Outro artigo é “Comte e o termo ‘Cidadão’”³¹, no qual Paulo Filho elenca diversos momentos da história brasileira e internacional — da Revolução Francesa a uma conferência de Augusto Comte na Academia de Letras, em 28 de julho de 1937 — para demonstrar e articular as contingentes utilizações da palavra cidadão. “Cabeça de Para-raios”³² relata um episódio gerado por controversa crônica publicada por João Paraguaçu sobre Tobias Barreto, a qual ocasionou acirradas discussões sobre o conhecimento em latim do literato sergipano, além de intensos debates entre defensores de Tobias Barreto e opositores eclesiásticos sobre a língua latina. O texto discute as posições de biógrafos, professores e das fontes do relato apresentado pelo pseudônimo de M. Paulo Filho, constituindo um texto memorialístico entre o meio literário e a história, cujo tema e enredo abordam as consequências da publicação de uma crônica. Em “O Grande Imperador”³³, o articulista apresenta uma crítica ao livro *Dom Pedro*

²⁸ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 16/06/1937, p. 5.

²⁹ Olegário Mariano Carneiro da Cunha foi poeta, político, diplomata e membro da ABL. Nasceu em Recife, PE, em 24 de março de 1889, e faleceu em 28 de novembro de 1958, no Rio de Janeiro, RJ. É também conhecido como o “poeta das cigarras” em função da preferência declarada sobre esse tema. Fonte: Academia Brasileira de Letras (ABL).

³⁰ Mesmo que “regime”. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

³¹ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 23/07/1938, p. 4.

³² Artigo publicado n’*O Imparcial* em 26/08/1939, p. 4.

³³ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 23/11/1940, p. 4. Tem o mesmo título de uma crônica e de um artigo de João Paraguaçu, publicados respectivamente em 06/01/1939, p. 7 e em 20/10/1939, p. 7.

Segundo (1940) de Max Fleiuss³⁴. A figura política de D. Pedro II durante o Segundo Reinado no Brasil é abordada de maneira pontual e contextualizada, constituindo o texto como um ensaio histórico sobre um dos personagens mais importantes do cenário político brasileiro do século 19 — e uma das mais numerosas presenças nos textos de João Paraguaçu.

Os livros publicados por M. Paulo Filho são, em linhas gerais, a representação bibliográfica da experiência de vida nas esferas histórica, política, literária, crítica e memorialista. Caracterizam-se principalmente pela reunião — com algumas alterações — de textos publicados em periódicos, principalmente d’*O Imparcial* e do *Correio da Manhã*.

O primeiro livro do autor, *Literatura e história* (1958), apresenta primeiramente o prefácio ao livro *Aspectos do Padre Antônio Vieira* (1956), de Ivan Lins³⁵. Os textos subsequentes até “Euclides da Cunha, Historiador”, juntamente com “Capistrano e os Caxinauás”, “Idealismo de paraninfo”, “Comte e os extremistas”, “Traduções e tradutores”, “Estreia de um romancista”, “As poesias completas de Ademar Tavares”, “Romantismo Literário”, “As cartas de Gobineau” (cujo título não está presente no índice da edição pesquisada, a única publicada), “Primeiro comediógrafo brasileiro” e “Lembranças de Clóvis Beviláqua” foram publicados anteriormente no jornal fluminense e depois coligidos para o referido livro³⁶. A publicação é encerrada com dois discursos, reunidos sob o título de “Oração de posse”. O primeiro foi proferido por M. Paulo Filho na própria posse, na Academia Carioca de Letras (ACL). O outro discurso foi proferido pelo escritor na mesma instituição, na recepção a Nelson Costa.

Os textos presentes na coletânea seguinte, *Ensaaios e estudos* (1961), seguem uma discussão de vertente mais narrativa e ensaística sobre a história e política brasileiras. Dentre os capítulos do livro, podemos destacar os mais extensos, “Pequena Contribuição à história da

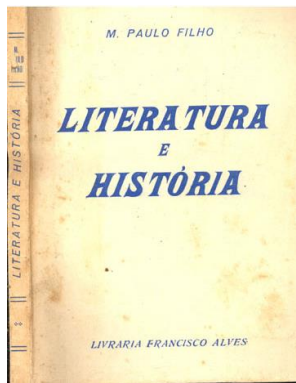
³⁴ Max Fleiuss (Rio de Janeiro, RJ, 02/10/1868 – 31/01/1943) foi redator de debates do Senado Federal (1896-1898). É membro das Academias de História de Portugal, Cuba, Munique, Madri e Argentina; das Sociedades de Geografia do Rio de Janeiro (1889), de Lima, no Peru (1939), e dos Institutos Históricos de todos os estados brasileiros. Sócio grande-benemérito e secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Fonte: IHGB.

³⁵ Ivan Monteiro de Barros Lins (Belo Horizonte, MG, 16/04/1904 – Rio de Janeiro, RJ, 16/06/1975) foi jornalista, professor, pensador, ensaísta e conferencista. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), é descrito como um de seus amigos mais próximos de João Paraguaçu, participando, enquanto personagem ou referência, de vários textos. Deixou uma extensa obra no campo da história das ideias com ensaios sobre o positivismo. Sua obra mais importante é *História do Positivismo no Brasil* (1964). Fonte: ABL.

³⁶ Os textos presentes em *Literatura e história* (1958) foram publicados no *Correio da Manhã*, de acordo com a ordem citada neste trabalho, em: 09/07/1944, 2ª seção, p. 1; 14/11/1954, 5º caderno, p. 1 (alterado na publicação de 19/02/1956, 5º caderno, p. 1, que é a versão do livro); 26/02/1956, 5º caderno, p. 1; 10/04/1954, 5º caderno, p. 1; 01/11/1953, 5º caderno, p. 1; 14/03/1954, 5º caderno, p. 1; 03/05/1953, 5º caderno, p. 1; 02/12/1956, 5º caderno, p. 1; 08/03/1935, p. 4; 13/05/1956, 5º caderno, p. 1. Os textos que compõem “Lembranças de Clóvis Beviláqua” foram publicados no *Correio da Manhã* em 11/03/1956, 18/03/1956 e 25/03/1956, todos no 5º caderno, p. 1.

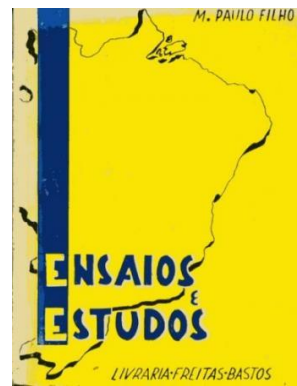
fundação da República”³⁷ e “A fundação do Rio de Janeiro e o estado da Guanabara”³⁸, duas reuniões temáticas de algumas publicações esparsas, com outros títulos, no *Correio da Manhã*. Outro capítulo que merece destaque é “Presença de Rui Barbosa”, composto por três textos, dois deles publicados no jornal fluminense com os títulos de “Rui e a religião”³⁹ e “Rui e a sua glória”⁴⁰. Essa última reunião constata o papel formador e a influência que o político brasileiro — e igualmente baiano — exerceu na memória e na escrita de ensaios, crônicas e artigos, coligidos para esse e outros livros de M. Paulo Filho.

Figura 4 – Capa do livro *Literatura e história* (1958)



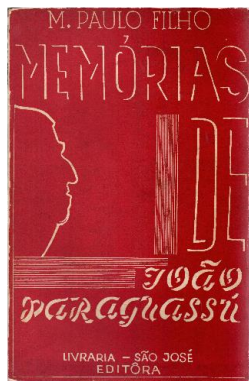
Fonte – Arquivo pessoal

Figura 5 – Capa do livro *Ensaio e estudos* (1961)



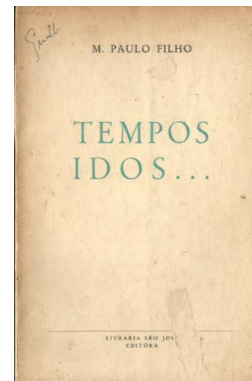
Fonte – Arquivo pessoal

Figura 6 – Capa do Livro *Memórias de João Paraguassú* (1964)



Fonte – Arquivo pessoal

Figura 7 – Capa do Livro *Tempos Idos...* (1968)



Fonte – Arquivo pessoal

³⁷ Textos encontrados nas seguintes publicações: “Deodoro” em 22/11/1957, “A redentora” em 17/05/1958, “A doação” em 22/11/1958 e “A ex-imperatriz D. Tereza Cristina” em 27/12/1958. Todos os textos foram publicados, nas datas citadas, no 1º caderno, p. 2.

³⁸ 4 textos publicados, respectivamente: “História e Geografia da cidade” (05/01/1958, 1º caderno, p. 2), “A cidade e o milagre de São Sebastião” (28/01/1958, 3º caderno, p. 2), “A fundação do Rio de Janeiro” (20/01/1960, 3º caderno, p. 2) e “A fundação” (23/01/1960, 1º caderno, p. 2).

³⁹ As grafias “Rui” e “Ruy” alternam-se ao longo das publicações d’*O Imparcial*. Optou-se pela forma “Rui” na dissertação e na catalogação, em função da presença em documentos oficiais e do autor na época da publicação e na grafia oficial vigente na época da escrita desta dissertação.

⁴⁰ Publicados respectivamente em 22/01/1956 (5º caderno, p. 1) e 30/01/1960 (1º caderno, p. 2).

Memórias de João Paraguassú (1964) é uma compilação e revisão de textos publicados no *Correio da Manhã* e n’*O Imparcial* sob os nomes de João Paraguaçu, M. Paulo Filho e CM.⁴¹ Destaca-se, no livro, a natureza das variações entre os acontecimentos vividos e suas diversas versões escritas pelo autor. O prefácio apresenta um escritor comprometido com *uma* leitura dos homens, da sociedade e do estilo que relatará ao leitor:

[...] Conversei com muita gente. Apertei a mão de muitas figuras — nacionais e estrangeiras — das de maior ou menor importância. Recolhi impressões. Fixei individualidades. Guardei apontamentos. E são alguns destes, recompostos fielmente na medida do possível, que se vão ler adiante. Outros virão em edição posterior. Sejam como forem, nem intriga, nem perfídia, nem injúria, nem calúnia. *Quod Deus avertat*⁴²! Apenas, uma tal ou qual **malícia de sorriso amável** que me pareceu necessária para dar a estas reminiscências um certo sabor literário. Creio que o tempero é inofensivo. (PAULO FILHO, 1964, p. 7, grifo nosso).

O livro é comentado e citado por críticos literários no *Correio da Manhã*. Dentre outros⁴³, há textos de Othon Costa, sucessor de M. Paulo Filho na direção do jornal fluminense⁴⁴, do escritor e jornalista Carlos Maul⁴⁵, do amigo e acadêmico da ABL Ivan Lins⁴⁶ e dos professores, jornalistas e escritores José Campomizzi Filho⁴⁷ e Antônio Loureiro de Souza⁴⁸, acadêmico da Academia de Letras da Bahia (ALB). Também cita *Memórias de João Paraguassú* os estudos do polêmico livro sobre a ABL de Fernando Jorge, *A academia do fardão e da confusão: a Academia Brasileira de Letras e seus “imortais” mortais* (1999)⁴⁹. Embora este livro se fundamente numa temática memorialista e cronística, difere em perspectiva e intensidade de julgamento pessoal das pessoas/personagens citadas nos textos de M. Paulo Filho/João Paraguaçu. *Tempos idos...* (1968), último livro publicado, segue a

⁴¹ Segundo pesquisas realizadas até o momento na Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional), dos 88 textos publicados em *Memórias de João Paraguassú* (1964), foram encontrados cerca de 61 textos publicados no *Correio da Manhã*, alguns com títulos modificados e outros resultantes da união de dois ou mais textos publicados no jornal fluminense; foram encontrados 8 textos publicados nesse livro e n’*O Imparcial*. De *Tempos idos...* (1968), foram publicados n’*O Imparcial* 7 textos. Todos serão apresentados no capítulo 4 da dissertação.

⁴² “Que Deus afaste isso (de nós)” [usa-se quando se receia algum perigo ou calamidade] (Do latim). Fonte: Infopédia: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

⁴³ “Memórias de João Paraguassú”, de Nelson Costa (10/06/1965, 1º caderno, p. 2).

⁴⁴ “Entre a crônica e a memória” (06/03/1965, 1º caderno, p. 2); “Em torno das memórias de João Paraguassú”, de Jocelyn Santos (01/04/1965, 2º caderno, p. 3); “Um livro de memórias”, de José Condé (28/03/1965, 2º caderno, p. 2).

⁴⁵ “As memórias de João Paraguassú” (30/04/1965, 2º caderno, p. 2).

⁴⁶ “As memórias de João Paraguassú” (24/02/1965, 1º caderno, p. 2).

⁴⁷ “Memórias de João Paraguassú” (13/05/1965, 2º caderno, p. 2).

⁴⁸ “Memórias de João Paraguaçu” (22/06/1965, 2º caderno, p. 6).

⁴⁹ Referência ao texto “Os calípsos da Academia”, publicado no *Correio da Manhã* (27/06/1948, p. 30), que também cita “Lembranças de Clóvis Beviláqua”, texto presente em *Literatura e história* (1958, p. 73).

organização das publicações anteriores de M. Paulo Filho. Entretanto, o número de alterações nos títulos dos textos e no conteúdo em relação aos que foram publicados em jornais é significativo, havendo, em alguns casos, supressões de fragmentos das publicações originais do *Correio da Manhã*⁵⁰. “Nacionalização e Colonização de Fronteiras”, publicado numa separata da *Revista de Estudos Brasileiros* de setembro-outubro de 1938⁵¹, é consequência do artigo “Colonização de fronteiras” (PAULO FILHO, 1938a, p. 4), publicado no *Correio da Manhã*. O texto foi questionado por um ministro boliviano em alguns pontos. Dois dias depois, as questões e as respostas a elas foram publicadas na edição do mesmo jornal (PAULO FILHO, 1938b, p. 4). Meses depois, M. Paulo Filho discursou sobre o assunto em palestra proferida no Instituto de Estudos Brasileiros, em 10/08/1938. Cinco dias depois, faria a mesma palestra no Ministério das Relações Exteriores⁵², o que lhe rendeu uma carta de agradecimento do então Ministro Oswaldo Aranha⁵³. O romance *A máscara*⁵⁴ (19--) e *Pequenos ensaios da literatura brasileira* (19--), citados em publicações do *Correio da Manhã*⁵⁵, e ainda *Educação nacional* (19--), citada apenas no *Dicionário de autores baianos* (2006), são outras publicações do autor, embora não se tenha, até o presente momento da pesquisa, maiores informações sobre essas produções.

A obra de M. Paulo Filho pesquisada apresenta recomposição e reorganização contínua, resultado tanto de suas fontes quanto da forma de escrita dos textos. A partir da seleção e disposição dos textos coligidos dos jornais — algumas publicações apresentam seções —, os livros demonstram preocupação com o conteúdo veiculado e com as temáticas abordadas. Assim, prefácios, abordagens históricas, retratos culturais, crônicas, artigos e cartas integram o material no qual o escritor inscreve elementos biográficos, numa escrita que funde o literário e o jornalístico, a crônica e a crítica. Os textos finais, não raro, permitem o posicionamento do narrador do texto e apresentam ao leitor, em história e em linguagem literária para o jornal, um

⁵⁰ Pesquisa realizada comparando o conteúdo do livro com os arquivos presentes no site da Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional).

⁵¹ Relacionado como publicação de M. Paulo Filho somente em *Ensaio e estudos* (1961).

⁵² Matéria “Nacionalização e colonização de fronteiras — Uma carta do Ministro Oswaldo Aranha ao diretor do *Correio da Manhã*”, publicada no *Correio da Manhã* de 24/08/1938, p. 1.

⁵³ Matéria “Nacionalização e colonização de fronteiras — A conferência de M. Paulo Filho no Instituto de Estudos Brasileiros”, publicada no *Correio da Manhã* de 11/08/1938, p. 3.

⁵⁴ Em trabalhos anteriores relacionados a esta pesquisa, o romance de M. Paulo Filho estava identificado como *As máscaras*. Seguimos, a partir deste trabalho, as publicações do *Correio da Manhã* de 18 e 23 de março de 1969, respectivamente sobre a morte e missa de sétimo dia de falecimento do escritor, que registram *A máscara* (19--) como título do romance.

⁵⁵ Referência encontrada nas publicações do *Correio da Manhã* descritas na nota anterior.

[...] estilo puro, simples, espontâneo, em que os fatos da atualidade, as grandezas e misérias humanas, os avanços e recuos da sociedade, os azares políticos, os grandes gestos e as torpes manobras contra o povo são expostos, comentados, ajuizados com extraordinária sensibilidade e esclarecido amadurecimento. (BELTRÃO, 2006, p. 184).

A memória social, presente e recorrente na elaboração dos textos publicados nos dois jornais brasileiros, é o espaço onde o jornalista baiano encontra suas referências e experiências; o mesmo traço pessoal com o qual, entendemos, opta pela repetição, revisão e alteração no conteúdo das publicações. Suas ideias de permanência se mostram oportunas ao decidir pela reunião posterior em livro dos textos publicados em jornais. Essa opção dialoga entre perenidade e periodicidade, oferecendo ao leitor uma seleta e elegida visão sobre a vida social, literária e política brasileiras. Literatura, história e política fazem parte, assim, da vida pessoal e pública enquanto fonte literária, mas também da leitura de mundo enquanto possibilidade de escrita.

3.2 *O IMPARCIAL*: NA HISTÓRIA E NA POLÍTICA

A reflexão paciente da cotidianidade expressiva do matutino, um contraponto àquela cisma de versos sobre o mar, faz ver que as opiniões sobre os indivíduos públicos são tão cambiantes quanto os signos linguísticos. (PINHO, 2008, v. 1, p. 67).

[...] Anunciava-se *O Imparcial* (1918) como órgão de defesa dos interesses do comércio, e foi seu primeiro diretor Lemos Brito, que, poucos anos depois, se transferiria para o Rio de Janeiro, sucedendo-lhe Homero Pires. Várias fases experimentou, assinaladas pelos que se revestiam, sucessivamente, da sua direção intelectual. (CARVALHO FILHO, 2005, p. 93).⁵⁶

O periódico baiano *O Imparcial*, um dos quatro jornais que representavam a grande imprensa da Bahia no início do século 20 (*Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde*), produziu cerca de 5200 exemplares entre os vinte e nove anos de circulação (4 de maio de 1918 até 20 de maio de 1947), e teve como editores-chefes importantes personalidades políticas e culturais baianas como Lemos Brito, Hugo Aranha e Wilson Lins. Fundado ainda na República Velha, o periódico teve como primeiro redator-chefe o poeta, romancista, jornalista, sociólogo e historiador José Miguel de Lemos Brito (Lemos Brito). “[...] A sua

⁵⁶ Informação presente em nota de rodapé da primeira página do trabalho, reunido em *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia* (TAVARES, 2005, p. 79): “Matéria publicada no *Diário de Notícias* nas páginas 1 e 3 do 6º caderno da edição de 06.03.1960 e na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia* (n. 82, 1958-1960, p. 17-18).”

pequena gestão de quase dois anos tem como marcas mais evidentes a campanha de apoio a Rui Barbosa a presidente da República e a governador da Bahia” (PINHO, 2008, v. 1, p. 65), continuada por Homero Pires. Há, como se vê, uma relação forte entre *O Imparcial* e Rui Barbosa, jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador baiano, candidato duas vezes à presidência da república e um dos mais importantes intelectuais da história brasileira, pela atuação na social e pública do país entre os séculos 19 e 20. Nesse contexto, a história do jornal também está marcada por fatos ligados às tensões entre imprensa e política nas décadas da República Velha, em relação ao posicionamento do periódico: “[...] contra o governo e a favor dos coronéis.” (PINHO, 2008, v. 1, p. 64). *O Imparcial* vivenciou, por exemplo, a coagida demissão do primeiro redator-chefe sequenciada por um intervalo de 30 dias sem publicar no ano de 1919. Em carta, assim escreve Lemos Brito sobre as decisões tomadas a partir do contexto gerado por posicionamentos políticos pessoais, partidários e jornalísticos:

Na imprensa, jamais me acomodei às posições duvidosas. Nos jornais em que hei trabalhado, entrei e saí, sempre, quando julguei do meu dever — Redator de *A Bahia* e do *Correio da Manhã*, redator chefe do *Jornal Moderno* e do *Jornal de Notícias*, nada a eles me prendeu quando julguei soada a hora de minha retirada — Diretor-proprietário do *Diário da Tarde*, que a sanha malvada dos bombardeadores destruiu, e saqueou, queimei-lhe, ali, até o último cartucho contra a política sangrenta que então se acabava de ensaiar nesta cidade, para não mais desaparecer. (BRITO, 1919, p. 1 apud PINHO, 2008, v. 1, p. 64).

Após a saída do primeiro diretor, assume o jornal Homero Pires, jornalista partidário de Brito, exercendo funções de diretor por dez anos. Durante esse período, *O Imparcial* chegou a registrar-se como “propriedade de uma sociedade autônoma” e “Órgão das Classes Conservadoras da Bahia”, sem referência a gerente ou redator-chefe. Em 1929, sob gerência de Everaldo da Cunha e direção de Manuel Vaz, torna-se mais evidente a postura política do periódico contra o governo federal, o que já motivara alguns pedidos do governo para intervenção, prisões ou mesmo a articulação de empastelamentos⁵⁷. O último exemplo de ação contra um periódico caracterizou-se pela invasão criminosa para interromper o funcionamento e avariar os equipamentos utilizados para impressão, fato ocorrido com *O Imparcial* em 1930 e sequenciado por sete meses sem veicular uma página. A reabertura do jornal, em 1931, apresenta Mário Monteiro como Diretor-redator-chefe, Mário Simões como Diretor-gerente e

⁵⁷ Em artes gráficas, no sentido destacado pelo contexto, empastelar é “invadir uma gráfica ou redação de jornal, para inutilizar o trabalho em curso ou danificar equipamentos e materiais” Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

o novo proprietário: Cia. Editora e Gráfica da Bahia. Anuncia, ainda, o periódico como “Matutino noticioso e independente” em lugar de “Órgão das Classes Conservadoras da Bahia” (PINHO, 2008, v. 1, p. 66), denominação que representava o combate ao governo do interventor José Joaquim Seabra (JJ Seabra) no final dos anos 20.

As duas décadas seguintes d’*O Imparcial* assinalaram, sucessivamente, a adesão e a repulsa do jornal ao integralismo e às influências do contexto político nacional e internacional no cotidiano local.

As disputas eleitorais na Bahia do início dos anos 30 acarretaram diversos atos de violência praticados contra a imprensa, tanto no sentido da suspensão da circulação dos jornais e censura de notícias, quanto na prática do empastelamento, além de prisões e agressões físicas contra jornalistas, como ocorrera a Simões Filho. (FERREIRA, 2006, p. 38).

Visando compreender a relação de *O Imparcial* em sua trajetória com a Ação Integralista Brasileira (AIB), Ferreira (2006) define duas fases distintas na política editorial do periódico. A primeira, na década de 30, é pró-integralista, tendenciosamente compromissada com o movimento integralista e que, depois de consolidada, foi das perspectivas às ações concretas na Bahia. A segunda fase, anti-integralista, acontece na primeira metade da década de 40, quando o jornal, sob a direção da família Lins Albuquerque, encampou violenta campanha de combate ao integralismo. Assim, na década de 1930, a tendência do governo para lidar com os seus opositores, do jornal, não muda. *O Imparcial*, como outros periódicos, continua a sofrer interrupções e empastelamentos devido à relação entre o seu posicionamento público-político e as articulações que realizava no âmbito das contendas entre a política local e nacional. Em 1933, registra-se como propriedade de uma sociedade anônima; identifica como gerente José Dias de Carvalho e como redator-chefe Laudemiro Menezes, abrindo destaque para as publicações do escritor Guilherme de Almeida sobre o ideal integralista, coadunado pelos jornalistas do periódico soteropolitano e, relativamente, por parte da imprensa baiana⁵⁸. Entre finais de 1933 e 1937, *O Imparcial* foi comprado pelo industrial e político Álvaro Martins Catharino, eleito deputado para a Assembleia Estadual Constituinte em 1934 sob a legenda “Governador Octávio Mangabeira”. O periódico passa a registrar-se, então, como “Matutino Independente”, sob a direção de Hugo Aranha, uma das mais importantes lideranças do movimento integralista baiano. Essa nova fase do jornal caracteriza

⁵⁸ Dentre os jornais integralistas da Bahia, pode-se destacar *O Imparcial*, *A Província*, *O Popular*, *O Operário* e *A Voz do Estudante*, todos editados em Salvador; *A voz do Sigma* e *O Jornal*, ambos de Jequié; *O Sigma*, de Itabuna; *A Faula*, de Maragogipe; *O Serrinhense*, de Serrinha; *O Sertão*, de Lençóis; *A Mocidade*, de Santo Amaro. (FERREIRA, 2006, p. 45).

a sua posição ideológica como conservadora, representativa dos “[...] interesses do comércio, indústria e lavoura [...]” (FERREIRA, 2006, p. 38).

Em 1935, *O Imparcial* era conhecido por sua notável tendência integralista, efetuando, segundo Ferreira (2006, p. 43), “[...] um discurso jornalístico associando informação e propaganda política [...]”. Embora mantivesse, segundo a mesma autora, o caráter multinoticiário e multisegmentado, destacando diferentes acontecimentos e setores da sociedade, a relevância dada ao projeto integralista abarcava transcrição de discursos, cobertura diária das atividades individuais e coletivas do grupo, uma coluna própria (“Movimento Integralista”) e publicações que faziam referência à ideologia propugnada dentro do meio jornalístico baiano de modo geral. Foi criada, ainda, uma rádio, *Voz d’O Imparcial*, para intensificar o que já era realizado no formato impresso. A veiculação do cotidiano político de determinado grupo propicia, na medida em que é ouvido, lido e discutido pelo público, a formação de espaços para exposição, convergências e divergências quanto às ideias apresentadas. No caso d’*O Imparcial* — entendido neste momento como conjunto comunicativo: jornal e rádio —, a apresentação tendenciosa da corrente integralista fez com que “[...] deixasse a condição de obscura ideologia, para torná-la realidade conhecida, concreta e familiar ao público leitor.” (FERREIRA, 2006, p. 50). A partir de 1937, com a instituição do Estado Novo, o movimento integralista começa a se retrair em virtude da adoção de algumas propostas pelo governo. A autora identifica uma nova fase na postura do jornal, em seu posicionamento político em relação ao integralismo, passando do apoio ao repúdio.

Dificuldades financeiras durante a gestão de Álvaro Catharino, o apoio à campanha presidencial fracassada de Plínio Salgado em 1938, a instauração do Estado Novo e desentendimentos políticos locais⁵⁹ foram alguns dos acontecimentos que levaram à compra do jornal, em abril de 1941, pelo coronel Franklin Lins Albuquerque, “[...] um dos grandes chefes políticos do interior, [que] comandava os municípios de Pilão Arcado e Remanso e exercia sua liderança por toda vasta região do Médio São Francisco devido à forte influência que exercia sobre outros chefes políticos de menor envergadura.” (FERREIRA, 2006, p. 58). Os filhos do coronel, Franklin Junior e Wilson Lins assumem as responsabilidades de edição e direção com a Segunda Guerra Mundial, notadamente a fase entre 1942 e 1945. Os dois novos gestores — notadamente Wilson Lins — empreendem, no jornal, uma posição

⁵⁹ Sobre isso, Ferreira (2006 p. 58) aponta que depois da instauração do Estado Novo, o cel. Franklin Albuquerque não teve seu prestígio abalado junto a Getúlio Vargas, porque esteve próximo aos generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra e em função da aliança com Landulpho Alves. Manteve, assim, a influência no governo estadual. No entanto, tal relação terminou por desentendimentos políticos em 1941.

sistemática de rechaço ao integralismo e, juntamente com ele, ao fascismo e ao nazismo. Lins, o escritor do romance-folhetim *Jacuba, juazeiro da lordeza*⁶⁰ (1941), publicado pelo jornal baiano já no terceiro mês da nova direção, embora já tivesse defendido ideais integralistas, imprime nessa época um ataque intenso ao movimento integralista, contando com a colaboração de integrantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) “[...] como Jacob Gorender, Mário Alves, Eusínio Lavigne e o escritor Jorge Amado, que em 1943 praticamente dividiu com o amigo Wilson Lins o comando da redação do matutino, após retornar do exílio vindo morar na Bahia.” (FERREIRA, 2006, p. 62).⁶¹ A atuação dos comunistas foi vital para o sucesso da campanha antifascista movida pelo jornal, estendendo-se até a falência deste, dois anos depois do final da Segunda Grande Guerra. O último número foi publicado em 20 de maio de 1947.

Pinho (2008, v. 1, v. 2), em análise das colunas literárias d’*O Imparcial*, traça um panorama histórico e social sob o olhar e a ação do jornal. As mais de 20 colunas literárias, em suas diversas orientações artísticas, publicitárias e políticas, bem como disponibilidades e colaborações de textos, relacionaram história e sociedade nas publicações em quase trinta anos de circulação. Mesmo o papel relativamente pequeno que algumas colunas exerceram no periódico — algumas colunas foram publicadas em apenas 5 exemplares — caberia uma seleção para comentar as que contribuíram para o foco e o objeto do trabalho: os textos publicados em um desses espaços do jornal, em determinado período. Os espaços para as produções da Literatura sempre integraram *O Imparcial*, sendo um de seus melhores investimentos em cultura. Artigos, críticas, crônicas e outros textos circularam com regularidade seis dias por semana, dias especiais e datas cívicas. Por meio da leitura destas publicações, foi possível promover, além de informações sobre acontecimentos locais, nacionais e internacionais, o fomento à divulgação de formações de grupos culturais da Bahia, a exemplo dos “Movimento ALA” e “Arco & Flexa”. Embora inicialmente dispersos no periódico, poemas, crônicas e ensaios não demoraram a confluir para uma coluna ou página própria (PINHO, 2008, v. 1, p. 69). A primeira coluna, “Leitura Variada” (1919), publicada aos domingos, passando por “Primores de Literatura e Arte — Páginas Escolhidas” (1920), sugere uma seleção de textos e autores nacionais e estrangeiros. “De Tudo e Para Todos” começa a circular no ano seguinte, apresentando ênfase em textos de escritores locais como

⁶⁰ O romance do escritor é objeto de estudo de um dos membros do grupo de pesquisa A Literatura de Jornal em Periódicos Brasileiros.

⁶¹ As mais de cem crônicas que Jorge Amado publicou na coluna “Hora da Guerra” foram coligidas no livro *Hora da Guerra* (2008). Há ainda a pesquisa, trabalhos apresentados e dois capítulos de livros publicados pelo Prof. Dr. Benedito José de Araújo Veiga sobre a “Hora da Guerra”.

Acácio França⁶². A mudança do nome da coluna para “Página Literária”, em 1923, parece ter sido motivada por datas simbólicas e históricas (semana da Independência da Bahia⁶³ e o decenário de Castro Alves⁶⁴) e adequação dos textos sugeridos às finalidades da coluna. Esse conjunto de colunas (algumas não foram citadas) prestigiou, ao longo de oito anos, escritores estrangeiros (Edmond Rostand⁶⁵, Rahin Dramati Tagore⁶⁶ etc.), nacionais (Coelho Neto⁶⁷, Viriato Correia⁶⁸, João do Rio⁶⁹, Artur Azevedo⁷⁰, Olavo Bilac⁷¹ etc.) e, inclusive, baianos (Xavier Marques⁷², Alvaro Reis⁷³ e João Dantas Filho⁷⁴, Afrânio Peixoto⁷⁵ e Antonio Sá⁷⁶).

“Verso e Prosa” aparece como coluna literária n’*O Imparcial* a partir de 24 de agosto de 1925. Nela, os autores baianos passam a adquirir ainda maior notabilidade com a escrita de textos, ideias e debates ocorridos no ambiente jornalístico, parte do que Pinho (2008, v. 1, v. 2) caracteriza como Literatura de Jornal:

[...] um olhar do literário como discurso articulado entre a ciência, a arte e a sociedade. A proeminência de um dos aspectos numa determinada conjuntura literária, um sistema, é sempre uma questão localizada e histórica, beneficiando posturas e ideias dentro do circuito social. Um determinado grupo provido dos mecanismos e meios de divulgação pode promover a defesa de uma postura, seja estética ou sociológica, em face dos outros membros da comunidade. Quanto mais há competência em produzir os meios de persuasão de certa verdade, mais ela se consagra. (PINHO, 2008, v. 1, p. 26).

Estas ações, objetivos articulados e objetos criados consolidam teoricamente os textos publicados nas seções literárias d’*O Imparcial* no espaço histórico-artístico-social baiano, nacional e internacional, no âmbito das relações e possibilidades de diálogos culturais. Isso é

⁶² Texto “De uma conferência (ao Sr. Lopes Rodrigues)”, publicado n’*O Imparcial* em 16/10/1921, p. 6 (PINHO, 2008, v. 2, p. 40).

⁶³ Segundo consta na catalogação integral elaborada por Pinho (2008, v. 2, p. 49), dois números anteriores do jornal não foram encontrados: (n. 1543 e 1544).

⁶⁴ Nos dias 2, 5, 6 e 7 de julho são organizadas edições comemorativas sobre Castro Alves.

⁶⁵ “Conto para crianças”, publicado em 06/07/1919 na coluna “De tudo”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 19).

⁶⁶ “Os primeiros jornais”, publicado em 03/08/1919 na coluna “De tudo”, s/p (PINHO, 2008, v. 2, p. 20).

⁶⁷ “A pérola”, publicado em 17/08/1919 na coluna “De Tudo”, s/p (PINHO, 2008, v. 2, p. 20).

⁶⁸ “O burro”, publicado em 03/08/1919 na coluna “A Coluna das Crianças”, s/p (PINHO, 2008, v. 2, p. 20).

⁶⁹ “Flirt”, publicado em 25/09/1921 na coluna “De Tudo e Para Todos”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 39).

⁷⁰ “Milagre”, publicado em 03/08/1919 na coluna “De tudo”, s/p (PINHO, 2008, v. 2, p. 20).

⁷¹ “Soneto (Obras-primas do soneto brasileiro): ‘Coração’ e ‘Palavras’”, publicado em 13/04/1924 na coluna “Para Todos”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 54).

⁷² “Uma cena da vida de Tobias Barreto”, publicado em 27/07/1919 na coluna “O Imparcial aos Domingos”, s/p (PINHO, 2008, v. 2, p. 19).

⁷³ “Regia Nave”, publicado em 06/04/1924 na coluna “Para Todos...”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 54).

⁷⁴ “Vesúvio”, Publicado em 06/04/1924 na coluna “Para todos...”, p. 3 (PINHO, 2008, v.2, p. 54).

⁷⁵ “Fragmento: Poltrões”, publicado em 18/12/1919 na coluna “De Tudo e Para Todos”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 43).

⁷⁶ “Meus livros”, publicado em 13/04/1924 na coluna “Para Todos”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 67).

representado pela escolha, presença, leitura, discussão e repercussão dos textos e dos autores publicados, igualmente presentes na política e na intelectualidade baiana, nacional e internacional. Autores como Damasceno Filho⁷⁷, Godofredo Filho⁷⁸, Carlos de Viveiros⁷⁹, Carlos Chiacchio⁸⁰, Rafael Barbosa⁸¹, Carlos Ribeiro⁸² e Artur de Sales⁸³ encontraram apoio n’*O Imparcial* para divulgar trabalhos de crítica e poética, prática que, com o tempo e a organização em reuniões e debates sobre literatura e cultura, acabou contribuindo decisivamente para a articulação do grupo “Arco & Flexa”. Em 1928, a coluna “Crônica Social” assume função semelhante à de “Verso e Prosa” e de “Prosa e Verso”. Entretanto, acontecimentos sociais (aniversários, recepções, festas comemorativas) e formaturas passam a predominar na coluna. “Página Feminina” aparece em 1931 e se estende até 1944, período em que emergiu, no jornal, a figura de Maria de Carvalho Leite, conhecida pelo pseudônimo de Maria Dolores. A escritora colabora para a coluna até se tornar sua redatora. Pinho (2008, v. 2, p. 77) caracteriza as produções publicadas da escritora n’*O Imparcial*⁸⁴:

[...] Com todas as características de uma praticante de literatura de jornal, a poetisa escreve textos e poemas com sintaxe simples e sentimento à flor da pele. Quase confessionais, são versos sobre a vida feminina no casamento, no ambiente social e extrações espirituais. Todavia, essas produções ganham cada vez mais espaço no diário porque se aliam aos contornos tradicionais aceitos pelos leitores mais conservadores, de quem o jornal é representante. Mesmo assim, não é incomum encontrar um tom cáustico e uma crítica ferina na poesia da futura redatora da “Página Feminina”.

O espaço publicitário para assuntos relativos ao comportamento feminino, parcamente presente no jornal em meados dos anos 20, torna a despertar interesse do periódico baiano. Isso proporciona a criação, em 1929, da “Coluna Feminina” e, no ano posterior, da “Página Feminina e Cinematográfica”. As colunas publicam poemas de Maria Eugênia⁸⁵, Maria Dolores⁸⁶, Diva Carneiro Ribeiro⁸⁷ dentre outras, e pequenos textos narrativos, além de fotos

⁷⁷ “Sans Souci”, publicado em 24/08/1925 na coluna “Verso e Prosa”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 67).

⁷⁸ “Boemia”, publicado em 02/07/1926 na coluna “Prosa e Verso”, p. 5 (PINHO, 2008, v. 2, p. 76).

⁷⁹ “Visão Pagã”, publicado em 24/08/1925 na coluna “Verso e Prosa”, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 67).

⁸⁰ “Teia de Penélope (Fragmento)”, publicado em 02/07/1926 na coluna “Prosa e Verso”, p. 5 (PINHO, 2008, v. 2, p. 76).

⁸¹ “Desencanto”, publicado em 15/11/1926 na coluna “Prosa e Verso”, p. 9 (PINHO, 2008, v. 2, p. 70).

⁸² “Oásis da Vida (Fragmento)”, publicado em 15/11/1926 na coluna “Prosa e Verso”, p. 9 (PINHO, 2008, v. 2, p. 70).

⁸³ “Natal”, publicado em 11/01/1925 na coluna “Prosa e Verso”, p. 5 (PINHO, 2008, v. 2, p. 60).

⁸⁴ A escritora está sendo pesquisada por um dos membros do grupo de pesquisa A Literatura de Jornal em Periódicos Brasileiros.

⁸⁵ “Elegia”, publicado em 05/01/1930, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 138).

⁸⁶ “Em silêncio... Na penumbra”, publicado em 20/10/1929, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 132).

⁸⁷ “À minha terra”, publicado em 06/10/1929, p. 3 (PINHO, 2008, v. 2, p. 138).

e resenhas dos filmes em cartaz nas salas dos cinemas de Salvador. A partir de setembro de 1933 ocorre uma reorganização das colunas do jornal, com novos títulos para colunas diferentes, anteriormente publicadas na mesma página em dias alternados:

[...] “A Prosa das Quartas” (contos e fragmentos de narrativas); “Notas de Arte” (às quintas-feiras), na página 2: “Pintura Baiana”, de Floriano Mendonça; “De Além-Mar” (p. 2): “Poetas que não vingam”, artigo de Mario Portocarrero; sábado: “Livros e Autores” (p. 2), artigo de Quixadá Felício; e domingo: “Letras Femininas” (p. 2), na qual continuam os poemas de Maria Dolores. (PINHO, 2008, v. 1, p. 79).

“Pela Ordem...” marca, entre 24 de maio de 1935 e 27 janeiro de 1942, mais uma mudança na organização do jornal. Criada pelo ainda jovem Afrânio Coutinho, artigos de fundo⁸⁸ são o tipo de texto dessa coluna. Nessas produções, importantes e renomados escritores e críticos literários apresentaram “[...] textos reflexivos a respeito da religião, da política cultural e partidária, da filosofia, do sistema de governo, sobre a identidade brasileira e a ordem mundial.” (PINHO, 2008, v. 1, p. 80). A literatura é discutida nas páginas dessa coluna n’*O Imparcial* a partir de pontos presentes e dinâmicos do sistema literário: “[...] mercado, editor, tradução, textos para crianças, movimentos na Europa e no Brasil, o ensino, a invasão das publicações estrangeiras e outros.” (2008, v. 1, p. 80).

As colunas abrigaram poemas, romances (em fragmentos ou em folhetins), ensaios, artigos e crônicas, em seções como a infantil “Seção das Crianças”, na qual a relação do jornal com o Integralismo influenciou a feitura de textos com o desígnio de formar ideologicamente a leitores de menor idade (PINHO, 2008, v. 1, p. 90-91). Houve colunas de enfoque notadamente moralizante, político, filosófico e religioso. Nos seis meses de existência, “Semana Universitária”⁸⁹ intensificou a campanha integralista por meio do ataque, nos textos publicados, às ideias marxistas recentemente defendidas por jovens universitários baianos (PINHO, 2008, v. 1, p. 91). Outros exemplos são “Pela Ordem...” e “Hora da Guerra”⁹⁰. A última citada, cuja autoria dos textos é de Jorge Amado, descreve, resenha e opina sobre os rumos e conflitos sociais, pessoais, econômicos e políticos durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Na última fase d’*O Imparcial* (1940-1947), as produções literárias mais constantes foram a crítica e a resenha na coluna “Vida Literária”, sob a responsabilidade do antes apenas colaborador Lafaiete Spínola. O periódico também

⁸⁸ Artigos de fundo são textos de orientação moral e posicionamento definido por parte do autor, mas que podiam discorrer sobre assuntos diversos, como questões literárias, políticas, econômicas, sociais, geográficas, publicitárias etc.

⁸⁹ Coluna publicada entre 17/05/1937 e 01/11/1937 (PINHO, 2008, v. 2).

⁹⁰ Coluna publicada entre 05/09/1942 e 18/12/1944 (PINHO, 2008, v. 1, p. 98).

publicou, em folhetins, livros como *Irmãos Karamazov* (entre 1944 e 1945), de Dostoievski, *O marido da borralheira* (12 de abril até 27 de dezembro de 1931), de Dyvonne⁹¹, *Bodas de neve* (1 de janeiro de 1932 a 14 de dezembro de 1932,) de B. Buxy⁹², *Os irmãos corsos*, de Alexandre Dumas (19 de Julho até 10 agosto de 1944) e romances inéditos, a exemplo de *Jacuba, juazeiro da lordeza* (1941), romance-folhetim do poeta e crítico baiano Wilson Lins.

Dentre as colunas que publicaram por maior período n’*O Imparcial*, podemos citar “Seção das Crianças”⁹³, “Crônica Social”⁹⁴, “Vida Social”⁹⁵ e “Página de Ala”⁹⁶ pela situação de terem convivido com outras colunas de literatura. Publicada entre 1938 e 1942, “Página de Ala” destacou-se por auxiliar na articulação de um projeto para a cultura e a literatura da Bahia, organizado em torno de contatos que formariam mais tarde o movimento “Ala” (Movimento das Letras e das Artes): “[...] Antes mesmo de aparecer formalizada e com uma numeração específica na quinta página do matutino, aos domingos, ela faz parte de acontecimentos intelectuais da cidade de Salvador.” (PINHO, 2008, v. 1, p. 93). A sucessão entre “Crônica Social” e “Vida Social”, embora não tenha sido contígua, mas temática, caracterizou-se pela mudança de foco da nova coluna em abrir espaço não somente para tiras cuja cobertura registrava acontecimentos da sociedade, a exemplo de formaturas e casamentos, mas também para textos entre a descrição e a memória, “ao rés do chão”⁹⁷. São relatos e juízos que se referenciam, em parte, em acontecimentos e assuntos da história cultural, política e da Literatura. Publicaram-se crônicas, artigos, ensaios e crítica sobre questões locais, nacionais e, não raro, internacionais:

Os textos de João Paraguaçu, Sílvia Patrícia e Tetrá de Teffé vão de temas sociais à crítica literária rica e variada, passando por resenhas dos livros recém publicados. A aparente liberdade de temas e assuntos, talvez por causa dos locais e das páginas nas quais produzem no exemplar, permite que se perceba a ligação direta entre o político e o literário. João Paraguaçu é o cronista que mais publica em “Vida Social”. São tiras diárias de textos sobre assuntos políticos do momento e do passado, resenhas, análises, à feição de ensaios históricos. Uma leitura nos títulos apresenta Rui Barbosa como o tema mais visitado. (PINHO, 2008, v. 1, p. 131).

⁹¹ Livro traduzido por Marinho Machado. Dyvonne é o pseudônimo da escritora francesa Yvonne Schultz de Fénis de Lacombe (Yvonne Schultz) (1890-?). Fonte: site Letteratura domenicata.

⁹² Versão especial para o vernáculo de Marinho Machado (PINHO, 2008, v. 2, p. 160). B. de (Berthe de) Buxy é o pseudônimo da escritora francesa Blanche Legrand (DOLE, 1863; FRÉJUS, 1919 apud BUXY, 2008).

⁹³ Coluna publicada entre 16/09/1935 e 15/03/1937 (PINHO, 2008, v. 2).

⁹⁴ Coluna publicada entre 01/12/ 1927 e 31/12/1929 (PINHO, 2008, v. 2).

⁹⁵ Coluna publicada de 23/05/1935 até o término do jornal (PINHO, 2008, v. 2).

⁹⁶ Coluna publicada entre 08/08/1938 e 31/12/1942 (PINHO, 2008, v. 2).

⁹⁷ Expressão utilizada no título de um texto do crítico literário Antonio Candido sobre a crônica.

Ainda que em determinados períodos de tempo, colaboraram de forma pontual ou constante nessa coluna, dentre muitos escritores e jornalistas, Dermival Costalima⁹⁸, Tetrá de Teffé⁹⁹, Ulpi¹⁰⁰, Quixadá Felício¹⁰¹, Silvia Patricia¹⁰², Nini Miranda¹⁰³ e Raul Azevedo¹⁰⁴. Além de seguir a temática abordada na coluna, o pseudônimo de M. Paulo Filho publicou o maior número de textos em “Vida Social”. A contribuição de João Paraguaçu para esta coluna do *O Imparcial* constituiu o maior número de publicações no período em que ela circulou, com 623 textos, cuja abordagem será realizada nos capítulos da dissertação destinados à catalogação e discussão sobre os textos.

As histórias do autor e do jornal estão ligadas, segundo a exposição deste capítulo, com as publicações da coluna literária. O suporte efêmero e cotidiano no qual M. Paulo Filho consolida carreira profissional contrasta com o desejo de recorrer às memórias como fonte e fundo para a publicação de textos em periódicos e em livros. Sua participação política parece ter dado sentido histórico e coletivo aos textos, uma vez que o veículo para o qual foi direcionado e sua produção crítica tem alcance massivo. Ao percorrer a biografia do escritor, vê-se que a atuação em áreas vinculadas ao conhecimento letrado, político, acadêmico e jornalístico influenciou para a escolha dos temas ligados às publicações no *Correio da Manhã* e no *O Imparcial*. Nesses espaços de trabalho literário no jornal, os momentos são vividos, e a experiência, acumulada. A partir da leitura das memórias nos periódicos, as descrições e as referências sociais, literárias e políticas que João Paraguaçu apresenta nos textos chegam e retornam aos leitores do jornal, o que se torna parte da representação coletiva com a qual compartilha a fonte e a leitura de suas publicações.

⁹⁸ “Oferenda”, publicado em 10/05/1937, p. 2 (PINHO, 2008, v. 2, p. 272).

⁹⁹ “Em alta a heráldica de Wall Street”, publicado em 06/05/1938, p. 7 (PINHO, 2008, v. 2, p. 300).

¹⁰⁰ “No entanto...”, publicado em 28/05/1928, p. 7 (PINHO, 2008, v. 2, p. 295).

¹⁰¹ “Na seara alheia...”, publicado em 09/06/1938, p. 7 (PINHO, 2008, v. 2, p. 302).

¹⁰² “Os homens que sabem amar”, publicado em 28/05/1930, p. 2 (PINHO, 2008, v. 2, p. 273).

¹⁰³ “Afonso Celso”, publicado em 16/07/1938, p. 7 (PINHO, 2008, v. 2, p. 273).

¹⁰⁴ “Papagaio”, publicado em 04/10/1941, p. 5 (PINHO, 2008, v. 2, p. 390).

4 REDESCRIÇÕES: A CATALOGAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES DE JOÃO PARAGUAÇU N’O *IMPARCIAL*¹⁰⁵

[...] do século XIX para cá, periódicos se contam às dezenas, sobretudo quando chegamos ao Movimento Modernista [...]. Eles se impõem em dois centros principais — Rio de Janeiro e São Paulo, **mas se apresentam também importantes para uma visão totalizadora dos movimentos literários em âmbito nacional em vários outros centros ditos provincianos, por toda a extensão do Brasil.** E só o levantamento desses periódicos, revistas e jornais — estes entre nós quase sempre abertos às colaborações literárias — e sua devida seleção e classificação como material de pesquisa e estudo, já é trabalho amplo, preliminarmente indispensável. (CASTELO, 1970, p. 5-6, grifo nosso).

Serão demonstrados, na presente seção, elementos da metodologia utilizada para a pesquisa no conjunto de textos de João Paraguaçu publicados n’*O Imparcial*. Para a Literatura Brasileira, as referências utilizadas para este trabalho contribuem e ampliam o alcance da literatura nacional. Esta, na medida de sua formação histórica e participação cultural, intensifica-se com a leitura motivada pela circulação do jornal. O estágio atual deste trabalho, que chega agora ao metodológico e descritivo, complementa a percepção de leitura de como o texto é publicado (seu contexto de produção e veiculação), onde é publicado (coluna), as relações entre as publicações (explícitas ou não) e atuação do escritor (biografia, experiência, vida profissional). Tal procedimento torna-se coerente para esta pesquisa específica sobre a participação do autor e de sua produção na área dos estudos literários. O resgate de um texto de Literatura sobre memórias — imbricado da linguagem típica do jornal — abarca a tentativa de apresentar o cabedal cultural com o qual esse tipo de texto dialoga: são, factualmente, em 8 anos e 623 publicações, leituras diárias e contínuas *sobre e para* leitores de jornal, que mostram o caráter dialógico da Literatura ao representar questões de política, economia, educação, história, geografia e de crítica literária e cultural.

A catalogação dos textos escritos por João Paraguaçu n’*O Imparcial*, presente como apêndice e comentada nesta dissertação, realizou-se de acordo com o modelo apresentado em Pinho (2008, v. 1, v. 2). Na referida catalogação, são registrados o número de publicações, o dia, o mês e o ano em que o texto foi veiculado — além do ano do próprio periódico —, o número do periódico, nome da coluna, nome do texto acompanhado de sua categorização — para efeito didático — em gênero textual, o registro do nome do autor e, como último espaço,

¹⁰⁵ O capítulo é, em parte, uma atualização do trabalho enviado para os anais do XI Seminário de Estudos Literários (SEL): 50 anos do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em outubro de 2012 em Assis, São Paulo.

observações sobre o que foi encontrado em cada texto. Igualmente importantes como referências de catalogação e discussão metodológica sobre a pesquisa em periódicos são o livro *Arco & Flexa: uma contribuição para o estudo do modernismo* (ALVES, 1978), oriundo de uma dissertação de mestrado sobre a revista baiana *Arco & Flexa*, e a dissertação de mestrado *Sant'anna dos olhos d'água: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana (1890-1930)* (MORAIS, 1998), pesquisa desenvolvida em recorte das produções literárias publicadas no jornal *Folha do Norte*, em Feira de Santana. O procedimento metodológico utilizado neste trabalho também está fundamentado no prefácio “A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira” (CASTELO, 1970, p. 3-12), do volume *Lanterna Verde e o Modernismo* (NAPOLI, 1970), periódico do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Castelo apresenta uma técnica de pesquisa em periódicos, com o “Roteiro de Pesquisa para o estudo de um periódico como expressão de ‘Grupo’ ou de movimento” e o “Roteiro de Entrevista”. As referências citadas estão articuladas na feitura da catalogação presente neste trabalho e se explicitam, segundo a proposta de estudo, em torno dos elementos citados por João Paraguaçu nos textos d’*O Imparcial*. Assim, personalidades, livros, produções artísticas e locais diversos estão registrados na tabela construída para a catalogação. A (re)leitura dessas referências destaca a história brasileira e a memória coletiva e cultural do autor. Com as orientações metodológicas junto ao número extenso dos textos memorialísticos publicados, esta pesquisa permitiu não apenas traçar uma visão panorâmica sobre a produção, mas também escolhas temáticas e icônicas pontuais (Rui Barbosa e a ABL) a respeito da quantidade e do papel delas no conjunto pesquisado.

A proposta desenvolvida para o estudo sobre as publicações de João Paraguaçu na coluna “Vida Social” d’*O Imparcial* caracteriza uma pesquisa em fontes primárias. Estas, concebidas *a priori* como recurso criativo da história, são elementos construtivos e constitutivos de uma narrativa que certifica o passado (ZILBERMAN et al, 2004). Para as autoras, a historização que as fontes primárias proporcionam às obras de literatura é, de modo geral, desconsiderado pela História da Literatura, ação que compromete o trabalho teórico e científico dessa mesma ciência.

As fontes primárias [...] são concretas, materiais e palpáveis. Podem corresponder ao que restou do processo de criação, mas sinalizam sua existência e percurso; podem se mostrar na condição de sintomas, sinais e rastros, porque se alojam no texto, no livro e no impresso. Indicam, por outro ângulo, os contextos de criação, produção material e leitura, ausentes no objeto-obra, mas determinantes de seu estatuto. Instituem séries temporais não-coincidentes, alterando concepções de história. E suscitam uma reflexão

que necessariamente incorpora campos diferentes do conhecimento, uma vez que elas não se explicam por critérios de especificidade e valor. (ZILBERMAN et al, 2004, p. 15).

Contemplam-se, pois, aspectos qualitativos e quantitativos na execução deste trabalho. Os livros de M. Paulo Filho, bem como os textos pesquisados nos exemplares d'*O Imparcial* e, por extensão, no *Correio da Manhã*, foram opções delimitadas mediante a necessidade de uma concepção de literatura documental cujas fontes podem ser diversas e úteis de acordo com a especificidade do *corpus* e da orientação teórico-metodológica para a análise do objeto em estudo. “[...] Reflete-se ainda sobre a concepção de literatura como um grande arquivo, constituído das mais diversas fontes documentais [...] componentes de uma possível identidade que a cada dia se revela na sua complexidade.” (SOUZA; MIRANDA, 2003, p. 11).

Nesse sentido, teoria e objeto efetuam uma identificação pertinente e promissora. A concepção de literatura defendida neste trabalho considera a diversidade de fontes para a pesquisa e, igualmente, a variabilidade de experiências como presença significativa na criação e veiculação dos textos de João Paraguaçu. Tal relação proporciona, junto com o reconhecimento da complexidade dessas fontes primárias, o apontamento constante de novos estudos a serem realizados com o *corpus* analisado. Considerando as especificidades e as potencialidades do estudo das memórias literárias nessas perspectivas teóricas e metodológicas, bem como o trabalho textual e literário quando elas são postas em circulação para leitura massiva, o trabalho memorialístico nos artigos e crônicas restitui “[...] ao texto sua gestualidade perdida na escritura” (MIRANDA, 2003, p. 35). Os arquivos do pseudônimo de M. Paulo Filho, trazidos à pesquisa acurada nos últimos anos, estão em consonância com a memória, uma das motivações para a criação dos textos, e com a literatura, organizadora da tessitura que aponta para os principais gêneros em que escreveu (artigo, crônica, ensaio) e com os veículos nos quais eles foram publicados — o jornal e, posteriormente de forma seletiva, o livro.

Sendo arquivos, os textos relidos e reencontrados neste trabalho incorporam, em parte, o tratamento já conhecido da memória na Literatura, mas em contornos e entornos que conferem a essas duas formas de conhecimento, mais à História, a capacidade de proporcionar e reunir elementos da cultura que singularizam este trabalho como pesquisa em Literatura de Jornal. Discorrer sobre a catalogação realizada nesta dissertação exemplifica que o autor efetuou, segundo o referencial teórico apresentado, um

[...] ato de recuperação mnemônica [que] desloca a noção de texto como produto acabado ou integridade absoluta para a de escrita, entendida enquanto memória especializada, cujos contornos são feitos não de um sentido pleno ou de uma versão definitiva, mas de um jogo de intensidades, marcado pela força de significação que cada elemento vai adquirindo no conjunto significante que é o texto concluído e, a rigor, nunca terminado. (MIRANDA, 2003, p. 36).

Por meio dessas orientações teóricas, a percepção do que foi publicado implicou no processo de coleta e organização dos arquivos de maneira a perceber a reconstituição da memória individual do autor ao mesmo tempo em que se compreende o seu alcance coletivo. Nessa metodologia, não se pode chegar a um resultado terminal quanto aos desdobramentos das publicações e suas pertinências aos estudos de outras ciências, mas ao texto e dados teórica e metodologicamente marcados nas ações planejadas dentro do projeto de pesquisa para esta produção acadêmica dissertativa.

Durante a pesquisa realizada nas publicações de João Paraguaçu n’*O Imparcial*, ocorreu a atualização dos dados catalogados por Pinho (2008, v.1, v. 2). Esta catalogação anterior registra todas as publicações da seção literária do periódico baiano. O recorte proposto nesta dissertação de mestrado destaca apenas as publicações cuja autoria é atribuída a João Paraguaçu. Recorreu-se à tabela anterior, que continha o registro dos textos do autor. Foi construída uma nova tabela com modificações nos registros a serem encontrados, visando a adequação ao recorte e aos objetivos da pesquisa. Houve a criação de novas colunas na tabela desta dissertação, com a indicação de autores, personalidades e grupos citados, além de livros, textos, objetos e demais obras artísticas e lugares citados em cada produção do escritor. Na coluna de “observações”, anotou-se referências a respeito do *corpus*, como estado físico do jornal e possibilidade de leitura (“deteriorado”, “leitura comprometida”), o destaque dado à fonte dos textos de João Paraguaçu na página do jornal (itálico, negrito ou maiúsculas (título)) e a publicação do mesmo texto no jornal carioca *Correio da Manhã* (data). Nessa coluna foram destacados ainda elementos referenciais sobre cada publicação, sempre que se julgou necessário, como nomes representativos, assuntos e a presença do outro pseudônimo de M. Paulo Filho, JB Capivari.

Essa metodologia incluiu, para a atualização da tabela de Pinho (2008, v. 1, v. 2), o retorno à Biblioteca Pública do Estado da Bahia, em Salvador, para nova coleta das publicações n’*O Imparcial*. Foi utilizada uma câmera fotográfica para registro digital das páginas do jornal. As fotografias foram organizadas, no computador, pelo ano, trimestre e nome de cada texto. A atualização da tabela foi feita com base na leitura e na catalogação de

cada uma das 623 publicações. Essa etapa proporcionou modificações significativas, em relação ao registro anterior, em número, nome dos textos publicados e em observações sobre o que foi escrito por João Paraguaçu no periódico baiano. Um exemplo dessas observações foi a provável reprodução de todos os textos do autor no jornal baiano, publicados no *Correio da Manhã* com dias de antecedência, observado mediante consulta a exemplares digitalizados do *Correio da Manhã* na Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional).¹⁰⁶

Uma vez que os textos de João Paraguaçu não apresentam, segundo pesquisas realizadas até o momento, estudos específicos que não sejam os do autor deste trabalho, a proposta de estudar esse *corpus* em trabalhos científicos e acadêmicos se fez pertinente pelos elementos presentes nas publicações. Eles encontraram recepção e identificação quando de sua publicação — oito anos no jornal baiano e trinta e três no jornal carioca. Em relação ao seu estudo, são pertinentes ao arcabouço teórico que define os textos como literários que dialogam com o jornal, estado que os caracteriza como contribuições à cultura, à ciência e à sociedade. Caracterizam, por esses elementos formais, estéticos, acadêmicos e sociais, a memória e a experiência como fomentadoras do trabalho literário na produção do escritor, em publicações de cunho ensaístico (crônicas e artigos) sobre fatos da política, da literatura e da história do Brasil.

Com a nova pesquisa sobre as publicações de João Paraguaçu n’*O Imparcial*, obteve-se o número atualizado e outros aspectos da catalogação:

- 1) 623 textos, entre 607 publicações e 16 republicações;
- 2) Há um texto caracterizado como artigo/resenha, “O Conde de Buenos Ayres”¹⁰⁷;
- 3) Há textos de mesmo título e conteúdos diferentes: “Diminutivos” (28/07/1937, p. 6 e 19/06/1940, p. 7); “Sylvio e Capistrano” (20/08/1937, p. 6 e 26/05/1938, p. 7); “Na velha Camara” (24/05/1938, p. 7 e 11/09/1938, p. 7); “Depoimento” (21/10/1939, p. 7 e 10/05/1940, p. 7); “Verissimo” (22/02/1938, p. 7, 26/03/1939, p. 7 e 27/06/1940, p. 7); “Fraquezas” (22/03/1938, p. 7 e 30/06/1942, p. 7).
- 4) De acordo com o ano de publicação, as produções estão assim distribuídas: 3 publicações em 1936, 137 publicações em 1937, 145 publicações em 1938, 85 publicações em 1939, 80 publicações em 1940, 47 publicações em 1941, 45 publicações em 1942, 55 publicações em 1943 e 26 publicações em 1944;

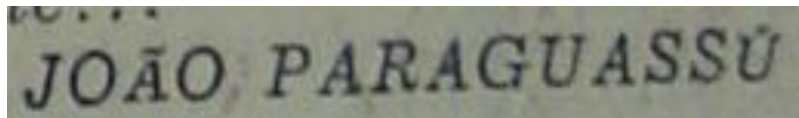
¹⁰⁶ Alguns exemplares d’*O Imparcial* e do *Correio da Manhã* não foram encontrados nos espaços pesquisados, mas o grande número dos mesmos textos encontrados nos dois jornais possibilita tal afirmação.

¹⁰⁷ Publicado n’*O Imparcial* em 01/08/1937, p. 6.

- 5) A grafia original do sobrenome do pseudônimo apresenta predominância da forma “Paraguassú”, mas se encontram as formas “Paraguassu” e “Paraguaçu” em menor número;
- 6) Os dois pseudônimos do autor, João Paraguaçu e JB Capivari, estão presentes em 16 dessas publicações.

As considerações a respeito desta etapa do trabalho propiciaram atualizar a quantidade de textos do autor no jornal em relação à catalogação de Pinho (2008, v. 2), além de identificar algumas republicações, o que contribuiu para a definição de um novo número de textos. Por meio da feitura e análise das fotografias do periódico, foi possível definir as diferenças de grafia no sobrenome do pseudônimo: Paraguassú, Paraguassu e Paraguaçu. A adoção de “Paraguaçu”, como apontado em nota, decorre do registro da atualização da grafia e alteração do nome do rio baiano que, documentadamente em *Memórias de João Paraguassú* (1964) — publicado antes da alteração —, sobrenomeia o pseudônimo. Também foram identificados problemas de rasuras e de ortografia no registro da autoria dos textos:

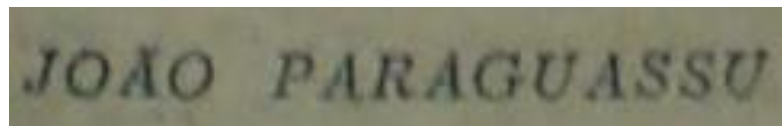
Figura 8 – Fragmento da crônica “Aduladores” (*O Imparcial*, 23/07/1943, p. 5)



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Danilo Cerqueira Almeida

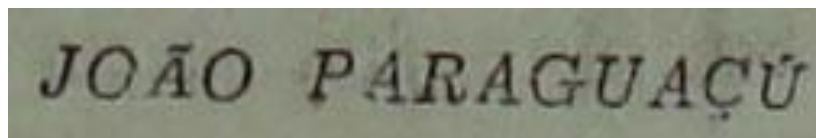
Figura 9 – Fragmento da crônica “Crise de abuso de crédito” (*O Imparcial*, 14/01/1941, p. 5)



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Adeíto Manoel Pinho

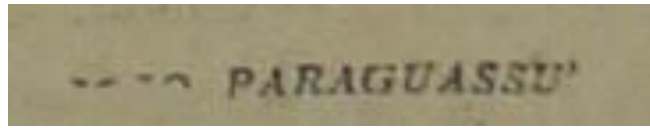
Figura 10 – Fragmento da crônica “Moreira Pinto na Bahia” (*O Imparcial*, 12/07/1941, p. 7)



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Danilo Cerqueira Almeida

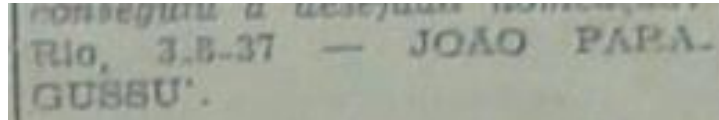
Figura 11 – Fragmento da crônica “Milagres” (*O Imparcial*, 22/02/1942, p. 5)



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Adeíto Manoel Pinho

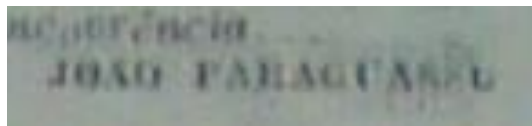
Figura 12 – Fragmento da crônica “Raul e os trocadilhos” (*O Imparcial*, 16/08/1937, p. 6)¹⁰⁸



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Adeíto Manoel Pinho

Figura 13 – Fragmento da crônica “Graça Aranha e a Academia” (*O Imparcial*, 15/05/1942, p. 7)



Fonte – Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Salvador/BA

Fotografia – Adeíto Manoel Pinho

Foi possível identificar que 8 textos publicados no periódico baiano também integram *Memórias de João Paraguassú* (1964), livro lançado duas décadas após a veiculação dos textos n’*O Imparcial*:

- 1) “O Império, Graça Aranha e a Academia” (PAULO FILHO, 1964, p. 187-192) tem parte do texto publicado n’*O Imparcial* em 16/01/1940, p. 7, com o título “O Imperio e a Academia”;
- 2) “O jubileu de Rui” (PAULO FILHO, 1964, p. 173-174), publicado n’*O Imparcial* em 30/05/1942, p. 5;
- 3) “Fraquezas” (PAULO FILHO, 1964, p. 118-119), publicado n’*O Imparcial* em 30/06/1942, p. 7;
- 4) “A simplificada” (PAULO FILHO, 1964, p. 155-156), publicado n’*O Imparcial* em 18/10/1942, p. 5 (com alterações no livro);
- 5) “Alexandre Herculano e a Confederação dos Tamoios” (PAULO FILHO, 1964, p. 116-117), publicado n’*O Imparcial* em 19/11/1942, p. 7 (com alterações no livro);

¹⁰⁸ Aponto correção do trabalho apresentado no XI SEL, que registra a publicação como de 15/08/1937.

- 6) “A *Revista Contemporanea*” (PAULO FILHO, 1964, p. 167-169), publicado n’*O Imparcial* em 28/11/1942, p. 5;
- 7) “Em Berlim” (PAULO FILHO, 1964, p. 149-150), publicado n’*O Imparcial* em 02/03/1943, p. 5;
- 8) “Tobias e Taunay” (PAULO FILHO, 1964, p. 151-152), publicado n’*O Imparcial* em 03/03/1943, p. 5.

O outro livro de memórias de M. Paulo Filho, *Tempos idos...* (1968), apresenta 7 textos publicados n’*O Imparcial*:

- 1) “Constâncio e Valle Cabral” (PAULO FILHO, 1968, p. 86-87), publicado n’*O Imparcial* em 04/09/1937 com o título “Desnaturado” (com alterações no livro);
- 2) “As academias não são as mesmas” (PAULO FILHO, 1968, p. 26-27) tem parte do texto publicado n’*O Imparcial* em 18/04/1938, p. 6, com o título “Santos Dumont na Academia”;
- 3) “O general Godolphim” (PAULO FILHO, 1968, p. 117-118), publicado n’*O Imparcial* em 09/06/1939, p. 7;
- 4) “Purismo e indianismo” (PAULO FILHO, 1968, p. 110-111), publicado n’*O Imparcial* em 27/07/1939, p. 7, com o título “Machado de Assis em 1884”;
- 5) “A cucuína” (PAULO FILHO, 1968, p. 43-47), publicado n’*O Imparcial* em 10/01/1940, p. 7 (com alterações no livro);
- 6) “Wenceslau Brás” (PAULO FILHO, 1968, p. 115-116), publicado n’*O Imparcial* em 29/05/1940, p. 7, com o título “Em Minas”;
- 7) “Ramiz Galvão” (PAULO FILHO, 1968, p. 55-56), publicado n’*O Imparcial* em 06/08/1941, p. 2, com o título “Tempos idos” (com alterações no livro).

João Paraguaçu apresenta a referência direta a fatos que relacionam literatos, políticos, jornalistas e demais personalidades importantes da segunda metade do século 19 e primeira metade do século 20, desde os títulos das narrativas e da perspectiva memorialista em crônicas e artigos de tendência ensaística. Os gêneros textuais que dialogam na escrita dos textos e no veículo em que eles foram publicados (o jornal) são argumentos a favor dessa característica. Na mesma matéria que noticia o falecimento do escritor, publicada no *Correio da Manhã*, o comentário a respeito de *Memórias de João Paraguassú* (1964) registra que M. Paulo Filho

[...] fixou em seus capítulos individualidades de mais relevo nas letras, nas artes, na política, na magistratura, no magistério, na administração e na sociedade em geral. Tudo isso no período que vai da Campanha Civilista de 1901 à deposição de Washington Luís, em outubro de 1930. E depois, do novo regime, até os dias atuais. (MORTE..., 1969, p. 3).

Assim, o escritor coloca personalidades da sociedade às páginas dos jornais carioca e baiano — ou individualidades, como chama o autor matéria, não identificado e, portanto, sob responsabilidade do editor do jornal. Entretanto, as exigências estéticas dos gêneros e do veículo de comunicação, em diálogo, nem sempre puderam fornecer ao autor essa possibilidade de indicação imediata no título. Dentre as individualidades e grupos mais destacados nos textos d’*O Imparcial* estão, excetuando as citações indiretas:

- 1) Rui Barbosa (citado em 85 textos)¹⁰⁹;
- 2) Academia Brasileira de Letras (ABL) (citada em 68 textos).

Em torno desses dois temas, um de caráter individual e outro de caráter coletivo e social, estão acrescidos boa parte das outras referências a fatos, questões e pessoas. A biografia do político baiano e a história da “Casa de Machado de Assis” se encontram, na história oficial e nos textos do João Paraguaçu, em muitos momentos da vida cultural, social e literária brasileiras. Esses três campos se interpenetram nos textos pesquisados junto a’*O Imparcial*. Em fatos e questões, transformados em memórias narrativas nos artigos e crônicas pelo autor, estão destacados outros homens conhecidos pela história oficial ou por participarem da vida cultural do Brasil:¹¹⁰

- 1) D. Pedro II (citado em 42 textos);
- 2) Machado de Assis (citado em 40 textos);
- 3) (Presidente) Marechal Floriano Peixoto (citado em 38 textos);
- 4) Medeiros e Albuquerque (citado em 36 textos);
- 5) Barão do Rio Branco (citado em 31 textos);
- 6) Coelho Neto (citado em 30 textos);

¹⁰⁹ Um trabalho sobre os textos nos quais Rui Barbosa foi apresentado no Curso Castro Alves 2012 – VII Colóquio de Literatura Baiana, realizado em Salvador no referido ano: “Rui Barbosa n’*O Imparcial*: textos de João Paraguassú”.

¹¹⁰ Em muitas publicações, a grafia desses nomes aparece sob formas diferentes devido às alterações ortográficas ocorridas ao longo dos 8 anos de publicação. A grafia original das publicações foi atualizada nas citações e no corpo do texto, entretanto foi mantida na catalogação, exceto na coluna “observações”.

- 7) Graça Aranha (citado em 30 textos);
- 8) Afrânio Peixoto (citado em 29 textos);
- 9) Benjamin Constant (citado em 28 textos);
- 10) Capistrano de Abreu (citado em 28 textos);
- 11) (Presidente) Marechal Hermes da Fonseca (citado em 28 textos);
- 12) Humberto de Campos (citado em 26 textos);
- 13) Antônio Torres (citado em 25 textos);
- 14) (Presidente) Marechal Deodoro da Fonseca (citado em 22 textos);
- 15) Silvio Romero (citado em 22 textos);
- 16) Anatole France (citado em 21 textos);
- 17) Euclides da Cunha (citado em 21 textos);
- 18) Olavo Bilac (citado em 21 textos);
- 19) Alcindo Guanabara (citado em 18 textos);
- 20) Max Fleiuss (citado em 17 textos);
- 21) José Joaquim Seabra (JJ Seabra) (citado em 16 textos);
- 22) Tobias Barreto (citado em 16 textos);
- 23) Emílio de Menezes (citado em 15 textos);
- 24) Ivan Lins (citado em 15 textos);
- 25) José de Alencar (citado em 13 textos);
- 26) Castro Alves (citado em 12 textos);
- 27) Clóvis Beviláqua (citado em 12 textos);
- 28) João do Rio (citado em 10 textos);
- 29) Julien Benda (citado em 10 textos);
- 30) Cândido Rondon (citado em 9 textos);
- 31) Visconde de Taunay (citado em 9 textos);
- 32) Rocha Pombo (citado em 9 textos);
- 33) B. Lopes (citado em 6 textos);
- 34) Casimiro de Abreu (citado em 4 textos).

As maiores presenças registradas nos textos de Paraguaçu, excetuando Rui Barbosa, são de políticos e escritores, muitos deles acadêmicos — e, em alguns casos, também jornalistas: Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, Graça Aranha, Afrânio Peixoto e Capistrano de Abreu. Dentre as personalidades citadas estão mais presentes os políticos D. Pedro II (o mais citado depois de Barbosa) Benjamin Constant, Barão do Rio

Branco e os marechais e presidentes Hermes da Fonseca, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Número considerável dos demais textos é escrito, não raro, em torno de narrativas com essas personagens, relacionadas a fatos dos governos de que fizeram parte. Isso também está notadamente descrito no contexto da ABL, como o caso do escritor francês Anatole France, que aparece como personagem em mais de uma publicação sobre Rui Barbosa e sobre a ABL¹¹¹. Um dos casos que foge a estas referências, mas que merece ser pontuado, é o do escritor, crítico e filósofo francês Julien Benda, autor do livro *A traição dos intelectuais* (1927). Algumas crônicas e artigos de João Paraguaçu possuem considerações sobre a obra de Benda para contextualizar, no foco narrativo, o que o narrador memorialista destaca nas personalidades.

Não há celebridade sem lendas. A esse respeito, Julien Benda tem um estudo muito curioso. Entende ele que as lendas fazem bem à imaginação popular, animando-a no entusiasmo e na admiração pela memória dos grandes homens. O culto do passado é, por via de regra, um sistema que resulta de muitas fantasias e superstições. Daí as criações de muitos mitos sem nenhum prejuízo para a História e de muita vantagem para a Literatura. (PARAGUAÇU, 1937j, p. 7).¹¹²

Sem o testemunho dos contemporâneos deste ou daquele episódio célebre, é muito difícil fazer-se a história. Anatole France já observava que nós é que habilitamos a posteridade a julgar dos homens e das coisas que conhecemos e a que assistimos. Também Julien Benda entendia que sem as paixões e as lendas criadas na hora dos acontecimentos era impossível a reconstituição dos heroísmos passados. Daí o confucionismo com que a literatura se diverte. (PARAGUAÇU, 1937k, p. 7).¹¹³

Rocha Pombo lembrava uns conceitos de Julien Benda a que me tenho reportado. As chamadas **leis históricas** pouco valem, comparadas aos pequenos episódios que se agrupam, avolumando os grandes acontecimentos. (PARAGUAÇU, 1939k, p. 7, grifo do autor).¹¹⁴

Dentre os espaços mais citados pelo autor, com exceção da ABL, estão as cidades do Rio de Janeiro (citada em 116 textos) e de Paris (citada em 38 textos), a Câmara (citada em 10 textos) e o Senado (citado em 24 textos) federais, a Biblioteca Nacional (citada em 13 textos) e o Instituto Histórico, provavelmente o IHGRJ (citado em 13 textos). As obras e objetos citados estão relacionados com as personagens, obras ou assuntos presentes no enredo de cada narrativa, de modo que a sua recorrência é pequena, por estar restritamente ligada aos

¹¹¹ Crônica “O grande trabalhador” (27/04/1939, p. 7) e artigos “Rui na Academia” (25/02/1938, p. 7) e “Rui e Anatole France” (15/07/1941, p. 7).

¹¹² Artigo “Floriano”, publicado n’*O Imparcial* em 15/12/1937, p. 7.

¹¹³ Artigo “Dois proclamadores”, publicado n’*O Imparcial* em 30/12/1937, p. 7.

¹¹⁴ Artigo “O tenente Carolino”, publicado n’*O Imparcial* em 15/12/1939, p. 7.

personagens/personalidades. A presença do outro pseudônimo de M. Paulo Filho n’*O Imparcial*, JB Capivari, registra 16 textos. Neles, Paraguaçu inclui relatos de viagem e críticas literárias da personagem, integrando Capivari às crônicas (não há artigos com seu nome) como mais um participante dos acontecimentos apresentados nos demais textos, com igual tratamento ficcional e memorialístico, a exemplo da crônica “Tobias e Taunay”¹¹⁵.

Voltando comigo da inauguração do monumento aos Heróis da Retirada de Laguna, que se ergue na praia Vermelha, JB Capirari ia-me recitando alguns trechos do livro de Taunay. E comentava, socorrendo-me de sua esplêndida memória.

— Também percorri os lugares onde o céu testemunhou a mais penosa de nossas façanhas militares. Era pela imaginação e guiado pelas narrativas do escritor que os meus olhos assinalavam os pontos fatais. Gente de bravura e idealismo capaz dos maiores sacrifícios. Quanto mais penso nela, mais me convenço das reservas de energias que o Império Brasileiro oferecia ao resto da América. (PARAGUAÇU, 1943b, p. 5).

As referências às contribuições cultural, histórica e literária do escritor de *A retirada de Laguna* (1871) e de *Inocência* (1872) reafirmam que os dados levantados com a atividade de catalogação proporcionam uma pesquisa futura mais rápida e precisa, mesmo que não seja apenas sobre o autor pesquisado. O conjunto de referências catalogadas no contexto da escrita memorialista coloca a crítica e a narrativa como referências consultáveis para áreas do conhecimento como História, Geografia, Política, Filosofia. O estudo e a discussão em torno de algumas produções de João Paraguaçu fazem parte da ação de catalogação desta dissertação. Esse resgate metodológico do conteúdo dos textos traz personalidades e fatos da literatura, do jornalismo, da política etc. O jogo consciente e referenciado que foi identificado nas crônicas e artigos caracteriza-se como Literatura de Jornal pela matéria social e cultural do homem no cotidiano. Com estas, oferta-se ao leitor informação e deleite na medida em que recorda personalidades em fatos e eventos históricos de cunho social e coletivo. Esta catalogação revelou que, embora a motivação para a feitura e o suporte impresso dos textos favoreça o possível esquecimento do conteúdo, a periodicidade, além do diálogo com a história e a memória (de autor e de leitor no âmbito social), aproximam o texto criado do leitor cotidiano, o que pode despertar interesse e estudo sobre a importância dessas produções para a literatura e para a cultura de nosso espaço e de nosso tempo.

¹¹⁵ Publicada n’*O Imparcial* em 03/03/1943, p. 5.

5 AS “TIRA(DA)S” DE JOÃO PARAGUAÇU

Revedo meus apontamentos, não julgo os homens. Lembro-os como os conheci. Dou depoimentos pessoais. Uns de ciência própria, outros por ouvir narrar. Talvez sejam úteis aos futuros cronistas que venham a tratar dessas coisas. O que me preocupa é a verdade, que, em história, infelizmente, foi e será sempre a **grande pilhéria** à que de vez em quando aludia o marechal Pires Ferreira... (PARAGUAÇU, 1938c, p. 7, grifo do autor).¹¹⁶

As vivências, conversas e pensamentos do jornalista e escritor cachoeirano tornam o leitor, em parte, ciente de uma história social da política e da literatura brasileiras e, na ação destas leituras, um apreciador dos textos. Os elementos dessas “histórias” ultrapassam o conteúdo relacionado aos fatos que lhe servem de contextualização e ambientação. Nesse sentido, as tiras de João Paraguaçu conjugam humor e informação em textos memorialistas. Não raro, apresentam ironia de cunho social e político quando trazem ao espaço do jornal conhecidas ou desconhecidas “grandes pilhérias” — como lembra e explora o autor nas memórias em artigos e crônicas — a respeito dos homens/personagens que fizeram parte da história da sociedade brasileiras. Muitos dos retratados por Paraguaçu figuram na história oficial e conhecida dos brasileiros. Imperadores, presidentes, ministros, deputados, empresários, jornalistas, escritores e literatos ainda são mencionados em veículos de circulação de massa: televisão, rádio, jornal, noticiados em sites oficiais etc. Desse modo, considerando as fontes primárias e sua transposição para os suportes contemporâneos, o peso formativo da representação dessas personalidades no imaginário social desloca-se entre o papel, a tevê e a tela de outros equipamentos eletrônicos, e é compartilhado entre leitores e não leitores, intensificando seu papel social de estimulador e dinamizador de mentalidades.

A ironia participa da configuração estética entre o espaço de publicação e o gênero predominante nestas criações. Nesse contexto, caracteriza-as como tiradas, entendidas aqui como as relações e sentidos instituídos pelo humor que intensificam a percepção ao texto no tratamento dado às referências citadas. A crônica, em si, já tende notadamente à ironia (BENDER, 1993), ainda que de intensidades variadas, tanto quanto as especificidades do processo criativo dos escritores. Para o autor que pesquisamos, a leitura dessas curtas publicações contribui para o (re)conhecimento de uma memória orientada sobre a literatura e a cultura nacionais. Deve-se, ainda, localizar esta memória segundo os contextos político-ideológicos local, nacional — apontados na biografia do autor e na história d’*O Imparcial* — e internacional (guerras mundiais) entre 1918 e 1944. Nesse sentido, as relações instituídas a

¹¹⁶ Artigo “Rui na Academia”, publicado n’*O Imparcial* em 25/02/1938, p. 7.

partir do binômio política-literatura, foco da abordagem do autor, representam *uma* história escrita em memória e em literatura, circulante n’*O Imparcial* durante oito anos. Tanto do ponto de vista autoral quanto das potencialidades do próprio texto e do espaço disponível para a sua veiculação, as publicações na coluna “Vida Social” trazem ao público leitor a possibilidade de reproduzir, no contato com não leitores d’*O Imparcial*, a comunicação coletiva que se efetua na contagem de histórias que M. Paulo Filho impõe a João Paraguaçu.

5.1 PÁGINAS E MARGENS DE JOÃO PARAGUAÇU N’*O IMPARCIAL*

Dentre a numerosa produção de textos publicados por João Paraguaçu na coluna “Vida Social” d’*O Imparcial*, foi selecionado um grupo representativo da memória representada e das relações instituídas para a sua escrita. A escolha junto às 623 publicações deveu-se ao destaque dos espaços e das personagens/personalidades políticas e literárias representadas em eventos, fatos e em momentos relacionados ou não à biografia de M. Paulo Filho. A análise da catalogação permitiu encontrar, no conjunto de textos e referências, duas fontes temáticas abordadas: Rui Barbosa, político baiano de importante participação na história e no Direito brasileiros entre as últimas décadas do século 19 e ao longo das duas primeiras décadas do século 20; e a ABL, instituição na qual o escritor da cidade Cachoeira não obteve êxito nas tentativas de ingresso. As produções relacionadas a essas duas fontes referenciais guardam, ainda, locais e personalidades citados em outros textos. Entretanto, a comparação deste recorte com a catalogação dos textos de Paraguaçu n’*O Imparcial*, apêndice deste trabalho, implica que muitos dos presentes nos 623 textos — e mesmo considerável número destes — não serão citados no corpo do trabalho. Embora não tenham relevância temática e quantitativa, do ponto de vista da escolha metodológica que resulta no estudo e nos comentários, o sistema social de que fazem parte — sempre em simbiose com os sistemas jornalístico, literário e político —, representado por Paraguaçu em torno da ABL e de Barbosa, reporta-se às suas presenças e às suas ações para a constituição da obra pesquisada.

5.1.1 Rui Barbosa por João Paraguaçu

“Vida Social” mantém vigor ao longo dos anos de existência (é publicada até o término do jornal), principalmente pelos textos enviados do Rio de Janeiro, por M. Paulo Filho, sob o pseudônimo de João Paraguaçu, que publica até 1943 [sic]. Ele também produz artigos com o seu nome próprio, como em “Macumbeiros”, resenha de um livro de Cláudio Souza [em outra coluna]. E com o famoso pseudônimo cronístico, em “Vida Social”, realiza uma série de

textos sobre grandes homens do passado, entre eles, Rui Barbosa. A lembrança de Rui, nas crônicas históricas, objetiva manter uma memória pessoal e uma visão de mundo política ainda vivas. (PINHO, 2008, v. 1, p. 82).

Como jurista, político, orador, diplomata e filólogo baiano, Rui Barbosa aparece como a mais importante e presente referência sobre a qual João Paraguaçu publica n’*O Imparcial*. São 32 textos, entre os que estão referenciados no título e os que, no corpo das crônicas e artigos, são intitulados segundo fatos e ações na ABL, nas casas federais do Senado e da Câmara. São retratados, ainda, os episódios de algumas viagens — como a Segunda Conferência da Paz em Haia (Holanda), em 1907, evento pelo qual lhe foi atribuído o epíteto de “Águia de Haia” —, as campanhas presidenciais e a residência de Barbosa. As publicações constituem debates e conversas, não raro de cunho pessoal, a respeito de questões e conhecimentos do cotidiano público e privado de Barbosa.

Na crônica “Rui e o príncipe dos poetas”¹¹⁷, o narrador elenca algumas ocasiões em que Alberto de Oliveira, um dos grandes amigos do jurista, convenceu este a realizar atividades para as quais declaradamente não se dispunha: discursar em cerimônias fúnebres, recepcionar alguém com quem tinha diferenças de ideias e não aceitar ser considerado na condição de homem de letras. O discurso aconteceu no velório de Machado de Assis. A recepção foi proferida ao escritor francês Anatole France — o que resultou em outra crônica de João Paraguaçu. A última ocasião, também registrada em outra crônica do autor, realizou-se no jubileu cívico de Rui, sob a argumentação de que só havia escrito um texto literário, “Swift”, um estudo para o prefácio de uma versão de *As viagens de Gulliver* (1726), livro do escritor irlandês Jonathan Swift.

Construída desde o início como um relato sobre a personalidade de Rui Barbosa, a crônica reúne traços de seu perfil em três episódios, dois deles descritos em textos posteriores: a relação com a morte na cultura ocidental, a coesão entre as ideias defendidas e as conveniências acadêmicas, e a demonstração de coerência intelectual no exercício das suas funções e encargos. Construção ficcional e biográfica, o texto aponta para o leitor a visão positivada de Rui Barbosa, mas dentro de suas vicissitudes de ser/personagem humano, possibilidades para novas — e reais — publicações.

“Rui e Anatole France”¹¹⁸ destaca a insistência de Graça Aranha em organizar, na ABL, a recepção ao escritor francês com o discurso de Barbosa¹¹⁹, bem como sua impaciência

¹¹⁷ Crônica publicada n’*O Imparcial* em 02/02/1937, p. 2.

¹¹⁸ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 15/07/1941, p. 7.

¹¹⁹ O evento aconteceu em 17 de maio de 1909. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

sobre os questionamentos a respeito da posição do jurista baiano quanto à obra de France. O discurso no qual Barbosa, doente, exalta as qualidades do escritor francês, é argumentado no artigo de Paraguaçu como prova contrária ao que sugerira o livro de um dos ex-secretários de France, Brousson:

[...] Batista Pereira, que reviu as provas [do discurso], contou-me que, tal como fora lida, a oração se divulgou. Tirou-se mesmo uma plaquete em edição especial. Nenhuma alusão às **ideias impuras** que Brousson fantasiou. O que Rui observou, passando em revista quase todos os livros do homenageado, era que ao pai [escritor] de *Thais* [romance] não se devia indagar do moralista ou do sociólogo, mas, antes de tudo, do artista extraordinário. (PARAGUAÇU, 1941a, p. 7, grifo do autor).

Sendo uma das publicações em que se encontram, na memória de Paraguaçu, as duas mais importantes referências, o texto destaca o papel do orador baiano e o cotidiano da entidade literária e cultural, num contexto político-pessoal adverso a uma de suas atividades. Após ouvir o relato de Batista Pereira e discorrer sobre fragmentos destacados do referido discurso, o narrador encerra o texto, não confirmando a posição real de Barbosa em relação a France, mas salientando as afinidades entre os dois e a condição amena em que o fato foi encerrado, apenas com o destino aparentemente malvisto de Brousson: “O depoimento pareceu-me curioso. Apenas, a perfídia de Brousson corria o mundo. O discurso injustamente incriminado permanecia aqui mesmo.” (PARAGUAÇU, 1941a, p. 7). O contexto da mesma recepção integra outra crônica, “O grande trabalhador”¹²⁰, na qual os relatos de desempenho nos assuntos jurídico-políticos e a recordação de um perfil biográfico e comportamental de Barbosa salientam sua disposição e inteligência na ABL e no Senado.

Em “O jubileu de Rui”¹²¹, o narrador ambienta as comemorações do cinquentenário do primeiro discurso político de Rui Barbosa (1868). Ao mostrar alguns apontamentos a Constâncio Alves, o narrador é corrigido sobre algumas informações do evento, organizado pelo próprio Alves. Imprensa, governo e ABL acordaram em viabilizar o evento, acontecido em três dias de festa e momentos de homenagem, como a inauguração de um busto do jurista e orador.

Nesse texto, as ideias e os organizadores articulados para o evento procuram demonstrar a dimensão de Rui Barbosa para a história do país. Por meio da indecisão entre haver um Jubileu Cívico ou Literário existe a certeza de que o homenageado merecia respeito e lugar na memória do leitor do periódico. O narrador descreve o reconhecimento do Jubileu

¹²⁰ Publicada n’*O Imparcial* em 27/04/1939, p. 7.

¹²¹ Crônica publicada n’*O Imparcial* em 30/05/1942, p. 7.

Cívico pelo presidente na época, Wenceslau Brás, e pelo seu antecessor, Nilo Peçanha, que “[...] entendiam que acima da Literatura estava a beleza da obra política e moral do nosso egregio cidadão.” (PARAGUAÇU, 1942b, p. 7). Nessa mesma memória reescrita do narrador, a homenagem a Rui é equiparada e justificada à realizada pela França a Luis Pasteur, mediante às honrarias manifestadas a Barbosa pelos chefes de estado de países como Bélgica, França, Inglaterra, Argentina, Itália e Estados Unidos.

“Alcindo e Rui”¹²² demonstra, nas memórias do narrador — então um iniciado no jornalismo —, uma pergunta pessoal feita a Alcindo Guanabara, prestigiado repórter da época, logo após um discurso de Rui Barbosa. O jovem indagava se Rui Barbosa sabia mais direito civil do que Clóvis Beviláqua, jurista de crédito reconhecido, considerando que ambos eram adversários em algumas ocasiões. Guanabara nega e valoriza, de forma consensual, as características de Rui Barbosa como excelente advogado, orador e artífice da língua:

— Não creio que saiba. A toda gente, leiga ou não, parece, entretanto, que sabe. [...] Ponha você uma questão jurídica nas mãos de Clovis e peça-lhe uma opinião. Ponha-a depois nas mãos de Rui e solicite-lhe a mesma coisa. Ambos, por coincidência, se pronunciam no mesmo sentido, sustentando as mesmas convicções. O trabalho de Rui terá mais valor. Por que sabe mais? Não. O seu esmalte é que é de melhor qualidade. Impressiona. Encanta. Seduz. Não se resiste.

Silenciou por um minuto, resumindo:

— Eu sou devoto de Rui, embora dele me encontre separado. (PARAGUAÇU, 1942a, p. 5).

O final do texto remete a um afastamento entre Guanabara e Barbosa; também à posição política do entrevistado em relação às práticas realizadas no governo, incompatíveis com sua postura e ideais. A valorização das qualidades literárias do discurso de Barbosa não elimina possíveis críticas a suas ações. Estas não são comentadas, mas sugeridas na medida em que o narrador provoca o leitor com inferências sobre desavenças políticas. Assim, as relações entre imprensa, política e literatura se consolidam em textos nos quais os traços literários da crônica demarcam a opinião e a ação de jornalistas e de políticos brasileiros.

“Rui e De Martens”¹²³ retrata um debate entre Rui Barbosa e a personalidade russa, ocorrido na Segunda Conferência de Paz, em Haya, na Holanda (1907). Segundo o texto, ao visitar Baptista Pereira, ex-secretário de Barbosa no evento, o narrador registra nas páginas do jornal, cerca de doze anos depois do almoço no qual lhe foi relatado o episódio, mais um exemplo de manutenção da figura vitoriosa na memória baiana — e carioca. As ênfases

¹²² Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 01/05/1942, p. 5.

¹²³ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 21/01/1938, p. 7.

narrativas na maneira como De Martens se dirigiu ao jurista brasileiro e o comentário deste sobre o discurso de Barbosa, acrescentando a impertinência do orador em incitar discussões sobre política na conferência, sucederam à tréplica do jurista baiano, descrita de maneira tendenciosa por Baptista Pereira, segundo o narrador:

[...] — Cícero [comparação com o orador romano], tomado de cólera, decidiu dominar o plenário. Era o revide para castigar o russo insolente. Estabeleceu o confronto para distinguir a **memória** de um **discurso**. [...] Foi rápido, incisivo, vibrante, original nos conceitos que enunciava. E ao concluir, os presentes já o olhavam ora com simpatia, ora com admiração. O próprio De Martens, encerrada a sessão, foi saudá-lo no *buffet* onde se tomava chá. (PARAGUAÇU, 1938b, p. 7, grifo do autor).

Restituída e reconhecida a eloquência do representante brasileiro, o autor encerra o artigo com uma demonstração de ironia do narrador ante ao relato de Baptista Pereira: ambos, Barbosa e seu secretário, estavam convictos de que o jurista e então presidente do senado brasileiro não faria um bom contradiscurso. Esse fecho, com o humor irônico e desprezioso das crônicas históricas de Paraguaçu, valoriza ainda mais Barbosa junto ao leitor.

Tratamento semelhante da personalidade de Rui Barbosa ocorre em outro artigo, “Rui e Assis Brasil”¹²⁴. Nele, ao recordar alguns acontecimentos nos quais os dois políticos estiveram em lados iguais ou opostos, o narrador pergunta a Brasil se ambos não poderiam ter impugnado o Tratado de Petrópolis, entrando em conflito com o Barão do Rio Branco. Brasil informa que havia incompatibilidades políticas, e recorda o fato ocorrido numa crítica mal fundamentada por Barbosa ao Itamarati. A censura sobre os limites definidos no ato diplomático, proposta pelo jurista, divergia de maneira ingênua das orientações técnicas do responsável pela demarcação, o matemático e comandante (Augusto da) Cunha Gomes. Seguiu-se à resposta da crítica o silêncio do orador sobre a questão:

— Rui, resumia Assis, refletiu e silenciou. Não mais aludiu ao assunto das retas e das curvas. Ele sabia muito e não se constringia em aprender o que ignorava, o que não deixava de ser prova de superioridade. Sorriu à reminiscência, que eu guardei. Revendo mais tarde essas notas, lembrei-me de um pensamento de Comte. Nas criaturas de grande força de expressão, sentenciava o filósofo, a dedução era mínima. E Rui talvez foi quem melhor se exprimiu neste país. Mas nas matemáticas, Cunha Gomes, que não tinha nenhum poder verbal, deduzia com mais segurança... (PARAGUAÇU, 1939j, p. 7).

¹²⁴ Publicado n’*O Imparcial* em 14/12/1939, p. 7.

Embora Barbosa não tenha obtido êxito na questão abordada pelo artigo, traços do seu perfil permanecem notadamente positivados para os leitores, o que é destacado pelo narrador e por Brasil: reações de austeridade e de resignação quanto à retirada da dissensão.

Em “Rui e Seabra”¹²⁵, o autor/narrador registra, numa conversa com o ministro e jurista JJ Seabra, que Rui Barbosa tentou afastar a possibilidade da candidatura à presidência do Barão do Rio Branco enquanto os dois eram ministros do governo de Rodrigues Alves. Barbosa incitou Seabra a falar com o presidente sobre a infelicidade dos militares com a assinatura do Tratado de Petrópolis (1903). Isso colocaria o governo em risco. A solução para o problema político seria, então, a demissão do Barão. Isso não aconteceu e Seabra descobriu que o presidente já sabia desta intriga política de Barbosa. Após veicular a questão anos mais tarde, em 1907, Seabra foi descreditado por Barbosa em textos e discursos. Ao julgar o resultado de suas ações de defesa nos fatos, Seabra assim afirma ante a falta de memória para os acontecimentos: “[...] Quem hoje se lembra deles? A história não é mestra de coisa alguma. Muito menos será juiz.” (PARAGUAÇU, 1942f, p. 5).

A pessoa/personagem de Barbosa é descrita de forma que os comportamentos reprováveis também são apresentados como componentes de sua personalidade. Seu caráter humano cresce com isso, e o narrador apresenta-o diante de outro político baiano ilustre para na época rememorada. Isso rivaliza os dois e destaca a construção de um plano político e cultural da época. Desse modo, tem-se que o juízo de Seabra define a história no recorte de suas próprias vivências políticas. Entretanto, o fato descrito dialoga com a proposta reflexiva do narrador, o que pode ser definido a partir do conjunto das publicações, ou seja, dos conteúdos veiculados e articulados em torno de cada um dos textos. Numa publicação como a de Paraguaçu, a afirmação destacada no parágrafo anterior apresenta-se irônica a partir da ideia de sistema, além da representação memorialista e social de determinados espaços políticos e literários. Como traço central da produção do autor, sua construção narrativa pessoal e cotidiana justifica-se pela reflexão coletiva social e histórica.

O texto “Rui Glorificado”¹²⁶ apresenta o narrador ante às necessidades de arrumar suas anotações para a confecção de um livro sobre História Contemporânea. Ele relembra, dentre os registros no ano de 1912, uma nota sobre o retorno de Rui Barbosa ao Rio de Janeiro. O jurista viera de Poços de Caldas depois de um período em que ficou muito debilitado, com a morte supostamente por confirmar-se. É recebido, segundo o narrador, de maneira apoteótica: “[...] Não creio que nenhum outro homem, em qualquer parte do mundo, recebesse a

¹²⁵ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 02/12/1942, p. 5.

¹²⁶ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 09/11/1938, p. 7.

consagração popular que aqui lhe reservaram.” (PARAGUAÇU, 1938k, p. 7). A constante ironia dos textos está presente no trecho posposto à descrição da chegada do jurista. Na manhã seguinte ao acontecimento, ao conversar com o deputado Irineu Machado, o narrador soube da conversa deste com um delegado norte-americano, presente a uma conferência de jurisconsultos realizada no Rio de Janeiro. O diálogo reproduzido exhibe o interesse e a afirmação do estrangeiro sobre o ocorrido com Rui Barbosa:

- O homenageado dirige algum partido político nesta capital?
 - Sim. Foi até o candidato desse partido à presidência da República.
 - E quantos deputados seu partido elegeu pelo círculo da cidade?
 - Um. Fui eu mesmo.
- O outro disfarçou. Mas não conteve o sorriso:
- Então, ou vocês não fazem eleição, ou essa gente não sabe votar.
- (PARAGUAÇU, 1938k, p. 7).

O texto de Paraguaçu apresenta, de um lado, a homenagem ao célebre político brasileiro, do outro, o questionamento, em tom cômico e irônico, de uma postura política da população votante, sugerida na ausência de resposta de Irineu Machado, que “[...] não acudiu com uma resposta à altura. Emudecera. Teve ódio do norte-americano. Sua vergonha, entretanto, fora maior.” (PARAGUAÇU, 1938k, p. 7).

“Rui e Hermes”¹²⁷ apresenta mais uma conversa do narrador memorialista, repórter no texto, com Baptista Ferreira, secretário de Barbosa na época. Por meio dela, conhece o conteúdo da reunião entre os dois políticos. Hermes da Fonseca retorna ao Brasil depois de viajar pela Europa ao fim de seu mandato presidencial (1910-1914). Adversário político em duas eleições, Rui Barbosa recebe-o em casa. O repórter fica sabendo da visita pelo jardineiro da casa, Antônio. Embora não tenha presenciado a conversa, o repórter soube de algumas questões discutidas. Falou-se, de acordo com Ferreira, a respeito da perspectiva de sucesso na próxima Conferência de Desarmamento (a primeira foi realizada em 1920, a segunda aconteceu em 1933, ambas em Genebra). Barbosa e Fonseca dialogaram cordialmente sobre a necessidade de que homens de seus perfis estivessem presentes no evento, para que o objetivo do encontro fosse alcançado: a paz. O encontro marcaria nova maneira do jurista e político baiano referir-se ao ex-presidente e antigo adversário político: “[...] em tom perfeitamente atencioso. Parece que o havia compreendido melhor. Mas era bastante tarde. (PARAGUAÇU, 1938j, p. 7).

¹²⁷ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 06/10/1938, p. 7.

O passado é revisto pelo narrador num momento muito comum em suas narrativas memorialísticas: a conversa. E, por meio desta, é apresentado outro diálogo. Esse recurso de estilo torna a construção textual mais próxima do leitor, intensificada pelas características específicas dos gêneros peculiares da Literatura nela incluídos. Embora seja destacado o atraso na compreensão das ações de Fonseca após o encontro amistoso e agradável dos dois, a figura de Barbosa é reafirmada em sua humanidade. Se pôs fim a um desafeto político — e pessoal, segundo o artigo — a ponto de continuar a relação, o caráter tardio do acontecimento encontra-se em destaque como traço contingente das relações políticas, nem sempre possíveis no tempo em que são oportunas. O final irônico e a construção feita a partir de relatos orais intensifica os traços da crônica, a função da memória e a tentativa de aproximação entre o leitor e o texto, característicos do jornal.

Transitando entre a crônica e o artigo, “O pae [pai] da constituição”¹²⁸ relata uma conversa de Rui Barbosa com alguns jornalistas sobre a Constituição de 1891. Após a leitura de um artigo de Alcindo Guanabara que elogia a participação do Marechal Deodoro da Fonseca, então presidente da República, na elaboração do documento, Barbosa relata sua decepção com a matéria e — o que também é salientado pelo narrador — com o jornalista:

— O mal de Alcindo — declarava ele — é não saber o talento que tem. Porque, para gabar as virtudes do marechal, não precisava fazê-lo constitucionalista. Bastaria elogiá-lo como soldado e compará-lo a Boulanger, por exemplo. Em França, durante alguns meses, Boulanger foi maior do que Bonaparte.

E, voltando-se para o desembargador Palma, ali presente:

— Se a fatura da constituição é título de glória, não sei qual a razão de se outorgar ao marechal quota superior à minha. Eu fui o seu redator principal. (PARAGUAÇU, 1937h, p. 7).

As experiências de M. Paulo Filho como repórter aparecem como fonte para as crônicas e artigos de João Paraguaçu. Nesta, Rui Barbosa é reafirmado como principal articulador da constituição de 1891 a partir dos questionamentos sobre a forma como a imprensa divulga as notícias. O perfil do jurista é apresentado de forma ambígua pelo narrador quando este foca, de modo oscilante e irônico, o erro na autoria do documento e a decepção pessoal com o amigo próximo. As afirmações de Barbosa são, no texto, verídicas e comprováveis. Entretanto, seu comportamento ante a imprensa fica subentendido no contexto cotidiano e no ambiente de despreensão criado e proposto pelo narrador/autor do texto. A memória social e política de Barbosa está presentificada nas linhas de um texto para leitura

¹²⁸ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 19/11/1937, p. 7.

rápida, mas que se singulariza por falar em forma e conteúdo específicos de maneira continuada — 623 somente n’*O Imparcial*. A apresentação e a discussão sobre pontos do texto constitucional com o então presidente do Brasil, Deodoro da Fonseca, são lembrados por Alcindo Guanabara em outro texto de Paraguaçu, “Rui no Provisorio”¹²⁹.

Outra crônica, “Arinos no Senado”¹³⁰, destaca a análise que o escritor mineiro Afonso Arinos confia ao narrador-repórter sobre um dos discursos de Rui Barbosa no Senado. O relato acontece mesclado a comentários sobre a qualidade do discurso e a indiferente recepção dos senadores presentes no plenário. Arinos traça inferências quanto aos pensamentos do político e jurista sobre os membros do velho Senado:

— Deve ser enorme o sofrimento de Rui. E isso porque ele está muitíssimo acima do nível cultural do Senado. Argumentou daquela maneira prodigiosa, irresponsável, não ignorando de antemão que perderia um tempo precioso. Como deve ser melancólico o fim da vida desse homem superior a quem os colegas não compreendem pelo mais odioso dos motivos: porque não querem compreender!

Eu lembrei que o discurso iria para os Anais. A posteridade o julgaria. Arinos, porém, não acreditava nisso. Para ele, **eram os ódios e os amores dos contemporâneos que preparavam a posteridade.** (PARAGUAÇU, 1937b, p. 6, grifo nosso).

Pelo entendimento de Arinos sobre a permanência do discurso para a posteridade, o narrador sentencia sobre o destino do texto, sugerindo o conhecimento dos espaços abarcados pela produção dos anais¹³¹ do Senado. A mesma posição é lembrada pelo narrador em outra publicação, “Rui no Senado”¹³². Na lembrança partilhada pelas duas produções, o assunto é lembrado e serve de perspectiva crítica para juízos do narrador sobre os discursos, nos quais Barbosa demonstra notáveis conhecimentos filológicos e retóricos. Com essas referências à história social e literária, integradas à verossimilhança do enredo — lógica e coerência internas que lhe atribuem crédito e mérito estéticos —, o narrador representa o que Olinto caracteriza como “interesses e paixões” na relação entre a historiografia literária e a Ciência da Literatura Empírica (CLE/CEL) (OLINTO, 1996), esta última uma das propostas teóricas abordadas no capítulo seguinte. Nesse sentido, considerando a historiografia literária em relação às teorias e objetos da Literatura, essas memórias identificam posicionamentos

¹²⁹ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 29/04/1939, p. 7.

¹³⁰ Publicada n’*O Imparcial* em 16/07/1937, p. 6.

¹³¹ 1 narração ou história organizada ano por ano; 2 registro da história de um povo, de uma instituição etc.; 3 publicação regular ou periódico de caráter científico, literário ou artístico; 4 registro de lembranças, de memórias, de fatos pessoais. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

¹³² Artigo publicado n’*O Imparcial* em 27/01/1938, p. 7.

peçoais, políticos e históricos inerentes às ações humanas de eleição, manutenção e crítica nos estudos literários — por extensão e identificação, também estudos culturais.

A crônica “Benjamin no Provisório”¹³³ apresenta questões que apontam para semelhanças com a abordagem anterior. Ambientado no Arquivo Nacional, destaca-se no conteúdo narrado um fato contado por Rocha Pombo sobre um conjunto de projetos para a loteria. Estes, apresentados por Rui Barbosa ao presidente, foram questionados por Benjamin Constant. O argumento para a contestação, baseado no benefício ao Instituto dos Cegos, era de cunho social e emotivo, e afetava o caráter oficial da iniciativa:

[...] **O que o preocupava era o sofrimento dos indivíduos e humildes.** Na maioria, estes, sendo servidores da nação, já se achavam amparados, embora a República pensasse em sacrificá-los. Mas os cegos, não. Recordou as suas atitudes de desprendimento. [...] A sua maior honra era ser professor do Instituto dos Cegos, pelos quais mendigou no Império e na defesa dos quais brigou com o Trono, que o não atendeu. Neste particular, a República estava imitando a Coroa. [...] **E Rui foi de uma delicadeza extrema,** declarando que sem Benjamin a República não teria mais razão de subsistir. (PARAGUAÇU, 1942e, p. 5, grifo nosso).

Segundo conta ao narrador, Barbosa entregou o projeto a Constant e admitiu alterações a favor dos cegos sob esses argumentos. Todos demais presentes ao fato concordaram. Ao encerrar a reunião, o presidente dissera uma frase que, embora não tenha ido às Atas do Provisório, foi propalada na Câmara Federal por Clóvis Beviláqua: “[...] Desde 1876 que andamos unidos. Você fundou a República e é o seu mais forte esteio. Não tem o direito de nos abandonar.” (PARAGUAÇU, 1942e, p. 5). Embora figure como coadjuvante nessa crônica, sua personagem compartilha e se manifesta sobre a mesma ideia contida na frase do presidente, mas antes do governante, declarando que sem Benjamin a República não continuaria e ter condições de existir. Embora o narrador não destaque, a fala de Barbosa e sua atitude benevolente e parcial em relação aos projetos o destaca positivamente tanto quanto a figura mais destacada pelo texto, Benjamin Constant.

“Berlios em casa de Rui”¹³⁴ e “Danção de Fausto”¹³⁵ referem-se ao mesmo acontecimento, uma visita do crítico musical Arthur Imbassahy e do desembargador e violinista José Joaquim da Palma à casa do jurista. Os dois textos marcam que, durante a conversa, teceu-se comentários sobre a ópera *La Dannazione di Faust* (BERLIOZ, 184-). A tradução feita por Imbassahy para o português foi censurada por Palma: “— Não sei o que é

¹³³ Publicada n’*O Imparcial* em 07/07/1942, p. 5.

¹³⁴ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 27/09/1939, p. 7.

¹³⁵ Crônica publicada n’*O Imparcial* em 27/07/1937, p. 6.

Danação de Fausto. Se você aportuguesa o termo, pronuncie logo *Condenação de Fausto*. Porque ‘damnazione’ é ‘condenação’, ao passo que ‘danação’ é asneira.” (PARAGUAÇU, 1937c, p. 6). “[...] — Não diga danação, Imbassahy! Se você se exprime na nossa língua, então traduza certo e pronuncie *A condenação de Fausto*. Porque, afinal de contas, ‘damnazione’ é condenação.” (PARAGUAÇU, 1939e, p. 7). O anfitrião interveio para evitar desconforto e ressentimento entre os amigos. Contra-argumentou Palma dizendo que Fausto morrera fora das bênçãos de Deus, condição que lhe confere ser danado.

Em ambas as produções, a capacidade conciliadora de Barbosa é destacada e reverenciada pelo crítico musical. No artigo, ela é intensificada por um momento de explanação sobre o conhecimento do intelectual baiano de outras obras, como *Divina Comédia* (1555) e *Metamorfoses* (sec. 8 AC). Na crônica, a intervenção se dá por uma interpretação contextual da peça e de sua compreensão para traduzi-la. Marca-se no texto também que o momento é uma rara ocasião em que Barbosa corrige alguém. O intervalo de mais de dois anos entre as duas publicações sugere o retorno aos temas e memórias já publicizados. Isso demonstra que a incompletude de reminiscências oportuniza a capacidade de sempre oferecer novas informações ao jornal — que sobrevive, a rigor de notícias novas — e novos elementos à Historiografia Literária.

“Rui e Pinheiro”¹³⁶ retoma as opiniões de Afonso Arinos sobre a atuação de Barbosa no Senado. O narrador se serve delas para destacar as relações deste com o senador gaúcho Pinheiro Machado. O texto destaca o momento em que os dois políticos interrompem uma relação muito próxima. A separação foi motivada, segundo o narrador, pelo fato de Pinheiro Machado ter sido forçado a desistir da candidatura presidencial. Ironicamente, o narrador salienta a ação do senador gaúcho com a impossibilidade de falar com o colega de plenário, supostamente já nos seus aposentos e acometido por uma forte dor de cabeça:

— Pois olhe, acudiu ele, que a coisa é providencial. Se o conselheiro adoecesse, e me escutasse agora, a enxaqueca seria inevitável ou, talvez, maior.

Rodou nos calcanhars e saiu. Nunca mais foi à casa de Rui. Também este nunca mais o procurou. (PARAGUAÇU, 1939b, p. 6).

Este episódio, segundo o narrador, apresenta uma situação curiosa. O tom cômico e lúdico com o qual escreve a história no enredo demonstra, no interior da narrativa — e no alcance da obra memorialista de Paraguaçu, quase cotidiana — as posturas e condições em

¹³⁶ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 03/05/1939, p. 6.

que a política brasileira realizava suas atividades no início do século 20. Ao leitor, as inferências e sugestões das ações elencadas pelo narrador traçam o perfil de Pinheiro Machado como pessoa intransigente e orgulhosa, ao ponto de não se relacionar com Barbosa pela suposta recusa à conversa. Ao senador baiano, o início do texto descreve, a exemplo de outras publicações de Paraguaçu, a diferença de nível intelectual entre este e os demais políticos do governo. A respeito do comportamento posterior do senador gaúcho, subentende-se a indiferença de Barbosa e a confirmação do juízo de Afonso Arinos, também presente em “Arinos no Senado”¹³⁷.

Em “Arte de dizer”¹³⁸, o narrador descreve, num encontro com Ivan Lins na Casa de Rui Barbosa, o fascínio que o conhecimento e o desempenho em oratória representavam e provocavam nos espectadores dos discursos de Barbosa. Lendo as anotações do orador, presentes no livro *Divina Comédia*, os dois iniciam uma lembrança de fatos, escritores e obras que representam referências sobre o exercício da oratória, como Cícero, Demóstenes, Padre Antônio Vieira e Santo Antônio de Pádua. Lins relembra de um episódio com o orador Gastão da Cunha, em que os dois recitaram o cardápio de um restaurante quando almoçaram com estrangeiros.

A referência de Barbosa proporciona aos visitantes, Lins e Paraguaçu, continuar um percurso histórico e memorialístico — mote, inclusive, para a criação do texto — que caracteriza uma das mais extensas publicações do autor sobre o jurista, bem como uma das que possuem o maior número de referências. O local onde Barbosa viveu boa parte de sua vida, servindo de visitação, aparece sugestivamente na crônica como motivador para reflexões e rememorações. Estrutura-se, então, como aglutinador de memória cultural nas ações que suscitaram os escritos de Barbosa no citado livro de Dante.

Em “Gênio da Província”¹³⁹, Achilles Beviláqua relata ao narrador um caso envolvendo o professor e político Gumercindo de Araújo Bessa e Rui Barbosa, no debate sobre a questão territorial entre Amazonas e Acre. Segundo a crônica, Bessa foi de Sergipe ao Rio de Janeiro e escreveu contra as publicações oficiais do jurista referentes ao assunto. As respostas de Barbosa, publicadas no *Jornal do Comércio* entre junho e julho de 1906, são laureadas e comentadas por Beviláqua em momentos de diversão e humor:

[...] Rui excedeu-se a si mesmo. Foi cruel com o antigo discípulo de Tobias [Barreto] e companheiro de especulações filosóficas e doutrinárias de Fausto

¹³⁷ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 16/07/1937, p. 6.

¹³⁸ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 18/09/1942, p. 5.

¹³⁹ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 08/10/1943, p. 5.

Cardozo. [...] Pois a tunda¹⁴⁰ que lhe deu o nosso Rui, acusado pelo contendor de infidelidade nas citações de Laurent, Planiol, Lomonaco e os outros, foi de arrasar. [...] Que surra tremenda! Nem os erros de revisão crítica de Bessa escaparam ao revide de Rui. [...] Rui chasqueou¹⁴¹ sem piedade. Enfim, a vitória deste foi tão completa que Bessa, coitado, regressou triste e desiludido a Sergipe, e, de lá nunca mais mandou as suas notícias. Teve um fim melancólico. (PARAGUAÇU, 1943c, p. 5).

A memória de Barbosa está sobrevalorizada a partir do perfil de orador e político dotado de uma capacidade de análise e estilo de escrita percucientes. O contexto apresentado na lembrança de Achilles Beviláqua constrói a personagem não apenas triunfante durante o acontecimento, mas em posição privilegiada ainda antes do fato, pois destaca o envio de Bessa ao Rio de Janeiro como um desafiante do jurista, ao passo que este trabalhava imparcialmente no caso. Nas últimas linhas do texto, o narrador interpreta a fala de seu interlocutor de acordo com a forma relatada: “Achilles Beviláqua via nisso um exemplo. Nada mais precário do que a posição de um **gênio da província** por aqui. Drama angustioso, que merecia figurar sempre num cartaz, para que outros não se arriscassem...” (PARAGUAÇU, 1943c, p. 5, grifo do autor).

O característico encerramento do texto com as reticências sugere a continuidade da discussão interna e externa à narrativa. A advertência interpretada pelo narrador remete ao modo como o acontecimento foi contado e às ações dos personagens na questão. O perfil do jurista foi, assim, confirmado nos momentos e conhecimentos comprovados. A Bessa consistiu figurar como personagem no entusiasmado relato e na espirituosa¹⁴² narrativa.

Em “Rui, conspirador?”¹⁴³, narra-se a descoberta de um rascunho de relatório policial pertencente ao último chefe de polícia da Monarquia. Durante a leitura, é relatada a descoberta de que o delegado auxiliar, Bernardino Ferreira, observou Rui Barbosa indo à casa do Marechal Deodoro durante a noite, às vésperas de Proclamação da República. Esse documento evidenciaria o envolvimento de Barbosa na proclamação da República, contrariamente ao que este sempre anunciara.

O texto, com as inferências do narrador — não reproduz nenhum fragmento do relatório, apenas o resumo —, reafirma a memória de Barbosa a partir de um documento oficial. Esta fonte primária compõe um texto com tempo narrativo que se aproxima do tempo

¹⁴⁰ Surra. Em sentido figurado: crítica dura, reproche. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

¹⁴¹ Dizer ou fazer chascos; escarnecer, troçar, zombar. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

¹⁴² Que é inteligentemente engraçado; que é vivaz, sutil, preciso e provocador do riso; que tem muito espírito; inteligente, culto. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

¹⁴³ Crônica publicada n’*O Imparcial* em 19/02/1944, p. 7.

de leitura, o que dialoga de forma coerente com o fato descrito e com o caráter memorialístico da própria narrativa. A suposta atemporalidade engendrada pelo encontro do relatório e os acontecimentos aos quais ele se refere reforçam o interesse pelo texto, facilitados pelo ambiente sobre o qual escreve Paraguaçu, pela extensão e objetividade característica da crônica e pelo perfil de reportagem empregado, mesclado à crônica.

Em “Rui e o positivismo”¹⁴⁴, o narrador relembra um dos discursos de Barbosa. Para escrevê-lo, o orador baiano recorrera ao artigo do filósofo e matemático Gumercindo Teixeira Mendes, um de seus principais desafetos naquele momento. O motivo do desentendimento entre os dois também é apontado no texto. Logo após a proclamação da República, ambos divergiram em relação à forma de governo que seria adotada no país:

O comtismo indígena era pela ditadura permanente, não a que se implantou militarmente a 15 de novembro de 1889, mas uma outra, que fosse fixa e revestida de todos os característicos recomendados pelo fundador da religião da humanidade. Foi uma luta dura, embora surda, que Rui, Aristides e Quintino tiveram de travar, visando remover a influência de Lemos e Mendes nos espíritos de Benjamin e Demétrio, ambos figuras prestigiosas no Ministério. (PARAGUAÇU, 1939f, p. 7).

O narrador informa que os dois possuíam opiniões semelhantes a respeito do Bombardeio da Bahia (1912). Teixeira Mendes publica uma pastoral (texto de cunho moral) no *Jornal do Comércio*, condenando a ação e suas consequências. Essa produção é lida e arrolada por Rui Barbosa no discurso em favor de um dos governadores depostos. Presente ao discurso, o narrador salienta, naquele momento, que “[...] ninguém, nem mesmo Rui se lembrava das profundas divergências morais e religiosas que outrora afastavam o jurisconsulto do apóstolo.” (PARAGUAÇU, 1939f, p. 7). Por meio do texto, a memória do narrador eleva a figura de Barbosa. Para isso, marca a utilização do texto de Teixeira Mendes, desafeto político conhecido por todos, na defesa de uma causa no Supremo Tribunal Federal. Barbosa é lembrado no exercício de sua representação política realizando uma ação rara em seu meio — o que fica subentendido com a leitura —, retratada pelo próprio Paraguaçu: o cerceamento da voz ou da palavra do adversário. Anos depois, o narrador demonstra, de forma ambígua, a probabilidade de que o jurista já não se lembrara da divergência durante o discurso.

¹⁴⁴ Publicada n’*O Imparcial* em 11/10/1939, p. 7.

Baptista Pereira participa ainda dos artigos “Dicionário dos Caxinauás”¹⁴⁵ e “Rui e os caxinauás”¹⁴⁶. Nesses textos, ele relata ao narrador a última visita de Capistrano de Abreu a Rui Barbosa. O encontro marca a apresentação dos originais do próximo livro do historiador, *Dicionário dos Caxinauás*, sobre a língua desse grupo indígena que habita o Acre. Os dois conversam a respeito do livro de Abreu, escrito em dez anos e, segundo este, sob a perspectiva de ter um público leitor de poucas pessoas, incluindo seu interlocutor naquele momento.

— Mas, afinal, resumiu o jurisconsulto, o senhor consumiu dez anos nesse “Dicionário” que poucos lerão e entenderão. Não acha que foi um grande esforço para resultados tão pequenos?

— Não importa, respondeu o historiador, Bastam-me cinco ou seis leitores, inclusive o senhor. Pouca gente e escolhida. (PARAGUAÇU, 1937g, p. 7).

— Mas para que o senhor perdeu tanto tempo nessa obra extraordinária? Quem irá ler este dicionário? Duas ou três pessoas...

— Mais, muito mais — acudiu Capistrano meio contrariado. Lerão o Theodoro Sampaio, o Rondon, o Bezerra de Menezes, o Taunay, o João Ribeiro, o Lima Figueiredo e o Ramiz Galvão, É o quanto me basta. (PARAGUAÇU, 1939c, p. 7).

Ao escutar o relato de Pereira, o narrador infere que Rui Barbosa resignou-se com a reação de Abreu. Com sugestiva ironia, segue-se a descrição do pensamento do jurista: “Rui calou-se, vencido. Em verdade, sete leitores para um livro, que consumiu dez anos de pesquisas e estudos de seu autor, compensavam o esforço dispendido...” (JOÃO PARAGUAÇU, 1937g, p. 7).

Inserido na vida política, literária e social do Rio de Janeiro e do Brasil, Barbosa está valorizado enquanto leitor e crítico nos dois textos sobre a publicação do dicionário. O desejo expresso por Abreu de estar satisfeito com o reduzido público leitor do livro sugeriria críticas à postura próprio autor, uma via para que se questione o interesse reduzido em pesquisas sobre o tema. Com isso, igualmente se registra a ideia de círculos literários fechados, a exemplo do qual o narrador e o interlocutor relembram. As questões sociais e culturais que as duas publicações suscitam podem ser compreendidas pelo tratamento memorialístico e literário dos gêneros atribuídos às narrativas, bem como das personagens e publicações citadas e referenciadas, existentes na história oficial.

¹⁴⁵ Publicado n’*O Imparcial* em 24/10/1937, p. 7.

¹⁴⁶ Publicado n’*O Imparcial* em 04/05/1939, p. 7. A grafia original, “caxinanás”, foi corrigida para “caxinauás”.

Em “Rui no Collegio Abilio”¹⁴⁷, no contexto das discussões sobre o ensino de Língua Latina, vem à lembrança do narrador memorialista um episódio ocorrido com Rui Barbosa, ainda criança, na referida instituição de ensino. Ao divergir do professor sobre uma questão de Latim, mesmo estando certo, aceitou o castigo imposto pelo diretor. O acontecimento e os detalhes sobre o contexto do castigo tornaram a atitude do então jovem Barbosa um incentivo para os estudantes de sua classe e do colégio. Ao final do texto, o narrador, como em outras crônicas, infere que o jurista contesta a veracidade do acontecimento:

Dizem que Rui, em sua velhice gloriosa, contestava o episódio. Ele se fez grande admirador dos talentos e das virtudes do padre. Mas o fato era narrado pelo escritor Urbano Duarte, amigo de Rui e seu colega no Abilio, também discípulo de Fiuza.

Bons tempos esses, em que o latim era levado a sério. (PARAGUAÇU, 1937a, p. 6).

O adjetivo utilizado pelo narrador para citar a lembrança de Barbosa nesse evento aponta para um dos objetivos mais identificáveis nas crônicas e artigos: a valorização da figura baiana. Nesta ação, reconstroem-se momentos biográficos que atestam sua importância no âmbito da história nacional. Para isso, o narrador liga-os por meio de um perfil histórico ético elogiável. Desse modo, como destacado jurista que se tornou quando adulto, a publicação destaca que desde criança Barbosa soube respeitar a hierarquia sem ocultar ao superior as posições contrárias. A memória do narrador resgata características da infância de Barbosa, conhecidas pelo público leitor como referentes à idade adulta. O assunto do momento, o ensino de latim, é representado pelo narrador sob um modelo de postura discente em que o conhecimento é refletido no convívio social — título e tema da coluna, tanto n’*O Imparcial* quanto no *Correio da Manhã*. Este convívio, enquanto um dos objetos da narrativa, é promotor de autocrítica, sugerida ironicamente pelo autor quando destaca o saudosismo quanto à seriedade com que se estudava Língua Latina.

“Rui e o piano”¹⁴⁸, de igual construção biográfica sobre o referenciado, relata as práticas constantes e preferências do jurista quanto ao piano, instrumento que tocava desde a juventude. Esse conhecimento musical é apresentado no artigo pela memória do narrador de maneira articulada às principais atividades de Barbosa ao longo da vida: no Senado, nas campanhas presidenciais e com os avanços da ciência e da tecnologia. Tais atividades e acontecimentos o afastaram do exercício ao piano mais do que gostaria:

¹⁴⁷ Crônica publicada n’*O Imparcial* em 28/05/1937, p. 6.

¹⁴⁸ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 05/08/1937, p. 6.

Com a velhice e os sofrimentos, Rui abandonou a ideia de ser amador. Mas gostava de ouvir Arthur Napoleão. O advento do cinema fê-lo afastar-se definitivamente do Teatro Lírico. Dizia ele que se cansava. Depois, os desencantos de suas campanhas parlamentares e os esforços desenvolvidos nos trabalhos forenses como que o tornavam enjoado das orquestras, por melhores que fossem os conjuntos, e dos coros, por mais poderosos e afinados que se revelassem. (PARAGUAÇU, 1937d, p. 6)

Tem-se, a partir da memória comentada do narrador, fundamentada em uma característica pessoal, um panorama da biografia de Barbosa e informações que suscitam a pesquisa sobre a política e a cultura brasileiras entre os séculos 19 e 20. As interligações promovidas por esta atividade narrativa apontam para uma representação que contribui para posicionar, entre a rememoração e a escrita dos fatos, Barbosa como personagem fundamental da história política brasileira da época e para a posteridade. Com trabalho sobre o imaginário da figura do orador baiano, o artigo pode destacar elementos iniciais para interesse sobre o assunto. O artifício literário no jornal, assim, auxilia a permanência de Rui Barbosa na vida cultural mais de uma década depois de sua morte.

“Rui e as creanças [crianças]”¹⁴⁹ apresenta novamente o desembargador Palma. Nesse texto, conta-se um episódio ocorrido na casa de Rui Barbosa, descrito sensivelmente pelo narrador memorialista no artigo. Com o pé fraturado entre outras lesões, ocasionadas por uma queda de escada na biblioteca pessoal, Barbosa recebe a visita de um estudante. A criança soube do acidente pelos jornais e foi visitá-lo. Palma conversava com o jurista e, com a chegada da outra visita, acompanhara todo o curto diálogo:

[...] Espontâneo e amável, ali estava pedindo a Deus que restaurasse logo a saúde de quem tinha uma vida que era das mais preciosas do Brasil. Beijou a mão do conselheiro. Este, comovido e enternecido, acariciou-o. Depois, acrescentou textualmente: “Não sei, meu filho, como mostrar-lhe meu agradecimento. Minha vida é a vida de todos os homens que trabalham e procuram ser úteis aos seus, à pátria e à humanidade.” (PARAGUAÇU, 1939g, p. 7).

O garoto, destaca Palma, era filho do escritor maranhense Antônio José de Almeida Júnior e estudava no colégio que levava o mesmo nome de seu pai, o qual só soube da visita do filho posteriormente. Não sabendo como agradecer ao menino, Barbosa chamara sua neta

¹⁴⁹ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 04/11/1939, p. 7, cuja grafia “creanças” está correta. Algumas grafias originais foram identificadas com a grafia atualizada para evitar equívocos de sentido.

para brincar um pouco com o estudante no jardim. Alguns dias após essa revelação, o narrador diz ter relido dois discursos de Barbosa em eventos beneficentes:

[...] um no Colégio Anchieta, em Friburgo [RJ], onde ele deixou clara sua volta ao cristianismo, e outro na Bahia, colaborando no festival de caridade em benefício dos órfãos do Asilo de N. S. de Lurdes da Feira de Santana [cidade a qual Rui Barbosa atribuiu o epíteto de “Princesa do Sertão”]. Só podia ter tanta ternura pelas crianças quem, como ele, tinha uma boca de São João Crisóstomo e tão bem compreendia a beleza da infância... (PARAGUAÇU, 1939g, p. 7).

O tom sentimental dado pela personagem que relatou o fato ao narrador é continuado por este na lembrança escrita em texto. Um acontecimento complementa o outro para que se forme a ideia da sensibilidade de Barbosa às crianças. Essas duas memórias possuem tempos narrativos — dos fatos e das narrações — que se aliam à ambientação familiar, cotidiano-histórica, objetiva e espirituosa típicas das crônicas de Paraguaçu n’*O Imparcial*. São traços que oferecem ao leitor uma aproximação coerente e oportuna com o veículo no qual o texto é publicado, o jornal.

Em “Gounod em casa de Rui”¹⁵⁰, o saber e a crítica musical do intelectual baiano são apresentados numa roda de amigos após uma sessão no Teatro Lírico. Na conversa sobre o compositor francês Gounod em sua ópera *Faust* (1859), apontou-se a questão da presença de um barítono ou de um tenor para o papel de Fausto. Quando perguntado sobre a questão, o conselheiro — como Barbosa é chamado por alguns conhecidos nas publicações — opina e realiza uma crítica histórica sobre a peça e o compositor francês. O comportamento de Barbosa é focalizado em suas ações e nos seus juízos:

Rui **escutava em silêncio**. Era de seu costume. Outros manifestaram-se. Pareciam concordar.

— O senhor não acha, conselheiro?

Aí, Rui acudiu, Não, não achava. **Com a maior simplicidade**, observando que só uma vez escutara a partitura há dez ou doze anos passados, ele deu as suas razões. (PARAGUAÇU, 1937e, p. 2, grifo nosso).

Este texto, a exemplo dos citados e comentados anteriormente, destaca-se pela descrição modelar de Rui Barbosa em comportamentos e acontecimentos relacionados a sua vida social e pessoal, parte de matéria e enredo das memórias de João Paraguaçu publicadas n’*O Imparcial*. Nessas narrativas, pessoa e personalidade de Barbosa constituem uma

¹⁵⁰ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 09/08/1937, p. 2.

personagem no cotidiano de suas atividades. A escrita apresentada por Paraguaçu tende a aproximar as figuras representadas e seus contextos nos âmbitos público e privado — uma das consequências da representação literária por meio de gêneros como a crônica e o ensaio em textos memorialísticos.

“Rui e Azeredo”¹⁵¹ tem como contexto a conferência proferida por Rui Barbosa, então candidato à presidência da república no ano de 1919, no Teatro Lírico, na cidade do Rio de Janeiro. Intitulada “Questão Social e Política do Brasil”, a conferência aconteceu factualmente no mesmo local e data registrados pela crônica. Nesse discurso extenso, Rui Barbosa ataca

[...] os políticos que não aceitavam a intervenção do Estado na relação do capital e do trabalho, chamou-os de nefelibatas por pensarem dessa forma, diante das transformações que ocorriam no mundo, principalmente, com o avanço do socialismo. Criticou também aqueles que, em quase trinta anos de poder, nada tinham feito pela causa dos operários. (BARROS; MACHADO, 2006, p. 85).

O narrador da crônica destaca, dentre os muitos assuntos tratados pelo conferencista, as fortes críticas a sete figuras políticas, identificadas como “os sete felizardos”. Depois de situar o leitor no local e no evento, o narrador enfatiza esta ação de Rui Barbosa. Assim como está descrito no discurso (BARBOSA, 19--), o cronista vai elencando cada um dos epítetos atribuídos pelo conferencista aos sete políticos:

Depois de longamente dissertar sobre horas, acidentes e higiene do trabalho, o grande cidadão, que tudo condicionava à revisão constitucional, passou a perorar. E aí é que esteve realmente magnífico. Aludia ele aos sete felizardos da nova banda alemã-política: Azeredo, Urbano, Seabra, Lauro, Álvaro de Carvalho, Carlos de Campos e Altino Arantes. Como sátira literária a serviço de uma campanha eleitoral é incomparável. Azeredo foi o mais castigado. Era o **suco** do Senado. Na charanga, dizia Rui, com uma entonação de voz que cortava como navalha, era o flautim, pois levava toda a vida a flautear, flauteante de requinte. (PARAGUAÇU, 1938a, p. 7, grifo do autor).

A narrativa memorialista enfatiza o momento no qual Rui Barbosa cita “os sete felizardos” e suas alcunhas. O narrador, no texto, nota que um dos citados, o mais duramente criticado, estava presente ao evento escondido sob um disfarce. O final da publicação valoriza o caráter da lembrança, não destacando os motivos para esse fragmento da conferência, mas para a postura do único dos achincalhado presente. Azeredo, mesmo atacado, considera as ações de Barbosa moralmente aceitáveis.

¹⁵¹ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 06/01/1938, p. 7.

A plateia sorria. Um sorriso, entretanto, que doía. Voltei-me de repente, e vi que atrás de mim, meio oculto, num capote, alguém me batia no [...] [ombro. Era]¹⁵² Azeredo. Discreto, irreconhecível, escutava tudo aquilo.

— Fui seu amigo durante quase quarenta anos, segredou-me ele. Ainda quero bem ao Rui. Perdoo-lhe o desabafo, porque é humano.

E desapareceu, antes que outros o descobrissem. Nas minhas recordações, guardei o episódio como expressão mais curiosa de bondade do senhor matogrossense. (PARAGUAÇU, 1938a, p. 7).

Um narrador-personagem conta o episódio, recortando textual e factualmente o elemento histórico para apresentar uma versão para fatos fora do *status* de pretensão à verdade. Isso é feito aos modos da Literatura, instituindo um universo narrativo que deve, em parte, corresponder às expectativas do leitor de jornal, no sentido de uma coerência entre realidade e ficção por meio da memória. “Rui e Azeredo” destaca um episódio e um contexto políticos de que debita à — e converge notadamente para a leitura da — história nacional, a exemplo dos outros textos de Paraguaçu com elementos documentais, outras fontes primárias. A leitura da crônica define a percepção de que um dos argumentos relevantes é a valorização de quem proferiu o discurso, não pelo fato em si, mas pelas perspectivas de memória e de história que referenciam o que é narrado.

“Rui e a Academia”¹⁵³ discorre sobre os motivos e os acontecimentos que fizeram o então presidente da ABL abandonar a cadeira. Augusto de Lima explica ao narrador memorialista qual seria o verdadeiro motivo da dispensa de Barbosa: o processo eleitoral do sucessor para a vaga de Alcindo Guanabara. O candidato do presidente da casa estava definido, mas a votação transcorreu de maneira tumultuada. Fatos como a ausência justificada de Barbosa e o seu voto enviado por telegrama, aliados à apresentação de procurações para validação dos votos de outros membros ausentes, provocaram discussões, brigas, ofensas e debates dentro e fora da ABL. A reação do então presidente foi definitiva em relação à continuidade no cargo e no espaço acadêmico: “[...] Na Bahia, Rui soube de tudo e de lá escreveu uma carta à Ilustre Companhia [ABL], despedindo-se não só da presidência, como da própria sociedade. Cumpriu a palavra até morrer.” (PARAGUAÇU, 1938e, p. 7). No artigo, Augusto de Lima questiona o conhecimento de Barbosa sobre o regimento, que impossibilitava um voto enviado por telegrama, sendo logo reconhecível e, portanto, identificável. O artigo termina com a interpretação irônica sobre a motivação de Barbosa para o desligamento, se pelo andamento da votação ou pela recusa do seu voto de presidente. Segundo o contexto do artigo, a imagem do jurista e político baiano como conhecedor e

¹⁵² Hegível n’*O Imparcial*, mas legível no mesmo texto, presente no *Correio da manhã* de 30/12/1937, p. 6.

¹⁵³ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 09/04/1938, p. 7.

cumpridor das normas de uma instituição foi questionada. Entretanto, a leitura e o enredo do texto sugerem que o constrangimento social proporcionado pelos membros da ABL implicou a saída de Barbosa de maneira mais objetiva. Embora não descarte ambas as posições, o tratamento da narrativa à dissensão na ABL tende a provocar — como a caracterização das ações dos acadêmicos — o desligamento de um perfil como o de Barbosa desse grupo. Como o próprio título da publicação pode sugerir, embora fosse o presidente, desde o início a separação entre o intelectual e a instituição é prenunciada.

Em “Rui na Academia”¹⁵⁴, ocorre ao memorialista um texto anterior sobre a eleição de Alcides Maya para a ABL. Em relação a esse pleito também é tecida a segunda narrativa. Barbosa, ainda presidente da casa, é registrado em uma de suas raras visitas ao local. Os motivos para tal atitude não são, em parte, os mesmos apontados em relação ao Senado:

[...] Rui andava em constantes divergências com os colegas de imortalidade. Era natural. A maioria dos acadêmicos mergulhara na política partidária. Frequentava muito mais o morro da Graça do que o palacete da rua São Clemente.

[...] Rui foi à Academia para apoiar, nas urnas, o nome de Almachio Diniz, contra Alcides Maya, na vaga deixada por Aluizio de Azevedo. Pinheiro Machado decidira sustentar o novelista gaúcho [Alcides Maya], menos por interesse literário do que pela vaidade de derrotar o chefe civilista dentro da própria Academia. (PARAGUAÇU, 1938c, p. 7).

A confirmação do perfil da maioria dos integrantes da ABL é personificada na conduta de um dos seus integrantes. O narrador passa da anotação desse comportamento à dúvida sobre o voto de um dos promotores da candidatura de Maya, o escritor, jornalista e também integrante da ABL José Verissimo. Nesse assunto, discutido até o final da crônica — e tratado também na crônica “Verissimo”¹⁵⁵ —, a veracidade de informações entre membros efetivos e candidatos à cadeira é questionada entre o narrador e Almachio Dinis. O narrador se propõe, no último parágrafo do texto, a analisar a própria postura ante às informações que obtém e ao que depreende delas, defendendo a imparcialidade na composição memorialista e valorizando este trabalho para as próximas gerações. Nesse contexto, atribui à história, apreensivo, a permanência de seu epíteto de “grande pilhéria”, rememorando o marechal Pires Ferreira. Assim, representa oportunamente para esta narrativa a abordagem social, institucional, política e literária com a qual construiu as personagens, as ambientações e o enredo. A exterioridade dos fatos e a prospecção nas ações e percepções sobre Rui Barbosa, ABL,

¹⁵⁴ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 25/02/1938, p. 7.

¹⁵⁵ Publicada n’*O Imparcial* em 22/02/1938, p. 7.

Pinheiro Machado e demais participantes da trama têm suas relações noticiadas pela memória de Paraguaçu. Este as oferece, juntamente com o seu trabalho, ao leitor que foi seu contemporâneo e às sucessivas gerações.

Em “Rui e os gracejos literários”¹⁵⁶, o narrador descreve o esforço de Humberto de Campos, aspirante a uma vaga na ABL, para pedir desculpas a Rui Barbosa por um artigo publicado no jornal carioca *O Imparcial*. Parte do conteúdo desta publicação foi informado por Augusto de Lima; a conclusão apresentava o jurista e acadêmico baiano, então presidente da ABL, ridicularizando João do Rio, outro membro da instituição, que solicitara realizar a recepção ao recém-eleito Barão Homem de Mello.

[...] Refletindo no episódio, escreveu em “Micromegas” — seção de humorismo que fazia com absoluto sucesso — relatando os fatos. Foi exato no essencial. Concluindo, Humberto acrescentou ter havido um diálogo meio áspero entre Rui e João do Rio, queixando-se este de que só raramente a Academia o Chamava para saudar alguém. Dos acadêmicos, era o que menos havia recebido. Rui, acentuou Humberto, “sorriu ironicamente e disse a Paulo Barreto que, se a questão era de receber, daquele momento em diante, ele, Barreto, ficaria encarregado de receber à entrada, os chapéus de todos quantos comparecessem às solenidades da casa”. (PARAGUAÇU, 1940d, p. 7).

O narrador afirma que Barbosa desaprovou o texto pela representação da conversa com João do Rio. O diálogo, embora fosse humorado, estava errôneo, o que provocou no jurista e acadêmico bastante irritação. Assim que soube por Baptista Ferreira desta posição sobre o texto, Campos decidiu pedir desculpas, acompanhado por José Eduardo de Macedo Soares. No final do texto, o narrador destaca as impressões de Campos sobre a conversa com Barbosa e o fato deste ter ficado excessivamente ofendido com uma publicação que literalmente atingia e ridicularizava João do Rio. As ações do jurista e acadêmico são valorizadas pelo aparente estranhamento de Campos sobre a quem o texto realmente ofendia. Segundo o ponto de vista de Barbosa apresentado no texto, a atitude foi questionada pela ausência de veracidade a ponto de descrever um comportamento moralmente reprovável. Paralelo a isso, o destaque à natureza dos textos típicos da coluna “Micromegas” não obrigaria o autor a pedir desculpas. Entretanto, aponta-se que Campos desejara uma vaga na ABL, motivação para que, sabendo do descontentamento do presidente da instituição, decidisse pedir-lhe desculpas. Campos não compreender a recepção de Barbosa ao texto valoriza os valores morais de Barbosa e expõe ações que sugerem conveniências sociais e

¹⁵⁶ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 31/01/1940, p. 7.

políticas para atingir objetivos: “[...] Humberto não pertencia ao grupo da imortalidade, mas já lhe rondava as portas, preparando-se para ser um dos quarenta, o que se verificou mais tarde.” (PARAGUAÇU, 1940d, p. 7).

O conjunto de textos sobre Barbosa constitui um dos caminhos pelos quais o narrador-repórter proporcionou ao leitor as suas memórias. Nestas, uma rede de referências corresponde e representa o processo de construção literária que guarda, em sua gênese estilística e vivencial, relações com o jornalismo, a política e a história. Confluídas na proposta analítica da Literatura de Jornal (PINHO, 2008) inerente à pesquisa realizada nos textos publicados n’*O Imparcial*, as três áreas são identificadas em função do tratamento orientado e dialógico dos elementos que compoem essas produções.

5.1.2 A Academia Brasileira de Letras por João Paraguaçu

A ABL é referenciada muitas vezes por Paraguaçu nas publicações sobre Rui Barbosa, um dos mais prestigiados acadêmicos. Nos textos que lhe são dedicados, ela é descrita a partir das relações sociais que a compuseram e dos acontecimentos que envolvem o quadro de seus membros. São 22 textos, incluindo os que compartilha tematicamente com Barbosa, já mencionados e comentados (5 publicações). Em 17 textos, recepções a membros e eleições de acadêmicos são os eventos mais destacados, constituindo os motes para a descrição do cotidiano desse espaço. Os enredos construídos em torno desses temas descrevem e exploram ironicamente ações humanizadas das personagens, suas particularidades de posicionamentos e as implicações destes nas atividades da ABL.

Em “Couto na Academia”¹⁵⁷, a eleição do médico, político e professor Miguel Couto para a ABL é o assunto do cronista. No entanto, a narrativa discorre sobre as circunstâncias da homenagem que um dos acadêmicos mais próximos a Couto gostaria de lhe dedicar em jornal. Após a leitura do discurso de posse proferido na ABL, o escritor G. A. (ocultado conscientemente), que planejava homenageá-lo, sentiu-se desestimulado a escrever um artigo valorizando o recém-acadêmico e comenta com o publicista A. A. (também ocultado conscientemente) os motivos para este comportamento:

— Quero muito bem ao Couto. Mas o discurso é fraco. Não há por onde se lhe pegue para o artigo que eu lhe desejava lançar. Que hei de assinalar?

¹⁵⁷ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 24/08/1937, p. 6.

O publicista, teso e duro, empinando a barriga para a frente, deu uma risada gostosa. No seu entender, escritor não acharia melhor ocasião para exaltar o discurso em causa. Não prestava? Razão de sobra para exaltá-lo. E resumia: — Tenho grande prazer intelectual quando julgo as coisas e os homens em desacordo com a minha própria consciência. (PARAGUAÇU, 1937f, p. 6).

Um comentário do memorialista sobre o término da conversa entre G. A. e A. A. marca o fim da narrativa e do artigo: relatada a história, o publicista mereceria o lugar desocupado por Alcindo Guanabara na imprensa — que era também membro da ABL e jornalista. Essa ironia sobre o caso relatado destaca os contatos entre imprensa e literatura, as condutas de parcialidade entre os membros desses espaços e o depoimento sobre a valorização das personalidades que os constituem. Descreve-se, para isso, a respeito do cotidiano da ABL, cujo material específico se fundamenta numa leitura social e literária da história. Em parte, livros como *As excelências ou como entrar para a academia* (1964) e *A academia do fardão e da confusão: a Academia Brasileira de Letras e seus “imortais” mortais* (1999) exemplificam semelhante tratamento. Assim, Paraguaçu faz dessa leitura da candidatura e do posterior êxito eleitoral um mote para representar, com humor crítico, as contingências políticas e sociais desse espaço acadêmico.

“Emílio na Academia”¹⁵⁸ discorre sobre o contexto da eleição de Emilio de Menezes para a ABL. Alberto de Oliveira conta ao narrador memorialista que Machado de Assis sempre fora contra, e o exemplifica com a lembrança do ocorrido num restaurante: uma fala de Assis a respeito do consumo de álcool de Menezes. Oliveira também diz que, morto o romancista em 1908, isentou-se de segui-lo no voto e pode votar em Menezes para a cadeira. O jogo de informações que o narrador coloca no último parágrafo do texto, tanto sobre a posição de Assis quanto à de Menezes, implica a existência de opiniões sobre o fato que não cabem ou não podem ser veiculadas no espaço do jornal.

Em título homônimo ao do seu personagem principal, a ABL é analisada por um de seus acadêmicos mais polêmicos em “Oliveira Lima”¹⁵⁹. Nesse artigo são postos alguns argumentos deste historiador para deixar o grupo dos imortais. Em detalhes, conta ao memorialista duas atitudes da ABL que reprovava veementemente: o partidarismo na eleição de Mário de Alencar, preterindo Domingos Olímpio, e o trâmite jurídico quanto ao espólio do editor Francisco Alves, doado em testamento quando faleceu. Lima registra na conversa, transformada em relato, que suas relações com outros membros da ABL diminuíram muito quando, na votação referida, optara por Domingos Olímpio.

¹⁵⁸ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 03/11/1937, p. 7.

¹⁵⁹ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 03/12/1937, p. 7.

[...] Por essas e outras razões, que seriam longas de enumerar — não interviria em nenhuma votação da Academia nem lá jamais poria os pés. Oliveira Lima era rixento e vaidoso. Em muita coisa, porém, não seria lícito negar que ele dissesse a verdade... (PARAGUAÇU, 1937i, p. 7).

A leve ironia da última frase instaura uma crítica a determinadas ações da ABL. Entretanto, isso não é feito de maneira objetiva e opinativa. A estruturação do texto valoriza o relato e a informação sobre o caso, de modo que o noticia — um narrador-repórter —, mas o valoriza como comportamento de um grupo social. Assim, a ciência sobre o fato é focalizada e julgável na medida do seu caráter provocador de divertimento, propostas da coluna e do conjunto textual de João Paraguaçu n’*O Imparcial*.

No artigo “Romancista do nordeste”¹⁶⁰, retorna-se ao tema das memórias de Oliveira Lima. Discorre-se especificamente a respeito de como traços biográficos de Domingos Olímpio se relacionam às circunstâncias acadêmicas e artísticas da perda de sua candidatura a uma cadeira na ABL para Mário de Alencar, reconhecidamente preferido por Machado de Assis. Isso, aliado a divergências políticas com outro acadêmico, o Barão do Rio Branco, teria impossibilitado a eleição do escritor de *Luzia homem* (1903). Esse romance, segundo Lima, por si já o credenciaria a uma cadeira na ABL. O mesmo pleito é abordado no artigo “Machado de Assis e a Academia”¹⁶¹ para contrapor a outro momento eletivo, em que o primeiro presidente da ABL não obteve sucesso com o seu indicado, Xavier Marques.

A personalidade e a então pouca convivência de Olímpio na cidade Rio de Janeiro, onde fica a ABL, sobressaem na abordagem biográfica do romancista nordestino. Essas informações, dispostas no enredo do texto, confluem para o foco no assunto, a eleição para a instituição. Especificam, assim, a política eletiva no espaço e no núcleo social sobre os quais as pessoas e os episódios são comentados:

[...] Quando veio para o Rio, já estava de mentalidade feita. As rodas literárias, que encontrou, não exerceram em seu espírito arguto e penetrante quase nenhuma influência. Talvez por isso — e mais por ser ele um indivíduo de ideias próprias, aparatoso, gostando de falar e gesticular sem pedir licença — sua posição nos meios intelectuais cariocas teve de caracterizar-se por uma tal ou qual desconfiança ao grupo boêmio que obedecia a José do Patrocínio. (PARAGUAÇU, 1938d, p. 7).

¹⁶⁰ Publicado n’*O Imparcial* em 16/03/1938, p. 7.

¹⁶¹ Publicado n’*O Imparcial* em 04/03/1939, p. 7.

Nesse artigo de motivação e tratamento memorialístico, o último nome citado, também membro da ABL, fecha o círculo entre sociedade, política e literatura, sistemas (OLINTO, 1989) abordados por Paraguaçu nos seus textos. Eles estão articulados, no caso de “Romancista do nordeste”, para contextualizar a sua não-eleição, embora, segundo o narrador, *Luzia homem* (1903) figure junto com *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, membro da ABL, como as mais importantes páginas no período escritas sobre o drama do nordeste.

O artigo “O procurador da Academia”¹⁶² desenvolve o que foi apenas citado em outro artigo, “Oliveira Lima”¹⁶³, sobre o espólio de Francisco Alves, doado em vida para a ABL. No texto, Augusto de Lima conversa com o narrador sobre o procurador da ABL em São Paulo, Alfredo Pujol, membro da mesma casa e não remunerado pelas despesas jurídicas do caso. Terminado o inventário e a decisão do juiz, a ABL recebeu menos do que julgava e entrou em desentendimento com dois membros na contabilidade quanto ao que foi recebido. Diz Lima que “[...] Pujol zangou-se, ofereceu os honorários à Santa Casa de Misericórdia e raspou-se para a sua terra. Tudo muito feio e que deve ser sepultado.” (PARAGUAÇU, 1938g, p. 7). Contrariamente ao que foi dito pelo narrador, o fato retorna à comunicação social e ao conhecimento coletivo na publicação d’*O Imparcial*. A posição do narrador-repórter memorialista é típica e espirituosa: “[...] Entre o velho Francisco Alves, editor, milionário, que adorava o dinheiro, deixando-o, afinal, à Academia, e o *Poverello*¹⁶⁴, que o desprezava, convinha a posição de meio termo. Nem tanto, nem tão pouco...” (PARAGUAÇU, 1938g, p. 7). O parágrafo em que o narrador insiste junto a Augusto de Lima para que este relate a história reafirma, pela reação ante ao desempenho do interlocutor, que a memória é o objeto e a motivação para a escrita, com a qual discorre sobre temas relacionados à ABL, a Rui Barbosa e a outros personagens e espaços. Por meio do elogio ao outro, valoriza a própria a matéria de seus textos, além da perspectiva narrativa necessária para a escrita desse conteúdo memorialista:

[...] Sua memória excelente, sua cultura literária, sua ilustração geral, sua ironia causticante, tudo isso me atraía. Esse artista devoto de S. Francisco de Assis era um Veillot moderado quando cometia indiscrições a respeito das intimidades acadêmicas. Puxei com ele. (PARAGUAÇU, 1938g, p. 7).

¹⁶² Publicado n’*O Imparcial* em 26/04/1938, p. 7.

¹⁶³ Artigo publicado n’*O Imparcial* em 03/12/1937, p. 7.

¹⁶⁴ “Pobrezinho” em italiano. “Il Poverello” é o epíteto de São Francisco de Assis, frade italiano canonizado, conhecido pela defesa da vida religiosa orientada pela humildade e desconsideração da busca pela riqueza e pelo conforto. Fonte: Infopédia: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

“Santos Dumont na Academia”¹⁶⁵ e “Crê ou morre”¹⁶⁶ retratam a conturbada eleição de Alberto Santos Dumont para a ABL. A figura do aviador e a quantidade dos candidatos à vaga, o questionado processo eleitoral e as sucessivas cartas enviadas da França por ele registrando a recusa à própria candidatura são fatos que, presentes nos dois textos, confluem para a formação do imaginário sobre construtor e piloto do avião *14 bis*. Reafirma-se, com o relato sobre os acontecimentos, perfis e ações de personalidades, a linha de representação já trabalhada sobre a ABL.

No primeiro texto, inicia e conclui o memorialista, com saudosismo, que escritores como o poeta francês Alfred de Vigny suplicaram para serem eleitos na academia, ao passo que Dumont recusava da honraria. “[...] No mínimo, isso prova que, ao contrário do que pensava Anatole France, as academias não são a mesma coisa em toda parte...” (PARAGUAÇU, 1938f, p. 6). Na segunda publicação, o narrador entende em suas memórias que a “[...] academia queria que o grande homem acreditasse nela, na sua imortalidade literária. Dumont repeliu. Crê ou morre, bradaram-lhe. O Pai da aviação, porém, preferiu a segunda hipótese.” (PARAGUAÇU, 1938i, p. 6). Os dois excertos, que marcam os finais das publicações, manifestam a ironia do narrador quanto aos dois argumentos: a comparação com uma personalidade mais meritória do título e o jogo com a alcunha atribuída aos membros da instituição. A partir desses textos, bem como da comparação com outros tematizados sobre o mesmo espaço, é traçado um perfil social da instituição em construções narrativas cotidianas para o jornal, entre a memória, a notícia e a história.

Destaca-se em “Croisset na Academia”¹⁶⁷, a exemplo dos textos sobre a recepção de Rui Barbosa a Anatole France, a acolhida da ABL ao dramaturgo e comediógrafo Francis de Croisset, notabilizado, segundo o memorialista, pela sutil psicologia que imprimia às falas das personagens:

[...] **As verdades têm seu curso como o câmbio**, dizia ele pela boca de uma de suas personagens. Andando sempre de mãos dadas com a moral, claro que as verdades não podem deixar de ser convencionais. Aceitas, subsistem de acordo com a opinião geral. E esta é o que há de mais variável. Não dura mais de um decênio. A moral verdadeira de hoje será mentirosa em 1950. (PARAGUAÇU, 1938h, p. 7, grifo do autor).

O narrador destaca um dos fragmentos da saudação feita por Paulo de Souza: “É a vossa obra que vos recebe”, referência às produções de Croisset. Valorizando o bom humor, a

¹⁶⁵ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 18/04/1938, p. 6.

¹⁶⁶ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 02/06/1938, p. 6.

¹⁶⁷ Artigo publicado n’ *O Imparcial* em 15/05/1938, p. 7.

graça e o encanto das obras do homenageado, Souza sugeriu relações entre essas características e a juventude dos acadêmicos que o acompanhavam na sessão. Ao perceber os presentes, o narrador compreendeu o irônico caráter figurado da expressão. No discurso de Croisset, o memorialista desenvolve a percepção e destaca o assunto que remete à fala de Souza:

Depois, Croisset agradeceu. Leu uma conferência curiosa sobre qualidades e defeitos da arte cênica, assinalando, de começo, que no teatro o mentiroso era geralmente uma pessoa fina, de extrema polidez. Afirmava isto reparando em volta, para se certificar de que o salão não era uma plateia. (PARAGUAÇU, 1938h, p. 7).

O humor irônico da crônica se estabelece entre o perfil e o discurso do homenageado com o que foi proferido pelo anfitrião acadêmico. A sugestão entre a forma com que Souza pareou a obra do dramaturgo com os presentes despertou, no memorialista, a atenção em determinado ponto da fala de Croisset. Com esse foco, a introdução à conferência referida no discurso estabelece de imediato a distensão de sentido nas práticas sociais, tratamento evocador do riso e fomentador da crítica sobre o fato e suas representações.

Três textos de João Paraguaçu tratam das articulações em torno da criação da ABL descrevendo, com a participação direta de D. Pedro II, reuniões e planejamentos durante o Império. Em “O pae [pai] da Academia”¹⁶⁸, o narrador e Humberto de Campos conversam sobre a fundação da ABL. Perguntado sobre quem iniciou a discussão para a criação da casa, o narrador aponta duas suposições: Lúcio de Mendonça ou — com mais certeza — Medeiros e Albuquerque, sugestões embasadas em conferências e artigos do último. Campos surpreende-o: afirma que a ideia de fundar uma academia remonta ao imperador D. Pedro II e cita cartas deste, enviadas ao visconde de Taunay e publicadas no *Jornal do Comércio* (28/05/1891). Segundo Campos, a publicação citada informa que a Proclamação da República atrasou esse projeto. Manifestada a surpresa do narrador com a notícia, Campos continua, elencando outros dois fatos: a recusa de Max Fleiuss a uma cadeira na casa e o veto de Manoel Vitorino — vice-presidente em exercício (1891) — ao projeto, apresentado pelo ministro Alberto Torres e planejado por Lúcio de Mendonça.

— Engano, concluiu o crítico e memorialista. [...] Mas a melhor prova de que a Casa de Machado de Assis não andou, de começo, em cheiro de santidade com a República está no veto que lhe opôs Manoel Vitorino. [...] Vitorino considerou a vida do país cheia de apreensões naquele instante e

¹⁶⁸ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 11/01/1940, p. 7.

alegou que as iniciativas de caráter literário deveriam aguardar outra oportunidade. Impugnou o plano. A história pelo avesso é diferente. Humberto falava sério. Mas acreditava que os motivos de Vitorino eram outros. Ele duvidava, por exemplo, que Alberto Torres pudesse ser um novo Richelieu... (PARAGUAÇU, 1940a, p. 7).

Irônica, essa comparação que o narrador aponta sobre a afirmação de Campos e o suposto pensamento de Vitorino encerra o último parágrafo da crônica. O texto apresenta que ante as surpresas do narrador sobre o passado histórico da ABL, ligado a D. Pedro II e ao Império, segue a compreensão sobre o contexto social e político do caso e a inferência sobre as interpretações de Campos e de Vitorino. Portanto, demonstra-se (a formação de) uma consciência a respeito da construção histórica, política e social da casa. Para o narrador e o seu interlocutor, embora sejam declarados elementos de formação como a inspiração na Academia Francesa, a ABL publiciza sobre a sua criação (ações dos acadêmicos Medeiros e Albuquerque e Lúcio de Mendonça) suprimindo as referências à iniciativa de D. Pedro II.

Um dos fatos apontados por Humberto de Campos no texto anterior é o tema de “Fóra da Academia”¹⁶⁹: a ausência de Max Fleiuss entre os imortais da ABL. Nesta publicação, o narrador solicita de Fleiuss, no Instituto Histórico e Geográfico, uma carta de recomendação endereçada a Alcides Bezerra, diretor do Arquivo Nacional, para que lhe fosse permitido investigar os autos do processo contra Tiradentes. Após o acerto, Fleiuss e o narrador conversam sobre a ABL e a ausência deste entre os fundadores da casa. Fleiuss afirma que a ideia começara no Instituto Histórico e Geográfico e por D. Pedro II, estruturada inicialmente em torno do jornal *A Semana*. Segundo Fleiuss, com a extinção deste periódico, o projeto seguiu para outro, *Revista Brasileira*, mas sem o seu nome e o de Fontoura Xavier. Em estilo bastante pessoal e de sugestivo ressentimento, Fleiuss explica ao narrador as consequências e fatos subsequentes à nova publicação:

[...] Conservei-me quieto. Mais de uma vez, fui convidado a candidatar-me. Esquivava-me. Num belo dia, porém, resolvi mandar minha carta de solicitação. Obtive quatorze votos, quórum¹⁷⁰ insuficiente. Relendo o meu Taine, pensei que me achava em idade avançada para essas coisas, fora de meio e tempo, desistindo de ir à Ilustre Companhia. Mas eu a respeito, estimo e admiro muito. Alguns dos meus mais queridos amigos lá estiveram. Outros ainda lá estão. Não cogito, e creio que jamais cogitarei, de tornar-me acadêmico. A imortalidade não me seduz. (PARAGUAÇU, 1940b, p. 7).

¹⁶⁹ Crônica publicada n’ *O Imparcial* em 14/01/1940, p. 7.

¹⁷⁰ Aportuguesamento do latim *quórum*. (Dos quais. É utilizado como abreviação da expressão Quorum praesentia sufficit, cuja presença é suficiente. Em português, quórum significa número mínimo legal de participantes de uma deliberação coletiva). Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009), *Dicionário de expressões latinas usuais* (1996), *Dicionário de expressões e frases latinas* (20--).

O narrador memorialista fecha a crônica com uma ação onisciente e um juízo espirituoso: compara a atitude de Fleiuss à de Anatole France. O escritor francês “[...] renunciou às prerrogativas de um imortal [...]” (PARAGUAÇU, 1940b, p. 7) em função do caso Dreyfus, no qual um oficial judeu foi injustamente acusado e condenado por alta traição pelo governo francês — posição que, segundo o narrador, coincidiu com o aumento da exaltação de France. As personagens que conversam na crônica, direta ou indiretamente, enumeram e comparam dois fatos para exemplificar injustiças do ambiente acadêmico. Na crônica, estruturada em torno da pergunta que aparece em dois trechos do texto, “Por que não fui acadêmico?”, o narrador registra um “sorriso melancólico” nas expressões de Fleiuss. Essa percepção sugere, combinada à comparação com a atitude de France, que existem mais opiniões sobre a ausência de Fleiuss do que as informadas. Com isso, destacam-se, entre a representação memorialista na crônica, as circunstâncias que fizeram parte do cotidiano da ABL por determinado período e, por consequência, de sua história social e política entre narrativa e realidade.

Publicada n’*O Imparcial* em sequência, “O Imperio e a academia”¹⁷¹ retorna ao assunto de “Fora da Academia” e de “O pae [pai] da academia”. Nessa crônica, Humberto de Campos apresenta informações detalhadas sobre a formação de uma academia de letras nos mesmos moldes da ABL 50 anos antes, em 1847. Segundo informações colhidas junto a Max Fleiuss, Campos apresenta datas, reuniões e documentos do Instituto Histórico que atestam articulações em torno da criação de “[...] uma sociedade que se ocupasse especialmente das Belas Letras. Dividir-se-ia em três seções: Literatura propriamente dita, Linguística e Arte Dramática.” (PARAGUAÇU, 1940c, p. 7). Campos informa que, embora definida como Academia Brasileira (22/06/1847), houve um período de abandono da ideia, retomada em maio de 1878, quando passou a ser chamada Academia de Letras Brasileiras. Ao afirmar o conhecimento de D. Pedro II sobre a organização, Campos cita a carta deste ao visconde de Taunay — já citada em “O pae [pai] da academia”. A crônica termina com a inferência, também abordada no texto citado, de que a Proclamação da República inviabilizou a continuidade do projeto. Um trecho do texto remete ao tratamento memorialista das informações histórias e de sua importância na formação das letras e da cultura nacional, circunscritas ao caso de Fleiuss, mas articuladas em torno da história da ABL e do Brasil.

¹⁷¹ Crônica publicada n’*O Imparcial* em 16/01/1940, p. 7.

[...] A Humberto e a Lafayette Silva fiquei devendo as relações de Max Fleiuss, de cuja memória prodigiosa, servida por uma erudição extraordinária, me vali numerosas vezes. Fleiuss tendo atravessado duas ou três gerações de homens de letras, no seio das quais exerceu influência considerável, sendo um dos fundadores e diretores de *A Semana*, não só era amável, como até gostava de ensinar aos que queriam aprender coisas do passado. (PARAGUAÇU, 1940c, p. 7).

Esta e as duas crônicas comentadas anteriormente se referenciam, traçando um panorama do fato e do assunto focalizado por João Paraguaçu: a especificidade da ausência de Max Fleiuss entre os acadêmicos — embora tivesse participado das primeiras reuniões e conhecesse da história e de um projeto com essa característica no Brasil — e as ações da ABL em relação à própria história. Entretanto, outros textos do autor envolvem fatos relacionados ou referências a casos semelhantes. Consideradas, portanto, a partir da totalidade dos textos publicados n’*O Imparcial*, a temática das relações sociais e políticas na ABL localizam a obra de Paraguaçu entre as fontes históricas da cultura literária e, por sua escolha articulada, brasileira. Nesse sentido, Fleiuss representa mais uma das personagens das crônicas memorialistas. A particularidade de seu caso, representada por Paraguaçu nesse grupo de publicações em cinco dias n’*O Imparcial*, aponta para a circulação efêmera de um número do jornal. Entretanto, ao mesmo tempo contribui para sedimentar, pela continuidade espacial e recorrência personalística, uma visão sobre a ABL e a memória cultural em seus segmentos formadores e influentes no imaginário dos leitores e da sociedade brasileira.

“O emblema da Academia”¹⁷² está estruturado em torno de Raul Pederneiras, autor da insígnia da ABL, e de parte da história da instituição em suas primeiras reuniões, ainda na *Revista Brasileira*. O relato do memorialista elenca debates e consensos que visavam a participação de Pederneiras no grupo dos que hoje figuram como fundadores da ABL; expõe, ainda, acontecimentos, discussões e circunstâncias que culminaram no convite feito por Lúcio de Mendonça para a feitura do emblema:

[...] Os criadores da Academia não seriam desprovidos de espírito a ponto de pretenderem duas divisas para a Casa. Lucio, farfalhante como sempre, agarrou-me na rua e intimou-me a desenhar o emblema da Imortalidade. Obedeci. É o que ainda hoje se vê nos papéis da Academia. Só depois da herança dos Alves é que me esquivei, para não me tomarem por intruso. (PARAGUAÇU, 1939d, p. 7).

¹⁷² Artigo publicado n’*O Imparcial* em 18/05/1939, p. 7.

O receio de Pederneiras em integrar os membros da ABL é destacado pelo narrador no último parágrafo do artigo. Este conjectura que um perfil como o de Pederneiras seria inadequado para uma instituição capitalista — referência à herança de Francisco Alves — e de postura conservadora: “[...] embora amigo dos **Quarenta**, continuava boêmio e trocadilhista incorrigível...” (PARAGUAÇU, 1939d, p. 7, grifo do autor).

Embora os traços de gênero e de estilo sejam encontrados em outras publicações de Paraguaçu, um dos diferenciais desta é o fato que lhe serve de argumento: a criação do emblema da ABL. O caráter social e de memória sobre o espaço de cultura estão incluídos no texto a partir da significação do símbolo e lema que o identifica¹⁷³. O relato de Pederneiras e os conhecimentos do narrador sobre a ABL contextualizam o assunto e o local em dimensão social, política e cultural. Com a proposta noticiosa e expositiva dos fatos, mantém-se coerência no relato do afastamento do criador do emblema, dos motivos para essa atitude e como ela é apresentada na publicação. A atitude de Pederneiras, visto o enredo do artigo, aponta para a compreensão de uma ação social (e política) cotidiana e pessoal, características dos gêneros crônica, ensaio e, em parte, da reportagem.

O tema da fundação da ABL é encontrado também em “Seabra e a Academia”¹⁷⁴. Nessa publicação, Medeiros e Albuquerque relata ao narrador memorialista a participação política do então ministro e jurista baiano JJ Seabra na fundação, nas primeiras instalações e na locação atual da ABL. Duas vertentes marcam o texto: a objetividade historicista e valorização da figura de Seabra. Em função das opções narrativas de seu interlocutor, as vertentes encontram em Medeiros e Albuquerque uma personagem focalizadora do assunto da crônica nos dois primeiros parágrafos:

Seabra foi dos melhores amigos da Academia Brasileira de Letras. Dando-lhe casa e consideração oficial, animou-a, preparando-lhe, de alguma sorte, as vitórias que ela teria de futuro.

Medeiros e Albuquerque, que não era da intimidade do velho estadista baiano, sendo até seu adversário político, prestou-me a respeito um testemunho pessoal que merece não ficar esquecido. (PARAGUAÇU, 1943a, p. 5)

Marcada desde o título da crônica, a ligação realizada pelo memorialista entre a personalidade histórica representada e a tradicional instituição referida efetua a permanência desta lembrança. A insistência quanto à necessidade de registrar o auxílio representa as ações

¹⁷³ O lema *ad immortalitatem* significa “para a imortalidade” ou “rumo à imortalidade”. Fonte: ABL, *Dicionário de expressões latinas usuais* (1996).

¹⁷⁴ Crônica publicada em 17/02/1943, p. 5.

do próprio Seabra, descritas por Medeiros e Albuquerque. O político baiano viabiliza e apresenta o Silogeu¹⁷⁵ aos acadêmicos além de proporcionar eventos como a recepção a Afonso Arinos e a saudação a Anatole France — tema do artigo “Rui e Anatole France”, comentado anteriormente. A conclusão de Medeiros e Albuquerque sobre a contribuição de Seabra à história dos eventos e a importância deles para o memorialista são marcadas pelas seguintes palavras:

[...] Não fosse a solidariedade do antigo ministro do Interior do governo de Rodrigues Alves [Seabra], que nos arranjou teto e cadeiras, num lugar adequado, e talvez, anos mais tarde, em trânsito, mr. Bergeret, ironista incorrigível, saísse daqui com a impressão de ter conhecido uma terra, única no mundo, onde havia acadêmicos sem Academia... (PARAGUAÇU, 1943a, p. 5).

A saída de Clóvis Beviláqua da ABL é lembrada por Paraguaçu no artigo “Nos bastidores da Academia”¹⁷⁶. O fato é destacado pela descrição e naturalidade em relação a outras desistências, como as de José Verissimo, Rui Barbosa, Oliveira Lima e Graça Aranha. Assim comenta o narrador sobre o abandono de Beviláqua:

[...] Pode-se concordar, ou não, com a atitude do jurisconsulto e ensaísta, declinando da honra de continuar acadêmico. Mas o que ninguém lhe nega ainda hoje é a correção do gesto, que praticou sem queixas, nem desabafos. Saiu da última sessão a que assistiu, disse adeus aos colegas e nunca mais voltou. Raros, raríssimos foram os íntimos que lhe ouviram as razões. (PARAGUAÇU, 1939h, p. 7).

A motivação para a desistência deveu-se à deliberação de que Beviláqua recepcionaria Osório Duque Estrada, um conhecido desafeto por criticar negativamente um dos livros de sua esposa, a escritora piauiense Amélia Beviláqua. A atitude do esposo, de cunho pessoal, põe em conflito questões de ordem individual e coletiva na academia. As justificações para a negação, aparentemente inconsistentes para os propalados ideais da casa, comprometeriam sua convivência com os outros membros. A ética e a moral presentes na memória do ofendido pela incumbência tornam-se, desse modo, exemplos dos pontos tematizados pelos textos de Paraguaçu e analisados nesta dissertação: a exploração de ações sociais a partir de histórias privadas para a publicação de leituras (memórias) destas sob a forma de Literatura de Jornal.

¹⁷⁵ Local onde se reúnem associações literárias e/ou científicas. Segundo Ramiz Galvão, o vocábulo criado por ele próprio e proposto em 1901, com a aceitação dos poderes públicos, formado do gr. sún ‘juntamente’, neste caso, indicando ‘associação’ + lógoi ‘estudos’ + -eu, correspondente ao suf. gr. -eion. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

¹⁷⁶ Publicado n’*O Imparcial* em 16/11/1939, p. 7.

Graça Aranha, já citado em alguns textos de João Paraguaçu, aparece como destaque em três textos sobre suas relações com a ABL. Neles, o abandono da cadeira torna-se informação no tratamento memorialístico de acontecimentos e ações que motivaram e sucederam a decisão. No artigo “Entre a Academia e a política”¹⁷⁷, Graça Aranha fala ao narrador memorialista sobre o convite para compor a ABL, recusado inicialmente pelo argumento de que ainda não havia publicado livros. Aranha diz ter recebido o incentivo de Lúcio de Mendonça, idealizador da instituição, de Machado de Assis, o primeiro presidente, e de Joaquim Nabuco. Embora o escritor do livro *Canaã* (1902) tenha cedido ao convite, o narrador percebe que não foi surpresa para os demais membros a sua inclusão no grupo fundador da instituição, os primeiros ocupantes das cadeiras da ABL.

O último parágrafo do texto registra a mudança no pensamento inicial de Aranha:

[...] Transigiu. Trabalhou forte e abertamente pela eleição de Dantas Barreto, que não era nem nunca foi homem de letras. Isso foi em 1911. O romancista, que se aproximara do ministro da Guerra do governo Hermes, metera-se na política e namorava uma cadeira de deputado pelo Maranhão... (PARAGUAÇU, 1939a, p. 7).

A ironia do narrador está colocada quando pontua a mudança de comportamento de Graça Aranha após a entrada para a ABL, instituição viabilizada por políticos como JJ Seabra. As relações postas desde o título remetem ao conteúdo histórico, social e político nos quais estavam envolvidos literatos, membros da ABL e integrantes do governo que, não raro, eram as mesmas personalidades. A construção literária e textual de Paraguaçu sugere, por meio do chiste, o conhecimento de um sistema social via leitura do periódico, representado a partir de ações pertencentes à literatura e à política, condicionadas e traçadas pelo autor no jornal. Na crônica “Graça Aranha e a Academia”¹⁷⁸, ambientada na casa do escritor, o mesmo fala ao memorialista sobre acadêmicos que ainda não tinham obras publicadas quando ocuparam as cadeiras. O contexto desses convites nos anos posteriores à fundação da ABL é mote para a crítica quanto à formação e orientações políticas internas e externas na postura da Academia.

[...] [Graça Aranha] Fora admirador de quase todos os seus pares, embora não acreditasse na imortalidade. Heresiarca, avançando para o comunismo ele se distanciava cada vez mais da Academia, instituição de credo católico, conservadora por excelência e subvencionada pelo Estado, do qual até se tornara um dos esteios mais sólidos. (PARAGUAÇU, 1942c, p. 7).

¹⁷⁷ Publicado n’*O Imparcial* em 01/04/1939, p. 7.

¹⁷⁸ Publicada n’*O Imparcial* em 15/05/1942, p. 7.

Poder-se-ia afirmar que há diferença entre essa publicação e o que foi abordado no texto comentado anteriormente, “Entre a Academia e a política”, publicado n’*O Imparcial* quase três anos antes. O narrador diz em “Graça Aranha e a Academia” que o escritor não poderia ser censurado pela incoerência em relacionar literatura e política. Essa ideia encerra a crônica num parágrafo curto, seguido pelas habituais reticências. O enredo que implica na escolha do sinal gráfico modifica o sentido da afirmação, tornando-a efetivamente irônica. Entretanto, a atitude crítica ao comportamento do escritor não é negativa; mostra-se como observação cujo caráter expositivo implica um posicionamento orientado, figurado num ponto de vista pilhérico das ações humanas por meio da narrativa memorialística.

Em outro artigo sobre Aranha e a ABL, “O modernismo na Academia”¹⁷⁹, o narrador comenta a resposta de Medeiros e Albuquerque a Graça Aranha sobre a postura da ABL, então sem funcionamento após a Primeira Guerra Mundial. O assunto, abordado por Aranha em sessão no local, fazia parte das ideias presentes no Manifesto Modernista que escrevera há pouco tempo. Em seu discurso

[...] Criticou, evocou, exortou. O que havia de passado não tinha mais sentido. Valeria, talvez, para despertar sugestões estéticas. Nada mais. O presente e o futuro pertenciam aos criadores de arte e de pensamento. Agir, reagir, bradava o romancista de *Canaã*. E ele concluía ameaçadoramente: Ou a Academia faz-se útil à cultura e à civilização, ou morre. Que decidisse, nas pontas do dilema fatal. (PARAGUAÇU, 1941b, p. 2).

Conforme o memorialista registra, a postura da ABL não foi modificada, e isso provocou a saída definitiva de Aranha. A réplica ao discurso, de Medeiros e Albuquerque, focou-se no Manifesto Modernista, desconstruindo-o pelo argumento da ausência de um plano de ação. Após a leitura desse discurso, o narrador entrevista Aranha, que confirma a postura de imobilidade da instituição no texto de Medeiros e Albuquerque. A ação da ABL foi compreendida pelo narrador como prudente devido ao momento político nacional. O mesmo relembra que, na época dos fatos, o marechal Carneiro da Fontoura era o chefe de Polícia. A recordação apenas do nome remete ao ocupante do cargo máximo da segurança pública da então capital federal na época. Fontoura, conhecido como Marechal Escuridão, caracterizou-se por ações truculentas e tratamento ignorante trabalhando em meio aos criminosos mais perigosos do estado do Rio de Janeiro (ROMANI, 2011). A inferência do narrador sugere e incita ironicamente, com a referência, sua satisfação com o receio que os acadêmicos e

¹⁷⁹ Publicado n’*O Imparcial* em 13/08/1941, p. 2.

intelectuais sentiram na iminência de se envolver em questões de abrangência social, política e, por consequência, policial.

O artigo “Dom Sylverio na Academia”¹⁸⁰ expõe ao leitor a memória sobre o discurso de recepção ao arcebispo da cidade de Mariana na ABL. Sua eleição para a cadeira ocupada por Alcindo Guanabara, acertada politicamente pelo grupo de Domício Proença e Coelho Neto, seguiu-se à definição de Carlos de Laet para a saudação. Sabia-se que este era inimigo de Guanabara, constituindo uma incoerência saudar o sucessor para essa cadeira, uma vez que, no discurso, seria necessário fazer referência a quem antecedeu o eleito. Embora o narrador destaque a crença de Coelho Neto em um discurso imparcial com relação à memória do inimigo declarado, Laet causa uma lembrança constrangedora e cômica quando profere o texto:

O resultado foi uma surpresa chocante. Laet, sempre que se referia ao arcebispo, trocava-lhe o nome. Parecia de propósito. Disse que aos latinistas os progressos intelectuais do país deviam pouco. Eram indivíduos que outrora se presumiam eruditos, mas dos quais só se conheciam o lenço de Alcobaça e a caixa de rapé.

O arcebispo estava sucumbido. Laet passou a falar de Alcindo. Que troça esfuziante! O caso mais expressivo que achou para contar do extinto foi o do artigo sobre Cristo. O comendador Botelho, espalhavam os maldizentes, encomendara ao jornalista um trabalho a respeito. Alcindo queria saber se era contra ou a favor de Jesus.

— A indagação procedia, observou Laet. Alcindo era um profissional. A favor, nada mais fácil. A tarifa era menor. Contra, custava mais, pois que o esforço seria maior. (PARAGUAÇU, 1939i, p. 7).

Em seguida, sem mencionar mais sobre o momento da saudação, narrador discorre sobre acontecimentos posteriores à recepção: a publicação alterada do texto no *Jornal do Comércio*, a resposta de Félix Pacheco e a saída de Laet da ABL. Esta última é justificada pelo narrador no término do artigo: Pacheco, um dos presidentes do referido jornal, caso se desligasse da ABL, faria com que a instituição passasse a pagar pela publicação de seus textos no periódico, “[...] páginas e páginas com a transcrição de discursos raramente lidos...” (PARAGUAÇU, 1939i, p. 7).

Esse texto apresenta a existência de exercícios políticos internos e externos na ABL. A escolha do “imortal”, a publicação dos discursos em jornal e as respostas a eles evidenciam as relações entre a imprensa e as atividades dos membros dessa casa, já descritas em outras publicações. A ambiguidade gerada sobre as intenções de Laet com o discurso justifica-se,

¹⁸⁰ Publicado n’*O Imparcial* em 30/11/1939, p. 7.

diretamente, pela inimizade com Guanabara. A ação parece também ser justificada, de maneira subentendida, pelo enredo do texto e pelas inferências do narrador na organização de informações e de acontecimentos em torno da eleição do arcebispo de Mariana. A complexidade social e política do texto está inserida na dinâmica de seu enredo, delineador das circunstâncias que produziram o polêmico discurso, sua censura no jornal e as consequências decorridas pelo abalo de concessões desse jornal a ABL.

Na crônica “Livros didáticos”¹⁸¹, o narrador memorialista conta que Humberto de Campos o questiona sobre a possibilidade de os livros didáticos serem avaliados pela ABL. Durante a conversa, Campos relata que os livros aprovados são sempre de autoria dos membros da comissão que os avalia, em um processo secreto e vetado para participações externas. Ante a resposta de seu interlocutor, “— É humano...”, Campos argumenta que para os demais concorrentes, fora da Comissão, torna-se desumano. Com a ABL, “[...] pelas suas finalidades, exerceria, no controle, uma de suas mais altas atribuições. É de sua tarefa policiadora.” (PARAGUAÇU, 1942d, p. 7). Após ouvir os argumentos de Campos, o narrador ironiza intimamente o assunto, encerrando a crônica com um pensamento sobre o que lhe foi relatado e a imparcialidade da ABL:

Humberto calou-se. Agora, limpava cuidadosamente o *pince-nez* de míope. Eu pensava nos caprichos desse perigoso ironista que é o destino. No país em que o autor era sempre o forçado da pobreza, o livro só garantia a prosperidade quando explorado por esses processos escandalosos... (PARAGUAÇU, 1942d, p. 7).

Em conjunto com a forma espirituosa com que a crônica é escrita, o julgamento implícito na frase final, com as reticências, suscita um conhecimento sobre a ABL que não é relatado. Os processos escandalosos, contextualizados na “ironia do destino” citada pelo narrador, contrapõem de modo geral uma situação construída entre o livro e o escritor no Brasil da época: este vivendo quase sem grandes recursos e afastado da perspectiva de prosperar. Isso acontecia porque a circulação dos livros que propiciavam as maiores rentabilidades estava condicionada aos interesses das pessoas que detinham os mecanismos legais de avaliação das produções, tendenciadas pela autopromoção dos próprios autores.

As duas maiores referências nos textos de Paraguaçu estão interligadas entre si e pelo número de personalidades que compõem as suas narrativas. Igualmente na história, tais contatos ajudaram a formar a cultura brasileira das épocas retratadas e, por continuidade, das

¹⁸¹ Publicada n’*O Imparcial* em 26/05/1942, p. 7.

posteriores. Rui Barbosa e a ABL não estão citados toda a obra publicada n' *O Imparcial*, mas as leituras e os estudos depreendidos dos textos que os dois protagonizam apontam que as fontes, os espaços e os momentos de suas narrativas estão vinculados à escrita memorialista de todo o conjunto publicado. A concepção sistemática do fenômeno literário permite a identificação dessas características em Paraguaçu. Essa pertinência entre o literário, o político e o cultural aponta para a identificação de uma memória orientada como organizadora dos textos escritos. Rui Barbosa e a ABL, respectivamente figura e espaço de prestígios histórico, político e intelectual no Brasil, aparecem periodicamente destacados em uma rede de referências construídas para oferecer ao leitor um universo social e cultural do país.

Oriunda das crônicas e artigos, a catalogação e o recorte escolhido implicaram percepções teóricas que considerassem o jornal como produto e espaço de leitura, experiência, produção, publicação e reflexão sobre a história e a literatura. Nesse sentido, as referências a questões pessoais e profissionais surgem segundo motivações de experiências literárias e biográficas para a elaboração da obra pelo autor. Demonstrem, em complementaridade com o periódico, o papel das relações entre história e memória na formação da escrita, trabalho comunicativo que sugere constantemente ao leitor a necessidade desse diálogo. Esse exemplo de Literatura de Jornal também é considerado “memória perfeita” pelo conteúdo discursivo autoafirmativo, na medida em que assevera narrativas como produção de sentido na cultura, referenciadas pelas ações e experiências que lhes garantem a existência e as complexas relações em função de sua continuidade. No caso das narrativas memorialistas de Paraguaçu, essas ações resultam de um processo — e intenção, pela perspectiva narrativa sobre as informações publicadas — de (re)escrita da história, constante por considerar a periodicidade do veículo, o alcance das publicações e sua contribuição documental e reflexiva para a cultura brasileira.

6 MEMÓRIA E ESCRITAS DA HISTÓRIA: UMA LITERATURA EMPÍRICA

História pessoal e social, individual e coletiva, estão presentes quando se rememora as próprias experiências, em momentos de conversa ou quando passam a integrar uma publicação. As tiras de João Paraguaçu publicadas n' *O Imparcial* baiano notificam que a vida social compõe, em determinados aspectos, a matéria de textos reconhecidos e valorizados pelas características literárias e abrangência sociocultural, inerentes à história e à expressão desta em literatura. A memória do autor articulou e socializou periodicamente uma representação de cultura que liga, no jornal, a literatura à história.

Os textos publicados por João Paraguaçu em oito anos n' *O Imparcial* veicularam informações históricas em contextos públicos e políticos. Propomos, com este capítulo, apresentar e relacionar elementos teóricos da História, da Memória e da Cultura suscitados segundo a leitura da obra do autor no jornal baiano. Visamos reapresentá-los no conjunto sociocultural brasileiro por meio de publicações que, ao tratar de experiências sobre escritores e outras personalidades, expõe-nas com objetividade e periodicidade. Entendemos que isso caracteriza uma literatura na qual se evidencia a participação sintetizada em vivências de diversos elementos da cultura: economia, geografia, história, sociologia etc. Serão utilizados textos como *Memória e sociedade: lembrança de velhos* (BOSI, 1979) e *A memória coletiva* (HALBWACHS, 1968) para referenciar a questão da memória como fonte experiencial de vida, de ação e de representação sócio-política. Também participam da análise proposta os elementos identificados a partir da abordagem sistemática do texto literário defendida por Olinto em *Ciência da literatura empírica: uma alternativa* (1989) e dos apontamentos sobre os gêneros e espaços presentes no *corpus* pesquisado — crônica, ensaio e artigo em jornal. Outro referencial teórico é *A interpretação das culturas* (GEERTZ, 2008), por meio do qual pudemos encontrar as características que identificam a cultura como conjunto de experiências, referências e descrições de objetos e práticas. Assim, inseridas no âmbito da cultura, as produções e criações humanas são representativas dos indivíduos, grupos e espaços que compõem a sociedade; consensualmente, também são da história das pessoas que a compuseram, que a compõem e que proporcionam o aparecimento de novas ações, acontecimentos e criações. Nesse livro, Geertz apresenta um conceito de cultura em que se evidencia o caráter dialógico, interpretável e circunstancialmente mimetizável. Para isso, destaca o contexto e as dimensões nos quais ela é uma realidade de experiência e de constante descrição da sua própria complexidade, ou seja, densa e dinâmica:

[...] Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p. 10).

A ideia de cultura que Geertz alia-se às dimensões e aos processos de formação e socialização de inúmeros elementos, os quais lhe conferem um contexto no qual todos eles dialogam entre si, em interdependência, proporcionando densidade a partir de suas interligações. A seleção de qualquer desses elementos para estudo deve, então, propor identificar as relações entre o que será objeto — por exemplo, a produção em jornais — e os demais elementos aos quais ele se interliga; alarga, com isso, o alcance do objeto no sentido de valorizá-lo a partir de sua qualidade de remissão a outros elementos da cultura. A produção de João Paraguaçu contempla, nesse sentido, o jornalismo como espaço e canal para a escrita e a veiculação dos textos sobre reconhecidas personalidades políticas, históricas e literárias em espaços de prestígio social. A literatura é entendida, então, como uma das densas descrições da cultura, inteligível porque elabora e comunica conhecimentos e saberes sobre a experiência humana, e densa na medida em que, para existir, reúne elementos necessários para a criação e a leitura do texto — por exemplo, de um jornal.

O resgate de um texto sobre memórias abarca a tentativa de apresentar o cabedal cultural com o qual este tipo de texto dialoga com a leitura da sociedade; mostra também o caráter enciclopédico da literatura ao retratar questões de política, economia, educação, história, geografia, memória e crítica. O que é escrito por João Paraguaçu n’*O Imparcial* é pesquisado, nesse sentido, como processo de criação que se objetiva na inserção deste tipo de texto no rol de produções de literatura e/sobre cultura do/no Brasil. O princípio organizador da memória para a sociedade e a cultura (BOSI, 1994) e sua sugerida abordagem e estudo científicos na área de Literatura (OLINTO, 1989) remetem ao espaço de um veículo de comunicação que alia a construção de uma memória social e política ao cotidiano de sua circulação. O espaço gráfico do jornal, periódico que representa, em sua configuração geral, a variedade e a complexidade da sociedade que atende, apresenta-se como fonte relevante para os estudos da CLE. A contribuição de João Paraguaçu para *O Imparcial* exemplifica, por meio de textos memorialistas — notadamente verossímeis em função de experiências com a realidade —, os sistemas com os quais a Literatura interage no momento de criação do texto. Assim, as publicações em torno de crônicas, ensaios e artigos comunicam sobre história, geografia, política e literatura, e fazem do próprio escritor e de suas memórias matéria para elaboração de textos literários.

Em Olinto (1989), nota-se a proposição de estudos em literatura fundamentados na postura de pesquisa que percebe o mundo a partir de seus constantes processos de ação, apreensão, diálogo e produção. Nessa proposta, divulgada e difundida pela autora no Brasil, os pressupostos epistemológicos de Humberto Maturana (1982) são apresentados como fundadores dos agentes e mecanismos de manutenção e funcionamento do que denomina sistemas. A literatura, sendo um desses sistemas (vivos), é autopoietica, detendo a capacidade de observar e apreender atividades de outros sistemas, do mundo exterior e de si, tendo, por isso, a capacidade de exercer ação e reflexão sobre os próprios estados e estágios progressivos em função da auto-observação (FIGUEIREDO, 2006). Nesse sentido, a constituição do ser vivo biológico (em geral) é correlacionada ao entendimento do ser vivo (humano) em sociedade e em sua relação com o conhecimento sobre os sistemas nos quais está inserido e dos quais participa ativamente, interagindo e dotando de sentido novas ações, direta ou indiretamente. A experiência social e sua transposição em textos memorialísticos no jornal exemplifica, em nosso trabalho, uma leitura e reflexão sobre determinados sistemas de espaço e de experiência. Destarte, essas formas de conhecimento retornam à sociedade relacionando sistema(s) como Literatura, Jornalismo, Política e História, com os quais dialogam em formulação, organização, apresentação e organização textual e discursiva para novas ações nos sistemas em que objetivam intervir.

Além Maturana, os fundamentos epistemológicos da CLE estão baseados essencialmente nos trabalhos biológicos e psicológicos de E. von Glasersfeld (1983). Eles podem ser descritos como construtivistas radicais. (SCHMIDT tradução OLINTO, 1989, p. 36). A contribuição do construtivismo para a proposta de estudos pode ser apresentada de acordo com o aspecto dinâmico e mutável da realidade e do tempo, manifestados nas alterações de espaço e de construções sociais e biológicas, culturais e comportamentais:

[...] a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. **Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação [...]** (BECKER, 2009, p. 2, grifo nosso).

Sociedade seria, portanto, uma organização sistemática e articulada de diversos campos de conhecimento ou saberes (ou subsistemas) de “[...] ações sociais tais como, política, economia, educação, etc. [...] e é estruturada a partir da relação de seus sistemas parciais [...]” (SCHMIDT tradução OLINTO, 1989, p. 44-45). Desse modo, pesquisa-se o

texto literário considerando a sua produção de valor nos níveis de cognição (construção de modelos alternativos fomentados pelos diálogos entre leitor, texto e contexto), de norma (caráter de alcance e repercussão pública considerando contingências individuais das ações) e de emoção (afirmação da individualidade no prazer advindo da recepção ao texto). (SCHMIDT tradução OLINTO, 1989). Para a autora, o conjunto desses processos, a partir de ações comunicativas no âmbito da Literatura e seus ocasionais subsistemas, apresenta-se como o objeto de estudo e foco de análise da CLE, que entende texto literários em função de suas dimensões (papéis acionais) de produção, mediação, recepção e elaboração pós-recepcional de textos literários. Essa abordagem é encontrada num espaço teórico em que a sua capacidade de diálogo incute elementos históricos e sociais (referenciais) que a valorizam cientificamente tanto pelo texto quanto pelos aspectos que circundam a sua produção — e que aparecem nas representações que transitam entre o ficcional e o que é ficcionalizado. A ênfase em tais estudos de literatura localiza o seu objeto num lugar de interação teórica e prática do texto com os mecanismos internos e externos de sua existência concreta e abstrata, social e pessoal, pública e privada. Ele se define, então, pela confluência histórica dos sistemas, definidos pelos “[...] processos de socialização, necessidades cognitivas e afetivas, intenções, motivações gerais e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais [...]” (OLINTO, 1989, p. 27). Tal concepção coaduna-se com Schmidt (1992 apud FIGUEIREDO, 2006) quando aponta que estudar textos literários vem demonstrando, ao longo das últimas décadas, a localização e participação desses objetos no que chama de “vida literária”, da qual o texto participa para que possa ser criado e, posteriormente, para ser compreendido. Segundo Esteves (2010), implicações do estudo da CLE como a defesa argumentada, a revisão crítica dos pressupostos metodológicos, metateóricos e teóricos, bem como a identificação contemporânea de relações entre outras áreas do conhecimento, os estudos do discurso, a sociologia do conhecimento, a história das mentalidades e da micro-história podem ser capazes de “[...] auxiliar à construção de uma Ciência Literária Geral e Comparada, capaz de formar profissionais competentes em campos da atividade literária e extraliterária.” (SCHMIDT, 1991 apud ESTEVES, 2010).

Identifica-se a importância da CLE para os estudos literários contemporâneos pela relação mais imediata com práticas de outras áreas do conhecimento. Seu estudo paralelo dos textos com o estudo das produções e espaços que lhe servem como representação, significação e referência proporciona evidenciar as representações específicas das produções culturais, econômicas e políticas sem desvinculá-las da sociedade e de sua dinamicidade pessoal, política e coletiva ao longo do tempo. Embora o campo de questões e temas da CLE

seja o sistema literário, seu olhar é panorâmico, complexo e dinâmico, por exigência teórica, metodológica e como pressuposto da existência do próprio objeto de estudo. No caso deste trabalho, a memória representa, no jornal, uma sociedade efetivada na consciência do autor, transposta em texto para o leitor d’*O Imparcial*, que vive, quase que dia a dia, a vida de um homem de seu tempo, mas que alia seu sistema histórico pessoal ao sistema histórico nacional e, em parte, coletivo.

A CLE dialoga, sob o ponto da relação do leitor com o texto, com a chamada Estética da Recepção. A atuação desta teoria se dá a partir do leitor, “[...] condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social.” (ZILBERMAN, 2009, p. 11). Encarado como liame do processo literário, a autora defende que existe o mérito (principal para ela) da Estética da Recepção em tentar retirar uma metodologia de abordagem literária — assim como a CLE. Os critérios norteadores dessa teoria apresentam a literatura como estrutura elaborada de comunicação e definições específicas: de leitor como entidade coletiva alvo do texto, de leitura como ato que marca essa troca, e de experiência estética como efeito do destinatário, tendo o texto, dessa forma, uma estrutura de apelo (*Appelstruktur*). O leitor, em virtude desses pressupostos, é compreendido numa realidade teórica em que se reconhece o seu pareamento de importância com o texto. Este, por sua vez, torna-se uma modalidade de comunicação. Segundo Olinto (1989), embora questione aspectos de categorização do leitor e a tendência à manutenção da prática clássica de utilização unilateral dos textos literários para estudo e interpretação, a CLE reconhece que a Estética da Recepção contribuiu para a mudança paradigmática nos estudos de literatura:

[...] A estética recepcional — centrada em Jauss e Iser — ampliou o conceito de texto pela **integração das instâncias texto, produção e recepção**. Essa nova moldura teórica transformou o texto em **objeto relacional** construído pelo ato de leitura e resultou numa concepção do texto literário em função de **fatores contextuais como leitor e situação**. (OLINTO, 1989, p. 27-28, grifo nosso).

Assim, fatores externos ao texto em si possuem propriedades que orientaram a apreensão de elementos para: a elaboração e escrita do texto, a mobilização com o objetivo publicizá-la e as consequências de sua leitura. Tais processos e acontecimentos são engendrados pelas atuações individuais ou coletivas dos leitores (Estética da Recepção) em seus acordos, concessões, interesses e paixões sobre os textos literários que lhes formam o espaço social. Jauss (Tradução LIMA, NAUMANN, 2011, p. 73, grifo do autor) afirma que “[...] para a análise da experiência do leitor ou da ‘sociedade de leitores’ de um tempo

histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor.” Nesse sentido, segundo Jauss, efeito e recepção condicionam-se pelo texto e pelo destinatário; o último desdobra-se em duas dimensões — interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, oriundo de um dado leitor de qualquer sociedade — para a concretização do sentido, para a interpretação do texto e sua inserção ao pensamento e às ações do leitor.

As duas teorias se entrecruzam nos objetos que buscam abrir para pesquisa, ensino e leitura na área de Literatura. A perspectiva leitora defendida pela Estética da Recepção está incluída na perspectiva sistemática literária, foco principal da CLE. O contexto sugere que as duas correntes teóricas para análise do fenômeno literário partem de pontos distintos que alargam a Literatura como participante e agente no corpo de conhecimentos vigentes e mutáveis da sociedade. Desse modo, para o leitor, as experiências e ideias imediatas norteiam as impressões de leitura tanto quanto o conhecimento adquirido anteriormente sobre o que o texto lhe “reafirma”. Suas ações — a escrita é uma delas —, seguidas ao momento de leitura, estarão imbuídas, em níveis indeterminados, das experiências intelectuais e vivenciais, e participarão de novos momentos e ações que influenciarão outros indivíduos, situações relacionadas ou potencialmente relacionáveis ao sistema literatura, formando, com isso, igualmente leitores de textos e de situações.

Para compreender a construção e as implicações dos textos de João Paraguaçu, recorreremos ao estudo do papel da memória do homem como formadora, acionadora e dinamizadora de conteúdo para a elaboração e publicação de textos. Adquirida pela experiência complexa de reescrever diversas histórias — muitas acumuladas na vida do ortônimo de Paraguaçu —, essas lembranças passaram literariamente ao texto na conjuntura do jornal.

6.1 LUGARES DA MEMÓRIA: ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DA VIDA E NARRATIVAS LITERÁRIAS

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo **atual** das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, **desloca** estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 47, grifo do autor).

Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), verifica que a memória tem características (re)construtivas, abrangentes e dinâmicas, resgatando a cultura presente nas experiências vividas, reapresentadas em enunciados a partir do momento de sociabilidade em que os comunicamos. Para a autora desse livro, originalmente escrito como tese de livre-docência, a memória reorganiza, por meio de embates temporais e conceituais de realidades, uma consciência nova sobre o momento vivido. Assim, a memória “ocupa o espaço todo da consciência” na medida em que se torna um mecanismo subjetivo inerente à própria experiência de uma pessoa — que, ao contrário do que se poderia deduzir a partir de seu agente, não é individualizada. Nesses processos, passado e presente se entrecruzam na memória acessada — conscientemente ou não — para uma atividade: fala, escrita, planejamento, caminhada etc. Entre essa função de estar ligada e de também ser um agente de ligação, a memória atua na organização de nosso sistema de percepções. Assim, a retomada de momentos vivenciados por incitações e necessidades emerge, de maneira única e “contingentemente controlável” (à medida que aparece é selecionada e organizada para comunicação), a partir da própria organização do passado e do conhecimento sobre ele de quem o deseja utilizar. Esse passado pressupõe um carregamento subjetivo de lembranças pessoais, mas também constitui um conjunto social de referências quando comunicadas em escrita, fala ou outra forma de partilha entre uma pessoa e o espaço (ou outra pessoa) onde vive(m).

Segundo Chauí, que redigiu a **arguição** (grifo presente no texto original) da tese de livre-docência de Bosi, registrada como apresentação de *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994) com o título “Os trabalhos da memória”, “[...] lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição.” (CHAUÍ, 1994, p. 20). A “compreensão do agora a partir do outrora” identifica e socializa a singularidade de efeitos quando há resgate das experiências: uma nova maneira de ver, viver e discorrer sobre o momento atual. Chauí atribui o nome de “campo de pensamento” ao tipo de trabalho apresentado na tese de Bosi. Desse modo, o trabalho com o *corpus* e sua análise, publicados no livro, são caracterizados, segundo Merleau-Ponty e Claude Lefort, como “obra de pensamento”:

[...] Merleau-Ponty escreveu que a obra de pensamento é como a obra de arte, pois nela há muito mais pensamentos do que aqueles que cada um de nós pode abarcar. Claude Lefort fala na obra de pensamento exatamente como **obra**, isto é, trabalho da reflexão sobre a matéria da experiência, trabalho da escrita sobre a reflexão e trabalho da leitura sobre a escrita. O texto, por sua própria força interior, engendra os textos de seus leitores que,

não sendo herdeiros silenciosos de sua palavra, participam dela na qualidade de pósteros. A obra de pensamento, excesso de significações sobre os significados explícitos, engendra sua posteridade — o trabalho da obra é a criação de sua própria memória justamente porque a obra não está lá (no primeiro texto) nem aqui (no último), mas em ambos. O pensamento compartilhado. Outrora, a filosofia o nomeava: diálogo. (CHAUÍ, 1994, p. 21, grifo do autor).

Nesse sentido, a obra de pensamento e a obra de arte, comparadas, materializam-se na escrita como produto do trabalho reflexivo sobre a experiência. Evidenciam, por isso, que a obra dita de pensamento (memorialística e, segundo a CLE, literária) proporcionaria tantos sentidos quanto a obra de arte (da qual parte é comumente entendida como literária). Essa abertura adviria da capacidade referencial presente no que é exposto nesta por meio daquela, nas formas de representação que remetem a pessoas, grupos, instituições, ações, eventos e pensamentos de uma realidade imediata ou de característica remanescente. Tal conjunto articulado narrativamente reinscreveria uma nova ação no leitor, que passa a agir na sociedade com essa recente experiência de leitura. Em nossa pesquisa, a legítima identificação destas realidades, da veiculação/exposição é o indício de que a memória suscita uma cadeia de remissões e referenciais tão vasta que desloca o texto inicial de seu imediatismo significativo. O texto/fala ganha importância, então, pela capacidade dialógica com as duas temporalidades, ilustrando significantes (no primeiro texto) e reinscrevendo significados (no último). Isso caracteriza o diálogo entre o leitor/ouvinte de uma obra que é, inseparavelmente, de arte e de pensamento.

Bosi torna mais evidente um tratamento da memória como fenômeno que, além de temporal, também é social. Explora, para isso, a diferenciação entre memória (capacidade) e lembrança (ação imediata da memória). Em suas manifestações na linguagem, as duas são capazes de aproximar visões de mundo e realidades na forma de pensamentos compartilhados. Enquanto “[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo **atual** das representações” (BOSI, 1994, p. 46, grifo do autor),

[...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55).

Por meio do aporte teórico do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), a autora situa a discussão sobre a memória em torno de sua importância e articulação com os campos da sociedade e da cultura. Ao contrapor a teoria Bergsoniana, na qual não há “[...] **um tratamento da memória como fenômeno social** [...]” (BOSI, 1994, p. 54, grifo do autor), à de Halbwachs, na qual “[...] as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa [...] mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais [...]” (BOSI, 1994, p. 54), a autora evidencia, na memória em uso, a perda de identidade de ambas as realidades (como entidades díspares e pouco conciliáveis). Segundo Halbwachs (2012), discípulo de Durkeim, a lembrança está condicionada aos elementos da experiência contínua do homem; estes a fomentaram até o momento em que veio a ser lembrada. Portanto, a lembrança de um evento não pode ser tomada como sua restituição independente do presente, pois este, através da percepção do indivíduo, foi o agente que tornou suscetível a retomada de uma lembrança. Por exemplo, a infância fornece uma lembrança para um adulto cuja incompletude advém da condição atual quando ele rememora, expressando, compartilhando ou registrando essa experiência resgatada, em forma e conteúdo inevitavelmente diferentes da experiência original. A questão que se coloca, então, para compreender essa criação verbal, laboral e mnemônica é a sua análise a partir dos pontos de vista de passado e presente nestes registros, produtos de uma coletividade e atrelados a um exercício de sociabilidade:

[...] Embora certos momentos de suas vidas decorram em ambientes diferentes, através de cartas, descrições ou por narrativas quando se aproximam, eles podem dar a conhecer um ao outro detalhes de circunstâncias em que se encontravam quando já não estavam mais em contato, mas será preciso que se identifiquem um ao outro para que tudo o que de suas experiências fosse estranho para um ou para outro seja assimilado como pensamento comum. (HALBWACHS, 2012, p. 51).

Segundo Bosi (1994, p. 56):

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação-limite da pureza individual).

A linguagem, segundo o diálogo proposto com as duas citações anteriores, carrega, em suas formas de expressão, o compartilhamento e a perpetuação da memória e da cultura na língua (ou de outras formas de expressão) que um grupo de pessoas utiliza para se comunicar.

Destaca-se o apontamento dos espaços de fala e de texto histórico e cultural, para os quais confluem imagens antigas, atuais e lembradas, conscientes ou não. Nesse contexto, como os autores citam, elege-se a língua — a exemplo do nosso trabalho, no qual optamos pela vertente literária — como possuidora da competência para trazer os dados coletivos que suscitaram a lembrança e que a inserem na memória social. Cria-se, então, o dado contemporâneo na forma de registros gráficos, sonoros ou, mais atualmente, de multimídia¹⁸².

Ao compor uma expressão de memória com a língua, as ações de compartilhar têm características que permitem o encontro com outros objetos relevantes para análises, debates e estudos. A partir da socialização e veiculação das memórias em suportes específicos, como o texto publicado em jornal, acrescenta-se ao já seletivo aspecto da fala o conciso trabalho da escrita. Essa atualização das lembranças proporciona uma reorganização da memória cultural e social com a apresentação e o desenvolvimento de novas relações de expressão, produzindo ciclicamente sobre o passado recriado por mediação do presente.

A memória proporciona e concretiza ligações entre o passado e o presente, estabelecendo experiências e perspectivas de visões a partir da exposição de lembranças em condições e pessoas interagentes. A chamada obra de arte e de pensamento (BOSI, 1994, p. 21) origina, pois, do material da memória (a lembrança) segundo estímulos contingentes, políticos e (sócio) autorreferenciais. Assim, a proximidade entre a obra de pensamento (com peso relevante da memória) e a obra de arte (que dialoga com a memória) expressa a experiência individual e coletiva compartilhada. Quando ela é reescrita em função da memória, amplia a percepção do indivíduo sobre a sociedade, exemplificando e perpetuando a cultura inerente ao conjunto de valores do grupo humano; torna-a pública, e ainda mais informativa e repercussiva quando documentada numa publicação impressa. É ainda mais importante num periódico, pois regularmente este oferece ao usuário um exercício de leitura e, em parte, de recordação. Esse espaço de compartilhamento possui a propriedade de dialogar com novos e potenciais locais de identificação cultural e social, nacionais ou internacionais. Assim, a demonstração dos textos memorialísticos de João Paraguaçu em suas descrições e referências políticas, históricas e sociais no jornal permite traçar uma visão panorâmica — mas precisa sobre um objeto de estudo — a respeito da importância das relações entre a memória e a literatura, para a sociedade e para os estudos literários.

¹⁸² Técnica para apresentação de informações que recorre simultaneamente a diversos meios de comunicação, mesclando texto, som, imagens fixas e animadas. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

6.2 A EXPERIÊNCIA SOCIAL EM LITERATURA: HISTÓRIAS EM NARRATIVAS¹⁸³

A categoria da memória é inerente a qualquer ato de escrita. Todavia, ela ganha um tratamento peculiar na narrativa literária. [...] está presente o estabelecimento de uma nova relação viva com o passado, no sentido do resgate libertador e do aproveitamento da riqueza das experiências humanas do passado. (HERRERA, 2008, p. 285).

As únicas histórias valiosas são as que escreveram os que dirigiam os negócios por eles relatados, ou outros do mesmo gênero. É o caso de quase todos os historiadores gregos ou romanos, pois se várias testemunhas oculares escrevem sobre um mesmo assunto (ocorria frequentemente, então, encontrarem-se reunidos altos cargos e saber) e que haja erro, este tem que ser de somenos ou referir-se a algum incidente duvidoso. (MONTAIGNE, 1987, p. 196-197).

Para a elaboração desta subseção, recortamos nosso campo de discussão para identificar as relações entre a memória e a expressão escrita, no espaço do jornal, em textos que podemos caracterizar como narrativas. Considerando as relações indissociáveis entre memória e escrita (narrativa) abordadas por Herrera (2008), esse diálogo, empregado e transposto em texto por M. Paulo Filho como João Paraguaçu, inclui essas duas categorias nas produções e ações, em que buscamos sistematização segundo a CLE. Acresce-se, ainda, a referência direta a homens, mulheres e fatos que participam da história conhecida (ou não) do Brasil, tornando as crônicas e os artigos mais uma contribuição à literatura, pelo estilo irônico e pelo diálogo com o leitor, e à história, pelo viés memorialista e histórico encontrado nas diversas referências das publicações. Como salienta Montaigne na citação anterior, as memórias (negócios) das versões sobre fatos se entrecruzam, e as novidades aparecem em torno de dúvidas quanto mais versões existirem.

Le Goff (1996, p. 29) afirma que há, fundamentalmente, duas histórias: a da memória coletiva e a dos historiadores, cabendo a estes, segundo seu ofício, após o contato com aquela memória, situar e oficializar os acontecimentos no âmbito de sua retificação. Do ponto de vista da história, a memória coletiva é caracterizada por conter informações ou construções carregadas de misticismo, deformações factuais e anacronismo, mas, ainda sim, constitui o que se viveu numa relação entre o presente e o passado. A memória, acrescenta o historiador francês, distingue-se da história por ser um dos objetos desta. Possui, ainda, nas produções do imaginário, realidades históricas possíveis, construídas para leitura e transmissão coletiva. Essa matéria guarda uma forma criativa e uma postura de reação ante o passado que interessa

¹⁸³ Parte desta subseção foi desenvolvida em trabalhos para duas disciplinas cursadas do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (UEFS): Tópicos da Narrativa, Literatura e História.

à história e à cultura em geral (também à Literatura), na qual a percepção da ciência histórica, segundo Le Goff (1996, p. 49), encontra um “[...] nível elementar de elaboração histórica.” Segundo nosso estudo, esse caráter elementar identifica e correlaciona o conhecimento, a produção, a leitura e a recepção literária à história.

No âmbito de suas fontes, a História e a Literatura apresentam muitos contatos para a criação e a pesquisa de suas produções. Não raro, as duas áreas do conhecimento confluem e trocam elementos que, mesmo atribuídos às duas, distinguem-nas de outras áreas. Se a Literatura lida com o conhecimento histórico na elaboração de textos, isso implica incluir a noção de tempo(s) segundo os objetivos dos autores. Para a História, que aborda as produções humanas de outra maneira — e isso a distingue das demais formas de conhecimento —, a representação do tempo em fatos tende a aproximá-la, em discurso e em objetivo dos seus escritores, da realidade concreta e oficial.

Do ponto de vista da Literatura, um dos mais fecundos e importantes diálogos com a História se dá no tratamento da memória como fomento e articulação do texto. Dentre os recursos com os quais pode elaborar suas produções — sempre em mudança e em reescrita —, a literatura promove um universo construído por uma noção de narrativa ao leitor, incluindo noções de tempo, espaço e personagem, além de um enredo no qual os acontecimentos são criados, dispostos e manipulados pelo autor. Esse conjunto integra a narrativa que se deseja comunicar (fazer-se entender entre significados singulares e compartilhados). Na medida em que o texto memorialístico é, assim, parcialmente originado em função de um estado de vinculação com a realidade, a disposição literária da experiência na escrita importa sobremaneira para os contextos de veiculação, leitura e alcance de textos como os escritos por João Paraguaçu.

A escrita da história e a escrita da literatura apresentam ligamentos nos quais o homem se reencontra de várias maneiras em sociedade, como leitor/crítico, ator/personagem, criador ou combinando essas três instâncias no âmbito da experiência e no exercício da memória. Nessa atividade, tanto o fazer literário quanto o histórico dialogam com o sujeito do processo criador. O escritor e o historiador compartilham o comprometimento com suas fontes, pois delas oriunda o material de linguagem transposto em conhecimento. Ao comunicar e ser entendido, o escritor/historiador estabelece com o leitor uma relação sujeito-sujeito, na medida em que ambos aprendem e depreendem — em momentos distintos, é claro — ideias sobre o que está sendo veiculado. Ao analisar a narrativa ficcional e narrativa histórica referenciado em Paul Ricoeur, Barros (2010) aponta que as duas trabalham na construção da intriga com a mesma orientação temporal:

[...] um terceiro tempo, que busca a mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico. O tempo vivido deve encontrar o seu reconhecimento na intriga logicamente construída, isto é, no âmbito do tempo construído pela lógica narrativa do historiador. O Tempo torna-se tempo humano, de acordo com as proposições de Ricoeur, precisamente quando é articulado de maneira narrativa. Temporalidade e Narratividade reforçam-se reciprocamente. A intriga se apresenta como mimese, uma imitação criadora da experiência temporal que faz concordar os diversos tempos da experiência vivida. Deste modo, a Intriga agencia os fatos dispersos da experiência em um sistema. (BARROS, 2010, p. 7).

Existem, então, similaridades entre o fazer literário e o fazer histórico. A feitura de textos nas duas áreas do conhecimento apresenta um parâmetro em comum, a temporalidade inerente à intriga. A lógica narrativa do historiador situa o discurso num tempo articulado pelas necessidades de sua expressão e do que deseja dar relevância. A sucessividade dos acontecimentos, já constituindo uma intriga — consequentemente temporal —, relaciona-se com a compreensão do texto, mediada pelas experiências do leitor e disponíveis aleatoriamente pelo caráter contingente da memória (FOSTER, 2011), tanto para a leitura quanto para a escrita. Veyne, em *Como se escreve a história* (1971), defende que romance (entenda-se narrativa) e história igualmente observam ou depreendem dos momentos para descrevê-los ao seu modo, sintetizando e reorganizando a experiência em novos elementos para a apreensão de conhecimento e de saber humanos. O exercício narrativo que essas duas modalidades apresentam as aproxima, “[...] e esta síntese da narrativa não é menos espontânea do que a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos.” (VEYNE, 1971, p. 14). O arqueólogo e historiador francês discorre sobre a semelhança que a prática historiadora tem como narrativa quando sua predisposição tendeu para enxergar que a experiência se alterou:

Nisso [mudança de relação de valores para registro natural dos homens] ela [a história] tem alguma semelhança com o romance (ou história que mente), dado que o romance é, do mesmo modo passado, relação de valores, devido ao fato de contar por contar. [...] Todo o problema da história e do romance se encontra aí. Quando o romance deixou de falar de Ciro para narrar as aventuras de desconhecidos, teve em primeiro lugar de justificar-se, **o que fez de várias maneiras** [...] (VEYNE, 1971, p. 73, grifo nosso).

Dentre os três exemplos citados pelo autor, a narrativa de viagens, a confissão e a narrativa mediatizada, a última aponta de maneira mais objetiva para os textos de João Paraguaçu publicados n’*O Imparcial*. A igualdade entre uma terceira personagem e o

narrador, e a busca interna da narrativa por veracidade¹⁸⁴ são entendidas pelo leitor como verossimilhança¹⁸⁵. Tais características e dinâmicas internas tornam a narrativa mediatizada dotada de uma estruturação na qual se pode identificar as produções de João Paraguaçu. Na “Oração de posse” apresentada na Academia Carioca de Letras (ACL) e publicada em *Literatura e história* (1958), M. Paulo Filho diz que o observado e o sentido, almejados pelo escritor, são mediados pela necessidade de expressar subjetivamente o que, tendo ou não acontecido, é apresentado como algo que nunca foi dito:

Muita gente não acredita nas observações subjetivas. Como resultado de estados d'alma, acham-nas demais na dependência das prevenções, das superstições e dos preconceitos obstinadamente deliberados. Parte-se de uma ideia qualquer, por ingenuidade ou malícia, por inveja ou despeito, por distração, pelo contra e até pelo gosto de parecer que se é o que em verdade não se é, dizendo-se de público, ou na intimidade, aquilo que, talvez, por convicção ou certeza, não se disse nunca. (PAULO FILHO, 1958, p. 179).

Dentre as publicações de João Paraguaçu n' *O Imparcial*, encontram-se como espaços temáticos principais o ambiente acadêmico, o jornalístico e o político. Entretanto, são igualmente veiculadas outras dimensões nos escritos: sociológica, política, econômica, artística etc. Essas dimensões, ou sistemas, segundo a CLE, estão contidas e inter-relacionadas no enredo e nas ambientações das crônicas e artigos de João Paraguaçu. Suas relações com a história são diretas, mas sugerem, a partir da publicação e posterior leitura, a reflexão e a crítica sobre esses mesmos assuntos. A perspectiva narrativa em torno da memória — um dos recursos criativos do autor, do narrador e de suas personagens — atua, assim, no espaço narrativo aliando literatura e história.

A discussão recai sobre o modo como história e literatura se encontram nos textos de João Paraguaçu. O arcabouço teórico utilizado em nosso estudo permite-nos afirmar que, se existe a possibilidade das duas disciplinas possuírem a mesma maneira de dotar sentido às suas construções, as relações entre ambas, nas criações de cada uma delas, também podem ser simbióticas. Ou seja, a função que a história possui na criação literária está ligada não apenas a um conceito estritamente literário. Por isso, ela não pode ter o campo de estudos esgotado sem as contribuições da literatura; do mesmo modo, a elaboração de um texto eminentemente

¹⁸⁴ Atributo ou qualidade do que é verdadeiro ou corresponde à verdade; veridicidade, verdade; capacidade de ser verdadeiro ou de dizer a verdade. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

¹⁸⁵ Qualidade do que é verossímil ou verossimilhante; ligação, nexos ou harmonia entre fatos, ideias etc. numa obra literária, ainda que os elementos imaginários ou fantásticos sejam determinantes no texto; coerência. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009).

histórico também não está condicionada ao confronto com os conhecimentos da linguagem (a literatura é um desses conhecimentos), e esta também não se define sem o auxílio da história.

Os historiadores perfeitos têm a inteligência necessária para discernir o que merece passar à eternidade. São capazes de distinguir, entre dois relatos, o mais verossímil. [...] São levados a impor-nos sua maneira de ver, mas isso é peculiar tão somente a um pequeno número deles. (MONTAIGNE, 1987, p. 196).

Tal concepção do ensaísta Francês quinhentista sofreu modificações ao longo do tempo. Certeau (2006, p. 19) identifica que, desde o século 15, a historiografia passa do registro de representação de um tempo à mercê de um autor; neste, a elaboração está condicionada a um poder político, o do Estado. Constrói-se a história, então, segundo as premissas do poder instituído e sob o qual submete suas produções, uma história política. Este é o objetivo da historiografia, por um lado. Pela exposição coerente e pelo alcance social e verídico que a história veicula, sua materialidade se contempla por arquivos e documentos. Nesse diálogo, o texto e seu autor referenciam uma característica peculiar em relação à literatura:

Entretanto, é por uma espécie de ficção que o historiador se dá este lugar. Com efeito, ele não é o sujeito da operação da qual é o técnico. Não faz a história, pode apenas fazer história: essa formulação indica que ele assume parte de uma posição que não é a sua e sem a qual um novo tipo de análise historiográfica não lhe teria sido possível. Está apenas **junto** do poder. (CERTEAU, 2006, p. 19, grifo do autor).

De centro produtivo à parte da engrenagem criativa, o historiador coloca a historiografia numa dubiedade: fala de um passado para um futuro que é o presente, embora esteja atrasado em relação a este. O presente fica entre sua ação histórica e os objetivos (futuros) com ela. A ficção presente nas produções — característica do que há de história oficial nas memórias de João Paraguaçu — torna esse conhecimento crítico e, por horizonte de abordagem, político. Ao distinguir entre a autoridade de fato e a autoridade formada pela historiografia gestada nos limites do poder, Certeau (1975), assinala a sua impossível correspondência total. Esse postulado intensifica o que há de ficcional na elaboração historiográfica:

[...] O afastamento com relação ao presente mostra o lugar onde se produz a historiografia, ao lado do príncipe e próximo ao público, representando o que um faz e o que agrada ao outro, porém, sem ser identificável nem com um

nem com o outro. O passado é, também, ficção, do presente. O mesmo ocorre em todo verdadeiro trabalho historiográfico. A explicação do passado não deixa de marcar a distinção entre o aparelho explicativo, que está presente, e o material explicado, documentos relativos a curiosidades que concernem aos mortos. (CERTEAU, 2006, p. 19-20).

Entendemos que função semelhante acontece entre a biografia de M. Paulo Filho e a produção memorialista de João Paraguaçu, na relação entre historiografia e memória que emerge dos textos publicados n’*O Imparcial*. Isso está tecido nas referências à história oficial e pessoal de personagens destacados, traço político que emerge em função do(s) gênero(s) e do estilo adotados por Paraguaçu. Suas memórias sociais, políticas e históricas são escritas no jornal; descrevem, não raro, o que existe/existiu de cotidiano na vida e no trabalho de alguns dos homens e mulheres que participaram direta e indiretamente da formação intelectual e social do país, veicula-as em, pelo menos, dois espaços importantes da cultura brasileira, Rio de Janeiro e Salvador. Esses elementos tornam-se presentes com leitura nos periódicos. A circulação e participação do autor na vida pública, política, jornalística e literária brasileira, em parte depositada na constante memória nas crônicas e artigos de cunho ensaístico, aproximam o pseudônimo e o ortônimo — não devem ser confundidos —, a ficção e a história. Esse exemplo de Literatura de Jornal (PINHO, 2008, v. 1) alia-se às referências e documentos que confirmam a contribuição historiográfica; cria um parcial afastamento do presente, mas prioriza no texto também a função fática da linguagem, a necessária manutenção do contato com o leitor, a quem cumpre o papel de ampliar o diálogo com o passado no contemporâneo.

Notadamente, pode-se encontrar, nas publicações que João Paraguaçu efetua, duas posições da ciência (pesquisa) que Certeau aponta em *A escrita da história* (2006). Estabelecendo discussões entre o real enquanto conhecimento formal e objetivo, e o real como condição sempre disponível a novas abordagens e inter-relações — cujas articulação e tensão, nunca oposição, fundamentam os estudos em história —, caracteriza a segunda discussão como pretensa a “[...] encontrar o **vivido**, exumado graças ao conhecimento do passado.” (CERTEAU, 2006, p. 45, grifo do autor). Enquanto fonte e formulação de textos literariamente representativos dessas experiências históricas, o autor inclui tais dados como postulados da análise do real, ou seja, elementos iminentemente anteriores à formulação de “conhecimento”, mas essenciais para sua existência, sendo condição para o seu estudo.

A outra posição representa predomínio do viés científico do texto. Está, desse modo, propensa a sistematizações e a formar contato com outras áreas do conhecimento, um princípio epistemológico semelhante ao apontado pela CLE:

Ela obedece à necessidade de elaborar modelos que permitam constituir e compreender séries de documentos: modelos econômicos, modelos culturais, etc. Esta perspectiva, cada vez mais comum hoje em dia, leva o historiador às hipóteses metodológicas de seu trabalho, à sua revisão através de intercâmbios pluridisciplinares, aos princípios de inteligibilidade suscetíveis de instaurar pertinências e de produzir **fatos** e, finalmente, à sua situação epistemológica presente no conjunto das pesquisas características da sociedade onde trabalha. (CERTEAU, 1975, p. 45, grifo do autor).

Essa abordagem da história proporciona ao nosso estudo identificar o comprometimento do autor com os assuntos abordados e as relações com a memória em relato, gênero discursivo apontado pelo historiador francês e ligado ao estilo das publicações de João Paraguaçu n' *O Imparcial*, no *Correio da Manhã* e nos ensaios de M. Paulo Filho em *Literatura e história* (1958) e *Ensaio e estudos* (1961). A perspectiva de estudo apontada por Certeau (2006) torna-se, atualmente, uma possibilidade epistemológica com traços presentes e pertinentes a teorias de outros campos de conhecimento, como os estudos literários e culturais. Assim como assevera que a atividade do historiador precisa conhecer, organizar e selecionar para escolher forma(s) de contar no espaço da prática, o historiador francês desdobra este recorte sobre o futuro presente da leitura. Provoca, então, como se percebe nos textos de Paraguaçu, o retorno ao passado que reencontra, na história, a contiguidade implicada em um texto pertinente à vista das leituras e práticas que o compuseram:

— A posteridade somos nós mesmos, dizia eu ao amigo Agostinho d'Almeida. O princípio é anatoleano e á absolutamente verdadeiro. Como a história, na opinião do filósofo Benda, se faz com as parcelas dos casos que vamos assistindo, ou dos quais temos informações mais ou menos seguras, o resultado é que nós, os de hoje, sem o sabermos, preparamos as convicções e os juízos que sobre ela os de amanhã terão de externar. Não se preocupe muito com o que há de vir. Fixe-se no que está agora acontecendo. Você e os outros, devorados pela seriedade no presente, darão os elementos indispensáveis aos que de futuro quiserem escrever sobre que não viram e só conheceram através de narrativas e documentos deixados. ¹⁸⁶
(PARAGUAÇU, 1942, p. 5).

Segundo nosso *corpus*, objeto, escolhas e articulações teóricas, julgamos necessárias reflexões sobre como a história e a literatura dialogam de maneira mais explícita na feitura de textos, posto que, como intentou-se com esta subseção, a distinção entre as duas suscita cada vez mais a descoberta de uma em outra (LE GOFF, 1996). A participação dos pressupostos

¹⁸⁶ Crônica “Museu da cidade”, publicada n' *O Imparcial* em 19/06/1942 e no *Correio da Manhã* em 17/06/1942, p. 23.

mais elementares e específicos das duas, em trânsito constante, estabelece uma coligação que resulta numa sempre móvel e mutável expressão, adequada, geralmente, ao estilo e às necessidades do escritor, seja ele da História ou da Literatura. No caso de Paraguaçu, configura-se uma associação entre essas duas ciências e saberes nas conexões sociais, políticas e culturais suscitadas pela sua produção, leitura e pesquisa. Para este trabalho e para o que foi analisado do jornal baiano, o conhecimento empírico (história, biografia, relações sociais) está manifestado na prática discursiva (literatura, memória), nos suportes nos quais foram publicados (livro e jornal) e, dentre os gêneros presentes em suas produções narrativas, o que mais foi produzido e que define o ortônimo/pseudônimo em termos de literatura no jornal, a crônica.

6.3 A LITERATURA NO JORNALISMO: A CRÔNICA

A notícia do falecimento de M. Paulo Filho no jornal carioca, no dia seguinte à sua morte, destaca, junto com a publicação do último texto enviado à redação do periódico, um dos gêneros em destaque nos textos escritos pelo jornalista e literato:

Desde 1960, M. Paulo Filho dedicava-se, entre outras coisas, a escrever **crônicas** sobre diversos assuntos, de interesse geral, e suas reminiscências sempre traziam um dado útil e esclarecedor, algo que vinha completar ou corrigir fatos recentes da vida política e cultural do País a que assistiu e de que participou como jornalista e escritor. Suas crônicas, muito apreciadas, como tantas vezes o autor teve oportunidade de averiguar, levavam o pseudônimo de João Paraguaçu. (MORTE..., 1969, p. 3, grifo nosso).

Segundo o fragmento acima, as características que perpassam as crônicas de João Paraguaçu reúnem história e literatura por meio da memória. Para Gottardi (2007), embora a crônica tenha sido originada de uma escrita para fins de registro cronológico e historiográfico, ela desenvolveu, nos diversos países e culturas, conformidade aos suportes e aos espaços nos quais foi utilizada. Contudo, seus traços mais característicos, como a noção — ainda que suspensa ou seccionada — de tempo, não perderam “[...] os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está na sua formação.” (LAURITO, 1993, p. 11). O diálogo mais difundido que a crônica ocupa há muitas gerações de leitores e críticos, principalmente no Brasil, é com a Literatura, com ênfase ao exercício específico e expressivo de registrar um fato. Este, de acordo com o cronista que o faz, depende ou não de referências diretas à realidade. Embora se afaste da ênfase histórica, perceptível em relação à origem do

termo, o texto cronístico continua constituindo sentido por seu enredo internamente contextualizado de historicidade.

A crônica como gênero jornalístico e literário, seletivo e valorativo da matéria cotidiana, é um fenômeno literário que se desenvolveu na imprensa brasileira. Suas origens reportam ao século 19, no contexto do aparecimento dois tipos de folhetim: o chamado folhetim-romance, nos quais eram publicados textos de ficção, e, principalmente, o folhetim-variedades, “[...] aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo.” (LAURITO, 1993, p. 16). São exemplos os artigos de rodapé sobre questões da sociedade em “Ao correr da pena”, coluna semanal assinada por José de Alencar para o jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro. Em “A vida ao rés do chão”, Candido (1992, p. 17) afirma, listando alguns dos mais prestigiados cronistas brasileiros, que “[...] foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e se consolidou no Brasil como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de jornalistas, com seus rotineiros e os seus mestres.” — nesse período, em 1936, M. Paulo Filho inicia as publicações nos jornais *Correio da Manhã* e *O Imparcial*. Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga são alguns dos escritores que mantém-se em lembrança e/ou leitura por suas crônicas. Ao trazer essa contribuição de Candido, Gottardi (2007) afirma que o jornal foi o ambiente no qual o gênero encontrou meios para modificar-se e atingir o estado de tratamento e expressão que o caracterizam, desde os folhetins e críticas literárias até o recorte de momento no qual uma história pessoal atinge uma importância coletiva pelo modo de expressão. Portella (1973) afirma a literariedade da crônica e enfatiza a necessidade de sua localização — não delimitação — nos gêneros literários, em função de sua forma e estilo desestruturantes e da exploração discursiva da ambiguidade e da ironia. Para o crítico literário, o processo de modificação pelo qual a crônica passou no Brasil converteu-a

[...] num gênero literário extremamente matizado. A ponto de se ter ajustado à trama existencial complexa da sociedade de massa. Porque a crônica hoje se enriqueceu desta nova função: é elemento de contato entre a ânsia quantitativa da massa e a necessidade de evitar-se o desnível qualitativo da informação. (PORTELLA, 1973, p. 154, grifo nosso).¹⁸⁷

Encontra-se, na citação anterior, no que é inerente à matéria social da crônica, o que lhe especifica cultural e esteticamente no espaço de atuação junto ao público que a lê. A

¹⁸⁷ Do texto “Visão prospectiva da Literatura no Brasil”, publicado integral e anteriormente como capítulo de *A literatura no Brasil* (COUTINHO, 1968, v. 6, p. 266-275).

ambientação e perspectiva temática dos textos, como também a diversidade de matizes de estilo no conjunto de escritores do gênero, são elementos do sistema literário que proporcionaram à crônica estabelecer-se como prática de escrita destinada à leitura fácil e rápida, no oferecimento de uma determinada literatura em texto sem que se comprometa o que o caracteriza como pertencente ao sistema Literatura. As transformações ocorridas no Brasil fomentaram modificações singulares à crônica, intensificando a pessoalidade e o estilo na percepção do olhar e do papel do cronista. Embora Portella, no citado texto da época, considere o que chama de “apego à notícia” um traço que impeça a (boa) crônica de “permanecer”, a inserção da memória como construção estética e estilística de crônicas de cunho histórico e social, traço encontrado nas narrativas de João Paraguaçu, reafirma a não permanência do texto, mas não invalida seu caráter formativo e contributivo para o leitor da época e das gerações posteriores. “Os gêneros literários não se excluem; incluem-se.” (1973, p. 156), diz o próprio Portella. Ao lado do conto, do poema em prosa e do ensaio, o crítico e ensaísta baiano insere a crônica como participante desse grupo. Coutinho (1986, v. 6) apresenta uma divisão de gêneros segundo a interpelação ao leitor e capacidade de deixar entrever os pontos de vista do autor (ou narrador). Agrega, nesse grupo, o discurso, a carta, o apólogo, a máxima, o diálogo, as memórias e identifica relações históricas e estilísticas entre a crônica e o ensaio (informal, familiar, coloquial e representativamente oral), principalmente considerando as modificações que ocorreram nesses gêneros na França e na Inglaterra em relação ao Brasil. Como se atesta na leitura dos textos de pseudônimo de M. Paulo Filho, o grupo de gêneros citados está inserido na obra do autor publicada n’*O Imparcial*, integrando e concorrendo para sua contextualizada elaboração e, posteriormente, agradável leitura.

[...] Devido à **natureza** do leitor brasileiro — que, além do herdeiro de uma cultura marcada pela oralidade, ainda soma a isso as consequências da vocação retórica da elite produtora de cultura —, a escrita que mais se aproxima da fala — a do jornal — é a que mais se aproxima do leitor. (PINA, 2002, p. 21, grifo do autor).

As relações pontuadas por Pina (2002) são, em seu estudo sobre o século 19, alguns dos traços que ratificam simbiose entre crônica realizada no Brasil e um tipo de ensaio inglês que Coutinho aponta: a proximidade do leitor proporcionada pela tendência à pessoalidade — do veículo e do público. Nessa dimensão jornalística do texto, o papel do leitor é de estimulador, pois é o que sustenta pública e politicamente a leitura do que está escrito e, igualmente, a existência do veículo no qual os textos estão impressos. No caso das crônicas (e

demais textos) de João Paraguaçu¹⁸⁸, a memória pessoal do escritor (M. Paulo Filho) reúne conhecimentos concretos de repercussão na história social do país. Isso tende a aproximar o leitor de seus textos, conhecendo/reconhecendo, numa determinada condição de leitor e de situação, uma crônica de jornal numa seção específica, “Vida Social”. Assim, as exigências estéticas do gênero, a fonte que orienta a feitura dos textos e o ambiente no qual a história permeia a matéria-prima para as publicações — constituindo elemento essencial para o processo de criação e recepção dos textos — integram e acompanham uma publicação (e publicização) periódica de forma intelectual, histórica e política. De forma análoga à que a escrita produz fatos em crônicas memorialísticas,

[...] No processo de produção do conhecimento, as fontes, materiais e vestígios também vão imprimindo as suas direções aos caminhos a serem percorridos, obviamente que em interação com o próprio trabalho do historiador. Este, ao final do processo de produção do conhecimento historiográfico, também se vê transformado. Mas há mais. Para além do **sujeito-objeto** que é constituído pelos sujeitos do passado, também o leitor, o receptor do conhecimento histórico a ser produzido, é sujeito de produção do conhecimento. (BARROS, 2010, p. 5, grifo do autor).

As ligações entre literatura e jornalismo apresentam, em nosso estudo, a memória como uma das motivações que mais bem se adaptam à feitura dos textos do pseudônimo de M. Paulo Filho. Nesse sentido, o estímulo que a memória provoca e valoriza em um de seus planos, a transposição da experiência — aspecto tratado de maneira imediata nos textos escritos —, é tornada pública quando documentada e divulgada pela existência e circulação do periódico. Este veículo, produção impressa, tornou-se o suporte em que se escreve o texto baseado em memórias. Ao atribuir o termo Literatura de Jornal, Pinho (2008, v. 1) designa as produções literárias produzidas e inscritas segundo os contextos cultural, político e social num periódico, conseqüentemente produzidas como textos de literatura específicos que comungam desses contextos e que as representam no papel. Os textos localizados e lidos participam do corpo social de maneira retroalimentada, em função de terem “[...] um olhar do literário como discurso articulado entre a ciência, a arte e a sociedade. [...] A especificidade da literatura de jornal [...] exige que seja lida enquanto texto híbrido daqueles três aspectos.” (PINHO, 2008, v. 1, p. 26).

A apresentação desse diálogo entre literatura e jornal permite-nos deter mais apuradamente nas relações entre a literatura e a imprensa. Pedro Calmon (1902-1985), acadêmico da ABL, professor, político, historiador, biógrafo, ensaísta e orador, na conferência

¹⁸⁸ Pinho (2008, v. 1 e v. 2) atribui aos textos de João Paraguaçu n’*O Imparcial os* gêneros crônica e artigo.

“A imprensa e a literatura”, realizada no cinquentenário da Associação Baiana de Imprensa (1980), diz a respeito das relações entre a escrita jornalística e o teor literário de um texto que dialoga o periódico: “Não se trata [...] de fazer história, mas de refazer literatura.” (CALMON, 2008, p. 193)¹⁸⁹. Assim, a ótica do acadêmico evidencia que a simbiose existente entre as duas áreas de conhecimento está presente na gênese da produção dos textos — neste trabalho, isso é apontado a partir da leitura nos textos de João Paraguaçu. O exercício da criação de textos literários em jornais pode ser identificado, portanto,

[...] como atividade que perpassa, dentre muitos aspectos, o exercício jornalístico da publicidade, a individualidade inerente ao estilo e o caráter estético do texto. No periódico, a função natural desse documento — para leitura — equivaleria a literatura ao jornalismo. (ALMEIDA, 2011, p. 10).

A memória é ressignificada e valorizada por M. Paulo Filho a partir do processo de experiência para a publicação dos textos de João Paraguaçu e das demais produções de cunho memorialístico do escritor no jornal e em livros como *Memórias de João Paraguassú* (1964). O conteúdo, as representações literárias e a veiculação exemplificam a ideia de sistema da CLE. O plano individual de formação do texto — memorialístico — se manifesta ampliado na formação do sistema, formado, neste caso, a partir do conjunto de textos, da temática apresentada, dos leitores e das repercussões que o texto pode proporcionar ao ser reapresentado. O conhecimento da memória também se relaciona com o sistema da Literatura quando apresenta uma produção contemporânea que dialoga com o passado sob um dos gêneros literários típicos em um veículo social legitimado: o recorte característico de gêneros ligados à crônica num periódico jornalístico.

Como reconhecido saber letrado de gêneros, de estilos e de escritores, a Literatura Brasileira apresenta romances, contos e crônicas. Estas últimas, preferencialmente, foram escritas por diversos autores canônicos nacionais. José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo e demais escritores consagrados no século 19 — no qual se iniciou o processo de massificação em leitura de periódicos no Brasil —, publicaram grande número de obras literárias nos jornais. Isso tendeu, quase sempre, a uma posterior publicação em livro. Algumas produções até refizeram o caminho de publicação, exemplo de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida.

¹⁸⁹ Há duas correções a serem feitas a respeito dessa referência, quando citada em outro trabalho de minha autoria: *Literatura de Jornal: ciência, cultura e sociedade* (2011). Nele, cito o nome da conferência como “A Literatura e a Imprensa” e informo a citação como presente na página 189. As duas informações estão corrigidas neste trabalho.

Nas crônicas de Paraguaçu, a ação simbiótica entre jornalismo, história e política — entendidos neste caso como sistemas parciais, segundo a CLE (SCHMIDT tradução OLINTO, 1989, p. 44) — está atualizada na gênese memorialista e cultural das experiências narradas. Figurada, assim, na especificidade de seu objetivo, essa atividade perpassa o exercício jornalístico inerente ao estilo de cada cronista, além, claro, da intenção e da recepção com a produção do texto. No periódico, para Calmon, as leituras sociais, a veiculação e o destino aproximam publicamente a Literatura e o Jornalismo. Em trânsito por esses dois campos de conhecimento, a comunicação pela crônica aparece historicamente nas páginas de jornais; diverte, informa e educa por meio de relacionáveis temas e personalidades, fatos e ficções. São textos sobre experiências, paixões, interesses e tendências particulares de expressão do escritor. Elas motivam uma visão diversa, mas articulada e posicionada ante a sua exposição dos aspectos da cultura — identificada principalmente pela descoberta e pesquisa em conjuntos delimitados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresentou, num conjunto de textos raramente referenciados em publicações acadêmicas e não acadêmicas, relações entre literatura, história, cultura e sociedade por meio de memórias publicadas em jornal. Nessa perspectiva analítica, a leitura das crônicas e dos artigos de João Paraguaçu sugeriram orientações teóricas que trouxessem esses diálogos para o ambiente acadêmico, para o espaço da pesquisa científica em Literatura. Dedicamo-nos ao estudo da memória literária referenciadora que essas produções têm em função dos gêneros de textos que influenciam e se incluem na sua escrita, os quais articulam elementos biográficos, sociais e culturais para proporcionar uma visão panorâmica e sistemática a respeito dessa obra n' *O Imparcial*, apontada como Literatura de Jornal. Com a CLE e a Estética da Recepção, realizamos um trabalho conjunto de identificação do jornal com os estudos literários e com a inclinação da narrativa literária e discursiva destes em tornar o texto dialógico com o leitor. Em nosso estudo, as reflexões orientadas sobre a escrita da História aproximam-na da Literatura por meio da memória, uma vez que esta se inclui, enquanto matéria histórica, para a comunicação em forma de narrativas e como gênero literário, desenvolvidos por Paraguaçu a partir, principalmente, dos elementos da crônica, do artigo e do ensaio. A biografia do escritor M. Paulo Filho e a história do periódico *O Imparcial* confluíram para o entendimento dos textos publicados sob o pseudônimo de João Paraguaçu, pois apresentam uma visão política articulada com as práticas e críticas históricas e literárias que fizeram parte do cotidiano e do imaginário social e político brasileiro.

Como narrador-repórter típico de crônicas, mas adotando uma perspectiva memorialista de registro, comentário e ironia sobre fatos e personalidades do Brasil e do exterior, Paraguaçu desempenhou um papel importante para a construção e a manutenção do imaginário dos leitores sobre personalidades como Rui Barbosa e sobre espaços com a ABL. Esses dois pontos temáticos de referência e construção de sua obra n' *O Imparcial* definem a relação entre seus dois assuntos principais: literatura e política. É, portanto, uma memória social gestada, produzida, publicizada e recepcionada que exige, a partir do seu espaço de aparecimento, uma definição contextualizada: a Literatura de Jornal. O encontro das duas constantes recorta e concentra os pressupostos teóricos e metodológicos suscitados com a leitura e a catalogação dos 623 textos de João Paraguaçu.

Essa produção trata da História com a equidade de importância que a Literatura consegue creditar a uma fonte factual, sem destituí-la totalmente dessa área do conhecimento. Desse modo, a História pondera suas afirmações sobre a almejada credibilidade verossímil e a

Literatura imprime nas páginas a busca de um crédito pela verossimilhança entre o factual e a ficção. Ambas as reflexões e ações surgem, em parte significativa, da experiência em sociedade. A leitura desta “escrita da história” evoca no leitor, imediatamente, uma relação coletiva, e isso decorre do dado apresentado na vertente memorialística do autor. A periodicidade do veículo, o número de publicações do autor e os gêneros literários do texto concorrem para potencializá-la como leitura de prazer, informação e conhecimento por meio desse trabalho com a história. Os textos participam da formação cultural dos leitores do jornal baiano ao integrarem fatos legalmente divulgados, o caráter inoficial dos relatos e os posicionamentos irônicos e espirituosos do narrador. Assim, o que é apresentado nas narrativas transita entre o que literariamente é pessoal e analogamente coletivo. Isso torna tais produções um material importante para o desenvolvimento de novos estudos sobre o que foi pesquisado, a exemplo de Rui Barbosa — que já vem sendo apresentado — e da ABL.

A necessidade da catalogação dos textos deveu-se, em parte, pelo resgate da obra do autor n’*O Imparcial*. Nesse sentido, o jornal antigo, um exemplo de fonte primária, necessitou ser consultado com objetividade e perícia, para que não fosse novamente acessado na versão em papel para este trabalho. A metodologia adotada para a coleta e registro dos dados possibilitou o acesso de maneira rápida e localizada sobre o assunto, como também a catalogação e a referência no texto de maneira otimizada. A descoberta de que os mesmos textos de João Paraguaçu n’*O Imparcial* foram publicados no *Correio da Manhã* e, ainda, que já estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional), afirma a importância do registro digital feito com os textos do jornal baiano. Esta ação de resgate incluiu a manutenção do suporte original ao mesmo tempo em que lhe retirou, contextualizadamente, o necessário para este trabalho. Garante-se, com isso, a divulgação do jornal como fonte de pesquisas científicas com a possibilidade de novas consultas. Para o autor pesquisado, a catalogação representa a divulgação de seus textos teórica e metodologicamente segundo o que foi criteriosamente retirado. A catalogação realizada para esta dissertação aprofunda-se no recorte de um estudo mais específico. Pelo fato de ser, em parte, a atualização de uma catalogação anterior (PINHO, 2008, v. 1, v. 2), este trabalho contribui para oferecer a pesquisadores informações mais detalhadas sobre a produção de Paraguaçu e integrá-la ao estudo da linha de pesquisa na qual o localizamos, Literatura, Memória e Representações Identitárias, nos âmbitos do grupo de pesquisa A Literatura de Jornal em Periódicos Brasileiros e do projeto de pesquisa que também intitula esta dissertação, O Resgate da Produção Literária de João Paraguaçu n’*O Imparcial* da Bahia.

Entre as palavras do passado, das próprias anotações ou de relatos de terceiros, a obra de Paraguaçu publicada n’*O Imparcial* guarda um sistema de referencialidade que aponta para estudos de diversos personagens e fatos importantes da cultura brasileira. A existência de interdependência entre um número considerável das publicações estimula a ideia de sistema e de orientada representação social, pois não apenas a exposição do fato ou detalhe de alguma personalidade é destacado, mas também é possível encontrar o posicionamento irônico do narrador, fundamentado nas implicações desses acontecimentos em outros espaços e relações sociais. Essa ironia, em muitas publicações, sugere ao leitor o prazer e a ludicidade da crônica, explora-os segundo uma realidade factual referenciada fora do texto — as memórias do autor —, não negada, mas confirmada dentro das contingências políticas incutidas na construção memorialística e historiográfica. A afirmação abaixo sobre *Memórias de João Paraguassú* (1964) pode ser considerada a respeito de toda a obra memorialística do pseudônimo de M. Paulo Filho:

As **Memórias** não são só de João Paraguaçu: senão de um vasto período da vida cultural brasileira. Por isso terá perenidade no tempo. Será, sempre, um breviário de consulta, porque nele se contém episódios que servirão de marcante contribuição ao estudo da cultura nacional em qualquer época. Foi relevante o serviço que M. Paulo Filho prestou às nossas Letras. (SOUZA, 1965, 2º caderno, p. 6, grifo do autor).¹⁹⁰

Em torno das histórias descritas e redescritas nas mais de seis centenas de textos de Paraguaçu em oito anos de publicações n’*O Imparcial*, há uma produção que se destaca pelo ambiente narrativo sobre elementos da cultura brasileira — mais notadamente, do ponto de vista social, nas áreas da Literatura e da Política. Os textos selecionados e as propostas teóricas de análise que apresentamos consideram de maneira sistemática essas relações implícitas e intrínsecas entre a escrita em Literatura (estilo, gêneros, influências) e aspectos econômicos, políticos, jornalísticos etc. A Literatura Jornal define o campo de estudos que delimita o espaço e as características específicas de um grupo de textos. Esse grupo, ao qual estão incluídas as publicações do autor pesquisado, possui capacidade formadora a partir da continuidade de leitura e de presença cotidiana no periódico. O caráter informativo do jornal e o desenvolvimento paulatino que a sua leitura proporciona se identificam neste tipo de literatura: objetiva, rápida, incisiva, documental e sempre em contato com a realidade concreta, pois prescinde da leitura que dela resguarda a fonte sem, contudo, também textualmente, opor-se ao fictício do recorte engendrado pela escrita.

¹⁹⁰ Artigo “Memórias de João Paraguaçu”, publicado no *Correio da Manhã* em 22/06/1965.

Os elementos destacados nas publicações registradas, catalogadas e contempladas no corpo da dissertação determinam o viés de resgate que acompanhou este trabalho. Esteve-se, considerando a quase inexistente menção ao autor e aos textos em estudos científicos, continuando o trabalho de apresentação a um escritor que fundamenta suas criações em memórias, cujo êxito e duração devem incluí-lo em novos estudos sobre as fontes e referências citadas, principalmente as duas destacadas. Embora outros nomes e espaços sejam importantes para melhor compreensão do *corpus* pesquisado, o estágio atual pelo qual passa a pesquisa sobre João Paraguaçu e M. Paulo Filho forma uma base que não deixa de apontar, por meio da catalogação e dos comentários sobre os textos neste trabalho, para outras personalidades baianas e nacionais a serem estudadas. Juntamente com a pesquisa, aponta-se para um método de estudo relativamente pouco efetuado em nossa região, diante do material disponível para pesquisa. Estamos, assim, contribuindo para a iniciação em estudos atestados pelo Centro de Pesquisa em Literatura e Diversidade Cultural (CPLDC/UEFS) e pelo grupo de pesquisa A Literatura de Jornal em Periódicos Brasileiros.

As conexões entre o jornal baiano e o carioca abrem perspectivas para o estudo desse escritor e dos pseudônimos João Paraguaçu e JB Capivari não apenas na Bahia, mas no Rio de Janeiro, onde M. Paulo Filho viveu e publicou pelo maior período da vida, produzindo vasta obra jornalística, crítica e memorialística, depois selecionada e reunida em livros. Aponta-se, com essa vertente, a continuidade do veículo e do objeto de pesquisa com os textos do autor e, com isso, a ampliação do *corpus* para trabalhos posteriores em novas pesquisas, tanto para a extensão deste trabalho quanto para o desenvolvimento de outros. Um dos pontos relevantes com a catalogação é a constatação da existência de um sistema literário e cultural de que M. Paulo Filho faz parte, cujo foco estava localizado na antiga capital política e um dos polos culturais do país. As crônicas e artigos representam esse espaço e seus grupos políticos e literários, por referência direta e por caracterizá-los socialmente nas narrativas. O conteúdo desses textos remete a assuntos que vinculam o prazer da leitura com a identificação socio-histórica brasileira evocada pela unidade e pelo conjunto. Nesse sistema complexo de produção, veiculação, leitura e recepção, as pesquisas em Literatura devem abordá-los e estudá-los segundo metodologias e orientações teóricas sintonizadas com suas características de textos. Segundo os recortes propostos na dissertação, a pesquisa se realizou no diálogo entre o ser social criador e a sociedade que lhe possibilita viver e compartilhar das próprias experiências, na medida individual em que elas podem se tornar memórias históricas, publicizáveis e coletivas.

M. Paulo Filho e João Paraguaçu — e certamente com JB Capivari — são detentores de uma produção literária que versa e valoriza a história brasileira. Em âmbito maior, dão conta de um universo social de cultura criado sob as relações móveis e mutáveis entre a narrativa e a realidade. Desentrelaçar cientificamente essas relações, para efeito de estudo, exige etapas que devem ser consideradas e realizadas gradualmente para que a obra seja creditada tanto em sua especificidade literária quanto por sua fortuna crítica. Nesse sentido, resgatar o autor é torná-lo participante das necessidades científicas e culturais de nosso tempo. Entretanto, esta suposta “reintegração”, implicada no resgate, é válida apenas para efeito didático e científico, uma vez que sua memória, advinda da leitura do jornal nas décadas em que os textos foram veiculados, permeia o imaginário social e histórico de várias gerações, pelas palavras dos próprios leitores em quaisquer das contemporaneidades até esta. E isso é uma posição política em História e em Literatura, depreendida da leitura, interpretação, compreensão e pesquisa sobre o escritor e com o autor, parte do legado das memórias de João Paraguaçu n’*O Imparcial* e, certamente, no *Correio da Manhã*.

O jornal é o espaço onde a História e a Literatura se encontram e se desviam. Por meio deste trabalho, pode-se afirmar que a memória, nesse espaço, orientou-as para um ponto comum. Seu caráter gregário, reproduzidor de momentos reconstituídos pelo pensamento e/ou pela palavra, é humano e socialmente localizado. Desse processo de ligações com o factual e com o ficcional desenvolveu-se, no jornalismo do Brasil, um gênero literário sincrético que dialoga com seus congêneres e que se destaca por uma peculiaridade de escrita conformada à especificidade estilística e temática do autor. Ao transformar a memória em reportagem e notícia, em crônica e artigo, Paraguaçu proporcionou apreciação literária, teórica e metodológica de sua obra. A escrita da história e a escrita da literatura apresentam ligamentos nos quais o leitor se reencontra pelos vários conhecimentos e posicionamentos advindos da própria vida na sociedade. João Paraguaçu é leitor/crítico, criador/agente e ator/personagem ao combiná-las na redescritção da experiência e no exercício da memória.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. Disponível em: <<http://www.academiabrasileiradearte.com.br/index.php?pk=1>>. Acesso em: 14 mar. 2014.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academiacariocadeletras.org.br>> Acesso em: 21 abr. 2012.
- ACADEMIA LUSO-BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academialbl.org.br.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A invenção do nordeste e outras artes* 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.
- ALMEIDA, Danilo Cerqueira. Literatura de jornal: ciência, cultura e sociedade. *Fuxico*, Feira de Santana, BA, ano 11, n. 21, p. 9-11, ago./dez. 2011. Disponível em: <http://www2.uefs.br/nit_/site/fuxico/n21.html>. Acesso em: 12 jun. 2013.
- ALMEIDA, Danilo Cerqueira. *O escritor João Paraguaçu nas páginas e margens d'O Imparcial: memórias da literatura brasileira*. Feira de Santana, 2012. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Literários). UEFS, 2012.
- ALMEIDA, Danilo Cerqueira; PINHO, Adeíto. Manoel. A Literatura, a Cultura e a Memória no resgate da produção de João Paraguaçu n'O Imparcial da Bahia. In: XI SEL Seminário de Estudos Literários: 50 anos do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, 2013, Assis. *Anais eletrônicos*. Assis: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Assis, 2012. v. 1, p. 643-653. Disponível em: <<http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/simposio-6---danilo-cerqueira-almeida.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2013.
- ALVES, Ívia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.
- ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Nestor Silveira Chaves. 15. ed. Editora Escala: São Paulo, [200?].
- BAHIA. GOVERNO DO ESTADO. SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. *Dicionário de autores baianos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006.
- BARBOSA, Rui. *Saudação a Anatole France*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: Ministério da Educação e da Cultura. 2009. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_Saudacao_a_AnatoleFrance.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.

BARROS, Aparecida Vânia Petrini de; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A questão social e política no Brasil em 1919: a visão de Rui Barbosa. *Acta Scientiarum*. Human and Social Sciences. Maringá, v. 28, n. 1, p. 81-91, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/185/135>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

BARROS, José D'Assunção. História e literatura — novas relações para os novos tempos. *Contemporâneos*: revista de artes e humanidades. São Paulo, n. 6, p. 1-27, maio/out. 2010. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2013.

BELTRÃO, Luiz. As linhas da imprensa brasileira. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, v. 10, n. 10, p. 177-188, jan./dez. 2006. Edição monográfica, comemorativa dos 10 anos da cátedra Unesco/Metodista de Comunicação – Comunicação no Brasil: as ideias pioneiras de Luiz Beltrão.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

BERGSON, Henri. Da seleção das imagens para a representação. O papel do corpo. In: _____. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 11-82.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUXY, Bethe de. *La demoiselle au bois dormant*. Produzido por Daniel Fromont. [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <<ftp://ibiblio.org/pub/docs/books/gutenberg/2/6/8/2/26826/26826-8.txt>>. Acesso em: 2 jul. 2013. Projeto Gutenberg.

TAVARES, Luiz Guilherme Pontes. (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. rev. amp. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

CAMPOMIZZI FILHO, José. Memórias de João Paraguassú. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 maio 1965. 2º caderno, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=64599>. Acesso em: 8 jun. 2013.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora da Unicamp; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARVALHO, Deliane da Silva. Memória e resistência do Sindicato dos Professores do Estado do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 7., 2007, Rio de Janeiro. *Texto na Íntegra*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007. GT DITADURA – SEÇÃO I. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/ehosudeste/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=16>>. Acesso em: Acesso em 20 abr. 2012. ¹⁹¹

¹⁹¹ O título do trabalho na página web do evento é “Professor, presente! A memória do Sindicato dos Professores do Estado do Rio de Janeiro na ditadura militar” e difere do título presente no arquivo do trabalho.

CASTELO, Aderaldo. A pesquisa em periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1970. p. 3-12.

CERTEAU, Michel De. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação: os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 17-33.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: [s.n.], 1901-1974. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=089842>>. Acesso em: 7 jun. 2013.

COSTA, Othon. M. Paulo Filho e a Academia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 out 1963. 2º caderno, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=41545>. Acesso em: 14 maio 2013.

COSTA, Othon. Entre a crônica e a memória. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 mar. 1965. 1º caderno, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=62545>. Acesso em: 7 jun. 2013.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (Co-dir.). Presença do Simbolismo. In: _____. *A literatura no Brasil*. v. 4: era realista; era de transição. 3. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: EDUFF, 1986. p. 399-488.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (Co-dir.). Literatura e jornalismo. In: _____. *A literatura no Brasil*. v. 6: relações e perspectivas; conclusão. 3. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: EDUFF, 1986. p. 64-116.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (Co-dir.). Ensaio e crônica. In: _____. *A literatura no Brasil*. v. 6: relações e perspectivas; conclusão. 3. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: EDUFF, 1986. p. 117-143.

COUTINHO, Afrânio. A crônica. In: _____. *Introdução à literatura no Brasil*. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 304-307.

COUTINHO, Afrânio, 1911-2000; SOUSA, Jose Galante de. OFICINA LITERARIA AFRÂNIO COUTINHO. FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE (BRASIL). *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: OLAC, FAE, 1990.

ELIADE, Mircea. Periodicidade da criação. In: _____. *O mito do eterno retorno*. Tradução de José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercury, 1992, p. 65-73.

ESTEVES, Rosa. Ciência Empírica da Literatura (CEL). In: CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. [S. l.]: 2010. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=623&Itemid=2>. Acesso em: 15 jul. 2013.

FAMÍLIA e amigos rezam por alma de Paulo Filho: 7º dia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1969. 1º caderno, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=100504>. Acesso em: 12 jun. 2013.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Memória (15.06.1934)*. Disponível em: <http://www.feteerj.org.br/site/publicacoes.asp?id_noticia=1930&pag=&topico=Mem%F3ria>. Acesso em: 22 abr. 2012.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Salvador, 2006. 134 f. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Lais_Ferreira.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

FIGUEIREDO, Guilherme. *As excelências ou como entrar para a academia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FIGUEIREDO, Regina Maria de Britto. *Uma teoria literária em expansão*. Rio de Janeiro, 2006. 130 f. Tese (doutorado): Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8837@1>. Acesso em: 9 maio 2011.

FOSTER, Jonathan K. *Memória*. Tradução de Camila Werner. Porto Alegre: L&PM, 2011. Coleção L&PM POCKET; v. 977.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. *A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940)*. Assis, 2005. 242 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis-SP, 2005. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/28678>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 3-21.

GOTTARDI, Ana Maria. *A crônica na mídia impressa*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Centauro, 2012.

HERRERA, Antônia Torreão. Considerações sobre a narrativa e narrador em colóquio com Walter Benjamin. In: COUTO, Edivaldo Souza; MILANI DAMIÃO, Carla. *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2008. p. 273-288.

HISTÓRICO DE ESCOLAS. Escola Municipal Dr. José Campomizzi Filho. Disponível em: <http://www.uba.mg.gov.br/salvar_arquivo.aspx?cdLocal=2&arquivo={A8ED28BC-3BDE-5B51-C1EA-CD4AB24D861B}.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2013.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. V. 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

INFOPÉDIA: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora. Porto, Portugal: Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/#InfopediaTop>>. Acesso em: 11 maio 2014.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO. *Regimento*. Disponível em: <<http://www.ihgrj.org.br/downloads/regimento.pdf>>. Acesso em 21 abr. 2012.

IVAN Lins recorda na academia seu amigo Paulo Filho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. 11 abr. 1969. 1º caderno, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=100843>. Acesso em: 14 mar. 2014.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. 1. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JORGE, Fernando Pedro Alves. *A academia do fardão e da confusão: a Academia Brasileira de Letras e os seus "imortais" mortais*. São Paulo: Geração Editorial, 1999.

KOCHER, Henerik (Comp.). *Dicionário de expressões e frases latinas*. [S.l.: s.n.]. [20--?]. Disponível em: <http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/0dicionario.htm>. Acesso em: 11 set. 2014. Site revisado em 11 jan. 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Luiz Costa. A literatura: um termo elástico ou impreciso? In: _____. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 319-355.

LINS, Ivan. As memórias de João Paraguassú. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1965. 1º caderno, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=62338>. Acesso em: 8 jun. 2013.

M. PAULO Filho relembra obra de Guerra Junqueiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 set. 1963. p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=43911>. Acesso em: 9 mar. 2013.

MANOEL Paulo Filho, um talentoso e brilhante jornalista cachoeirano. Vapor de cachoeira, 2011. Disponível em: <<http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2011/06/manoel-paulo-filho-um-talentoso-e.html>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

MAUL, Carlos. Um candidato às palmas acadêmicas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 out. 1963. 2º caderno, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=45183>. Acesso em: 17 mar. 2014.

MAUL, Carlos. As memórias de João Paraguassú. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1965. 2º caderno, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=64204>. Acesso em: 7 jun. 2013.

MELLO, Marisa Schincariol de. *Como se faz um clássico na literatura Brasileira? Análise da consagração de Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Raquel de Queiroz (1930-2012)*. Tese (Doutorado em História). Niterói, 2012. 222 f. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1414.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

MONTAIGNE, Michel de. Dos livros. In: _____. *Ensaaios*. Tradução de Sérgio Milliet. v. 2, 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 192-197. Coleção Os pensadores.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. *Sant'anna dos Olhos d'Água: resgate da memória cultural-literária de Feira de Santana (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado). Salvador, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. 1998.

MORREU ontem o jornalista e escritor M. Paulo Filho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1969. p. 28. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 9 set. 2013.

MORTE de M. Paulo Filho enluta a imprensa do país. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1969. 1º caderno, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=100412>. Acesso em: 12 maio 2013.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NACIONALIZAÇÃO e colonização de fronteiras — a conferência de M. Paulo Filho no Instituto de Estudos Brasileiros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1938. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&PagFis=47652>. Acesso em: 12 jun. 2013.

NACIONALIZAÇÃO e colonização de fronteiras — uma carta do ministro Oswaldo Aranha ao diretor do Correio da Manhã. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1938. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&PagFis=47879>. Acesso em: 12 jun. 2013.

NEVES, Roberto de Souza. *Dicionário de expressões latinas usuais*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. Tradução de Antônio Carlos Braga, Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2008.

O DIPLOMATA Hélio Lobo e o jornalista Paulo Filho chegaram ao Rio. *Correio de S. Paulo*. São Paulo, 16 maio 1933. Disponível em: <http://memoria.bn.br/rmhb/_pdf/720216/per720216_1933_00285.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2012.

O IMPARCIAL. Salvador: Companhia Editora e Gráfica da Bahia, 1918-1947.

OLINTO, Heidrun Krieger. (Org.). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OLINTO, Heidrun Krieger. Interesses e paixões: histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p.15-45.

OLINTO, Heidrun Krieger. Histórias de literatura: conflitos e caminhos. *Léguas e meia: revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, n. 1, 2002, p. 35-53.

PARAGUAÇÚ, João. Fraquezas. *O Imparcial*, Salvador, 30 jun. 1942. Vida Social, p. 5.

PARAGUASSU, João. Crise de abuso de crédito. *O Imparcial*, Salvador, 14 jan. 1941. Vida Social, p 7.

PARAGUASSÚ, João. Casimiro e outros. *O Imparcial*, Salvador, 13 jan. 1937. Vida Social. p. 2.

PAULO FILHO, Manoel. Eterno Romantismo. *O Imparcial*, Salvador, 16 jun. 1937. Pela Ordem..., p. 5.

PAULO FILHO, Manoel. Colonização de Fronteiras. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 mar. 1938. p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&PagFis=45315>. Acesso em: 12 jun. 2013.

PAULO FILHO, Manoel. Colonização de Fronteiras. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 mar. 1938. p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&PagFis=45339>. Acesso em: 12 jun. 2013.

PAULO FILHO, Manoel. Comte e o termo 'Cidadão'. *O Imparcial*, Salvador, 23 jul. 1938. Pela Ordem..., p. 4.

PAULO FILHO, Manoel. Cabeça de Para-raios. *O Imparcial*, Salvador, 26 ago. 1939. Pela Ordem..., p. 4.

PAULO FILHO, Manoel. O Grande Imperador. *O Imparcial*, Salvador, 23 nov. 1940. Pela Ordem..., p. 4.

PAULO FILHO, Manoel. *Literatura e história*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1958.

PAULO FILHO, Manoel. *Ensaios e estudos*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1961.

PAULO FILHO, Manoel. *Memórias de João Paraguassú: 1910-1964*. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1964.

PAULO FILHO, Manoel. *Tempos idos...* Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1968.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro: um estudo das estratégias dos produtores de cultura para a formação e a manutenção de um público consumidor do impresso*. Ilhéus: Editus, 2002.

PINHO, Adeíto Manoel. *Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia*. Porto Alegre, 2008. 404 f. (v. 1). Tese (Doutorado em Letras e Linguística). PUCRS, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1416>. Acesso em: 3 fev. 2011.

PINHO, Adeíto Manoel. *Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia*. Porto Alegre, 2008. 689 f. (v. 2). Tese (Doutorado em Letras e Linguística). PUCRS, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1417>. Acesso em: 3 fev. 2011.

PINHO, Adeíto Manoel. *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*. Rio de Janeiro: 7Letras; Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

PORTELLA, Eduardo. Visão prospectiva da literatura no Brasil. In: _____. *Teoria da comunicação literária*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1973. p. 145-162.

POVINA pode ser eleito na Academia. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 ago. 1969. 1º caderno, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=103114>. Acesso em: 20 abr. 2012.

PUBLICIZADO. In: DICIONÁRIO Caldas Aulete. Brasil: Lexicon Editora Digital, 2014. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/publicizado>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Normas para apresentação de dissertações*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural. 2012. Disponível em: <<http://www2.uefs.br/ppglcd/normas/NovasNormasDissertacoes-PPGLDC.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: _____. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 44-60.

SILVA NETO, Casimiro Pedro da. *Década de 1930 [manuscrito]: os anos de incertezas: a origem da primeira lei de segurança nacional, Brasília, 2006, 136 f. Monografia (Especialização)*. Câmara dos Deputados, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/edulegislativa/educacao-legislativa-1/posgraduacao/arquivos/publicacoes/banco-de-monografias/ip-1a-edicao/CasimiroPedrodaSilvaNetoIP1ed.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SILVA, Estevão Alves da; SILVA, Thiago Nascimento da. Eleições no Brasil antes de 1945: os casos de 1933 e 1934. In: III SEMINÁRIO DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA DA USP, 3., 2013, São Paulo. *Textos*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dcp//assets/docs/HTML/1%20Trabalhos%20do%20III%20SD%202013.html>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Memórias de João Paraguaçu. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 jun. 1965. 2º caderno, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&PagFis=65814>. Acesso em: 14 mar. 2014.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Arquivos literários*. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes. (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. rev. amp. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. (Org.). *UFBA: do século XIX ao século XXI*. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5293>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS. *Projeto memória de leitura: Século XX*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Literatura/Erudita.htm#XX>. Acesso em: 15 maio 2012.

TORREZAN, Roseli. O governo provisório na constituinte de 1933/34. São Paulo, 2009, 239 f. Dissertação (Mestrado em Direito Político Econômico). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.ca.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/dissertacao___o_governo_provisorio_na_constituente_de_1933___34.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Tradução de Antônio José da Silva Moreira. São Paulo, SP: Livraria Martins Fontes, 1971.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ZILBERMAN, Regina et al. (Org.). *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Catalogação dos textos de João Paraguaçu publicados na coluna “Vida Social” do jornal *O Imparcial* entre 1936 e 1944¹⁹², atualizada de Pinho (2008, v. 2)

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
1	7	Set.	1936/ I	p. 7	Crônica: “Fioravanti”	João Paraguaçu	Gervasio Fioravanti, Tobias (Barreto), Martins Júnior, Heine	<i>Os Mezes</i> (poemas), <i>Intermezzo</i> (poemas), “Últimas águas” (poema)	Pernambuco (Recife), Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/08/1936
2	22	Dez.	1936/ XVIII	p. 2	Crônica: “Desillusões”	João Paraguaçu	Jorge V, Eduardo VII, Rainha Victoria, Principe		Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/12/1936
3	28	Dez.	1936/ XVIII	p. 2	Crônica: “Os dramas da superstição”	João Paraguaçu	Claudio de Souza	<i>Os Infelizes</i> (romance)	Europa	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> 23/12/1936

¹⁹² As grafias “Paraguassu”, Paraguassú”, “Paraguaçu” foram atualizadas para a formas “Paraguaçu”; a grafia “Ruy” foi atualizada para “Rui” e grafia “Capivary” foi atualizada para “Capivari”. A grafia das publicações foi mantida. Foi abreviado o nome da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
4	11	Jan.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “O pae [pai] de Casimiro”	João Paraguaçu	Casimiro de Abreu		Lisboa (Portugal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
5	13	Jan.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Casimiro e outros”	João Paraguaçu	Casimiro de Abreu, Flamarion (Editores), Musset, Chopin, Wagner, Lamartine, Stendhal, Louis Barthou (Editores), Victor Hugo, Charles Le Roux, Clotilde de Vaux, Augusto Comte, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Antônio José de Fagundes Varela, Pedro Calmon, Castro Alves		Paris	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
6	24	Jan.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Socega, leão”	João Paraguaçu	Fiuza Junior, Almachio Diniz		Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
7	27	Jan.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Arapapá-assú”	João Paraguaçu	Helios (pintor), Robert Kiney	Arapapá-assú (Quadro)	Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Amazonas	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
8	2	Fev.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Rui e o príncipe dos poetas”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Alberto de Oliveira, Machado de Assis, Anatole France, (Jonathan) Swift	<i>Swift</i> (Estudo literário, prefácio uma versão de <i>As viagens de Gulliver</i> , de Taylor Swift)	Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Enterro de Rui Barbosa Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
9	3	Fev.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Alberto de Oliveira e Catullo”	João Paraguaçu	Alberto de Oliveira, Catullo da Paixão Cearense, Mello de Moraes Filho, Heredia, Leconte	“O Marroeiro” (poema)	Minas e Goyaz (Goiás), Matto Grosso	Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 22/01/1937
10	4	Fev.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “As mulatas de Anísio”	João Paraguaçu	Barão do Rio Branco, Clemenceau (Chanceler francês), Pires Ferreira, Graça Aranha, Anísio de Abreu, Medeiros e Albuquerque	<i>Chanaan</i> (Canaã)	Itamaraty	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
11	14	Maio	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Civilização e barbaria”	João Paraguaçu	Couto de Magalhães, Getulio Vargas	<i>O Selvagem</i> (livro)	Pará, Tocantins	Conversa entre presidente e índio Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
12	16	Maio	1937/ XVIII	p. 2	Artigo: “Os anjinhos de Rubens”	João Paraguaçu	Rubens (pintor), Fialho de Almeida		Nova York, Paris	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
13	18	Maio	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Nabuco e os escravos”	João Paraguaçu	Joaquim Nabuco		São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
14	20	Maio	1937/ XVIII	p. 2	Artigo: “Sanssouci”	João Paraguaçu	Frederico (rei da Prússia), “Rei-Soldado”, Arouet Voltaire, Casanova, Maria Thereza, (Augusto) Comte, Luiz XV, Barberini, Carlyle	<i>Século de Luiz XIV</i> (livro)	Potsdam, Versailles, “Palácio de Sanssouci”	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
15	28	Maio	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Rui no Collegio Abilio”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Virgílio, Padre Fiuza (Turfbio Fuiza), Castro Alves, Tito Livio, Abílio Cesar Borges (Barão de Macahubas), Cícero, Urbano Duarte		Collegio Abilio (Bahia)	Sobre o ensino de Latim <i>Correio da Manhã</i> de 23/05/1937 Sobre Rui Barbosa
16	4	Jun.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Maledicência”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Gastão da Cunha, (Barão do) Rio Branco, (Joaquim) Nabuco, Domício da Gama			Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
17	5	Jun.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “A ambição do conde”	João Paraguaçu	Rainha da Inglaterra, Osvaldo Aranha, Guilherme Guiinle, Vanderbilt, Consuelo (Filha de Vanderbilt), Duque de Malbourough, Duque de Kent, Modesto Leal		Sunderland House (Londres), Rússia, Avenida Rio Branco (Rio de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
18	8	Jun.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “O Guima”	João Paraguaçu	Guimarães Passos, (presidente) Floriano Peixoto, Mont’ Alverne, Lacordaire	“Versos de um simples” (poema)	Minas (Gerais)	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
19	11	Jun.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Erro de pessoa”	João Paraguaçu	Souza Lima, Feijó Júnior, Felippe Somões, Lourenço de Almeida Azevedo, Paul Brouardel, Dépaül, D. Pedro II		Bahia, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Universidade de Coimbra, Paris, Faculdade de Medicina da Bahia	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
20	14	Jun.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “A defunta”	João Paraguaçu		Constituição (Magna Carta)		Do Rio de Janeiro Sobre ensino fonético (cacografia) Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
21	16	Jun.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “O Emilio e o Bicanca”	(João) Paraguaçu	Emilio de Menezes, Washington Luis, Oscar Rodrigues Alves, Salvador de Mendonça, Martins Fontes, Bicanca, Albino Mendes	<i>Poemas da morte</i> (poemas), <i>Os deuses</i> <i>em ceroulas</i> (poemas)	São Paulo, Central do Brasil, Lazareto, (Bar da) Rotasserie	Do Rio de Janeiro Sobre dinheiro falso Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
22	19	Jun.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Michelet”	João Paraguaçu	Edgard Quinet, Jules (Julio) Michelet, Anatole France	<i>História da França</i>	Reims (França)	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
23	20	Jun.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “A vez do frack”	João Paraguaçu	Alberto Ramos, Bastos Tigre	“Envelhecer” (poema)	Ladeira de Paula Mattos	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
24	22	Jun.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Frei Bastos”	João Paraguaçu	Frei Bastos, Mont’ Alverne, Imperador		Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Igreja e Estado Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
25	26	Jun.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “A ‘Carmen’”	João Paraguaçu	Zererino de Oliveira, (contralto) Besanzoni	<i>Carmen</i> (ópera)	(Teatro) Municipal (RJ)	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
26	30	Jun.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Os versos do Hymno”	João Paraguaçu	Francisco Manoel (da Silva), (Joaquim) Osório Duque Estrada, Norberto Silva, Carlos Laet, Gastão da Cunha, Vicente de Carvalho, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Farias Neves Sobrinho, Augusto de Lima, Emiliano Pernetta, Alphonsus de Guimaraens, Coelho Netto, Capistrano de Abreu	Hymno (Hino) Nacional Brasileiro, Decreto 15.671, de 06/09/192?, lei 259 de 01/10/1936	Academia (Brasileira) de Letras (ABL), Câmara (Federal - Deputados)	Do Rio de Janeiro Sobre a letra do hino nacional brasileiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
27	1	Jul.	1937/ XVIII	p. ?	Artigo: “O delegado filósofo”	João Paraguaçu	Leoni Ramos, Parreiras Horta, Nilo Peçanha, João Severiano da Fonseca Hermes (irmão do presidente Hermes da Fonseca)			Deteriorado <i>Correio da Manhã</i> de 26/06/1937
28	2	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Pernas não se pintam...”	João Paraguaçu	(Desembargador) Piragibe, Muniz Barreto, Herculano de Freitas, Viveiros de Castro		Supremo Tribunal Federal	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
29	4	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “A pipinha”	João Paraguaçu	Assis Brasil, Julio de Castilhos, Silveira Martins, Pedro Moacyr, Ramiro Barcellos, (dr.) Carlos Pennafiel		Rio Grande do Sul, Porto Alegre	Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 30/06/1937
30	7	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “O Balão”	João Paraguaçu	(José do) Patrocínio ou “Zé do Pato”, Eduardo Prado, Princesa Izabel	<i>A Ilusão Americana</i> (livro)	Rua do Olvidor	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
31	9	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Os genros”	João Paraguaçu	Henry Lowndes (conde Leopoldina), (presidente) Deodoro (da Fonseca), (JJ) Seabra, Campos da Paz, (José do) Patrocínio, Lavrador, Jaques Ourique, Almeida Barroso, (presidente) Floriano (Peixoto), (delegado) Fausto Cardoso		Camara Syndical dos Corretores de Fundos, Cucuhy, Europa, Rio de Janeiro, Fazenda Nacional, Banco da República	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
32	12	Jul.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Copacabana”	João Paraguaçu	Coelho Cintra, (presidente) Floriano (Peixoto) Peixoto, Fernando Lobo, Custodio de Melo, Barata Ribeiro, Frederico Lorena, Saldanha Marinho, Alaor Prata, Domingos Ribeiro Filho, Malba Tahan		Copacabana (bairro), Maipus e Belgrano (bairros de Buenos Aires), Ministério da Guerra	Fonte em destaque Bairro de Copacabana Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
33	16	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Arinos no Senado”	João Paraguaçu	(Afonso) Arinos, Azeredo, Ferreira de Araújo, Rui Barbosa, (presidente) Hermes (da Fonseca), Cicero	Lei Rivadavia (reforma que desoficializou o ensino brasileiro)	Academia (ABL), Mato Grosso, Senado Federal	Fonte em destaque Discurso de Rui Barbosa <i>Correio da Manhã</i> de 13/07/1937
34	17	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Exames modernos”	João Paraguaçu	Aurelino Pires, D. Pedro II		Bello Horizonte, Sabará, Rio (de Janeiro), Exército, Escola Militar	Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 15/07/1937 Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 18/07/1937
35	18	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Exames modernos”	João Paraguaçu				Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 17/07/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
36	19	Jul.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Soldado de espírito”	João Paraguaçu	Laurindo Rabelo, (General) Polydoro, Castro Alves, Côrte Real, Felix Martins, Aureliano Lessa, Pires Ferrão, Saldanha Marinho			Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/07/1937
37	20	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “A Dalila”	João Paraguaçu	Pedro Rabello, Coelho Netto, Castro Alves, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac	<i>Dalila</i> (ópera), <i>A Semana</i> (jornal), <i>O Malho</i> (jornal), <i>Inverno em Flôr</i> (romance), <i>Sarças de Fogo</i> (livro de poemas)	Instituto de Música, ABI, Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 08/07/1937
38	24	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “A musa de Casimiro”	João Paraguaçu	Casimiro de Abreu, Mucio Teixeira, Goulart de Andrade, Joaquina Peixoto	<i>Primaveras</i> (livro de poemas), <i>Ballada de Pierrot</i> (livro)	Academia (ABL)	Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 08/07/1937
39	25	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “O homem da estátua do barão”	João Paraguaçu	Barão do Rio Branco, Luiz Bahia, Charpentier, Souza Dantas, Osvaldo Aranha, Cromwell	Estátua de Barão do Bio Branco	Congresso (Nacional), Senado (Federal), Camara, Prefeitura, Banco do Brasil, Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/07/1937
40	27	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Damnação de Fausto”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Artur Imbassahy, (desembargador José Joaquim da) Palma	<i>Dannacione di Fausto</i> (ópera)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 24/07/1937 Sobre Rui Barbosa
41	28	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Diminuitivos”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Artur Imbassahy, Jacobina (pessoa)			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 25/07/1937 Publicação com mesmo título em 19/06/1940
42	29	Jul.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Cônsoles e diplomatas”	João Paraguaçu	Oscar de Teffé, Antonio Covello, Mussolini, Souza Dantas, De Pinedo, Balbo (Ítalo)	<i>Correio</i> (da Manhã, jornal)	Roma, Chigi (palácio), Brasil	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/07/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
43	1	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo/resenha: “O Conde de Buenos Ayres”	João Paraguaçu	Max Dorian	<i>O Conde de Buenos Ayres</i> (romance)	Tucuman (província argentina), Paris	<i>Correio da Manhã</i> de 30/07/1937
44	4	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Provas oraes”	João Paraguaçu	Martins Junior, Pinto Junior (professor), Tobias Barreto	<i>Estudos Alemães</i> (livro)	Faculdade de Direito de Recife	Do Rio de Janeiro (31/07/1937). <i>Correio da Manhã</i> de 31/07/1937
45	5	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Rui e o piano”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Thalberg, Chopin, Liszt, Arthur Napoleão, Darwin, Patti, Rossini, Verdi			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/08/1937 Sobre Rui Barbosa
46	6	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “O milagre”	João Paraguaçu	Levy Miranda, Modesto Leal (conde), Ramos Sobrinho		Abrigo Redemptor, Manguinhos (Bairro), Rio (de Janeiro), Chaldéa, Associação dos Empregados no Commercio	Do Rio de Janeiro (31/07/1937). <i>Correio da Manhã</i> de 03/08/1937 Relação com “Um milagre”, texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i> Mesmo título de texto publicado em <i>Tempos idos...</i>
47	7	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Anagramas”	João Paraguaçu	Mucio Teixeira, Emilio (de Menezes), (presidente) Hermes da Fonseca, Augusto de Lima, Nair de Teffé			Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 05/08/1937
48	8	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Lusophobia”	João Paraguaçu	Sylvio Romero Filho, Antonio Torres, Renan, Frei Fabiano	Medalha com efígie de Frei Fabiano	Brasil, Berlim, Rio (de Janeiro), Hamburgo	Do Rio de Janeiro <i>Correio da Manhã</i> de 18/07/1937
49	9	Ago.	1937/ XVIII	p. 2	Artigo: “Gounod em casa de Rui”	João Paraguaçu	Gounod (compositor francês), Rui Barbosa, (desembargador José Joaquim da) Palma, Saint Saens (compositor francês)	Código Civil, <i>Faust</i> (ópera)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 06/08/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
50	15	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Raul e os trocadilhos”	João Paraguaçu	Raul Pederneiras, Dalloz, Tristan Bernard, Feliciano Penna, Affonso Penna (presidente)	<i>Marianne</i> (revista)	Faculdade de Direito, Senado (Federal), Catette	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 16/08/1937
51	16	Ago.	1937/ XVIII	p. 2	Crônica: “Raul e os trocadilhos”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Texto modificado Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 15/08/1937
52	17	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Maluco de juízo”	João Paraguaçu	Teixeira Júnior, Marcolino Fagundes, Manso Sayão, Sebastião Lacerda (ministro)		Escola Militar do Brasil, Porto Alegre, Rio Pardo, Realengo (bairro), Praia Vermelha (bairro), Fazenda Nacional, Barbacena	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
53	18	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “História antiga”	João Paraguaçu	(Presidente) Deodoro (da Fonseca), Floriano (Peixoto), conde de Leopoldina, Fernando Lobo (ministro)			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
54	19	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Tobias e Seabra”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Tobias (Barreto), (JJ) Seabra, Martins Júnior, Phaelante, Fausto Cardoso		Faculdade de Recife	Do Rio de Janeiro Datada: 07/08/937 Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Fonte em destaque
55	20	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Sylvio e Capistrano”	João Paraguaçu	Sylvio Romero, Capistrano de Abreu, (José do) Patrocínio, Vicente de Souza, Gama Berquó, Valentim Magalhães	O (Dicionário) Larousse	Recife, Rio (de Janeiro), Brasil, Alemanha, Collegio Pedro Segundo	Sobre um concurso para professor Publicação com mesmo título em 26/02/1938 Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
56	21	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Tempo de Floriano”	João Paraguauçu	Azevedo Sodré (Prefeito-Rio de Janeiro), Vieira Souto, Pereira Passos, Paulo de Frontin, Cupertino Durão, Avelar Brandão, Miranda Valverde, (presidente) Floriano (Peixoto), Gumercindo, Gomes Carneiro		Itamaraty, Brasil, Lapa (bairro do Rio de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Datada: 10/08/1937 Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
57	22	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Falar depressa”	João Paraguauçu	Wenceslau Braz, Rodrigues Alves, Tavares de Lyra, Caetano de Faria, (presidente) Deodoro (da Fonseca), (presidente) Floriano, (presidente) Prudente, (presidente) Campos Sales, (presidente) Rodrigues Alves, (presidente) Affonso Penna, (presidente) Nilo Peçanha, (presidente) Hermes (da Fonseca), Isaac Cerquinho, Chaby (Pinheiro - ator português)		São Paulo, Rio (de Janeiro), Londres (?), Biblioteca Nacional	Fonte em destaque Narrador como personagem Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 23/08/1937
58	23	Ago.	1937/ I	p. 6	Crônica: “Falar depressa”	João Paraguauçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 22/08/1937
59	24	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Couto na Academia”	João Paraguauçu	Miguel Couto, G. A., Affonso Arinos, A. A., Alcindo Guanabara	<i>Pelo Sertão</i> (livro), “Assombração”, (conto)	ABL	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/08/1937
60	25	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Teixeira Junior”	João Paraguauçu	(General) Teixeira Júnior, Marcolino Fagundes, Vespasiano, Carlos Eugênio, Garcia Pires		Exército, Tribunal, Conselhos da Guerra	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
61	26	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Bilac, homem de negócios”	João Paraguauçu	Paulo Prado, Olavo Bilac, Affonso Arinos, (José do) Patrocínio, Eduardo Prado, (irmãos) carvalho Azeredo	<i>O Caçador de Esmeraldas</i> (poema)	Ouro Preto, rua do Olvidor, Agência Americana, HAVAS (agência), São Paulo, (rio) Mogiassú e Rio Pardo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
62	27	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Bilac e a tropa”	João Paraguaçu	Olavo Bilac, (capitão) Gregório da Fonseca, (marechal) Bento Ribeiro		(Cemitério)S. João Baptista, S. Paulo, Estado Maior do Exército, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio (de Janeiro), Club Militar	Do Rio de Janeiro Enterro de Olavo Bilac Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
63	28	Ago.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Coelho Netto”	João Paraguaçu	(Olavo) Bilac, Machado de Assis, Rui Barbosa, Coelho Netto, (Raul) Pompéa, Ney, Pardal Mallet, Valentim, Patrocínio, Guima	“Via Láctea” (poema), <i>Cidade do Rio</i> , “A Conquista” (romance)	Academia (ABL), Café de Londres, Confeitaria Paschoal	Fonte em destaque Enterro de Olavo Bilac Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
64	2	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Mão sacrílega”	João Paraguaçu	(Olavo) Bilac, Delfim Moreira, Rui Barbosa, Antonio Torres, Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque, Osório, Coelho Netto, Vicente Ferreira		Academia (ABL), Syllogeu, Exercito, S. João Baptista	Do Rio de Janeiro Ambientação: enterro de Olavo Bilac Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
65	3	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Escrúpulos”	João Paraguaçu	Carlos Augusto de Lima Junior, Antonio Carlos (governador-MG), Washington Luis, Augusto de Lima		Aliança Liberal, Minas (Gerais - estado), Bello Horizonte, rua da Bahia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
66	4	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Desnaturado”	João Paraguaçu	Constâncio Alves, Valle Cabral, Capistrano (de Abreu), Visconde de Cayru	<i>Caminhos e Povoamento do Brasil</i> (livro)	Bibliotheca, Imporio Belisario de Souza, Bahia, Salvador	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado em <i>Tempos idos...</i>
67	5	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O Serapião”	João Paraguaçu	Serapião, Dr. Rollemberg, Dr. Gilberto, Dr. Rodrigues Doria, Felisbello Freire		Camara (de Deputados), Sergipe, Bibliotheca Nacional	Fonte em destaque Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’O <i>Imparcial</i> em 07/09/1937
68	7	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “O Serapião”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’O <i>Imparcial</i> em 05/09/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
69	8	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Leopoldo de Bulhões”	João Paraguaçu	Leopoldo de Bulhões (ministro), Vicente (funcionário), Consta Junior (funcionário), Jovita Eloy		Congresso (Nacional)	Do Rio de Janeiro Leitura dificultada. <i>Correio da Manhã</i> de 04/07/1937
70	11	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Gastão de Orleans”	João Paraguaçu	Conde d’Eu, Família Imperial, Ramiz (Galvão), Benjamin Constant		Palace Hotel, Brasil, Arquivo Nacional	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
71	12	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Belmiro Braga”	João Paraguaçu	Belmiro Braga, Irineu Rocha	<i>Jornal do Commercio</i> (periódico)	Rio de Janeiro, Juiz de Fôra	Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
72	15	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Freudismo”	João Paraguaçu	Sebastião do Rego Barros, Godofredo Vianna, Godofredo da Cunha, Freud. (presidente) Hoover, Herbert Moses, Octavio Mangabeira		Câmara dos Deputados, Supremo Tribunal Federal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Leitura dificultada Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
73	17	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Syntese feliz”	João Paraguaçu	Pinheiro Machado, Medeiros e Albuquerque, Victorino Monteiro, Fernando Mendes		(Palácio do) Catette, Brasil, Morro da Graça, Alemanha	Fonte em destaque Leitura dificultada Referência à I Guerra Mundial. <i>Correio da Manhã</i> de 10/07/1937
74	18	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Pinheiro em Ouro Fino”	João Paraguaçu	Bueno Brandão, Pinheiro Machado, (presidente) Hermes (da Fonseca)		São Paulo, Minas (Gerais), Ouro Fino	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
75	19	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O estrategista”	João Paraguaçu	Pinheiro Machado, Cardoso de Almeida, Bueno de Andrada, Rubião Junior, Wenceslau Mais		Hotel dos Estrangeiros, Senado (Federal), Minas (Gerais), Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Morte de Pinheiro Machado Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
76	21	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Lição de coisas do Rio”	João Paraguaçu	Theodor Roosevelt, Max Fleiuss, Affonso Celso, Capistrano (de Abreu)		Rio de Janeiro, Estados Unidos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
77	22	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Generosidade”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, Senhora C. K., Victorino Monteiro, Caetano de Faria		Tijuca (bairro), Senado (Federal), Collegio Militar de Fortaleza	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
78	26	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Alcindo”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, (presidente) Hermes (da Fonseca), Santos (?), Alvaro de Teffé, Mario Hermes, Belisario Tavora		Buenos Ayres, Congresso (Nacional)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
79	27	Set.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Pardal Mallet”	João Paraguaçu	Dias Jacaré, Pardal Mallet, (presidente) Floriano (Peixoto)		Munchen, Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
80	28	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “A morte Guima”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, barão do Rio Branco, (Sebastião) Guimarães Passos, Rui Barbosa, Guima, Rodrigo Otavio, Magalhães Castro	“O lenço” (soneto), <i>Versos de um simples</i> (livro)	Itamaraty, Paris, Maceió, Funchal, ilha de Madeira, Cherburgo, Hotel-Dieu	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque A morte de Guimarães Passos Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
81	30	Set.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O 3ª imperador”	João Paraguaçu	Pires Brandão, Gil Vidal, (...) de Ferreira Vianna, Gaspar Silveira Martins, Mr. Tachard, D. Pedro II, (Barão de) Ouro Preto	<i>Os lusíadas</i> (livro)	Europa, Bruxelas, Paris, Londres, Baden Baden, Calais, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 25/09/1937 Deteriorado
82	1	Out.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Entre saias e baionetas”	João Paraguaçu	Anatole France, Silveira Martins, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Pires Brandão, Souza Ferreira, Marechal Trompowsky, Ferreira Viana, Gaspar, Cotegipe, Alfredo Chaves, D. Pedro II		Porto Alegre (RS), Paraguay, Senado Federal, Superior Tribunal de Justiça, Mato Grosso, Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre a Proclamação da República Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
83	2	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O gaguinho”	João Paraguaçu	João Simplicio, Julio de Castilhos, Rui Barbosa, Silveira Martins		Brasil, Rio Grande do Sul, Montevideo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Gagueira de Julio de Castilhos

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
84	4	Out.	1937/ XVIII	p. 6	Artigo: “Do Itamaraty para o Cattete”	João Paraguaçu	Manoel Victorino, Prudente (de Moraes). Bernardino de Campos, Carlos de Campos, Bias Fortes	Hymno Nacional	Itamaraty, Catette, Rio de Janeiro	Fonte em destaque Do Rio de Janeiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’O <i>Imparcial</i> em 10/10/1937
85	6	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Conspiração”	João Paraguaçu	Gaspar Silveira Martins, Campos Sales (presidente), Enéias Galvão (chefe de polícia), Pedro Moacyr, Lafayette, Andrade Figueira, Ouro Preto, Custodio José de Melo, (padre) Lustosa, Eduardo Ramos	<i>Clyde</i> (navio)	Buenos Ayres, rua Tavares Bastos, Rio Grande do Sul, rua Barão do Flamengo, Rio (de Janeiro), Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
86	7	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O ministro de Prudente”	João Paraguaçu	Calos de Campos, Manoel Victorino (vice-presidente), Bernardino de Campos (ministro da Fazenda), Prudente de Moraes (presidente), Arthur Azevedo	<i>A Capital Federal</i> (peça de teatro) “Seu Euzébio” (personagem da peça)	Bar da Americana, Club dos Pilotos, Londres	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
87	8	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Trovão”	João Paraguaçu	Buarque de Macedo (deputado), Affonso Celso (Ministro da Fazenda), Sinimbú, Saraiva, Lopes Trovão, D. Pedro II, Julio do Carmo		São Cristóvão, Paço (Imperial), Angra dos Reis	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
88	10	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Do Itamaraty para o Catette”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’O <i>Imparcial</i> em 04/10/1937
89	12	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Probidade militar”	João Paraguaçu	Julio do Carmo, (José do) Patrocínio, Seixas, Dias Jacaré, “Radical”, Clapp, Solon Ribeiro, Silveira Martins, Lima Duarte, Ferreira Vianna, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Benjamin (Constant), Aristides, Prudente (de Moraes), Lucena, José Avelino		Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
90	13	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Entre Rio e Buenos Ayres”	João Paraguaçu	Backer, Marinho, Berili, Bezerra, José Lima, Viggiani	<i>Augustus</i> (navio)	Buenos Ayres, América do Sul, Argentina, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
91	16	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Dias Jacaré”	João Paraguaçu	Dias Jacará, (presidente) Floriano (Peixoto), Lopes Trovão, Júlio do Carmo, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Pelotas, (princesa) Isabel, (Almirante) Foster Vidal, (General) Frota, Castilhos, Wandenkolk, Bocayuva, Ouro Preto		Café do Rio, Paschoal (estabelecimento), Club Militar, Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
92	17	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O que salvou a Republica”	João Paraguaçu	José Maria Pessôa (capitão da Marinha), Lauro Muller, (D.) Pedro II, Thereza (imperatriz), Izabel (princesa), conde D’Eu, (presidente) Hermes (da Fonseca), Luiz Vianna, Ouro Preto		<i>Lloyd</i> (navio), <i>Alagoas</i> (navio), <i>Parnahyba</i> (navio), <i>Riachuelo</i> (navio), Bahia, São Salvador (Salvador)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
93	20	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O dia dos primos”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Frederico Borges, Aristides Lobo, Campos Salles (Ministro da Justiça), Rui Barbosa	<i>A Notícia</i> (jornal), <i>Memórias</i> (livro)	Ministério do Interior	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 25/10/1937
94	21	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “A base”	João Paraguaçu	José Oiticica			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
95	22	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O eterno estreante”	João Paraguaçu	Pelagio Borges Carneiro, Pinheiro Machado, João Pedro de Carvalho Vieira, Silveira Martins, visconde de Pelotas, Assis Brasil, Victorino Monteiro	Carta Política (1ª Constituição)	Senado (Federal), “Club dos Pilotos”	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
96	23	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Silva Jardim”	João Paraguaçu	(Visconde de) Ouro Preto, Maracajú, (provavelmente o Marechal) Floriano, Silva Jardim, Glycerio, Sampaio Ferraz, Hilario de Gouveia, Garnier		“Guarda Negra de Patrocínio”, Provisório	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/10/1937
97	24	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Dicionário dos Caxinauás”	João Paraguaçu	Capistrano (de Abreu), Rui Barbosa, (JJ) Seabra, Baptista Pereira, Índios Caxinauás, Thodoro Sampaio, (Candido) Rondon, Bezerra de Menezes, (visconde de) Taunay, João Ribeiro, Lima Figueiredo, Ramiz Galvão	<i>Dicionário</i> (sobre a língua dos Caxinauás)	<i>Diario de Notícias</i> , São Clemente (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/10/1937 Rui Barbosa e Capistrano de Abreu
98	25	Out.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “O dia dos primos”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 20/10/1937
99	26	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Desilusões”	João Paraguaçu	(General) Isidoro, Nestor Passos, Washington Luis, Leite de Castro		Paso de Los Libres, Rio (de Janeiro), Ministério da Guerra	Do Rio de Janeiro Datada: 11/10/1937 Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
100	27	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Feijão em Caxinauá”	João Paraguaçu	Capistrano (de Abreu), Sylvio Romero, Gonçalves Dias, (José de) Alencar, Cooper, Chateaubriand, Euclides da Cunha, D. Gaby, Coelho Netto		Rua do Rozo, Amazônia, Peru, Bolívia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
101	31	Out.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O poeta equilibrado”	João Paraguaçu	Coelho Netto, Mourois (critico-biógrafo francês), Disraeli, Euclides da Cunha, (Olavo) Bilac, (José do Patrocínio), Domingos Magalhães	<i>Panópias, Sarças de Fogo, Via Láctea, O Caçador das Esmeraldas</i>	São José do Rio Pardo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
102	2	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Com s ou com z?”	João Paraguaçu	Alvaro Bamilcar, Clovis Bevilaqua, Eptácio Pessoa, Affonso Celso, Enol Fernandes, Carlos Maximiliano, Astolpho Rezende, Levi carneiro, Lindolfo Collor, Capistrano de Abreu, Constâncio Alves, Francisco Sã, D. Pedro II, Frei Vicente de Salvador	<i>História do Brasil</i>	<i>Jornal do Brasil</i> , “Terra de Santa Cruz” (antigo nome do Brasil), Londre, Nova York	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
103	3	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Emílio na Academia”	João Paraguaçu	Emilio de Menezes, Machado de Assis, “Capitu” (personagem de livro), Alberto de Oliveira, Pedro Rabelo	<i>Dom Casmurro</i> , <i>Deuses em Ceroulas</i> , <i>Livro de Emma</i>	Academia (Brasileira de Letras), (Livraria) Garnier	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Emilio de Menezes e ABL
104	4	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Um jornal espírita”	João Paraguaçu	Santos, Alan Kardec, Rui Barbosa		Agencia Havas, Meyer (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
105	5	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Diplomacia boêmia”	João Paraguaçu	Mario Ruiz de los Llanos (diplomata argentino), Lauro Muller, Sylvio Romero Filho, Bismarck (ministro da Prussia), (Barão do) Rio Branco		Itamaraty, Biblioteca (do Itamaraty, Paris, França, Buenos Ayres	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
106	7	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “B. Lopes”	João Paraguaçu	B. Lopes, marechal Hermes (da Fonseca, futuro presidente), Mucio Teixeira, Wenceslao (Bras), Modesto Leal, Guinle, Gajfrée, E. G. Fontes, Emilio (de Menezes), J. Brito		Correios, rua Visconde de Itaborahy, Congresso Nacional	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
107	9	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Dispautérios”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Malherbe, Marques Pinheiro.	<i>A Folha</i> (jornal),		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
108	11	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O ‘sonho’ de Schippa”	João Paraguaçu	Tito Schippa, Vallim Pardo, MAssenet, Cardoso (Caxambú)	<i>Manon</i> (ópera), <i>Sonho</i> (ópera),	(Teatro) Municipal	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
109	13	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O esbarro”	João Paraguaçu	Zeferino de Oliveira, Afranio Peixoto, Miguel Calmon, Emilio de Menezes, Basílio da Gama, Alvalá, Sotto Maior		Rua Buenos Ayres, Banco Portuguez, Tinoco machado & Cia., Avenida Rio Branco, rua do Rosario, rua da Alfandega	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 15/11/1937
110	14	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O amigo do ex-sultão”	João Paraguaçu	Geminiano da França, João do Rio, rainha Maria da Rumania, Etienne Brasil, (major) Bandeira de Mello		Rua da Relação, Europa, Armenia, Turquia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
111	15	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O esbarro”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 13/11/1937
112	16	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Abuso de credito”	João Paraguaçu	Zeferino de Oliveira, Washington Luis, Leão Teixeira, “Coluna da Morte”, Affonso Pena Junior	Carteira de Liquidação dos Maus Negocios (documento)	Rio (de Janeiro), Banco do Brasil, Thesouro (Nacional), Copacabana (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
113	17	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Incidente literario”	João Paraguaçu	Goulart de Andrade, Roberto Gomes, Antonio Torres	<i>Declinar do dia</i> (peça teatral), <i>Assumpção</i> (romance)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
114	19	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O pae [pai] da constituição”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, marechal Hermes (da Fonseca, futuro presidente), Rui Barbosa, Boulanger, (Napoleão) Bonaparte, (desembargador José Joaquim da) Palma, marechal Deodoro (da Fonseca), (Francisco) Glycerio, (Antônio) Azeredo	<i>A Imprensa</i> (jornal), <i>Constituição</i>	Provisório, rua São Clemente, Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre Rui Barbosa <i>Correio da Manhã</i> de 17/11/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
115	20	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Humberto e João do Rio”	João Paraguaçu	Julien Benda, Humberto de Campos, João do Rio, Candido de Campos	<i>Poeira</i> (poemas), Luiz Bahia, <i>Gazeta de Notícias</i> (jornal), <i>A mulher e os espelhos</i> (crônicas), <i>O Paiz</i> (jornal), <i>O Imparcial</i> (jornal)	Pará, Piedade (bairro), rua do Ouvidor	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/11/1937
116	21	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Uma aventura de Medeiros”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Guarda Nacional		Paris, Verdun, Amazonas, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 19/11/1937 Medeiros e Albuquerque
117	22	Nov.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “O reprovador”	João Paraguaçu	Leitão da Cunha, Coelho Netto, Rodolpho Amoedo e Cunha Mello, Roquete Pinto, Frões da Fonseca, Magalhães Correa, Olga Bergamini, Aloysio de Castro		Museu Nacional, salão do Fluminense Football Club	Fonte em destaque Sobre 1º Miss Brasil Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Relação com “Miss Brasil”, texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
118	24	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Monumentos públicos”	João Paraguaçu	João Lopes, dr. Heitor da Silva Costa, (D.) Pedro II, Santa Clara (grupo), São Francisco de Assis (grupo), Benjamin Constant (grupo)		Consulado (Brasileiro de Paris), Hotel de Bedford, Academia de Inscipções, Rio de Janeiro, Russell, Campo de Sant’Anna, Paris, Torre Eiffel	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/11/1937
119	25	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O commandante Pessôa”	João Paraguaçu	Commandante José Maria Pessôa, Joaquim Lopes, general Hermes da Fonseca, (futuro presidente), (presidente) Deodoro (da Fonseca), almirante Wandenkolk (Ministro da Marinha), Amorim Rangel (primeiro tenente), Mr. Byrne, D. Pedro II		<i>Lloyd</i> (navio), Ilhéus, Bahia, <i>Alagoas</i> (navio), Rio (de Janeiro), <i>Riachuelo</i> (navio), São Salvador, Pernambuco	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/11/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
120	26	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Ironia de mineiro”	João Paraguaçu	Affonso Arinos, Gastão da Cunha, (presidente) Wenceslao Brás, Bricio Filho, Azevedo Sodré, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Lucena, (presidente) Floriano (Peixoto), coronel Tasso Fragoso		Distrito Federal, Palácio do Catette, Itajubá	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/11/1937
121	27	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Um anonymo”	João Paraguaçu	Bricio Filho, Luis Bahia, Dr. João Ribeiro, Delfim Moreira, Batista de Medeiros, Francisco Souto, Candido de Campos	<i>O Século</i> (jornal), <i>Gazeta</i> (jornal)	Faculdade de Medicina da Cidade de Salvador, Catette	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
122	30	Nov.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo “O sertanista”	João Paraguaçu	Affonso Arinos, Catullo da Paixão Cearense	<i>A Gazeta de São Paulo</i> (jornal), <i>Assombramento</i>	Ceará, Maranhão, Rio (de Janeiro), São Paulo, Andarahy (região)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
123	1	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Sino eleitoral”	João Paraguaçu	Celso Bayma, Wenceslao Braz, Lauro Muller, HercilioLuz, Felipe Schimdt,		Câmara (dos Deputados), Santa Catarina, Rio (de Janeiro), Paraguay, Itajahy,	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
124	3	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Oliveira Lima”	João Paraguaçu	(Manuel de) Oliveira Lima, Clovis Bevilacqua, Mario de Alencar, Domingos Olympio, Machado de Assis, (?) Alves, Washington (?), (professor) Pujol	“D. João VI no Brasil, <i>Iracema</i> (romance), <i>Luzia homem</i> (romance)	Academia (Brasileira) de Letras (ABL), São Paulo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Texto publicado incompleto Sobre ABL <i>Correio da Manhã</i> de 25/11/1937
125	4	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “A herva”	João Paraguaçu	(General) Isidoro, (capitão) Eiras, Lindolpho Collor (ministro do Trabalho), Vicente Machado	Herva-matte (Ervamate)	Rio (de Janeiro), Urca (bairro), Paraná, Argentina, Misiones, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
126	5	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Pedro II”	João Paraguaçu	(D.) Pedro II, (Ernest) Renan, Alcindo Guanabara, Raphael Paixão, Ferreira da Paixão, Tito Livio, Sallustia		Paris, Petropolis	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre D. Pedro II e educação Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
127	6	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Villa Lobos em Paris”	João Paraguaçu	Vital Ramos de Castro, Villa Lobos	<i>Voyage au Brésil</i> (Filme), orchestra Pacheloup, <i>Guarany</i> (opera), Hino (Nacional)	Paris	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
128	7	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Humberto na política”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Magalhães de Almeida, Domingos Barbosa, Viriato Corrêa	<i>A Macã</i> (jornal), <i>O Arco de Esopo</i> (livro), <i>A Balaçada</i> (livro)	Maranhão, São Luiz, Rosario, Rio (de Janeiro)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/12/1937
129	10	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O celibatario Bilac”	João Paraguaçu	Humberto (?), (Olavo) Bilac, Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque	“Via Láctea” (poema)	Cemitério São João Batista	Fonte em destaque Enterro de Olavo Bilac Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
130	11	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Pró-fisco”	João Paraguaçu	Emilio de Menezes, Gregorio de Mattos, (?) Valverde, Dr. Washington de Almeida, (?) Azeredo	“Poemas da Morte”	Rua do Olvidor, Livraria Alves, rua Gonçalves Dias, rua Uruguayana	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
131	14	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “A grande pilhéria”	João Paraguaçu	Pires Ferreira, Ernesto Senna, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Thomaz Coelho, (?) Simeão, Conde D’Eu, (tenente) Carolino, Visconde de Ouro Preto, Floriano (Peixoto), (Clarindo), Benjamin, Sampaio Vianna, Solon (?), Sebastião Bandeira, Joaquim Ignacio, Glycerio (?), Campos Salles, Rui (Barbosa)	<i>Diário de Notícias</i> (jornal),	(Antigo) Senado, Pauhy (Pauí), Mato Grosso, Club Militar, ru ado Olvidor, largo de São Francisco, São Paulo	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/12/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
132	15	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Floriano”	João Paraguaçu	Julien Benda, (presidente) Floriano (Peixoto), (caudilho) Saraiva, Cassiano do Nascimento (ministro da Fazenda), Catilina		Thesouro (Nacional), Roma	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
133	17	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “O Pae [pai] da Aviação”	João Paraguaçu	Francisco Souto, Santos Dumont, José Carlos Rodrigues		Catette, Saint- Cloud (cidade), Aero Club de França, Paris	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Ata do 1º voo do <i>14bis</i> Dumont e os brasileiros na França. Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
134	20	Dez.	1937/ XVIII	p. 6	Crônica: “Glorificação”	João Paraguaçu	Carlos Magalhães, Antonio Torres, José do Patrocínio Filho, João Ribeiro, Sainte- Bence, Victor Hugo	<i>Gazeta de Noticias</i> (jornal), <i>A Noticia</i> (jornal), <i>Cromwell</i> (romance)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre papel da imprensa Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
135	21	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O muro”	João Paraguaçu	Frederico Villar, Virgilio Benvenuto (advogado), Kelly (juiz)	<i>José Bonifácio</i> (navio)	Ilha do Governador	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
136	22	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Pacifismo”	João Paraguaçu	(Marechal) Botafogo, (presidente) Deodoro (da Fonseca), (?) Pelotas, Benjamin (Constant), (capitão) Oswaldo Costa		Paris, Campo de Sant’Anna, (rio) Jaguarão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre pacifismo do povo brasileiro Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
137	28	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “Superstições”	João Paraguaçu	Cláudio de Souza, Washington Luis, Antonio José, Ivo do Prado, Brasiléu, Fausto Ferraz, Viuva B		Academia (ABL), Paris, Brasil, Bilbiotheca, Portugal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
138	29	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Pedro Lessa”	João Paraguaçu	Pedro Lessa, Epitacio Pessoa, Rui Barbosa, Nilo Peçanha, Eduardo Faria, Macedo Soares	<i>O Imparcial</i> (jornal), <i>Correio da Manhã</i> (jornal)	Supremo Tribunal Federal, Pão de Assucar (Açúcar)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre relação entre Pedro Lessa e Epitacio Pessoa Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Mesmo título de texto publicado em <i>Memórias de João Paraguaçu</i> (livro)
139	30	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Artigo: “Dois proclamadores”	João Paraguaçu	Anatole France, Julien Benda, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Quintino (Bocaiuva), Wandelkolk, Aristides, (presidente) Floriano (Peixoto), Benjamin (Constant), (barão de) Ouro Preto, Lopes Trovão, D. Pedro II, conde Motta Maia, Andrade Figueira, major Solon, tenente Vinhaes		Petropolis, Rio (de Janeiro), Paço, Repartição Central dos Telegraphos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 22/12/1937 Sobre dois homens importantes para a Proclamação da República
140	31	Dez.	1937/ XVIII	p. 7	Crônica: “O carcereiro de The[...]inha.	João Paraguaçu	Ribeiro Gonçalves, Henri Heine, Pires Ferreira	<i>Memórias</i> (Henri Heine)	Theresina (Teresina)	Deteriorado Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/12/1937 grafado, no título, “Theresina” (Teresina)

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
141	1	Jan.	1938/ XVIII	p. 7	Crônica: “Tratado das provas”	João Paraguaçu	Polícia do Distrito Federal, Metello Júnio, Alfredo Pinto, Mittermeyer,	Constituição, Código Penal, <i>O tratado das provas</i> (livro),	Meyer (bairro), Congresso (nacional), Saude (bairro), Gamboa (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Deteriorado <i>Correio da Manhã</i> de 29/12/1937
142	6	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rui e Azeredo”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, (senador) Dantas, Sertorio de Castro, Baptista Pereira, Caio de Barros, Campos de Medeiros, Monteiro Lobato, Azeredo, Urbano, (JJ) Seabra, Lauro, Alvaro de Carvalho, Carlos de Campos, Altino Arantes	Jeca Tatu (personagem de Monteiro Lobato na obra <i>Urupês</i>)	Theatro Lyrico, Senado	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 30/12/1937 Sobre famoso discurso de Rui Barbosa
143	9	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Os dois regimens”	João Paraguaçu	Oliveira Viana, conde de Gobineau, visconde de Itaborahy, D. Pedro II, dr. Luiz Bahia, conselheiro Prisco Paraiso, Lafayette		Alameda São Boaventura, Nitheroy (Niterói), França, Salvador	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre Monarquia e República
144	10	Jan.	1938/ XIX	p. 6	Artigo: “O rei no Senado”	João Paraguaçu	(Senador) Azevedo, Xavier da Silveira, rei Alberto e rainha Elisabeth (Bélgica)		Monroe, Alemanha, Baviera (região da Alemanha)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
145	13	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Falar francez”	João Paraguaçu	(Presidente) Epitacio Pessoa, Marcolino Fagundes, José Felix, Alberto I (rei da Bélgica), (major) Carlos Reis, Geminian, Candido Mendes Junior		Museu de Bruxelas, Avenida Atlântica, Paris, Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
146	14	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “As lendas”	João Paraguaçu	(Senador) Lauro Sodré, (presidente) Rodrigues Alves, Luiz Bahia, Rui Barbosa, carlos Affonso de Assis Figueiredo, Ernesto Senna, Affonso Celso (pai), Raymundo Correia (poeta), Serzedello, d. Antonio de Macedo Costa, (coronel) Rodolpho Pão Brasil		Rio de Janeiro, Nitheroy (Niterói), Pará, Seminário de Belem, (cais) Pharoux (cemitério) São João Batista,	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque No enterro de Rui Barbosa. Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
147	16	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Os dois ladrões”	João Paraguaçu	(Prefeito) Azevedo Sodré, Afrânio Peixoto, Alvaro Rodrigues, Medeiros e Albuquerque, Campos de Medeiros, (monsieur) Nuncio Aversa, (cardeal) Merry del Val, (papa) Leão XIII	Hymno Nacional	Districto Federal (Rio de Janeiro), Escola Medeiros e Albuquerque, Roma	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Igreja, Educação, Política, narrativa e sociedade Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
148	17	Jan.	1938/ XIX	p. 6	Crônica: “A pesca e o Malazarte”	João Paraguaçu	João do Rio, visconde de Moraes, Armando Pinna, Graça Aranha, Ramalho Urtigão, Eça de Queiroz	<i>Malazarte</i> (peça teatral)	Armada Brasileira, Belém, Povoá de Varzim, Europa, América do Norte, Portugal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/01/1938
149	18	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Graça Aranha e o caudilho”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Ronald Carvalho, Renato Almeida, de Martens, Celso Antonio, Dantas Barreto, Drago, d’Estourmeles Constant, Bourgeois, Marshall von Bierbestein, Cicero, Conde de Prozor	<i>A viagem maravilhosa</i> (romance)	Edifício Heidenreich, rua Alvaro Alvim, Pernambuco	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 15/01/1938 Leitura comprometida Realidade e ficção
150	21	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rui e De Martens”	João Paraguaçu	Baptista Pereira, Julio de Mesquita Filho, Rui (Barbosa), De Martens		Rua Marquez de São Vicente, Gavea (bairro), Conferência de Paz em Haya, Plenário de Riddersaal (Haya)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 19/01/1938 Rui Barbosa na Conferência de Haya
151	22	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “O pão de lot”	João Paraguaçu	Senador Lauro Muller, Pinheiro Machado	Código Civil	Bangu, Santa Catarina, Jacarépaguá	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/01/1938
152	27	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rui no Senado”	João Paraguaçu	Afonso Arinos, Rui Barbosa, marechal Hermes (da Fonseca, futuro presidente), Francisco de Sá, Damião de Góes		Senado (Federal), Bahia, Japão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 25/01/1938 Sobre Rui Barbosa

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
153	31	Jan.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Consagração”	João Paraguaçu	João do Rio, Affonso Penna, Rui Barbosa, (Barão do) Rio Branco, Humberto de Campos, Paulo Barretto		Rua do Cattete, rua Chile, Districto Federal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Leitura comprometida João do Rio (enterro) <i>Correio da Manhã</i> de 27/01/1938 Mesmo título de texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
154	1	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “As cartas de Bilac”	João Paraguaçu	Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Rodrigo Octavio, Max Fleiss, Osorio, Rui Barbosa, Delfim Moreira (Presidente Interino)	<i>Epistolario</i> (cartas), <i>Via-Láctea</i> (poema), <i>O caçador de Esmeraldas</i> (poema)	ABL, Paris, Brasil, Correios, Europa, (cemitério) S. João Baptista, Exercito	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/01/1938 Olavo Bilac e a ABL
155	2	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “O maior ‘cacete’”	João Paraguaçu	Theodoro Roosevelt, Domício da Gama, Max Fleiss, Affonso Celso, Capistrano (de Abreu), Oliveira Lima, Antonio Torres		Rio (de Janeiro), Buenos Ayres, IHGN, Washington, Matto Grosso, Amazonas, (rio) Tapajoz, Russia, Japão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/01/1938 Sobre a figura de Roosevelt
156	4	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rastignac”	João Paraguaçu	José do Patrocínio Filho, Jayme Soares Cabral Lopes (Soares Lopes), Zéca, Vicente de Carvalho, Emilio (de Menezes)	<i>Carolina, Rastignac</i> (personagem de Honoré de Balzac)	Castellões (confeitaria), São Paulo, Câmara (Federal), Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/02/1938 (rasurado)
157	8	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “A primeira das liberdades”	João Paraguaçu	Pereira Passos, Azevedo Sodré, Sá Freire, Alao Prata, Moitinho, Lindolpho Collor	<i>Tribuna</i> (jornal)	Rua do Nuncio, Banco do Brasil, Porto Alegre	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 05/02/1938 (rasurado) Atraso nos salários - servidores públicos
158	10	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “No velho Senado”	João Paraguaçu	Azeredo, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Rui Barbosa, D. Pedro II, Lassance, Quintino (Bocaiúva), Conde D’Eu	<i>Parayba</i> (barco), <i>Alagôas</i> (barco)	Paço (Imperial), Matto-Grosso, Senado (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 08/02/1938

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
159	11	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Caso bíblico”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Alberto d’Oliveira, Filinto de Almeida, Miguel Calmon, Rodrigo Octavio, (Carlos de) Laet, Afranio Peixoto, João Lucio de Azevedo, Coelho Netto, Oliveira Lima, George Dumas	(<i>Bíblia</i>)	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ABL, Portugal, Lisbôa, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/02/1938 Referência entre cátedra e história bíblica de Raquel e Labão
160	13	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Trocadilhos”	João Paraguaçu	(Desembargador) Pitanga, Sylvestre Bonnard, Anatole France, Prudente de Moraes, (presidente) Floriano (Peixoto)	<i>Revista do Districto Federal</i>	Tribunal de Appelação	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/02/1938 (rasurado)
161	16	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Diplomacia infantil”	João Paraguaçu	Roberto Marinho, Bezerra de Freitas, Berilo Neves, José Augusto de Lima, Antonio Baker, Irigoyen, Alvear, Leopoldo Mello, dr. Avidos, Bartoloméu Mitre	<i>Augustos</i> (navio), <i>La Nación</i> , <i>La Prensa</i> , <i>La Razon</i> , <i>Critica</i> , <i>Correio da Manhã</i> (jornais)	<i>Calle</i> (Rua) <i>Brasil</i> , Buenos Ayres, Itamaraty, embaixada do Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/02/1938 com o título de “Diplomacia Inútil”
162	18	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Misanthropia”	João Paraguaçu	Antonio Torres, José Maria dos Santos	Genebra (bebida)	Holanda (Rotterdam), Dinamarca, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 16/02/1938 Narrativa sobre fato ocorrido fora do Brasil
163	20	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Delfim Moreira”	João Paraguaçu	Delfim Moreira, Raul Soares, Ruskin, Emile Demóulin, Buyse, Rui Barbosa, Fidelis Reis	“A Instrução no Brasil” (1982) (Parecer)	Minas (Gerais), Inglaterra, França, Estados Unidos, E’cole de Roches, Santa Rita de Sapucahy	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/02/1938

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
164	22	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Verissimo”	João Paraguaçu	José Verissimo, Almachio Diniz, Aluizio de Azevedo, Rui Barbosa, Alcides Maya, Pinheiro Machado	<i>Estudos de Literatura Brasileira, Scenas da Vida Amazônica</i>	ABL, Rio (de Janeiro), Bahia, rua São Clemente, Morro da Graça, Senado (Federal), Cenáculo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 19/02/1938 Sobre a ABL Publicações com mesmo título em 26/03/1939 e 27/06/1940
165	23	FEV.	1938/ XIX	P. 7	Crônica: “O almirante Caperton”	João Paraguaçu	Julio Dantas, almirante Caperton, comandante Messeder, Tancredo	<i>A ceia dos Cardeais</i> (peça de teatro)	Palace-Club, Rio de Janeiro, Estados Unidos, Pittsburgo, avenida Lincoln, Passeio Publico	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/02/1938
166	25	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rui na Academia”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Machado de Assis, Alcides Maya, Anatole France, Almachio Diniz, Aluizio de Azevedo, Pinheiro Machado, Carlos Fontes, (José) Verissimo, Lauro Muller, Ramiz Galvão, Alberto Torres, Virgilio Varzea, Coelho Netto, (marechal) Pires Pereira	<i>(Memórias Póstumas de) “Braz Cubas, Casa de Pensão</i>	ABL, Rio (de Janeiro), morro da Graça, “palacete da rua São Clemente”	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/02/1938 Relações entre Literatura e Política
167	26	Fev.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Sylvio e Capistrano”	João Paraguaçu	Sylvio Romero, Capistrano de Abreu, Alberto de Oliveira, José Verissimo, dr. Goldi, Von Den Steinen	<i>Epistolário da Academia Brasileira de Letras, Bacuiri</i>	Gymnasio Nacional, ABL, Rio (de Janeiro), Therezopolis, Colonia Alpina	Título repetido Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Publicação com mesmo título em 20/08/1937 <i>Correio da Manhã</i> de 24/02/1938
168	3	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Impassibilidade”	João Paraguaçu	(Presidente) Hermes (da Fonseca), Paulo de Frontin, (prefeito) Bento Ribeiro, Belisario Tavora	Dom Quixote e Sancho Pança (personagens do livro <i>Dom Quixote de la Mancha</i>)	Central do Brasil, Estação de Lauro Muller, Sociedade Nacional de Agricultura	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre um suposto desastre numa estação de trem Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
169	5	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Mascagni no Rio”	João Paraguaçu	(Pietro) Mascagni, (Walter) Mocchi (compositor), (presidente) Epitacio (Pessoa), (regente) Weingartner	<i>Correio da Manhã</i> (jornal), <i>Il piccolo Marat</i> (ópera)	Buenos Ayres, (Teatro) Municipal, Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre relações privadas e públicas Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
170	6	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Argumento de músico”	João Paraguaçu	(Pietro) Mascagni (compositor), (Olavo) Bilac, (Oscar) Guanabario (crítico)	<i>O caçador de esmeraldas</i> (poema), <i>Correio da Manhã</i> , <i>Poesias</i> (livro de Olavo Bilac), <i>Cavallaria Rusticana</i> (ópera)	Hotel dos Estrangeiros	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
171	9	Mar.	1938/ XIX	p. 6	Artigo: “Mascagni no Municipal”	João Paraguaçu	(Pietro) Mascagni, (Gino) Marinuzzi (compositor), (Giulio) Massenet (compositor), (Walter) Mocchi	<i>Thais</i> (ópera)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque 3ª sobre Mascagni Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
172	13	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Os esquecidos”	João Paraguaçu	Mello Leite (outro pseudônimo: Barão de Levy), Francisco Mangabeira, Gandino de Castro, Jonas da Silva, Arthur de Salles, Coelho Netto	<i>Rosa Morena</i> (poema), <i>A Conquista</i> (romance)	“Nova Cruzada” (grêmio literário), Padaria Espiritual (Salvador), Bahia, Ceará, Rio (de Janeiro), rio Serinhaem,	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque (negrito) Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
173	15	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Arte e jornalismo”	João Paraguaçu	Carlos Brandão, Severino Vieira, José Marcelino, Rui Barbosa, Molière, Rostand, Brousson, Anatole France	<i>Monsieur Bergeret en pantoufles</i> (peça), <i>Cyrano de Bergerac</i> (peça), <i>Precieuses Ridicules</i> (peça)	Senado (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/03/1938 Leitura comprometida Ironia, Jornalismo e Literatura
174	16	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Romancista do nordeste”	João Paraguaçu	Domingos Olympio, José do Patrocínio, barão do Rio Branco, Mário de Alencar, Machado de Assis, José de Alencar, Oliveira Lima, José Américo de Almeida	<i>O almirante</i> (romance), <i>Luzia homem</i> (romance), <i>Annaes</i> (semanário), <i>O Negro</i> (romance), <i>Memórias, Domitila</i> (teatro), <i>O Uirapurú</i> (romance), <i>A bagaceira</i> (romance)	Sobral, Ceará, Pará, Rio (de Janeiro), Washington, Brasil, Argentina, Academia (Brasileira) de Letras, Cenáculo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/03/1938 Sobre Domingos Olímpio e a ABL

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
175	18	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Elyseu Cezar”	João Paraguaçu	Elyseu Cezar, Antonio Lemos, Humberto de Campos, Carlos Dias Fernandes, Celso Vieira, Arthur Lemos, Pinheiro Machado, Salamonde, Alcindo (Guanabara), Gilberto (?)		Rio (de Janeiro), Pará, Parayba, Recife, Morro da Graça (Rio de Janeiro), Belém	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Racismo na imprensa
176	19	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Infanticídio jornalístico”	João Paraguaçu	Elyseu Cerzar, Palmerino, Luiz Peixoto, Fernando Mendes	<i>Carioca</i> (revista), <i>Jornal do Brasil</i>	Bico Dôce (bar), Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
177	21	Mar.	1938/ XIX	p. 6	Crônica: “Philantropia”	João Paraguaçu	Castro de Menezes, Fontoura Xavier, Humberto de Campos, Rabelais, Montaigne, Pereira Júnior, Augusto Petit, Molière		Patronato de Menores, Assistencia á Infancia Abandonada. Ministério da Justiça	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
178	22	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Fraquezas”	João Paraguaçu	Michelet, Joama D’Arc, Huysmans, Voltaire, (barão do Rio Branco, Domingos Olympio, Dionisyo Cerqueira, Zeballos, José do Patrocínio, Machado de Assis, José de Alencar, Euclides da Cunha, F. Alcindo	<i>Luzia-Homem, Mappas das Côrtes, “Tratado de 1850”, (Memórias Póstumas de) Braz Cubas, Os Sertões, Tunica de Nessus, Julia, Tantalos, Rochedos que Choram, Os Maçons e os Bispos</i> (estudo crítico [sic])	Reims, Washington, Argentina, Espanha, Madrid, Brasil, ABL, Amazonas, Itamaraty, Estado Maior do Exército	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 19/03/1938 Sobre Política e Literatura Publicação com mesmo título em 30/06/1938
179	24	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “O incidente episcopal”	João Paraguaçu	Domingos Olympio, Pires Brandão, Dom Vital, (comendador) Costa Ribeiro, d. Antonio de Macedo Costa, Padre Louis de Gonzague	<i>Monseigneur Vital</i> (biografia)	Recife, Pará, Maçonaria	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre a “Questão Religiosa”
180	31	Mar.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “O vale-propheta”	João Paraguaçu	Mucio Teixeira, Sylvio Romero, Laudelino Freire, Rui Barbosa, (barão do Rio Branco, Rodolpho Brasil, (Dom) Pedro II	<i>Revista dos Estados</i> (periódico)	São Cristóvão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Deteriorado <i>Correio da Manhã</i> de 26/03/1938 Mucio Teixeira

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
181	1	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônicas: “Perfídias”	João Paraguaçu	Dias de Barros, Jackson de Figueiredo, Mello, Magalhães, Pasteur, Hippocrates, Dias de Barros, Azevedo Sodré, Francisco de Castro, Fajardo, Nuno de Andrade, (presidente) Hermes (da Fonseca)		Centro Catholico, Faculdade de Medicina, Sergipe, Santa Casa	Do rio de janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
182	3	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “O esperanto”	João Paraguaçu	Mario Barretto, Belmiro Braga, Shakespeare, Rabelais, Goethe, Stechetti, Jesus Christo		Café Jeremias, Inglaterra, França, Itália, Allemanha	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
183	4	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Gloria de Castro Alves”	João Paraguaçu	Mucio Teixeira, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Rozendo Muniz Barreto, Ferreira de Menezes, Luiz Guimarães, Bruno Seabra, Cyrillo Pessoa, Martinho Garcez, Lucio de Mendonça, Rui Barbosa, Guilherme Bellegarde, D. Adelaide de Castro Alves, dr. Augusto Guimarães, Afrâneo Peixoto, Xavier Marques, Pedro Calmon, Tobias (Barreto), Martins Júnior	“Navio Negreiro” (poema), “Novos Idéaes” (poema), “Prismas e Vibrações” (poemas)	Theatro São João, Bahia, Norte-America, Faculdade de Direito	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Castro Alves
184	7	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Defesa”	João Paraguaçu	Maurício de Lacerda, Leitão da Cunha, Octavio Brandão, Minervino de Oliveira, Conselho (?), Bloco de Operarios e Camponezes		Congresso (Nacional), Camara Federal, largo da Mãe do Bispo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
185	8	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Mil réis e cruzeiro”	João Paraguaçu	Fausto Ferraz, Pinheiro Machado, Wenceslau Braz (Presidente), Bueno Brandão, Zacarias de Góes e Vasconcelos, Alcindo Guanabara, Augusto Comte, Carlos Magno, Juliano Moreira, Washigton Luis	<i>Política Positiva</i> (livro)	Ouro Fino, Biblioteca Nacional, Palácio da Guanabara, Forte de Copacabana	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 11/04/1938

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
186	9	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rui e a Academia”	João Paraguaçu	Augusto de Lima, Rui Barbosa, Oliveira Lima, Clovis Bevilacqua, Alcindo Guanabara, Pinto da Rocha, D. Silverio, Osorio Duque Estrada, Mário de Alencar, Domício da Gama, Max Fleiuss	<i>Contemporaneas</i> (Poemas)	Academia Brasileira (ABL), Mariana, Bahia, Syllogeu, Instituto Histórico	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque . Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Rui Barbosa e A ABL
187	11	Abr.	1938/ XIX	p. 6	Crônica: “Mil réis e cruzeiro”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 08/04/1938
188	12	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Procurador da Santa”	João Paraguaçu	Firmo Dutra		Matto Grosso, Coimbra (Brasil), Docas de Santos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Nossa Senhora do Carmo
189	14	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Pae [pai] e filho”	João Paraguaçu	Partido Democrático, Antonio Prado, Graça Aranha, João Alfredo, Washington Luis, Antonio Prado Junior	<i>Correio da Manhã</i> (jornal)	São Paulo, Rio (de Janeiro), Hotel Gloria, Districto Federal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Política e Família
190	17	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Partida de bilhar”	João Paraguaçu	(Presidente) Hermes da Fonseca, (Afonso) Penna, Vicente Piragibe			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Hermes da Fonseca
191	18	Abr.	1938/ XIX	p. 6	Artigo: “Santos Dumont na Academia”	João Paraguaçu	Vigny, Saime-beuve, Etienne, Royer Collard, Santos Dumont, Homero Pires, Graça Aranha, Raymundo de Moraes, Junqueira Freire, Fernando de Magalhães, Olegario Mariano, Anatole France		Academia Franceza, Academia (ABL), Europa, Ortez, Cinq-Mars (cidade)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/04/1938 Sobre eleição de Santos Dumont Parte de “As academias não são as mesmas”, texto publicado em <i>Tempos idos...</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
192	22	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Críticos”	João Paraguaçu	José Américo de Almeida, Paulo Azevedo, Euclides da Cunha, (Olavo) Bilac, Afrânio Peixoto, Visconde de Ouro Preto	<i>A Bagaceira</i> (romance), <i>Os Sertões</i> (romance), <i>Poesias</i> (poemas), <i>A</i> <i>Esfinge</i> (romance)	Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Relação entre Política e Literatura
193	23	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Clovis e a Academia”	João Paraguaçu	Clovis Bevilacqua, Achilles Bevilacqua, Osorio Duque Estrada, Amelia de Freitas Bevilacqua, Sylvio Romero	<i>Projeto do Código Civil, Épocas e Individualidades</i> (livro)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre ABL
194	24	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Apego ao atrazo”	João Paraguaçu	Machado de Assis, Melo Moraes Filho, (D.) Pedro II, barão do Rio Branco	<i>(Memórias Póstumas de) Braz Cubas</i> , “Capitu” (personagem de <i>Dom Casmurro</i>)	Livraria Garnier, Rio de Janeiro, Ministério da Aviação	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Machado de Assis
195	26	Abr.	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “O procurador da Academia”	João Paraguaçu	Augusto de Lima, Nicoláo Tolentino, (Luis) Veullot, Pujol, Filinto (?), Faria (?), S. Francisco de Assis, Francisco Alves	<i>Contemporaneas</i> (poemas)	Academia (ABL), Camara (federal), Biblioteca Nacional, São Paulo, Santa Casa de Misericórdia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/04/1938 Sobre ABL e o inventário de Francisco Alves
196	1	Maio	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “O professor Goetz”	João Paraguaçu	Dr. John W. Goetz, São Francisco de Assis, Gilberto Amado, Mucio Leão, Oswaldo Serpa		Porto Artur, Rio (de Janeiro), Ceylão, beco do Cotovelo (n. 17), Berlim, Escola Normal (Rio de Janeiro), Berlitz (Nova York), Café São Paulo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
197	2	Maio	1938/ XIX	p. 6	Crônica: “Crê ou morre”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Fernando Magalhães, Machado de Assis, Homero Pires, Raymundo de Moraes, Menotti del Picchia, Liberato Bittencourt, Santos Dumont, Olegario Marianno, Alberto de Faria, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque	<i>Chanaan (Canaã</i> , romance), <i>Lutetia</i> (navio)	Academia (ABL), Europa, Orthez, Baixos Pireneus, Paris, Suíça	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 14/04/1938 Sobre eleição de Santos Dumont para ABL

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
198	4	Maio	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “A caneta do Visconde”	João Paraguaçu	Vicente Piragibe, Vicente de Ouro Preto, Affonso Penna		(Antiga) Camara dos Deputados, Districto Federal, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 23/05/1938
199	7	Maio	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Commercio do ensino”	João Paraguaçu	Professor Goetz		Rio (de Janeiro), Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Ensino brasileiro
200	9	Maio	1938/ XIX	p. 6	Crônica: “Destino”	João Paraguaçu	Barão do Rio Branco, Charpentier, Visconde de Cabo Frio, Thomaz do Amaral, Grupo de Petrópolis		Itamaraty, Secretaria do Ministério das Relações Exteriores, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Rasurado Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
201	11	Maio	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Rodolpho Teophilo”	João Paraguaçu	Rodolpho Teophilo, João do Norte, Humberto de Campos, Xavier de Oliveira	<i>Paroára</i> (romance), <i>A Fome</i> (romance)	Academia Brasileira (ABL), Bahia, Ceará, Lyceu Cearense, Amazonas	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
202	13	Maio	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “Argumento decisivo”	João Paraguaçu	Comissão de Finanças da Camara (?), Antonio Carlos, Carlos de Campos, Thomaz Rodrigues	<i>Correio da Manhã</i> (jornal)	Ministério da Fazenda, Ceará	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Política
203	15	Maio	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “Croisset na Academia”	João Paraguaçu	Francis de Croisset, Porto-Riche, Tristan Bernard, Caillavet, Robert de Flers, Claudio de Souza, Claudio Filinto de Almeida, Affonso Celso, Ramiz Galvão, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Xavier Marques, Magalhães de Azeredo	<i>Le feu du voisin</i> (peça de teatro)	Academia Brasileira (ABL) (Casa de Machado de Assis), Banco do Brasil, Bahia, Roma	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/05/1938 Sobre Moral
204	16	Maio	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “O ignorado”	João Paraguaçu	Abel Botelho, Mucio Teixeira, Antonio Nobre, Cesario Verde, Teixei de Paschoes	<i>Fatal Dilemma</i> (romance), <i>Poemas e Vibrações</i> (Poemas)	Rio (de Janeiro), Buenos Aires, Argentina, (Teatro) Municipal, Portugal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
205	17	Maio	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “ <i>Post-scriptum</i> ”	João Paraguaçu	Magalhães Correia, Mestre Valentim, (prefeito do Rio de Janeiro) Carlos Sampaio, Aleijadinho, B’ocage, Norberto Silva, Rubens (pintor), D. João VI, Castro Alves, Eduardo de Sá, Casimiro de Abreu, (Olavo Bilac	“Os escravos” (poema), “Via-Lactea” (poema), “A missão de Purna” (poema), “Missão de Purna” (poema), “Caçador de Esmeraldas” (poema)	Passeio Público (Rio de Janeiro), Buenos Aires	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/05/1938 Sobre história e narrativas (Olavo Bilac)
206	18	Maio	1938/ XIX	p. 7	Artigo: “A doença do poeta”	João Paraguaçu	(Olavo) Bilac, Mario de Alencar, Austregesilo, (dr.) Werneck Machado, Eduardo Rabello, Belisario Penna, Medeiros e Albuquerque, Flaubert	<i>Jornal do Commercio</i> (periódico), <i>Dicionario Analogco</i> (sic), <i>Panóplias</i> (poemas), <i>Chronicas e Phantasias</i> (livro)	Academia Brasileira (ABL), Paris	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre doença de Olavo Bilac
207	19	Maio	1938/ XIX	p. 7	Crônica: “O Saneador”	João Paraguaçu	Oswaldo Cruz, (Preidente) Rodrigues Alves (JJ) Seabra, (dr.) Salles Guerra, Nicoláo Ciencio, Mario Piragibe	“Tratado de Microbiologia”	Brasil, Capital da República (Rio de Janeiro), rua Pedro Américo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/05/1938 Leitura comprometida Oswaldo Cruz (política)
208	20	Maio	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Anti-papelista”	João Paraguaçu	João Ribeiro (ministro da Fazenda), Bricio Filho, Rui (Barbosa), (Presidente) Delfim Moreira	<i>O Século</i> (jornal)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e Economia
209	22	Maio	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Pró-emissionismo”	João Paraguaçu	(Ministro da Fazenda) João Ribeiro, Pires Pereira, Leopoldo de Bulhões, Alcindo Guanabara		Goyas (Goiás), “Estrada de São Luiz a Caxias”, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Economia Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 25/05/1938
210	23	Maio	1938/ XX	p. 7	Artigo: “A caneta do Visconde”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 04/05/1938

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
211	24	Maio	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Na velha Camara”	João Paraguaçu	Astolpho Dutra, Arnolpho Azevedo, Corrêa de Almeida, Sabino Barroso, Zacharias de Góes e Vasconcelos, Joaquim Nabuco, Frontin, Cincinato Braga		(Velha) Câmara (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicação de mesmo título em 18/09/1938
212	25	Maio	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Pró- emissionismo”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 22/05/1938
213	29	Maio	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Os opportunistas”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Jorge Rudge, Patapio Francisco Braga, Baptista da Costa, (presidente) Hermes da Fonseca, João Alfredo		Districto Federal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
214	3	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Patriotismo”	João Paraguaçu	Antonio Torres, (coronel) Rafael Tobias, (coronel) Pedro Tamarindo, (Duque de) Caxias, Conde d’Eu, Moreira Cesar, Euclides da Cunha, Sr. de Laet	<i>Os Sertões</i> (romance), <i>O Apóstolo</i> (jornal), <i>A</i> <i>Tribuna</i> (jornal)	Castelões, Avenida Rio Branco, Bahia, Ministério da Guerra, São Salvador (Salvador), Exército, Rio (de Janeiro), Largo de São Francisco	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Referência à Guerra de Canudos e à Retirada de Laguna
215	7	Jun.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Benitez”	João Paraguaçu	(Ministro) Benitez, (Senador) Azeredo, Napoleão II, Bismarck, Rei Affonso III, Firmo Dutra, (presidente) Hermes (da Fonseca), (presidente) Eptácio Pessoa, Primo de Rivera, Felix Pacheco		Itamaraty, Prussia, Paris, praia de Botafogo, Espanha, Cattete, Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Movimento chefiado por Primo de Rivera
216	11	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Espectros”	João Paraguaçu	Flaubert, Maupassant, (1º tenente) Pompeu Jacome, José Gay, Arthur Nunes de Moura e Arthur Benjamin Viveiros		Escola Militar, rua de S. Manoel, Fortaleza da Lage, rua General Severiano, Recolhimento de Santa Tereza	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
217	12	Jun.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Eleições”	João Paraguaçu	Jansen Muller, Pamplona (Guarda municipal e mesário), Vieira de Moura (“Motta Coqueiro”), Marechal Roberto Trompowski		Capital (Rio de Janeiro), Colegio da Candelaria, Alfandega	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/06/1938 Reforma Bueno de Paiva e eleições na República Velha
218	14	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Poder da Polícia”	João Paraguaçu	(Presidente) Wenceslau Braz, Raul Sá, José Oiticica, Maurício de Lacerda		Palácio Guanabara, Praia do Flamengo, Avenida da Ligação, rua Paysandú	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
219	16	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Relatividade”	João Paraguaçu	Sylvio de Castro, Waldemar Loureiro, marechal Fontoura, Maurício de Medeiros		Rua Frei Caneca, ru ado Ouvidor, Singapura, Thibet, Bahía, Nictheroy, Rio (de Janeiro), rua Acre	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 18/06/1938
220	18	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Relatividade”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 16/06/1938
221	21	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Dramático”	João Paraguaçu	(Presidente) Epitacio (Pessoa), Siqueira Campos, Raphael Brusque, Marcolino Fagundes		Hospital S. João Baptista da Lagôa	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Movimento do Forte de Copacabana – Visita do presidente aos feridos
222	23	Jun.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “5 de Julho”	João Paraguaçu	(Capitão) Euclides da Fonseca, Marcolino Fagundes, (Presidente) Epitácio Pessoa, (Presidente Arthur) Bernardes		Forte de Copacabana	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Movimento do Forte de Copacabana

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
223	24	Jun.	1938/ XX	p. 5	Artigo: “Siqueira Campos”	João Paraguaçu	Francisco Souto, Calogeras, Marcolino Fagundes, (capitão) Euclides da Fonseca, Siqueira Campos, (“manicure”) Emilia Fortini		Café Universo, (Palácio do) Catette, Ministério da Guerra, Arsenal da Marinha, Forte de Copacabana, rua da Relação, rua Constante Ramos, Hospital São João Baptista da Lagôa, rua Chile	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Referência ao Movimento do Forte de Copacabana
224	27	Jun.	1938/ XX	p. 6	Crônica: “Prudência de inglez”	João Paraguaçu	Associação Brasileira de Imprensa, Adolpho Bergamini, Irineu Velloso, Aurelio de Britto, Antonio Fonseca, Mello Nogueira, Julio de Mesquita Filho, Casper Libero, Nilo Costa, São Paulo Railway, Carlos Costa, (tenente) Cabanas		São Paulo, Santos, Catanduvás	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Referência à Revolta Paulista de 1924
225	30	Jun.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Ciumes policiaes”	João Paraguaçu	Affonso Penna Junior, Carneiro da Fontoura, (Presidente) Arthur Bernardes		Districto Federal, (Palácio do) Catette	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Deteriorado <i>Correio da Manhã</i> de 26/06/1938
226	4	Jul.	1938/ XX	p. 6	Crônica: “Tempos de generosidade”	João Paraguaçu	(Presidente) Washington Luis, (negociante) Conrado de Niemeyer, Carneiro de Fontoura, (construtor) Humberto Roma, rua da Relação, Ricardo de Albuquerque		Rio (de Janeiro), (antiga) 4ª delegacia auxiliar	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre morte de Conrado de Niemeyer
227	6	Jul.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Marechal Fontoura”	João Paraguaçu	(General) Isidoro, Carneiro de Fontoura, Antonio Torres, Azevedo Amaral		Rio (de Janeiro), Legação da China, Shangai, “bar” Nacional	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
228	10	Jul.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Solidônio e a Revista”	João Paraguaçu	João Mangabeira, (?) Piragibe, Azevedo Lima, Simões Filho, Gonçalves Maia, Solidonio Leite, D. Pedro II, Benjamin Constant, (coronel) Manoel Fulgencio	<i>Revista do Supremo Tribunal</i>	Camara (Federal), Canal do Panamá, Alfandega de Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
229	14	Jul.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “A demissão de Fontoura”	João Paraguaçu	Affonso Penna Junior, Carneiro de Fontoura, João Alves, (Presidente Arthur) Bernardes		Petropolis	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
230	15	Jul.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Vieira Fazenda”	João Paraguaçu	Vieira Fazenda, Augustin Thierry, (jornalista) Mauro de Almeida		Instituto Histórico, rua de Santa Luzia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Veira Fazenda e João Paraguaçu
231	21	Jul.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Occultismo”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, Olegario Marianno, Augusto de Lima	<i>Memórias</i> (livro)	Academia (ABL), Rio (de Janeiro), Maranhão, Recife, São Luiz	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Quiromancia Humberto de Campos
232	28	Jul.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Sermão lacônico”	João Paraguaçu	Benat Teixeira (Bento Teixeira), (capitão) Jorge de Albuquerque, Cassiano Tavares, Bossuet	<i>Prosopopeya</i> (Prosopopéia) (poema), <i>Os Lusíadas</i> (poema), (...) <i>do Commercio</i> , <i>Gazeta de Portugal</i> (jornal)	Brasil, Recife, Biblioteca Nacional, Thomar (cidade)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Leitura Comprometida <i>Correio da Manhã</i> de 16/06/1939 Bento Teixeira e Luis de Camões
233	29	Jul.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Experiencia”	João Paraguaçu	Azevedo Sodré, João Alfredo,			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Emprego na polícia

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
234	30	Jul.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Emprego de polícia”	João Paraguaçu	Geminiano da França, Tamoyos (índios), Porto da Silveira, Maurício de Lacerda, Bandeira de Melo, Carlos Reis	Regulamento Alfredo Pinto	Bangú, Ilha do Governador, Congresso (Nacional)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Emprego na polícia
235	4	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Falsa audição”	João Paraguaçu	Coelho Cavalcanti (Barafunda), João do Rio, Jung, Freud	<i>Revue de Lausanne</i> (jornal), <i>Chronicas e Phrases de Godofredo de Alencar</i> (livro)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
236	5	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “O ‘Barafunda’”	João Paraguaçu	Coelho Cavalcanti (João Barafunda), Emygdio Navarro, João do Rio (Paulo Barretto)	<i>A mulher e os espelhos</i> (crônicas), <i>Tribuna</i> (jornal)	Largo da Carioca, rua Gonçalves Dias	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
237	6	Ago.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Balthasar Pereira”	João Paraguaçu	Balthazar Pereira, Gonçalves Maia, José Mariano Curioso, Carlos D. Fernandes, Manoel Caetano, Arthur de Albuquerque, Arthur Orlando, Gaspar Drummond, Gonçalves Maia, José Marianno, Francisco Phaelante da Camara	<i>A Província</i> (jornal), <i>Livro de Fábulas</i>	Pernambuco, Camara Federal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/08/1938
238	12	Ago.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Arte e gramática”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Heraclito Graça	<i>A viagem maravilhosa</i> (romance), <i>Chanaan (Canaã)</i> (romance)	Academia (ABL), Cinelandia (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Graça Aranha
239	13	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “O velho Fulgencio”	João Paraguaçu	Manoel Fulgencio, Augusto de Lima, Affonso Celso		Rio (de Janeiro), Minas (Gerais)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
240	16	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Sagacidade”	João Paraguaçu	Manoel Fulgencio, Augusto de Lima, Otto Prazeres, Agenor de Roure		Minas (Gerais)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Ações políticas
241	18	Ago.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Espirítismo” (Espiritismo)	João Paraguaçu	Jocelyn Santos, Siqueira Campos, Federação Espírita Brasileira, (comandante) Torres, Alan Kardec		Uruguay (Uruguai), Rio Grande do Sul	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Espiritismo Mesmo título de texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
242	21	Ago.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Emilianas”	João Paraguaçu	Emilio de Menezes, Herculano de Freitas, (presidente) Hermes (da Fonseca), Alves, Leite Ribeiro	<i>Poema da morte</i> (poemas), <i>Os deuses em ceroulas</i> (poemas)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Emilio de Menezes
243	23	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Alegria e tristeza”	João Paraguaçu	Santos Dumont, Partido Democrático, Laboriau, Castro Maya, Amaury de Medeiros, Tobias Moscoso, (prefeito) Prado Junior	Hymno Nacional (Hino Nacional)	Europa, Escola Polytechnica, avenida Rio Branco, avenida Beira-Mar, bahia de Guenabara (sic)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Santos Dumont
244	27	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Dia da mulher”	João Paraguaçu	Manoel Fulgencio, Otto Prazeres, João Pernetta		Thesouro da União, Camara (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/08/1938 Manoel Fulgencio Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 30/08/1938 Deteriorado Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 27/08/1938
245	30	Ago.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Dia da mulher”	João Paraguaçu				Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 27/08/1938
246	1	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Despistamento”	João Paraguaçu	(Barão do) Rio Branco, Octavio Mangabeira, Salomonde, Medeiros e Albuquerque, Fernando Mendes, Dunshee, Graça Aranha		Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Barão do Rio Branco
247	5	Set.	1938/ XX	p. 2	Artigo: “Leis históricas”	João Paraguaçu	Ferrero, (Julien) Benda, Wells, Sir Raleigh, Ivan Lins, Teixeira Mendes, Coelho Netto, Benjamin Constant, (José do) Patrocínio	<i>Jornal do Brasil</i>	Torre de Londres, Rio (de Janeiro) Paquetá	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Memória e História
248	6	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Deus-terminus”	João Paraguaçu	Oswaldo Cruz, (barão do) Rio Branco, Rui Barbosa		Monumento de Manguinhos, Brasil, Congresso (Nacional), Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Barão do Rio Branco e Oswaldo Cruz

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
249	7	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Um modelo de virtudes”	João Paraguaçu	Teixeira Mendes, (padre) Paulo Maria de Lecourieux, Comte, Miguel Lemos		Jacarepaguá, Brasil, rua Benjamin Constant, (igreja de) Nossa Senhora de Loreto, Externato de Santo Antonio Maria Zacharia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
250	9	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Saber é bom”	João Paraguaçu			Alemanha, Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
251	11	Set.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Na velha Câmara”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 24/05/1938
252	13	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “O Espirito e a Bêsta”	João Paraguaçu	Afranio Peixoto, (padre) Bressière, (monsieur) Feltin, (padre) Natuzzi, Fuerbach, Bergson, Paulo de Tarso, Pedro Aremita, Luiz IX, Francisco de Assis, Ignácio de Loyola, Francisco Xavier, Vicente de Paulo, Comte, Renan, Combes, France, Jaurés, Lenine, Darwin, Lamarck, Spencer, Heckel, Spengler, Keyserling	<i>L’Espirít et la Bête</i> (livro), <i>L’analyse spectrale de l’Europe</i> (livro), <i>A esphyngé</i> (romance)	Companhia de Jesus, Bordeaux, França, Marx, Engels	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/09/1938 Sobre o livro <i>L’Espirít et la Bête</i>
253	15	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Phrases historicas”	João Paraguaçu	Goethe, Castro Alves, (barão do) Rio Branco, (visconde de) Taunay, Paranhos	<i>Reminiscências</i> (livro de visconde de Taunay)	Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Visconde de Taunay e a escravidão
254	17	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Pilatos no Circo”	João Paraguaçu	Mauro de Almeida, (ator) João Barbosa	<i>O martyr do Golgotha</i> (peça de teatro), <i>Pilatos</i> (peça de teatro)	Circo Dudú	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
255	22	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “A grande sacrificada”	João Paraguaçu	Liga Brasileira Pró-Alliados, Associação dos Empregados do Commercio, José Verissimo, Sá Vianna, Graça Aranha, Reis Carvalho, augusto Comte		Alemanha, Paris, França, Brasil, avenida Passos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Relação França-Brasil
256	23	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “J’avais vingt ans...”	João Paraguaçu	Graça Aranha, (presidente) Prudente de Moraes, Robert Flers, Béranger, Conde D’Eu, Luiz Philippe	<i>Chanaan</i> (Canaã)	(Teatro) Municipal, França	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
257	24	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Passadismo”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Celso Antonio, Ronald Carvalho, Renato Almeida, Pereira Passos, Oswaldo Cruz, Nazareth Prado, (poeta) Julio Cezar da Silva, Antonio Conselheiro	<i>Viagem Maravilhosa</i> (romance)	Rua Alvaro Alvim, Academia (ABL), Rio (de Janeiro). Canudos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Graça Aranha
258	26	Set.	1938/ XX	p. 2	Crônica: “O mytho de Rudá”	João Paraguaçu	Capistrano de Abreu, Carlos Jansen, Ferreira de Araújo, Machado de Assis, Orville Derby, Valle Cabral, Silva Araujo, Raul Pompeia, Wappaeus, Reclus, Mello Moraes Filho, Couto de Magalhães	<i>Geographia Physica do Brasil</i> (livro), <i>O Selvagem</i> (romance)	(Livraria) Briguiet, Bibliotheca Nacional, (oceano) Atlantico, Cabo Verde, Amazonia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
259	27	Set.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Sedução pessoal”	João Paraguaçu	(Governador) Antonio Carlos, Pedro Rache		Bello Horizonte, Minas (Gerais)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
260	29	Set.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Moreira Cesar”	João Paraguaçu	Pires Ferreira, Cesar (imperador romano), Moreira Cesar, (presidente) Prudente de Moraes, Euclides da Cunha, Apulcro de Castro	<i>Os Sertões</i> (romance), <i>O Corsário</i> (jornal)	Ministerio da Guerra. Canudos, São Paulo, 19º B. I.	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
261	1	Out.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “O drama de Apulchro de Castro”	João Paraguaçu	(José do) Patrocínio, Apulchro de Castro, Moreira Cesa, Teixeira, Machado Bittencourt, (cabo) Marcelino, visconde da Gávea, (chefe) Gama	<i>O Corsário</i> (jornal), <i>Cidade do Rio</i> (jornal)	(Teatro) Lyrico, Rio (de Janeiro), Ministério da Guerra	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e Jornalismo

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
262	4	Out.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Soneto ao Marechal”	João Paraguaçu	B. Lopes, “Sinhá Flor”, (presidente) Hermes da Fonseca, Armenio Jouvin, Agenor de Carvoliva, Rui Barbosa		Senado (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre B. Lopes
263	6	Out.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Rui e Hermes”	João Paraguaçu	(Presidente) Hermes da Fonseca, (presidente) Epitacio Pessoa, Rui Barbosa, Alfredo Ruy, Baptista Pereira, Liga das Nações		Rio (de Janeiro), Europa, rua São Clemente	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/10/1938 Política e humanismo
264	8	Out.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Musa cortezã”	João Paraguaçu	B. Lopes, (presidente) Hermes da Fonseca, Bento Teixeira Pinto, Vasco da Gama, Rui Barbosa, Augusto de Lima, Agenor de Carvoliva, Armenio Jouvin	<i>Prosopopeya</i> (Prosopopeia) (poema)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre B. Lopes
265	12	Out.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Confiar desconfiando...”	João Paraguaçu	Olympio Mello, (presidente) Floriano (Peixoto), Domingos Meireles, Sabaio de Medeiros, (Pôncio) Pilatos		Prefeitura (Rio de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e Serviço Público
266	16	Out.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “O poeta e a lenda”	João Paraguaçu	(Prefeito) Azevedo Sodré, Afranio Peixoto, Alberto de Faria, Goulart de Andrade	<i>Fructa do Matto</i> (romance)	Equitativa, Café São Paulo, Academia (ABL)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
267	18	Out.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Rocha Pombo”	João Paraguaçu	Rocha Pombo, Correa Defreitas, Mello Moraes Filho, Capistrano (de Abreu)	“Ramona” (música), <i>Historia do Brasil</i> (livro), (livraria) Garnier	Café Jeremias	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
268	20	Out.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Pilhéria cívica”	João Paraguaçu	Antonio Torres, Malheiro Dias, Associação dos Empregados do Commercio, João do Rio, Bastos Tigre, Adoasto do Godoy, Paulo Barreto, Fiuza, Pelágio, Miguel Calmon, (major) Carlos Reis	<i>A Mulata</i> (romance), <i>As religiões no Rio</i> (livro)	Bar Nacional	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
269	28	Out.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Jaboatão”	João Paraguaçu	Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, Sylvio Romero, Tobias Barreto, Frades Menores da Provincia do Brasil, Rocha Pitta, Constancio Alves, Alfredo Marianno, Theodoro Sampaio, Capistrano (de Abreu)	<i>Historia da Literatura Brasileira</i> (livro), <i>Novo Orbe Sefaphico Brasileiro</i> (livro)	Biblioteca Nacional	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
270	2	Nov.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Em plena guerra”	João Paraguaçu	Pires Ferreira, Azevedo Amaral, (governador) Miguel Rosa, (poeta) Da Costa e Silva		Piauhy (Piauí), Europa, Rio (de Janeiro), Therezina	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política no Piauí
271	8	Nov.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “O Libertador Miranda”	João Paraguaçu	Roberto Macedo, Dom Francisco de Miranda, Valmy, Dumouriez, (George) Washington, (Simon) Bolivar, José Bonifácio, San Martin, Catharina II		Bibliotheca Nacional, Venezuela, Portugal, Espanha, França, Rússia, Buenos Ayres, Argentina, Caracas	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
272	9	Nov.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Rui glorificado”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Irineu Machado, Conferencia American ados Jurisconsultos		Rio de Janeiro, avenida Rio Branco, Monroe, praça Mauá, Café Jeremias, Theatro Municipal, Estados Unidos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 05/11/1938 Sobre Rui Barbosa
273	10	Nov.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “O velho Lloyd”	João Paraguaçu	(Oficial) Cantuaria Guimaraes, (presidente Arthur) Bernardes, Sá Freire, Mario Carneiro	<i>Lloyd Brasileiro</i> (navio), <i>Curvello</i> (navio)	Ilha da Conceição, Marinha de Guerra, Hamburgo, Portugal, Lisboa, América do Sul, São Pedro e São Paulo, Tejo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre o navio <i>Lloyd Brasileiro</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
274	16	Nov.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Idealismo de Comte”	João Paraguaçu	Geonísio Curvello de Mendonça, Augusto Comte, Farias Britto, Sylvio Romero, Benjamin Constant, (apóstolo) São Paulo	<i>Introdução da Synthèse Subjectiva</i> (livro)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Augusto Comte
275	17	Nov.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Loup na prisão”	João Paraguaçu	Francisco Luop (Chico Loup), (presidente) Hermes (da Fonseca), Mario Clementino, Flores da Cunha, (banqueiro) Tancredo, Pinheiro Machado, Mendes Diniz		São Paulo, Club Militar, Palace Club	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Chico Loup Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 31/12/1938
276	24	Nov.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “O archivo de Floriano”	João Paraguaçu	Octavio Mangabeira, Ronald de Carvalho, Missão Saraiva, Nery da Fonseca, (presidente) Floriano Peixoto, Mauricio Nabuco		Itamaraty, (rio da) Prata	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
277	29	Nov.	1938/ XX	p. 7	Crítica: “Os versos de Araujo Jorge”	João Paraguaçu	J. G. de Araujo Jorge	<i>Meo céu inteiror</i> (poemas), <i>Bazar de Rythmos</i> (poemas), <i>Amo</i> (poemas), <i>Correio da Manhã</i> (jornal), <i>Cantico dos Canticos</i> (poemas)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Evidência da origem dos textos
278	6	Dez.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Paiz perdido”	João Paraguaçu	Theodoro Roosevelt, Pedro Rache, Lauro Muller, Domicio da Gama, (Candido) Rondon		Matto Grosso, Amazonas, Washington, Instituto Histórico (e Geográfico Brasileiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e caça Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 10/12/1938
279	8	Dez.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Saudosismo”	João Paraguaçu	Erico Coelho, D. Pedro II, Leão Velloso, (conselheiro) Paulino, Fajardo		Faculdade de Medicina, Paço, Pará	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Mesmo título de texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
280	9	Dez.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “O arcebispo de Cuyabá”	João Paraguaçu	Tristão de Athayde, D. Sebastião Leme, D. Aquino, Mucio Leão, D. Bosco, Turim, Papa Pio XI, Bernini		Cuyabá (Cuiabá), palácio de São Joaquim, Academia (ABL), Roma, Vaticano, Matto Grosso	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/12/1938
281	10	Dez.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “Paiz perdido”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 06/12/1938
282	14	Dez.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “France na Bibliotheca”	João Paraguaçu	Contancio Alves, Anatole France, Fernando Nery, (Napoleão) Bonaparte, Mr. Dubois (personagem)	“O procurador da Judéa” (conto), “Crainquibille” (conto), <i>Thais</i> (romance), <i>Sur la pierre blanche</i> (romance), <i>La vie fleur</i> (romance)	Tours (França), (Museu dos) Invalidos, Pantheon (de Paris)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> . Anatole France
283	22	Dez.	1938/ XX	p. 7	Crônica: “O tenor Camargo”	João Paraguaçu	(Tenor) Camargo		Montparnasse (bairro, Paris), Paris, Verdun, França, rua Lentonnet, Montmartre (bairro, Paris)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
284	30	Dez.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Herculano confiado”	João Paraguaçu	Herculano de Freitas, Congresso (Nacional), Glycerio			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política: Eleições e a Reforma Saraiva
285	31	Dez.	1938/ XX	p. 7	Artigo: “Loup na prisão”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 17/11/1938

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
286	5	Jan.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “Nada com os mitos”	João Paraguaçu	Herculano de Freitas, Anatole France, Mr. Bergeret, Glycerio, (JJ) Seabra		Supremo Tribunal Federal, Camara (Federal), (Palácio do) Catette	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Política
287	6	Jan.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “O grande imperador”	João Paraguaçu	(D.) Pedro II, Benjamin Constant, Basson, Ouro Preto, Miranda Reis, Pereira Lessa, Max Fleiuss, Tobias Monteiro, Ildefonso Simões Neto, Henrique de Carvalho, José do Patrocínio, Zé do Pat, Ramiz Galvão, (tenente) Saturnino Cardoso, (capitão) Menna Barreto, (ministro da guerra) Candido de Oliveira), (brigadeiro) dr. Amaral, Pires Ferreira, Rocha Pombo	<i>Diário de Notícias</i> (jornal)	Escola Militar, Arquivo Público, Faculdade de Medicina, rua do Ouvidor	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre D. Pedro II Mesmo título de textos publicados em 07/10/1939 e 20/10/1939
288	7	Jan.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “A culpa do velho Figner”	João Paraguaçu	Olegario Marianno, Coelho Netto, Miguel Couto, Murat, Virgilio de Sá Pereira, (presidente) Floriano Peixoto, Martins Junior, fausto Cardoso, Coriolano (chefe de polfícia)	<i>As cigarras</i> (livro), <i>A Conquista</i> (romance), <i>Água corrente</i> (livro)	(Rua) do Rozo, praia de Botafogo, Academia (ABL)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Espiritismo Artigo que menciona o romance <i>A Conquista</i> , de Coelho Neto
289	21	Jan.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “Novo Mazeppa”	João Paraguaçu	Pinheiro Machado, Pires Ferreira, Muniz Barreto, Bemvenuto, Lauro Muller, Victorino Monteiro, Abbot, (coronel) Aureliano Pedra, Mazeppa, (Lord) Byron		Senado (Federal), Paraná, São Gabriel, Cachoeira, Grecia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
290	27	Jan.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “Onde não se perde tempo...”	João Paraguaçu	Cláudio de Souza, (presidente) Washington Luis	<i>Os infelizes</i> (romance)	Nova York, Wall Street, Brasil, Consulado (do Brasil nos EUA)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre economia

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
291	16	Fev.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “A turbina reversível”	João Paraguaçu	(Comissário de polícia) Fausto Pedreira Machado, José do Patrocínio, Alfredo Silva, Gallileu (Galilei), Laplace, Ampère, (Napoleão) Bonaparte, Luis Philippe, Cuvier, Club de Engenharia	Santa Cruz (balão)	Bangú, Jardim das Plantas, Paris, Estados Unidos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 24/01/1939 Leitura Comprometida
292	25	Fev.	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Porto Carreiro”	João Paraguaçu	Carlos Porto-Carreiro, (Edmond) Rostand, Graça Aranha, Ronald Carvalho	<i>Cyrano de Bergerac</i> (peça de teatro), <i>Magellan</i> (navio), <i>Illustration</i> (livro), <i>Chantecler</i> (livro)	Porte Saint-Martin, Paris, Recife, rua Alvaro Alvim, Europa, Brasil, Bordeaux	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Uma tradução de <i>Cyrano de Bergerac</i>
293	2	Mar.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “Artigo misterioso”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, Medeiros e Albuquerque, Botelho, José Carlos Rodrigues, (Jesus) Christo			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Alcindo Guanabara
294	4	Mar.	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Machado de Assis e a Academia”	João Paraguaçu	Machado de Assis, Capitu (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>), Mario de Alencar, Domingos Olympio, José Américo (de Almeida), Braz Cubas (personagem do livro <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>), Alcindo Guanabara, Valentim Magalhães, Xavier Marques, Euclides da Cunha, barão do Rio Branco	<i>Luzia homem</i> (romance), <i>A bagaceira</i> (romance), <i>Jana e Joel</i> (romance), <i>Os sertões</i> (romance)	Academia (ABL), Bahia	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/02/1939 Sobre pleitos na ABL
295	26	Mar.	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Verissimo”	João Paraguaçu	(José) Verissimo, Afranio Peixoto, (ministro) Carlos Maximiliano, Azevedo Sodré	<i>Estudos de Literatura Brasileira</i> (livro), <i>A esfinge</i> (romance), <i>A pesca na Amazonia</i> (livro)	Petropolis, Engenho Novo (bairro), Faculdade de Medicina, Pará	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> José Verissimo e ABL Publicações com mesmo título em 22/02/1938 e 27/06/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
296	1	Abr.	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Entre a Academia e a política”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Lucio de Mendonça, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Fausto Cardoso, Dantas Barreto, (presidente) Hermes (da Fonseca)	<i>Chanaan</i> (romance), <i>Revista</i> (periódico), <i>Introdução ao cosmos do direito e da moral</i> (livro)	Academia (ABL), França, Maranhão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/03/1939 Graça Aranha: Literatura e Política
297	21	Abr.	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Em casa de Mello Moraes Filho”	João Paraguaçu	Mello Moraes Filho, Farias Britto, Fabio Luz, Marcello Gama, Mucio Teixeira, Alberto de Oliveira, Sylvio Romero, Machado de Assis, Braz Cubaz (personagem do livro <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>), Capitu (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>), Tobias Barreto, Frota Pessoa, Medeiros e Albuquerque, José Veríssimo, Araripe Júnior, conselheiro Lafayette (pseudônimo Labieno), Fran Pacheco, Julien Benda	<i>A base física do espirito</i> (livro), <i>Historia da Literatura Brasileira</i> (livro)	Maranhão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Literatura e História
298	23	Abr.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “Capim na porta”	João Paraguaçu	Azeredo, Caetano de Albuquerque, Escolastico, Manuel Murtinho	Herminio do Espirito Santo	Supremo Tribunal Federal, Matto Grosso, Cuyabá	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
299	27	Abr.	1939/ XX	p. 7	Crônica: “O grande trabalhador”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Baptista Pereira, Capistrano (de Abreu), Anatole France, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, José Verissimo, Mr. Bergeret, Clovis Bevilacqua, (presidente Wenceslau Braz	<i>Codigo Civil</i> (Brasil), <i>Thais</i> (romance)	Academia Brasileira (ABL), Senado (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Rui Barbosa: trabalho na ABL e na política
300	29	Abr.	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Rui no Provisorio”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, Rui Barbosa, (presidente) Deodoro (da Fonseca)	<i>A tribuna</i> (jornal), <i>Constituição</i> (Federal, Brasil)	Bahia, Senado (Federal), praia do Flamengo, Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/04/1939 Rui Barbosa e <i>Constituição</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
301	3	Maio	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Rui e Pinheiro”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Pinheiro Machado, Affonso Arinos, Homero Pires, (presidente) Affonso Penna, (presidente) Hermes (da Fonseca)			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Leitura Comprometida <i>Correio da Manhã</i> de 07/04/1939
302	4	Maio	1939/ XX	p. 7	Artigo: “Rui e os caxinanás [caxinauás]”	João Paraguaçu	Capistrano (de Abreu), Rui Barbosa, Paulo Ehrenreich, dr. Carlos von den Stein, Baptista Pereira	<i>Diccionario dos Caxinauás</i>	Petropolis, Imprensa Nacional, Xingú, (rio) Amazonas	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Correção: Leia-se “caxinauás”, conforme publicação do mesmo texto no <i>Correio da Manhã</i> de 25/04/1939
303	6	Maio	1939/ XX	p. 7	Crônica: “Idealismo”	João Paraguaçu	(Deputado) Arthur Orlando, Tobias (Barreto), Sylvio Romero, Albino Meira, José Hygino, Martins Junior, Gumercindo, Phelante, Graça Aranha	<i>Estudos alemães</i> (livro)	Camara (Federal), Recife, Academia Brasileira (ABL)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
304	12	Maio	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Solidariedade humana”	João Paraguaçu	Vicente Piragibe		Rua Cirne Maia, Asylo de Nossa Senhora da Pompéa	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
305	16	Maio	1939/ XXI	p. 5	Artigo: “A correção de Euclides”	João Paraguaçu	Coelho Netto, Associação Brasileira de Imprensa, Oswaldo Antonio, Souza e Silva, Euclides da Cunha, Ruben Dario	<i>O malho</i> (jornal), <i>Inverno em flor</i> (livro), <i>Os sertões</i> (romance), <i>Perú versus Bolivia</i>	Instituto Nacional de Música, Rio (de Janeiro), rua do Rozo, rua Humaytá, Lima, La Paz	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Euclides da Cunha

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
306	18	Maio	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O emblema da Academia”	João Paraguaçu	Pedro Rabello, Guima Passos, Lucio de Mendonça, Medeiros e Albuquerque, Aristides Lobo, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Machado de Assis, José Verissimo, (Joaquim) Nabuco, (visconde de) Taunay, Raul Pederneiras, Vicente Sobrinho	<i>Revista Luso Brasileira</i> (periódico)	Academia (ABL), França	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/04/1939 Sobre a ABL e João Paraguaçu
307	9	Jun.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O general Godolphim”	João Paraguaçu	(General) Godolphim, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Ouro Preto, rua Visconde de Itau’na, Firmo Dutra, capitão Ribeiro da Costa		Brasil, praça Onze, Campo de Sant’Anna, Escola Militar, São Christovão	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado em <i>Tempos idos...</i>
308	10	Jun.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Catullo”	João Paraguaçu	Almeida Rodrigues (Totó), Viriato Corrêa, Catullo da Paixão, (Pedro Álvares) Cabral, Christo, Pires Brandão	<i>O malho</i> (jornal), <i>Marroeiro</i> (poema), <i>velho Testamento</i> , “Daniel” (livro da <i>Bíblia</i>)	Porto Seguro, Baturité, S. José da Lagoinha, estrada da Gavea	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Catulo da Paixão Cearense
309	15	Jun.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Tobias”	João Paraguaçu	Sylvio Romero, Euclides da Cunha, Mucio Teixeira, Tobias Barreto, Castro Alves, Augusto Guimaraes	<i>Espumas flutuantes</i> (poesias)	Academia (ABL), Venezuela, Bahia, Faculdade de Direito, Caracas	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Sobre Tobias Barreto e Castro Alves
310	16	Jun.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O capitalista e o literato”	João Paraguaçu	João do Rio, Congresso da Paz, visconde de Moraes, Antonio Torres	<i>A mulher e o espelho</i> (livro)	Europa, (Palácio de) Versailles	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre João do Rio
311	17	Jun.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “J. da Penha”	João Paraguaçu	(Jornalista) José Felix, Floro Bartholomeu, Moraes de Barros, (capitão) J. da Penha, padre Cicero, Velasquez,		Camara (Federal), Ceará, Miguel Calmon, Morro da Graça, Joazeiro, Santa Fé	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
312	30	Jun.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Tobias e Soriano”	João Paraguaçu	Soriano de Souza, Edmundo Lins, Tobias Barretto, Cicero	“Um aspirante a jesuíta” (artigo de jornal), <i>Estudos Allemães</i> (livro)	Supremo Tribunal Federal, Roma, Collegio Pan-Americano, Recife, Maranhão, Pernambuco, São Paulo	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Tobias Barreto
313	1	Jul.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Clovis e Tobias”	João Paraguaçu	Julien Benda, Nelson Romero, Sylvio Romero, Tobias Barretto, Annibal Falcão, Alvares da Costa, Clovis Bevilacqua	<i>Historia da Literatura Brasileira</i> (livro), <i>Projeto do Codigo Civil Brasileiro</i>	Recife, Rio (de Janeiro), Sergipe	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/06/1939 Sobre carta de Tobias Barreto sobre Clóvis Beviláqua
314	7	Jul.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “A philosophia do conde”	João Paraguaçu	Pinheiro Machado, Modesto Real, Partido Republicano Conservador, Alcindo Guanabara		Campos, Rio (de Janeiro), Niteroy (Niterói), Morro da Graça	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
315	12	Jul.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Entre gaúchos”	João Paraguaçu	José Maria dos Santos, Pelagio Borges Carneiro, Victorino Monteiro, Assis Brasil, Pinheiro Machado, Silveira Martins, Joaquim Nabuco		Bar do Adolpho, Estados Unidos, Rio Grande do Sul	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política, Jornalismo e Relações Sociais
316	14	Jul.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “As eternas injustiças”	João Paraguaçu	Waldemar Wright, Raymundo Padilha, barão Ramiz Galvão, Christovão Colombo, Luiz de Santangel, Souza Vargas		São Paulo, Instituto de Café, Murray, Simonsen Comp. Ltd. (Empresa), Banco do Brasil, Ministério da Fazenda, Rio (de Janeiro), Brasil, Milão, Bibliotheca Ambrosiana, Londres	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e arquivos literários

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
317	27	Jul.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Machado de Assis em 1884”	João Paraguaçu	Theodoro Sampaio, Capistrano (de Abreu), Orville Derby, Valle Cabral, Carlos Jansen, Ferreira de Araujo, Silva Araujo, o (Raul) Pompéia, Machado de Assis, Humberto de Campos		Camara (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado em <i>Tempos idos...</i>
318	29	Jul.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Taxidermistas”	João Paraguaçu	Edwiges de Queiroz, (presidente) Hermes (da Fonseca), Pedro de Toledo, Pinheiro Machado, Theodoro Roosevelt, (Candido) Rondon, Max Fleiuss		Estados Unidos, Matto Grosso	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Roosevelt
319	2	Ago.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “No cemitério”	João Paraguaçu	Coelho Netto, Bastos Tigre, Castelar de Carvalho		(Cemitério) São João Baptista	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> No enterro de Coelho Netto
320	5	Ago.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Teatro e ciúme”	João Paraguaçu	Antonio Torres, Goulart de Andrade, José Maria, Elly Flomona, Maria Magdalena (personagem de peça), Sarah Bernhardt, Duse	<i>Um dia a cada cáe</i> (peça de teatro), <i>Jesus</i> (peça de teatro)	Hotel de France, Largo do Paço, rua Direita	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
321	11	Ago.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Corpo fechado”	João Paraguaçu	Geminiano da Franca, Brigada Militar, Pandolpho		Bangú, Realengo (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
322	31	Ago.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “A cortesia de Marinuzzi”	João Paraguaçu	Marinuzzi, Gastão de Carvalho, Volpi, Mario Cavaradossi	<i>Tosca</i> (música)	Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
323	2	Set.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Coincidências”	João Paraguaçu	Graça Aranha, (general) Napoleão Felipe Aché, (almirante) Nelson de Vasconcelos	<i>Chanaan</i> (Canaã) (romance)	Paris, Itamaraty, Opera	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
324	8	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Velho Teiró”	João Paraguaçu	Lauro Muller, (presidente) Epitacio Pessôa, Julio Mesquista, (José do) Patrocínio, (presidente) Prudente de Moraes, (presidente) Floriano (Peixoto)		Senado (Federal), Camara (Federal), São Paulo, palácio da Quinta da Bôa Vista, Piracicaba, Alagôas	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
325	9	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Machado de Assis e Miguel Calmon”	João Paraguaçu	Afranio Peixoto, Miguel Calmon, (presidente) Affonso Penna, Joaquim Maria Machado de Assis, Capitú (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>)		Ministerio da Viação, (livraria) Garnier	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
326	15	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Luís XIV em Araçatuba”	João Paraguaçu	D. Aquino (arcebispo de Cuyabá), (presidente) Wenceslau Braz, Camillo Soares, Papa Luiz XIV, dom Manoel de Oliveira (arcebispo de Goiaz)	<i>Aulete</i> (dicionário)	Cuyabá, Matto Grosso, Goiaz (Goias), França, São Paulo, Araçatuba	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
327	17	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Clovis e Fausto Cardoso”	João Paraguaçu	Clovis Bevilacqua, Fausto Cardoso, Lamarck, Darwin, Haeckel, Ortolan	<i>A Filosofia Positiva</i> (livro), <i>Codigo Civil Brasileiro</i>	Faculdade de Recife, Livraria Freitas Bastos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
328	20	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Cambio negro e orthographia (ortografia)”	João Paraguaçu	Assembleia Nacional Constituinte, João Ribeiro, Roberto Simonsen, Fernando Magalhães, Olegario Marianno, Oscar Rodrigues, Hippolito do Rego, Antonio Carlos		Instituto do Café (SP)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 14/09/1939 Jornalismo, Política e Letras/Literatura
329	23	Set.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “O preço da população”	João Paraguaçu	Astolpho Dutra, (comediante) Brandão, Esquerdo (apelido)	<i>Capital Federal</i> (peça de teatro), <i>Rio Nú</i> (peça de teatro)	São José de Alem Parahyba	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre teatro
330	27	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Berlios em casa de Rui”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Arthur Embassahy, Palma (Richard) Wagner	<i>La Dannazione di Faust</i> ópera), <i>Metamorphoses</i> (romance), “Divina Comedia” (poema)	Bahia, (residência de) São Clemente	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/08/1939 Sobre Rui Barbosa

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
331	28	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Bandeira discutida”	João Paraguaçu	Antonio Torres, Roberto Macedo, (barão do) Rio Branco, Silva Jardim, Hintze Ribeiro, Bruno Sampaio, Wanderkolk, (capitão) Pessôa, Dom Pedro de Alcantara		Santo Sepulchro, Brasil, Alagôas, Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> A Bandeira e a Proclamação da República
332	29	Set.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “O poeta trabalhador”	João Paraguaçu (autoria não publicada, mas constatada)	Belmiro Braga, Alberto de Oliveira, (governador) Porciuncula, Conselho Superior de Instrução	<i>Livro de Emma</i> (romance)	Rua Abilio, Juiz de Fóra, Escola Normal, Pedagogium, Pio Americano, Escola Dramatica	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Publicada no <i>Correio da Manhã</i> em 20/04/1939 com identificação da autoria de João Paraguaçu Sobre Alberto de Oliveira.
333	29	Set.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “À gloria de Catullo”	João Paraguaçu	George Dumas, Catullo da Paixão Cearense, Anatole France, Julio Dantas, Rui Barbosa, Afranio Peixoto, Alberto de Oliveira, Capistrano de Abreu, Medeiros e Albuquerque	<i>O sol e a lua</i> (poemas), <i>L'étui de nacre</i> (livro), <i>O Marroeiro</i> (romance)	Universidade de Paris, Lisbôa, Petropolis, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> em 16/09/1939 Publicada n’ <i>O Imparcial</i> no mesmo dia que a anterior
334	5	Out.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Poder de sugestão”	João Paraguaçu	Leite Ribeiro, (marehal) Floriano (Peixoto), tenente Altino Corrêa, Serzedello	<i>Aquidaban</i> (navio)		Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/09/1939
335	7	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O grande imperador”	João Paraguaçu	D. Pedro II, Medeiros e Albuquerque, Benjamin Constant, Martins Junior, Tobias Barreto, José Hygino, Adolpho Cirne, Fenelon, (JJ) Seabra, Clovis (Bevilacqua), Jose Izidoro	<i>Historia do Direito Nacional</i> (livro)	Faculdade de Recife	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/10/1939 Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 20/10/1939 Mesmo título de texto publicado em 06/01/1939

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
336	8	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Jacarandá no Jury”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Flaubert, Edgard Costa, Dr. Jacarandá, Courteline	<i>Madame Bovary</i> (romance)	Rua dos Invalidos	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
337	11	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Rui e o positivismo”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Benjamin, Demetrio, Ramiro Barcellos, Cazar Zama, Aristides, Quintino	<i>Jornal do Commercio</i> (periódico)	Rua Monsieur le prince, Paris, Bahia, Supremo Tribunal Federal	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/10/1939 Sobre Rui Barbosa
338	12	Out.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Luta romana”	João Paraguaçu	Marcolino Fagundes, Camillo Soares, Floriano de Lemos, Cezar (imperador romano)		Caxambú	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
339	13	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Um archivo original”	João Paraguaçu	Floresta de Miranda, Aloysio de Castro, Hitler, Irineu Malagueta, Clark Gable, Humberto de Campos, Primo de Rivera, Sansurjo, Figner, (general) Berenger, Mario Guaraná	<i>Diario Carioca</i> (jornal), “O crime de Sanjurjo” (artigo de jornal)	Europa, Espanha, Jaca (cidade)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/09/1939 Sobre jornalismo
340	14	Out.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Nomes difficeis”	João Paraguaçu	Xavier de Oliveira, Abelardo Martins, Waldemar Falcão, dr. Mattos Peixoto		Ceará, Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
341	20	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O grande Imperador”	João Paraguaçu				Fonte em destaque Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 07/10/1939 Mesmo título de texto publicado em 06/01/1939
342	21	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Depoimento”	João Paraguaçu	Constancio Alves, Capistrano de Abreu, Jules Sandeau, Domicio da Gama, barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Leopoldo Bulhões, Raul Pompeia, Ferreira de Araujo, (José do) Patrocínio	<i>O Atheneu</i> (romance), <i>Gazeta</i> (jornal)	Academia (ABL), Nationale, Macahubas, rua do Ouvidor	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicação com mesmo título em 10/05/1940 Mesmo título de texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
343	25	Out.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O imposto do vintém”	João Paraguaçu	Mello Moraes Filho, Lopes Trovão, Sinimbu, João Lins Vieira Cansação de Sinimbú, Saraiva		(Livraria) Garnier, paço de São Christovão, rua de São Januario Camara (Federal)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
344	27	Out.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “O atrasado”	João Paraguaçu	Celso Bayma, (presidente) Wenceslau Braz, (presidente) Floriano (Peixoto), Aristides Mascarenhas	<i>Revista do Supremo Tribunal</i> (periódico), <i>Aquidaban</i> (navio), <i>Gustavo Sampaio</i> (navio)	Camara (Federal), Santa Catharina	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre política
345	4	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Rui e as creanças [crianças]”	João Paraguaçu	(Desembargador José Joaquim da) Palma, Rui (Barbosa), (jardineiro) Antonio, Antonio José de Almeida Rodrigues Júnior, São João Chrisostomo		São Clemente (bairro), Collegio Militar, Brasil, Collegio Anchieta, Friburgo, Bahia, Asylo de N. S. de Lourdes da Feira de Sant’ Anna	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/10/1939 Sobre Rui Barbosa
346	5	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Blague pedagógica”	João Paraguaçu	Nuno de Andrade, Dias de Barros, Francisco de Castro		Faculdade de Medicina	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
347	7	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O marechal Andréa”	João Paraguaçu	(Principe) Obá, (marechal) Soares de Andréa, Manoel Antonio d’ Almeida, (Joaquim Manoel) Macedo, Machado de Assis, França Junior, João Figuerôa das Mercês		Rio (de Janeiro), Instituto Histórico, Santa Catharina	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
348	8	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Typos populares”	João Paraguaçu	Principe Obá, padre Kellé, Leite Ribeiro, Castro Urso, Velluti, Seixas, Emilio de Menezes, Paulo Ney, (ministro) Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Dario Freire, Guimarães Passos		Rio (de Janeiro), Club Mozart, rua do Regente, rua Rio Branco, rua do Ouvidor	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
349	10	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: "O torpedeamento do 'Aquidaban'"	João Paraguaçu	Leite Ribeiro, (presidente) Floriano (Peixoto), (capitão-tenente) Altino Flavio de Miranda Corrêa, Serzedello, (almirante) Francisco de Mattos, Alexandrino de Alencar, Pires Ferreira	<i>Gustavo Sampaio</i> (navio), <i>Aquidaban</i> (navio)	(Enseada) Porto-Bello, Desterro, Santa Catharina, Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
350	11	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: "Deodoro e Floriano"	João Paraguaçu	Serzedello Corrêa, Leire Ribeiro, (presidente) Deodoro (da Fonseca), (presidente) Floriano (Peixoto), Custodio, (comandante) Moreira Cesar, coronel Carlos Olympio Ferraz, coronel Thomé Cordeiro, Lucena, tenente Tasso Fragoso		Districto Federal, Itamaraty	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre passagem de governo
351	15	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: "Os algarismos e a sorte"	João Paraguaçu	Pythagoras, Francis Powel			Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Correio da Manhã de 10/11/1939 com autoria de Sylvia Patricia
352	16	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: "Nos bastidores da Academia"	João Paraguaçu	Clovis Bevilacqua, Jose Verissimo, Lauro Muller, Rui Barbosa, Plínio da Rocha, Alcindo Guanabara, Oliveira Lima, livreiro Alves, Mario de Alencar, D. João VI, Graça Aranha, Alberto de Faria, (barão de) Mauá, Osório Duque Estrada, Amelia Bevilacqua	<i>Direito Civil Brasileiro, Fon-Fon</i> (revista)	Academia (ABL), Campinas	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/11/1939 Sobre imortais que romperam com a ABL

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
353	17	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “A rua Silva Rabello”	João Paraguaçu	Laurindo Rabello, Magalhães Corrêa, Luiz Edmundo, Cavalleiro, (visconde de) Porto Seguro, Sylvio (Romero), Norberto Silva, Mello Moraes Filho, Constancio Alves, (empregado) Fidelis, (general) Polydoro, Quintino Bocayuva, Pedro da Silva Rabello, Noronha Santos	<i>Florilegio (da poesia brasileira)</i> (coletânea – poemas), <i>Historia</i> (livro)	Salão da Escola de Bellas Artes, Bibliotheca da Academia Brasileira (ABL), rua silva Rabello, Meyer (bairro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre personalidades que nomeiam logradouros
354	18	Nov.	1939/ XXI	p. 2	Artigo: “Gratidão de bohemio”	João Paraguaçu	Emilio de Menezes, Manoel Lebrão, (delegado) Pereira Teixeira, (presidente) Prudente de Moraes, Guima (apelido), Murat, B. Lopes	<i>Gazeta</i> (jornal), <i>Poemas da morte</i> (poemas)	Colombo (estabelecimento)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Leitura Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
355	23	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O príncipe Obá”	João Paraguaçu	Leite Ribeiro, Príncipe Obá, Padre Kedé, Mal as Vinhas, Bacharel, Marechal Soares de Andréa	<i>Jornal do Commercio</i> (periódico)	Rua de Santo Antonio, rua Treze de Maio, Rio (de Janeiro)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
356	25	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Augusto Severo e Santos Dumont”	João Paraguaçu	Antonio Torres, Santos Dumont, Ephigenio Salles, Augusto Severo, Bueno de Paiva, Carlos Cavalcanti	<i>Pax</i> (balão), premio Monthyon	Terre Eiffel, Camara (Federal), Paraná, Paris	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e (a justiça da) História
357	29	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “O grande caboclo”	João Paraguaçu	Campos Porto, Rui (Barbosa), Alcindo Guanabara, Silva Jardim, (presidente) Floriano (Peixoto), (visconde de) Ouro Preto, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Affonso Celso, Candido de Oliveira	<i>Manifesto de Ouro Preto, Novidades</i> (periódico)	Bibliotheca Nacional, Teneriffe, Campo de Sant’Anna, Palacio da rua Larga, (restaurant) Mangini, Theatro São Pedro, São Januario, Igreja de São Francisco de Paula	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 24/11/1939 Sobre Floriano Peixoto Publicado n’ <i>O Imparcial</i> em 17/12/1939

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
358	30	Nov.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Dom Sylverio na Academia”	João Paraguaçu	(Carlos de) Laet, Alcindo Guanabara, Pinto da Rocha, Domicio, (Coelho) Netto, Felix Pacheco	<i>Em Minas</i> (livro), <i>Jornal do Commercio</i> (periódico)	Academia (Brasieira de Letras), Marianna (cidade)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/02/1939 Sobre a ABL
359	1	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Deodoro e a Proclamação”	João Paraguaçu	Solano da Cunha, Constancio Alves, Rocha Pombo, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Alcides Bezerra, Pedro Lessa, Pelotas, (visconde) Ouro Preto, D. Pedro II, Pires Brandão, Motta Maia, Silveira Martins, Benjamin, Aristides, Quintino, Souza Carvalho		Bibliotheca Nacional, Pernambuco, Archivo Publico, campo de Sant’Anna, Bahia, Exercito, Petropolis, São Francisco Xavier	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/11/1939 Sobre Proclamação da República
360	2	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O imperador republicano”	João Paraguaçu	(Médico) Souza Lima, D. Pedro II, Licinio Cardoso, Mello Moraes Filho, Castilhos de Goygochéa, Benjamin Constante (sic), general Polydoro		Paço (imperial), Escola da Praia Vermelha	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 19/11/1939 Sobre D. Pedro II
361	14	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Rui e Assis Brasil”	João Paraguaçu	Assis Brasil, Rui (Barbosa), Castilhos, Pinheiro Machado, (barão do) Rio Branco, Sylvio Romero, comandante (Augusto da) Cunha Gomes, professor João Fellipe, (Augusto) Comte	<i>Constituição</i> (de 1891), <i>Tratado de Petropolis</i>	Itamaraty	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/12/1939 Sobre Rui Barbosa
362	15	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “O tenente Carolino”	João Paraguaçu	Tenente Carolino, visconde de Ouro Preto, Club Militar, Rocha Pombo, Julien Benda		Thesouro (Nacional)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/12/1939 Política e História

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
363	16	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Pelotas”	João Paraguaçu	Solano Lopes, Pelotas, Caxias, Osório, e Tiburcio, Silveira Martins, Rocha Pombo, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Mattos, Madureira, capitão Serzedello, Ouro Preto	<i>Manifesto de Teneriffe</i>	Porto Alegre	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e Narrativa
364	17	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “O grande caboclo”	João Paraguaçu				Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado n’ <i>O</i> <i>Imparcial</i> em 29/11/1939
365	21	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Bandeira e Democracia”	João Paraguaçu	(Major) Dantas Jacaré, intendente Pio Dutra, consul Silveira Lobo, comandante Vinhaes, (marechal) Deodoro (da Fonseca), Benjamin (Constant)		Ilha do Governador, praia da Tapera, Café de Londres, Club Militar, campo de Sant’ Anna	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/11/1939
366	23	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: “Costumes de outrora”	João Paraguaçu	Paulo José Pires Brandão, Garcia Junior, conselheiro Ferreira Vianna, Oswaldo Cruz, dr. Eugenio de Andrada		Camara (Federal), Jurujuba, São Sebastião, Retiro Saudoso	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
367	28	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Calogeras”	João Paraguaçu	Calogeras, Firmo Dutra, Gastão da Cunha		Minas (Gerais)	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
368	29	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: “Os cabelos de Pinheiro Machado”	João Paraguaçu	Aporelly, Pilla, presidente Washington Luis, Oswaldo Aranha, Rui (Barbosa), (presidente) Hermes (da Fonseca), José Bonifacio, Pinheiro Machado		Porto Alegre, Rio (de Janeiro), Morro da Graça, Alegrete, Senado (Federal)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/12/1939 Política e História

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
369	30	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Artigo: "Varnhagen"	João Paraguaçu	Varnhagem, Martim Affonso de Souza, capitão Pero Lopez de Souza, Duarte Coelho, Afranio Peixoto, (D.) Pedro II		América do Sul, Rio da Prata, Lisbôa, Brasil, Instituto Histórico, Porto, Coimbra, Barcelona, Genova, Roma, Florença, Vienna, Paris, Londres, Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/12/1939
370	31	Dez.	1939/ XXI	p. 7	Crônica: "No enterro do poeta"	João Paraguaçu	Olavo Bilac, Antonio Torres, Alberto (de Oliveira), Bernardo de Oliveira, Amelia de Oliveira, (presidente) Delfim Moreira, Rui Barbosa, general Cardoso de Aguiar, marechal Bento Ribeiro, Pedro Lessa, Coelho Netto, Osorio		Sylogeu (ABL), rua Teixeira de Freitas, Lapa, Bahia	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/12/1939 Sobre o enterro de Olavo Bilac

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
371	3	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O famo[so Vidigal]”	João Paraguaçu	Mello Moraes Filho, Sylvio Romero, Alberto de Oliveira, Catullo da Paixão Cearense, Farias Brito, (comandante das milícias imperiais) Vidigal, Andradas (grupo político), (Antônio de Menezes) Drummond, Manoel (Antônio) de Almeida	<i>Tamoyo</i> (periódico), <i>Memórias de um Sargento de Milícias</i> (livro)	São Januário (bairro), Rio de Janeiro	Deteriorado Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 31/12/1939
372	5	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Fé religiosa”	João Paraguaçu	(General) Góes Monteiro, (general) Mariane, monsenhor Marinho		Cathedral Metropolitana (RJ)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 03/01/1940
373	6	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Chavecos e bolinas”	João Paraguaçu	Coelho Cavalcanti (pseudônimo: João Barafunda), Camillo Castelo Branco, Emygdio de Navarro, Benevides		Paschoal (estabelecimento), rua do Ouvidor	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/01/1940
374	7	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Um esquecido”	João Paraguaçu	Sergio de Carvalho, Conferência Nacional Algodoeira, Miguel Calmon, Sociedade de Agricultura, Lamartine, Euclides da Cunha, Martius, Cotegipe, (JJ) Seabra	<i>Os Sertões</i> (livro)	Bibliotheca (Nacional), São Paulo, rua Anchieta, Leme (bairro), Europa	Do Rio de Janeiro (04/01/1940) Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 05/01/1940 Sobre Sergio de Carvalho
375	10	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “A Cucuhyna” (cucuína)	João Paraguaçu	(JJ) Seabra, (presidente) Floriano (Peixoto), conde Leopoldina, Campos da Paz, (José do) Patrocínio, Lavrador, Almeida Barreto, Jacques Ourique, Rui (Barbosa)		Cucuhy (cidade), Alto Rio Negro, Santa Isabel	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 06/01/1940 e 16/09/1967 (adaptado) Sobre JJ Seabra Publicado em <i>Tempos idos...</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
376	11	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O pae [pai] da Academia”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Lucio de Mendonça, Medeiros e Albuquerque, Aristides Lobo, Rodrigo Octavio, (D.) Pedro II, visconde de Taunay, dr. Silva Costa, Marx Fleiuss, Manoel Victorino, Alberto Torres, Richelieu	<i>Gazeta</i> (periódico), <i>Jornal do Commercio</i> (periódico), <i>A phase adventicia do Brasil</i> (livro)	ABL, São Paulo, Ministério do Interior, Cannes, França	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/01/1940 Sobre a fundação da ABL
377	12	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Piedade Literária”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Machado de Assis, Joaquim Nabuco (pseudônimo: Freinschutz), Humberto de Campos, Marianninha Teixeira Leite Cintra da Silva, Joaquim Arsenio Cintra da Silva	<i>Jornal do Commercio</i> (periódico), <i>Minha Formação</i> (livro), <i>Chanaan</i> (livro)	Londres, Rio (de Janeiro)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/01/1940 Correspondência: Machado de Assis e Joaquim Nabuco
378	14	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Fóra da Academia”	João Paraguaçu	Max Fleiuss, Alcides Bezerra, Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Valentim Magalhães, Araripe Júnior, D. Pedro II, Lucio de Mendonça, João Ribeiro, Fontoura Xavier, Rodrigo Octavio, Taine, Anatole France, Dreyfus	<i>Revista Brasileira</i> (periódico), <i>A Semana</i> (periódico)	Instituto Histórico e Geográfico, ABL, Arquivo Nacional, travessa do Ouvidor	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/01/1940 Sobre a ABL e Max Fleiuss
379	16	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O Imperio e a Academia”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Lafayette Silva, Max Fleiuss, (D.) Pedro II, Medeiros e Albuquerque, Lucio de Mendonça, Candido José de Araujo Vianna, Manoel Ferreira Homem, Manoel de Araujo Porto Alegre, Francisco Freire Allemão, Santiago Nunes Ribeiro, Emílio Joaquim da Silva Maia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Alexandre Maria de Maris Sarmento, Raposo de Almeida, Francisco de Paula Menezes, Ludjero da Rocha Ferreira Lapa, José Joaquim Machado de Oliveira, Joaquim Caetano da Silva, Frei Rodrigo de São José, Francisco de Salles Torres Homens, Maximiano Marques de Carvalho, (visconde de) Taunay, Silva Costa	<i>A imagem e o conceito da poesia brasileira</i> (livro), <i>A Semana</i> (periódico)	Bibliotheca Nacional, Instituto Histórico, ABL, Cannes, Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/01/1940 Sobre a ABL Parte de “O império, Graça Aranha e a Academia”, texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
380	20	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O que se perde por ultimo”	João Paraguaçu	Oliveira Lima		Tokio, Japão, Amazonas, Belém, Manaós (Manaus), Brasil, Bibliotheca (Nacional)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/01/1940
381	24	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Estratagema engraçado”	João Paraguaçu	Tribunal da Revolução, (JJ) Seabra, Benjamin Reis Junior		Rio Grande do Sul, Quarahy (RS)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/01/1940 Autoria não Identificada n’ <i>O Imparcial</i>
382	25	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Passadismo e Saudosismo”	João Paraguaçu	Lafayette Silva, D. Pedro II, Max Fleiuss, Benjamin Constant, (marechal) Deodoro (da Fonseca), Affonso Celso (visconde de Ouro Preto), Tiradentes, Quintino Bacayuva		Instituto Histórico	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
383	30	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O monarquismo de Affonso Celso”	João Paraguaçu	Affonso Celso (visconde de Ouro Preto), Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Fernando Mendes, Sá Vianna, Alfredo Pinto, Rui (Barbosa)	<i>Porque me ufano de meu país</i> (livro)	Instituto Histórico, Faculdade de Sciencias Políticas e Sociaes	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/01/1940
384	31	Jan.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Rui e os gracejos literários”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Rui Barbosa, José Eduardo de Macedo Soares, barão Homem de Melo, Machado de Assis, João do Rio (Paulo Barreto), Affonso Celso, Augusto de Lima, Macedo Soares, Baptista Ferreira	<i>O Imparcial</i> (RJ), “Micromegas” (seção do jornal <i>O Imparcial</i> , RJ), <i>Carvalhos e Roseiras</i> (livro)	Syllogeu	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/01/1940 Sobre Rui Barbosa e a ABL

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
385	1	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O grande Saldanha”	João Paraguaçu	Frederico Villar, almirante Caperton, capitão Messeder, Saldanha da Gama		Bahia (Baía) de Guanabara, Rio (de Janeiro), Palace Club, cães (cais) Pharoux, Escola Naval, Café de Londres	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 30/01/1940
386	4	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Saldanha e a Republica”	João Paraguaçu	(Visconde de) Ouro Preto, Julio do Carmo, Gil Vidal, Saldanha da Gama, Benjamin (Constant), Ladario	<i>Correio da Manhã</i> (periódico)	Rua do Ouvidor, Escola da Praia Vermelha, Washington	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/02/1940
387	6	Fev.	1940/ XXI	p. 2	Crônica: “Tenpos remotos”	João Paraguaçu	Eduardo Prado (pseudônimo: Frederico de S.), (marechal) Deodoro (da Fonseca), Eça de Queiroz, Pereira Lessa, Lucena, (ministro) Chermont	<i>Revista de Portugal</i> (periódico), <i>A Tribuna Livre</i> (periódico)		Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca
388	9	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Urbano Duarte”	João Paraguaçu	Urbano Duarte, Lafayette Silva, Frnaça Júnior, Sterne, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Arthur Azevedo, Irmãos Segreto		ABL	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 06/02/1940
389	10	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Deodoro e Prudente”	João Paraguaçu	(Marechal) Deodoro (da Fonseca), Prudente de Moraes, Pereira Lessa, Simões Lopes, conselheiro Basson, Benjamin (Constant), José Simeão, Campos Sales, Bernardino, (marechal) Floriano (Peixoto), Wandenckolck		Rua do Ouvidor, Pernambuco, São Paulo, Hotel Moreau, Tijuca (bairro), Grande Hotel, Hotel dos Estrangeiros, Hotal Lisboa, Santa Thereza (bairro)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 02/02/1940
390	11	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Condados”	João Paraguaçu	Carlos de Laet (conde da Santa Sé), João Leopoldo Modesto Leal, (banqueiro) Mayrinck		Vaticano, Palacio Aschiepiscopal (Arcebisopal)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/02/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
391	14	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Delfim Moreira e Rui Barbosa”	João Paraguaçu	Delfim Moreira, Álvaro Carvalho, Rui Barbosa, Rodrigues Alves, (JJ) Seabra		Bahia, Versailles, (Palácio do) Catette, (Palácio) Monroe	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Rui Barbosa
392	15	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Ternura e gratidão”	João Paraguaçu	Coelho (negociante), Jorge V, Manoel II, Evaristo de Moraes	<i>Correio da Manhã</i> (periódico)	Rio de Janeiro, Londres, Lisboa, Richmond, (rio) Tejo	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/02/1940
393	17	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Exemplo”	João Paraguaçu	Pedro Lessa, Edmundo Lins, Raphael Corrêa (professor), Rui Barbosa, Lader (gerente), João Ribeiro, Corte de Justiça, Internacional de Haya, Pires de Albuquerque, Pedro dos Santos, Dom Sylverio, Carlos de Laet, Ramiz Galvão, Carneiro Ribeiro	<i>Correio da Manhã</i> (periódico), <i>Diccionario da Academia de Lisbôa</i> , <i>Diccionario Freund</i>	Supremo Tribunal Federal, Serro Frio, Faculdade de Direiro de São Paulo, Livraria Briguiet, Livraria (do Jacinto), (rua) Buarque de Macedo, rua Corrêa Dutra, Bibliotheca Nacional, Mariana (MG)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 15/02/1940 Sobre o Latim e Edmundo Lins Pedro Lessa
394	20	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O caso da Bandeira”	João Paraguaçu	Erico Coelho, Teixeira Mendes, Pereira Lessa, Pereira Reis, Eduardo Prado, barão do Rio Branco, Lopes Trovão, Silva Jardim, Quintino, Sampaio Ferraz, (comandante) Pessôa, (ministro) Wandenkolk, D. Pedro de Alcantara	<i>Lloyd Brasileiro</i> (navio)	Senado (Federal), Escola Polytechnica, Alagôas, Lisboa, (rio) Tejo, Brasil	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 17/02/1940 Criação da bandeira da República
395	21	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Cruzeiro do Sul”	João Paraguaçu	Érico Coelho, Benevenuto, Glycerio, (barão do) Rio Branco, Silva Jardim, Teixeira Mendes, Pereira Reis, Mestre João, Capistrano (de Abreu), Americo Vespucci (Américo Vespúcio), Dante (Alguieri), Vasco da Gama, Eduardo Prado	<i>Atlas de Brayer</i> (livro), Cruzeiro do Sul (constelação), Centauro (constelação)	Senado (Federal), Porto Seguro (BA), Hemispherio Austral de Jayme Ferrer	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/02/1940 Criação da bandeira da República

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTOS	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
396	22	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Genro e Herói”	João Paraguaçu	Visconde do Rio Branco, D. Pedro II, Solano Lopez, Ramiz Galvão, Contancio Alves, Inhaúma, Tavares Bastos, capitão Delfim Carlos de Carvalho (barão de Passagem), (visconde de) Ouro Preto (ministro da Marinha), Nelson (Batalha da Trafalgar)		Bibliotheca Nacional, (Batalha de) Humaytá	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/02/1940
397	24	Fev.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Viagem Ministerial”	João Paraguaçu	Victor Konder (ministro da Aviação), Washington Luis, Firmo Dutra, Julio Prestes	<i>Noroeste do Brasil</i> (empresa)	Mato Grosso, Campo Grande, rio São Francisco, Santa Catharina	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 22/02/1940
398	2	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O testemunho na História”	João Paraguaçu	Coronal Leite Ribeiro, Julien Benda (filósofo), Custodio de Mello, dr. Doria, dr. José Mariano, Epitacio (Pessoa), Campos Salles, Machado Guimaraes (delegado), dr. Pires Ferreira		Salão de Bellas Artes, Camara (Federal), rua do Rosario, rua d. Luiza, Petropolis, Casa de Saude Catta Preta, (Palacio do) Cattete, São Paulo	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/02/1940
399	7	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Concursos”	João Paraguaçu	(D.) Pedro II, dr. Braga, Benjamin Constant, Martins Júnior, João Alfredo, Tobias (Barreto), (visconde de) Ouro Preto, Raul Bergallo, Wenceslão (Brás), Aurelino, Juliano Moreira, Afranio Peixoto, Miguel Couto, Miguel Pereira, Azevedo Sodré, Carlos Maximiliano (ministro da Justiça)		Faculdade de Medicina da Bahia, Faculdade de Direito de Recife	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/03/1940 Concursos e Imprensa

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
400	8	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O ex-elegante”	João Paraguaçu	Simoens da Silva, Antonio Torres, Petronio (escritor romano), Alberto de Oliveira		Rio de Janeiro, Paris, Hotel Central, Argentina, Saquarema, Araruama, Mongolia, Sampaio Correia	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 24/02/1940
401	9	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Borracha de exposição”	João Paraguaçu	Jayme de Abreu, embaixador Souza Dantas, Vital Ramos de Castro, general Potyguara	<i>Loyd</i> (navio)	Paris, Brasil, Pará, Belém, Manáos (Manaus), Rio (de Janeiro), Madaleine (local de Paris), Havre (França), Amazonia	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/03/1940
402	15	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica “Meios de selecção”	João Paraguaçu	Fróes da Fontoura, (presidente) Epitácio Pessoa, Agenor de Roure, Francisco Souto, Romeu Ribeiro, José Felix, Costa Miranda, Max Vasconcellos, Augusto Vianna (diretor da faculdade)		Faculdade de Medicina da Bahia, Rio (de Janeiro), palacio do Catette, Bahia, São Salvador (Salvador)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 02/03/1940
403	20	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “No Itamaraty”	João Paraguaçu	Cassiano Tavares Bastos, barão do Rio Branco, Rui (Barbosa), Frederico de Carvalho, visconde de Cabo Frio	<i>Jornal do Commercio</i> (periódico)	Itamaraty, Rio da Prata	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/02/1940 Missão Saraiva ao Rio da Prata Barão do Rio Branco
404	27	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Os pittorescos do Piauí”	João Paraguaçu	Da Costa e Silva, senador Ribeiro Gonçalves, anísio de Abreu, Pires Ferreira, José de Araujo, marques de Paranaguá, Tavares da Costa, Mendes Tavares, Coelho Rodrigues	<i>Figuras Pittorescas do Piauí</i> (livro não finalizado), Companhia de Vapores Fluivias do Piauí, <i>Sangue</i> (livro), <i>Zodiaco</i> (livro)	Theresina, Minas (Gerais), Rio Grande do Sul, Piauí, São Paulo	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/03/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
405	30	Mar.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Deodoro e a imprensa”	João Paraguaçu	(Almirante) Wandenkolk, (marechal) Floriano (Peixoto), Campos Sales, Glycerio, Quintino, Rui (Barbosa), Cesario Alvim, (marechal) Deodoro (da Fonseca), Cunha Mattos, Senna Madureira, Pelotas, major Jayme Benevolo, Saturnino Cardoso, Pedro Tavares, Benjamin Constant	<i>República</i> (periódico), <i>Novidades</i> (periódicos), <i>Diário do Commercio</i> (periódico), <i>Tribuna</i> (periódico), <i>Código Penal</i> (documento)	Senado (Federal), Campos, estação das Palmeiras	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 24/03/1940 Imprensa Deodoro da Fonseca
406	3	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Mecenas coroadado”	João Paraguaçu	Múcio Teixeira, Guimarães Passos, D. Pedro II, Coelho Netto, Byron, Lamartine, Hugo, Musset, Vigny, Espronceda, Guido y Spano, (Visconde de) Taunay		Quinta da Bôa Vista	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 31/03/1940
407	4	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O senador Abdias”	João Paraguaçu	Da Costa e Silva, Abdias Neves, Pires Ferreira, Pinheiro Machado, Rui Barbosa, ministro Rivadavia, Francolino Cameo, Renato de Castro		Piauí (Piauí), Senado (Federal), Theresina (Teresina)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 14/03/1940
408	5	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Attentado contra Prudente”	João Paraguaçu	Leite Ribeiro, Torquato Moreira, Prudente (de Moraes) (Biriba), Glycerio, Deocleciano Martyr, Joaquim Freire, dr. Vicente Neiva, marechal Bettencourt, Augusto Severo, Luis Pereira Ferreira de Faro, dr. José Ferrão de Gusmão Lima, dr. Carlos Borges Monteiro, Amaro Cavalcanti (ministro da Justiça)		Espirito Santo, Bahia, Paquetá, rua do Ouvidor, Café do Rio, (rua) Gonçalves Dias, Passeio Publico	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/03/1940
409	6	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Da Costa e Silva”	João Paraguaçu	Da Costa e Silva, Sylvio Romero, José Verissimo, Xavier Marques, Antonio Torres	<i>Sangue</i> (livro), <i>Zodiaco</i> (livro), <i>Correio da Manhã</i> (periódico)	Recife, Porto Alegre, Thesouro Nacional, Ceará	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/03/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
410	7	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Guima em Paris”	João Paraguaçu	Coelho Netto, Guimarães Passos (Guima), (Olavo) Bilac, Hugo Magalhães Castro	“Só” (poema), <i>Poesias</i> (livro), <i>A Conquista</i> (livro), “Via Lactea” (poema), <i>Horas mortas</i> (livro)	Itamaraty, Europa, Paris, (Ilha da) Madeira, Funchal, Cherbourg, Saint-Lazare	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 02/04/1940 Sobre Guimarães Passos (Guima)
411	11	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Racismo e abolicionismo”	João Paraguaçu	Coelho Netto, José do Patrocínio (Zé do Pato), João Clapp, Seixas, Guimarães Passos, Paula Ney		São Christovão	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 30/03/1940 Sobre José do Patrocínio
412	12	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Bahia sem h”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Liga pela Defesa do Idioma falado e escripto no Brasil, Raul Pederneiras, Arthur Neiva, Oswaldo Cruz, Filinto Bastos, Martins, Junior		Rio (de Janeiro), São Paulo, Buffoni, São Salvador (Salvador), Faculdde (de Direito) da Bahia, Recife	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/04/1940 Reforma Ortográfica
413	13	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “A convenção...”	João Paraguaçu	J. Lopes Ribeiro, Carlos Gomes (músico), Carlos Ferreira, Luiz Guimarães Junior, José de Campos Novaes, Benedicto Victorino, Voltaire, Fabiana Maria, Manoel José Gomes, André Rebouças, Affonso Arinos	<i>Feituras e Feições</i> (livro), <i>Ensaio</i> (livro), livro de óbitos do Arquivo da Conceição, <i>O Governista</i> (periódico), <i>Diário</i> (periódico)	Campinas, “Fazenda do Brejão”, capital paulista (São Paulo), Serra da Canastra, Bello Horizonte	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/03/1940
414	18	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Discurso Complicado”	João Paraguaçu	Maurício de Lacerda, Bloco Operario e Camponez, Conselho (Municipal), (Octavio) Brandão, Minervino, Comissão de Orçamento, D. Alba			Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 16/04/1940
415	20	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “No velho Conselho”	João Paraguaçu	Conselho (Municipal), (Prefeito) Prado Júnior, Maurício de Lacerda, (JJ) Seabra, Leitão da Cunha, Octavio Brandão, Minervino (Municipal)		Districto Federal	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 14/04/1940 Política

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
416	21	Abr.	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “O Conselho e os vetos”	João Paraguaçu	Conselho Municipal, Comissão do Senado		Districto Federal	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
417	4	Maio	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “A Liga imaginaria”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Luiz Edmundo, Carlos Maul, Renato de Castro, Rego Lins, Bastos Tigre, Alvaro Bomilcar, Raul Pederneiras, Mario Guaraná, Ricardo Pinto, Laudelino Freire, Liga pela Defesa do Idioma e Escrito no Brasil	<i>O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis</i> (livro)	Camara (Federal), Brasil, Academia (ABL), “livraria do Buffoni”	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Língua Portuguesa
418	10	Maio	1940/ XXI	p. 7	Crônica: “Depoimento”	João Paraguaçu	(Ministro) Paula Souza, (presidente) Floriano (Peixoto), JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), (ministro) João Felipe, (presidente da província) Saldanha Marinho, Antônio Rebouças, (presidente) Prudente de Moraes, Brasiliense, (ministro) Antonio Olynto, Ramos de Azevedo		São Paulo, Petrópolis, Alemanha, Escola Polytechnica de Zurich, Carlsruhe, Estados Unidos, Suíça (Suiça), Companhia Ituana, (estrada) Paulista, Campinas, Rio Claro, São Carlos do Pinhal, Uberaba e Coxim, Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/05/1940 Empresa São Paulo Railway Paula Souza. Política e História. Biografia Publicação com mesmo título em 21/10/1939 Mesmo título de texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i> João Paraguaçu e JB Capivari
419	15	Maio	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Decadencia”	João Paraguaçu	Companhia de Jesus, Serafim Leite, Sylvio Romero, Santo Ignacio, Ivan Lins, (Marquês de) Pombal, (D.) Pedro I, José Bonifácio, Justiniano José da Rocha, José Verissimo, Ovidio, Pithagoras, Pitacus, Edmundo Lins, Mendes Pimentel, (Augusto) Comte	<i>A Philosophia no Brasil</i> (livro), <i>Thomas Morus e a Utopia</i> (livro), “Metamorphoses” (poema)	Collegio dos Jesuitas, Bahia, Roma, Colégio Pedro II, Camara (Federal), Faculdade de História e Philosophia, Grécia, Metylene (ilha), Escola de Direito de Belo Horizonte	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/05/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
420	22	Maio	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Lessa e os desembargadores”	João Paraguaçu	Osório Duque Estrada, Pedro Lessa, Muniz Barreto, John Bull	<i>Constituição</i> (Federal), <i>Hymno Nacional</i> (música), “Regulamento 737” (documento)	Supremo Tribunal Federal, São Paulo, Brasil, Suprema Corte (Estados Unidos)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 16/05/1940
421	24	Maio	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Mystico da Republica”	João Paraguaçu	Moreira Cesar, Euclides da Cunha, Partido Republicano (RS), Benjamin Reis Júnior, Manoel de Deus Dias, Carlos Barbosa Gonçalves, Apulchro de Castro, (D.) Pedro II		Jaguarão (RS), Rio Grande do Sul, Canudos (BA)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/05/1940
422	29	Maio	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Em Minas”	João Paraguaçu	Antonio Carlos, Legião Revolucionária de Outubro, Olegario Maciel, Wenceslau Bráz, Cantidio Drummond, Partido Liberal de Minas		Trianon (de Belo Horizonte), Ponte Nova	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 26/05/1940 Publicado em <i>Tempos idos...</i>
423	30	Maio	1940/ XXII	p. 7	Outros tempos	João Paraguaçu	Clovis Bevilaqua, Capistrano, Contancio, Hemetério, Max Fleiuss, Sampaio Corrêa, Humberto de Campos, Leite Ribeiro, Raul Pompeia, Companhia Ferro Carril Jardim Botânico, Getulio das Neves, Berla		Livraria Leite Ribeiro, Largo do Paço	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 25/05/1940
424	31	Maio	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “A história a sério”	João Paraguaçu	Capistrano de Abreu, Ratcliff, Melo Moraes Filho, Moreira Pinto, Rocha Pombo, Calabar, (Maurício de) Nassau, Pereira Lessa, Raphael Murilo, Adriano do Valle, (D.) Pedro II, D. Theresa Christina, Michelet, Joanne D’ Arc	<i>Hymno (Hino) Nacional</i> (música), Volage (navio)	Pão de Assucar (Açucar), Brasil, Porto Calvo, Alagoas, Maranhão, Stadt Munchen, rua da Carioca, Arquivo (Nacional), Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 18/05/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
425	1	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Ramiz Galvão”	João Paraguaçu	Ramiz Galvão, Afonso Celso, Waldemar Wright, Saldanha da Gama, Gabriel Lessa, Gonçalves Ramos (deputado), Marceo Brandão, (Cristovão) Colombo, Santangel, Souza Vargas	<i>Vultos e fatos</i> (livro)	Biblioteca Ambrosiana de Milão, França, Londres	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
426	7	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Artigo: “Na Casa de Rui Barbosa”	João Paraguaçu	Salvador de Mendonça, Rui Barbosa, (Presidente) Floriano (Peixoto), Alphonse Karr, Américo Lacombe, Florentino Landine	<i>Divina comédia</i> (peça de teatro)	Academia (ABL), Brasil, Washington, Senado (Federal), Gavea (bairro), França, Casa de Rui Barbosa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/06/1940 Sobre a instituição Casa de Rui Barbosa
427	8	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Pirronices”	João Paraguaçu	Leite Ribeiro, Azevedo Lima, Liga contra a Tuberculose, Conselho Municipal	<i>Rio-Nú</i> (periódico)		Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 06/06/1940 Sobre Azevedo Lima
428	14	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Sem voz mas com espirito”	João Paraguaçu	Ambroise Tomas, Antônio Torres, Laertes (personagem da peça <i>Hamlet</i>), Polonius (personagem da peça <i>Hamlet</i>)	<i>Hamlet</i> (peça de teatro)	Teatro República, Europa, (Teatro) Municipal	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/06/1940 1ª Guerra Mundial
429	16	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “O filólogo-usineiro”	João Paraguaçu	Leonardo Truda, Mario Bouchardet, Nero de Macedo, Rui (Barbosa), Mario Barreto, Dr. Melo Carvalho, Machado de Assis, Capitu (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>)	<i>Revista de Língua Portuguesa</i> (periódico), <i>Memorial de Aires</i> (livro)	Banco do Brasil, Instituto de Álcool e Açúcar, Assembleia Nacional Constituinte, Rio Branco (MG), Minas Gerais	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Língua Portuguesa
430	19	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Diminuitivos”	João Paraguaçu	Aloisio de Castro, Ronald Carvalho, Maúrtua (jurisconsulto), Candido de Figueiredo, Rui (Barbosa), Carneiro Ribeiro, Francisco de Castro	<i>Dicionário</i> (autor: Candido de Figueiredo)	Itamarati, Peru, Brasil	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 16/06/1940 Publicação com mesmo título em 28/07/1937

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
431	20	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Passadismo e modernismo”	João Paraguaçu	Ronald Carvalho, Osório Duque-Estrada, Afonso Reyes, Graça Aranha, Aloisio de Castro		Itamarati, Paris, Embaixada do Brasil na França, Rio (de Janeiro), Palace-Hotel	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 15/06/2014 Crítica
432	22	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Religião Muciana”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Múcio Teixeira, Barão de Ergonte (pseudônimo de Múcio Teixeira), [...] Pelagio, Pinheiro Machado, Raimundo de Miranda		Camara e Senado Federais	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
433	27	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Verissimo”	João Paraguaçu	Afrânio Peixoto, José Verissimo, Maeterlinck, D’Anunzio, Eugenio de Castro, Sainte Beuve, Scherer, Saint-Victor, Lessing, Brunetiére, Anatole France, Malherbe, Lauro Muller	<i>Rosa Mística</i> (livro), <i>Jornal do Comércio</i> (periódico), <i>Maria Bonita</i> (livro)	Bahia, Rio (de Janeiro), Engenho novo (bairro), ABL	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária Afrânio Peixoto e José Verissimo Publicações com mesmo título em 22/02/1938 e 26/03/1939
434	29	Jun.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Salário mínimo”	João Paraguaçu	Oswaldo Costa Miranda, Agripino Nazaré, Helvecio Lopes, Julio Barros Barreto, Palheta, Gilberto Freire	“Lei do Salário Mínimo”, <i>Casa Grande e Senzala</i> (livro)	Departamento de Estatística (Ministério do Trabalho), Camara e Senado Federais, Guiana Francesa, Pará, Rio (de Janeiro), São Paulo, Brasil	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 25/06/1940 Economia
435	2	Jul.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “O que os poetas ensinam”	João Paraguaçu	Coelho Neto, José do Patrocínio Filho, Castro Alves, Montaigne	<i>Espumas Flutuantes</i> (livro)	Campos (RJ), Niteroi, Passeio Público (Rio de Janeiro), Bahia, Santo Estevam do Jacuipe (Santo Estevão, BA)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 23/06/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
436	3	Jul.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “A democracia do imperador”	João Paraguaçu	Dom Pedro II, Capistrano (de Abreu), Julio do Carmo, Macedo Papança, Sapucaí, Bom Retiro, Itaúna, Sepitiba, Tamandaré, Rebouças, padre Cegonha, Souza Ferreira, Mucio Teixeira, Guimarães Passos		São Christovão, Grã-Bretanha, Largo do Paço (Imperial), Quinta do Palácio	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 30/06/1940 D. Pedro II
437	4	Jul.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Obstinação”	João Paraguaçu	Washington Luis, Afranio Peixoto, Alcantara Machado, Leonidio Ribeiro, almirante Barroso (barão do Amazonas), general Andrade Neves (barão do Triunfo), José Bonifácio (o moço), Russell, Corrêa Lima (escultor)		Lisboa, Europa, Brasil	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 22/06/1940 Relação com “Teimoso”, texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
438	5	Jul.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Um filólogo amável”	João Paraguaçu	Mário Barreto, (Alfred de Vigny, Bouchardet, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Capitu (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>), Pedro Pinto	<i>Memorial de Aires</i> (livro)	Rio Branco (MG) Minas (Gerais), São Paulo	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/06/1940
439	10	Jul.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “O conde de Porto alegre”	João Paraguaçu	Castilhos Goycochêa, Campanha dos Farrapos, conde de Porto Alegre (3º general Manoel Marques de Souza), (Almirante) Tamandaré, Mitre, Flores, conde D’Eu		Brasil, Tuiuti, Pando, Manga, Las Piedras, Passo do Rosário, Arroio Grande, Pelotas, Monte Caseros, Buenos Aires, Curuzú, Uruguiana	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
440	19	Jul.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Mocidade Morta”	João Paraguaçu	Araujo Jorge, (Jesus) Christo, barão do Rio Branco, Afranio Peixoto	<i>Rosa Mística</i> (poemas)	Itamarati	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
441	3	Out.	1940/ XXII	p. 7	Artigo: “Nada é absoluto...”	João Paraguaçu	Marechal Botafogo, Conde de Lippe, general Polidório, Duque de Caxias, Honório Horácio de Almeida, Tibúrcio		Escola Militar, Estarco Belaco, Tuiuti, Itoróro, Lomas, Valentinas, Pirebebuí, Cajuí-Perú, Uruguai, Argentina	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
442	6	Out.	1940/ XXII	p. 7	Artigo: “Machado de Assis em Paris”	João Paraguaçu	Oliveira Lima, Anatole France, Machado de Assis, George Dumas, Mr. Bergeret, Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha	<i>Thais</i> (romance), Capitú (personagem do romance <i>Dom Casmurro</i>), <i>Dom Casmurro</i> (romance), <i>A noite</i> (jornal)	Paris	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Machado de Assis
443	31	Out.	1940/ XXII	p. 7	Artigo: “Os emotivos da história”	João Paraguaçu	Ulisses Brandão, Associação Brasileira de Imprensa, Soares Brandão, Frei Caneca, Rodolfo Garcia, Michelet	<i>Confederação do Equador</i> (livro)	Pernambuco, Instituto Arqueológico de Pernambuco	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 20/10/1940 Ulisses Brandão: Imprensa
444	7	Nov.	1940/ XXII	p. 7	Artigo: “O historiador da Confederação”	João Paraguaçu	Ulisses Brandão, Manuel de Carvalho Pais de Andrade, (D.) Pedro I, Associação Brasileira de Imprensa, Frei Caneca, D. João VI		Largo do Rocio	Do Rio de Janeiro Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/11/1940 Sobre Ulisses Brandão: Política
445	8	Nov.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Cemitérios”	João Paraguaçu	Afranio Peixoto, Renan, Dumas Filho, Gautier, Murger, os Goncourt, Ambrosie Thomas, Offenbach, Waldeck-Rousseau, Gambetta, Stendhal, Berlioz, Rocherford, Lannes, Charcot, Madame Recamier, Halevy, João Lejeunne, Palhaço Medrano, Alphonsine Dupleissis	<i>Maria Bonita</i> (romance), <i>Fruta do mato</i> (romance), <i>Dama das camélias</i> (romance)	(Cemitério) Montmartre, praça de Clichy, França, Europa, (cemitério) Pére Lachaise, (cemitério) São João Batista, Paris	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 05/11/1940 Sobre Afranio Peixoto

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
446	27	Nov.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Na Saborne [Sorbonne]”	João Paraguaçu	Venancio Filho, Miguel Osório de Almeida, José de Souza Dantas, Georges (sic) Dumas, Oliveira Lima		Paris, Sorbonne (Univerisdade)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 24/11/1940
447	1º	Dez.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Sábios matemáticos...”	João Paraguaçu	Antonio Torres, R. Teixeira Mendes, Amoroso Costa, Santos Dumont, Benjamin Constant		Apostolado Positivista do Brasil, rua Benjamin Constant, Escola Politécnica	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/11/1940
448	13	Dez.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “Binúbus”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Edmundo Lins, Manzoni, Virgilio (poeta romano), Ovídio (poeta romano), Horácio (poeta romano), Quicherat, Saraiva, Freund, Forcellini, imperador João, Magnus Aurelius de Cassidoro, Laet, Ramiz Galvão, dom Silvério, Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa	“Vida Brasileira” (tira publicada no <i>Correio da manhã</i>), <i>Eneida</i> (poema), <i>Heroides</i> (poemas), <i>Novela XXII</i> , <i>História Eclesiástica</i>	Belo Horizonte, Juiz de Fora, Rio (de Janeiro), Supremo Tribunal Federal	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/12/1940 Estudo de Latim. João Paraguaçu e JB Capivari
449	19	Dez.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “O torpedeamento do “Macau””	João Paraguaçu	José do Patrocínio Filho, J. E. de Macedo Soares, Saturnino Furtado de Mendonça, Muller dos Reis	<i>Macau</i> (navio), <i>O Imparcial</i> (Rio de Janeiro)	Brasil, Alemanha, França, Biscaya	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 17/12/1940
450	29	Dez.	1940/ XXII	p. 7	Crônica: “A malícia do servente”	João Paraguaçu	Serapião, Felisberto Freire, Gilberto Amado, dr. Rollenberg, Rodrigues Dória, (presidente) Florianô (Peixoto)		Camara (Federal), Rio (de Janeiro), Aracaju, Sergipe	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/12/1940

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
451	3	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Á memória de Francisco Manoel”	João Paraguaçu	Agostinho d’Almeida, Francisco Manoel (músico), Comissão de Educação e Cultura da Camara, Capanema, Catullo (da Paixão) Cearense	Hino Nacional, <i>Marroeiro</i> (romance)	Ministério da Educação, Cais Pharoux, Congresso (Nacional), Hotel Avenida, Avenida Rio Branco	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
452	8	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “O ‘tombo no gaúcho’...”	João Paraguaçu	Pereira Teixeira, Batista Accioly, Brigada dos Vinte Estados, geeral Glicério, (presidente) Hermes (da Fonseca), Pinheiro Machado, Soares dos Santos, (JJ) Seabra, Simões Barbosa, Ribeiro Junqueira, Floriano de Brito	<i>Coligação</i> (partido)	Pernambuco, Minas, Camara (Federal), Europa, Morro da Graça	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
453	9	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Tato político”	João Paraguaçu	Agostinho de Almeida, Sociedade dos Admiradores de Francisco Manoel, Magalhães Corrêa, Carlos Maul, Luiz Edmundo, Alvaro Bomilcar, violoncelista Figueiredo, Capanema		Hotel Avenida	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Política
454	14	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Crise de abuso de crédito”	João Paraguaçu	Leão Teixeira, (presidente) Washington Luis, Oswaldo Cruz, Zeferino de Oliveira	“Coluna da Morte” (coluna de jornal)	Banco do Brasil, rua da Alfandega, rua 1º de Março, rua Buenos Aires, Banco Português	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e economia
455	18	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Sedimento e cultura”	João Paraguaçu	Valentim Magalhães, Euclides da Cunha, José Verisimo, Augusto de Lima	<i>Revista Brasileira</i> (periódico), <i>Contemporaneas</i> (livro ou poema), <i>Semana</i> (jornal), <i>Flor em sangue</i> (romance)	Academia (ABL), Faculdade de Direito de São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Valentim Magalhães e ABL

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
456	19	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “A coerência do Silvio”	João Paraguaçu	Silvio Romero, Euclides da Cunha, (Padre Manoel da Nóbrega), (Padre José de Anchieta), Afrânio Peixoto, Serafim Leite, São Tomaz de Aquino, Santo Inácio de Loyola, Tobias (Barreto), (filósofo) Spencer	<i>A filosofia no Brasil</i> (livro)	Academia (ABL), Bahia, São Vicente, São Paulo, América, Brasil, Grécia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Silvio Romero
457	26	Jan.	1941/ XXII	p. 5	Crônica: “Eloquência de tiro-rápido”	João Paraguaçu	(Olavo) Bilac, Calmon, Genserico Vasconcelos, Liga da Defesa Nacional, Caetano de Faria, Felix Pacheco, Isaac Cerquinho, Fausto Werneck		Europa, Rio (de Janeiro), Manuassú, Biblioteca Nacional	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
458	30	Jan.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Cuidado com a História!”	João Paraguaçu	Paulo Emílio, D. João VI, Felipe dos Santos, Paschoal da Silva Guimarães, Maria Caitana, Couto de Magalhães, (barão) Homem de Melo, D. Pedro I, Parreiras	<i>Revista do Instituto Histórico</i> (periódico), “Um episódio da história da pátria” (artigo de periódico), <i>Os guaianás</i> (novela)	Salão da Escola de Belas Artes, Portugal, Lisboa, Cascais, Diamantina, São Paulo, largo do Rocio, Escola Normal, Belo Horizonte	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 26/01/1941 História brasileira: Felipe dos Santos
459	5	Fev.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Hermengarda”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), cónego Felisberto Edmundo da Silva, Alexandre Herculano, João Júlio, João Nepomuceno Kubitschek, Edmundo Lins, Teófilo Pereira da Silva, Chateaubriand, Horácio, Frei Jaboatão	“Hermengarda” (poema), <i>Eurico (o presbítero)</i> (romance), <i>René</i> (romance)	Rio São Francisco, Minas (Gerais) Diamantina, Supremo Tribunal Federal, Sêro (cidade), rua Pernambuco, Belo Horizonte, São Paulo, Biblioteca Nacional, Bahia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> João Paraguaçu e JB Capivari

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
460	8	Fev.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Direito e Poesia”	João Paraguaçu	Pedro Lessa, Edmundo Lins, Horácio, Virgílio, Ovídio, Cícero, Bucon, Justiniano de Andrade, Homero, Sofocles, Eurípedes, Milton, Dante, Tasso, Cervantes, Camões, Shopenhauer, Euclides, Callet, Rabelais, Santo Inácio de Loiola, Lobão, Velasques	<i>Suma Teológica</i> (livro), <i>Crítica da razão pura</i> (livro), <i>Parerga e Paralipomena</i> (livro), <i>Geometria</i> (livro), <i>Táboa de logaritmos</i> (livro), <i>Oeuvres completes</i> (livro), <i>Exercícios Espirituais</i> (livro)	Supremo Tribunal Federal, Minas, São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
461	25	Fev.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Carnaval oficializado”	João Paraguaçu	Duarte Felix, Mota Coqueiro (Vieira de Moura), Maurício de Lacerda, (Caio) Prado Junior, Viana do Castelo, Anibal Machado, (presidente) Washington Luis			Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
462	19	Mar.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “O desembargador Tinoco”	João Paraguaçu	Ivan Lins, desembargador Tinoco, Hermenegildo de Barros, Mendes Pimentel, padre Severin, me. Molteville, Ana d’Austria, Luis XIII	<i>Tomas Morus e a utopia</i> (livro)	Minas (Gerais), Belo Horizonte	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
463	25	Abr.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Nomes próprios”	João Paraguaçu	João Ribeiro, Gonçalves Viana, Humberto de Campos, Gautier, (prof.) Murici, Carneiro Ribeiro, Capistrano (de Abreu)	<i>Jornal do Brasil</i> (periódico)	Academia Brasileira (ABL), (Academia) de Ciências de Lisboa, Bahia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
464	27	Abr.	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Hermes e Fausto”	João Paraguaçu	Hermes Fontes, Antônio Tôres, Fausto Ferraz, José Veríssimo, Jeová, Renan, Virgílio, Goethe	<i>Apoteoses</i> (poemas), <i>Verdades indiscretas</i> (livro)	Câmara (Federal), Minas (Gerais), Brasil, Roma, Alemanha	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
465	1º	Maio	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Mal sem remédio”	João Paraguaçu	Capitú (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>), Machado de Assis, Coelho Neto, Lafaiete Silva, Coelho Cintra, Braz Cubas (personagem do livro <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>), Custódio de Melo, conselheiro Barradas, Rui (Barbosa), (presidente marechal) Floriano Peixoto, Passos, Oswaldo Cruz	<i>A Conquista</i> (romance)	Rio (de Janeiro), Coapacabana, Botanical Garden (Jardim Botânico), rua Dois de Dezembro, (praia de) Botafogo, (praia de) Vermelha, Passeio Público, Supremo (Tribunal Federal), (Livraria) Garnier	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> História e Memória
466	9	Maio	1941/ XXII	p. 7	Crônica: “Mecenato”	João Paraguaçu	Comendador Seabra, João Daudt Filho, Marcelo Gama, Caldas Junior, Felipe de Oliveira, Belisário Pena, Cesar Pinto, Heraldo Maciel, Eduardo Guimarães	<i>Correio do povo</i> (jornal)	Rio (de Janeiro), Pôrto Alegre	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
467	29	Maio	1941/ XXIII	p. 7	João Pinheiro	João Paraguaçu	Pedro Rache, João Pinheiro		Assembléia Nacional Constituinte de 1934, Minas (Gerais), Barbacena	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre João Pinheiro
468	30	Maio	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Floriano e Ouro Preto”	João Paraguaçu	Visconde de Ouro Preto, Lafayette Silva, (presidente) Floriano (Peixoto), Moreira César, Tobias Monteiro	<i>Pesquisas e depoimentos</i> (livro)	Itamarati	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
469	14	Jun.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “O latim”	João Paraguaçu	Edmundo Lins, padre Manoel Madureira, padre Sipolis, Francisco de Sá, Horácio, Virgílio, cardeal Pacelli, lord MacMillan, Descartes	“Maria Imaculada” (poema), <i>Discurso de Método</i> (livro)	Diamantina, Seminário Menor, Supremo Tribunal Federal, Minas (Gerais), Bahia, Ouro Preto, São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Latim e Educação

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
470	23	Jun.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Bruno e o Brasil mental”	João Paraguaçu	Martins, Afrânio Peixoto, Antônio Tôres, J. Sampaio Bruno, José de Alencar, Carlos Gomes, Lopez, Marchetti (compositor), Ponchielli (compositor), Joaquim Manoel de Macedo	<i>Brasil mental</i> (livro), <i>O Guaraní</i> (romance), <i>Fruta do Mato</i> (romance)	Rua da Constituição, São Paulo, Espanha, Inglaterra, Brasil, Portugal, Paraguai, Corcovado	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária
471	28	Jun.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “A Imprensa e o Itamarati”	João Paraguaçu	Angelo Neves, Oswaldo de Souza e Silva, Irineu Veloso, Otávio Mangabeira, Antônio Cícero, (barão do) Rio Branco	<i>Jornal do Comércio</i> (periódico)	Itamarati, Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e Imprensa
472	29	Jun.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Homens que se prezavam”	João Paraguaçu	Mata Machado, Rui Barbosa, Edmundo Lins, Joaquim Nabuco, Pedro		Gabinete Dantas, Camara (Federal), Minas (Gerais) Baía (Bahia), Pernambuco, Faculdade de Direito de São Paulo, Supremo Tribunal Federal	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 15/06/1941 Política
473	5	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Idealismo perdido”	João Paraguaçu	Almeida Savaget, José Oiticica			Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 02/07/1941 Educação Memória
474	11	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Artigo: “O Arquivo da Maioridade”	João Paraguaçu	Afonso de Taunay, Nicolau, Lebreton, Max Fleiuss, Eduardo de Sá, Pedro Américo, Vitor Meireles, Antônio Leitão, visconde de Abaeté, Aureliano, Paulo Barbosa, Itanhaem	<i>Jornal do Comércio</i> (periódico)	Instituto (Histórico), Senado (Federal), Camara (Federal)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
475	12	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Moreira Pinto na Baía [Bahia]”	João Paraguaçu	Moreira Pinto, Medeiros e Albuquerque, Alberto Rabelo, Múcio Teixeira, Castro Alves, Luiz Viana	<i>Memórias</i> (livro), <i>Lei Áurea</i>	Cachoeira, Baía (Bahia), Fazenda das Cabaceiras, Curralinho	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Educação e Política. Cachoeira
476	15	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Artigo: “Rui e Anatole France”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Rui (Barbosa), Anatole France, Brousson, José Verissimo, Souza Bandeira, Alberto de Oliveira, Batista Ferreira, Mr. Bergeret, abade Coignard	<i>Chanaan</i> (Canaã) (romance), <i>Thais</i> (romance), <i>Viagem maravilhosa</i> (romance)	Academia Brasileira (ABL)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/07/1941 Discurso de Rui Barbosa a Anatole France na ABL
477	16	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Professores”	João Paraguaçu	José Oiticica			Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 04/07/1941
478	17	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “As duas gêmeas”	João Paraguaçu	Farias Brito, Euclides da Cunha, barão do Rio Branco, Paulo de Frontin, Sylvio (Romero), Descartes	<i>Os sertões</i> (romance), <i>Contrastes e confrontos</i> (livro), <i>A base física do espírito</i> (livro)	Colegio Pedro II, Fortaleza, Belem, Canudos, Escola Politécnica	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/07/1941
479	22	Jul.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “A idade dos outros”	João Paraguaçu	Nogueira de Lima, Paulo de Moraes Barros, Erico Coelho, Mefitósfeles (sic) (personagem do livro <i>Fausto</i>), D’Artagnan (personagem do romance <i>Os três mosqueteiros</i>), Patrônio de Praia Grande		São Paulo, Camara (Federal), Rio (de Janeiro) (Estado), Faculdade de Medicina	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 19/07/1941
480	2	Ago.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “O útil e o agradável”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Olavo Bilac, Raul Pederneiras, (presidente) Floriano (Peixoto)	“Via-lactea” (poema), <i>Carvalhos e roseiras</i> (livro), <i>Para todos</i> (revista), <i>Memórias</i> (livro)	Minas (Gerais), Camara (Federal)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Olavo Bilac

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
481	6	Ago.	1941/ XXIII	p. 2	Crônica: “Tempos idos”	João Paraguaçu	Ramiz Galvão, D. Pedro II, Caxias, Olindo, Paranaguá, Ouro Preto, Sinimbu, Abaeté, Osório, Zacarias, Dantas, Martinho, Lafayette, Nabuco, Gaspar, Gobineau		Biblioteca Nacional, Itaboraí, Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 03/08/1941 Publicado em <i>Tempos idos...</i>
482	12	Ago.	1941/ XXIII	p. 5	Artigo: “Pintura futurista”	João Paraguaçu	(Filippo Tommaso) Marinetti, Graça Aranha, Ronald Carvalho, Celso Antônio, Oswaldo de Andrade, Raul Pederneiras		Escola de Belas Artes, Cantareira	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 08/08/1941 Visita de Marinetti Exposição futurista
483	13	Ago.	1941/ XXIII	p. 2	Artigo: “O modernismo na Academia”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha, (barão do) Rio Branco, Joaquim Nabuco, (Victor) Hugo, (Filippo Tommaso) Marinetti, marechal Carneiro de Fontoura	<i>Manifesto Modernista</i> , <i>Chanaan</i> (Canaã) (romance), <i>Cromwell</i> (romance), <i>Hernani</i> (peça de teatro)	Academia (ABL), Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 09/08/1941 Sobre ABL
484	17	Ago.	1941/ XXIII	p. 7	Artigo: “Duas psicologias”	João Paraguaçu	Calógeras, (predidente) Venceslau Braz, Francisco Sales, Bressane, Manoel Fulgêncio, (presidente) Epitácio (Pessoa), Augusto de Lima, Carrel (cirurgião)	<i>Contemporâneas</i> (livro)	Itajubá	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
485	23	Ago.	1941/ XXIII	p. 7	Artigo: “O plano de Laudelino Gomes”	João Paraguaçu	Pedro Rache, Laudelino Gomes, Colbert, Antônio Carlos, Sylo Gonçalves		Goiás (Goiás), Tocantins, Camara (Federal)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 17/08/1941

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
486	5	Set.	1941/ XXIII	p. 7	Artigo: “Varão de Plutarco”	João Paraguaçu	Edmundo Lins, Plutarco, Pedro Lessa, Joaquim Vieira de Andrade, Afonso Celso, Fialho de Andrade	<i>Oito anos de parlamento</i> (livro)	Supremo Tribunal Federal, Minas (Gerais)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 03/09/1941
487	19	Set.	1941/ XXIII	p. 2	Crônica: “Homem de juízo”	João Paraguaçu	(Presidente) Venceslau Braz, general Caitano de Albuquerque, Antônio Torres, dr. Urias de Melo Botelho, Valdomiro Magalhães, Antônio Carlos, Joaquim de Sales, Camilo Soares de Moura		Mato Grosso, Supremo Tribunal (Federal), Belo Horizonte, Monte Santo, Cuiabá, Hospital dos Ingleses, Vila Nova de Lima	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
488	11	Out.	1941/ XXIII	p. 5	Crônica: “As reminiscências de Trovão”	João Paraguaçu	Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão, Paulo Brito, Quintino Ferreira de Souza, Maria da Candelaria, Saldanha Marinho, Anacleto, Saldanha, Fajardo, Aristides Lôbo, João Manoel, dr. Basson, Sinimbú, Silva Jardim	<i>Marmota</i> (jornal), <i>República</i> (jornal), “Imposto do Vintem” (tributo)	Café do Rio, Distrito Federal, Largo do Rocio, Buenos Aires, rua do Ouvidor, Camara (Federal), Gabinete Ouro Preto	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Quintino Bocaiuva
489	16	Out.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “Mistificação literária”	João Paraguaçu	Eduardo de Faria, J. E. de Macedo Soares, Regina de Alencar (pseudônimo), Raul Pederneiras, Braz Lauria, Medeiros e Albuquerque, (Olavo) Bilac, Afrânio Peixoto, Humberto de Campos, Moacir de Almeida, Alice Meira, Osório Duque Estrada, Carlos Sampaio, Geminiano da França, Machado de Assis, Carlos de Laet	<i>Imparcial</i> (RJ) (jornal), “Os gatos” (poema), <i>Sensações</i> (poemas), “Via Lactea” (poema), <i>A Rua</i> (jornal), <i>Jornal do Brasil</i> (jornal), <i>O país</i> (jornal)	Districto Federal (RJ)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Imprensa. Crítica Literária

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
490	31	Out.	1941/ XXIII	p. 6	Crônica: “D. Pedro II e os sábios”	João Paraguaçu	Clemente Pinto, Fidelis Reis, Carlos Maximiliano (ministro), D. Pedro II, Angelo Secchi, Ferreira Viana, Renan, São Paulo (de Tarso), Darwin, Laplace		Minas (Gerais), Rio Grande do Sul, Colégio Pio americano de Roma, Observatório do Monte Calvo, Lácio, Camara (Federal), Paris, Londres, Roma	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
491	14	Nov.	1941/ XXIII	p. 5	Crônica: “Ibirapitanga”	João Paraguaçu	João Ribeiro, Machado de Assis, Melo Carvalho, Assis Cintra, Capistrano de Abreu, Chrétien de Troyes, Teodoro Sampaio, Paulo de Lacerda	Ibirapitanga (nome indígena para o pau-brasil)	Brasil, Sé de Braga, França	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Origem do nome “Brasil”
492	15	Nov.	1941/ XXIII	p. 5	Crônica: “Dar um jeito...”	João Paraguaçu	Joaquim de Sales, Silva Jardim, Nilo Peçanha		Rio (de Janeiro, estado)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
493	28	Nov.	1941/ XXIII	p. 6	Crônica: “A popularidade do barão”	João Paraguaçu	(Barão do) Rio Branco, Miguel Couto, Madame Coulon, Fernandez	<i>Jornal do Comércio</i> (periódico)	Argentina, Buenos Aires, Brasil, Itamarati, Avenida Central, rua do Ouvidor, palácio Monroe, rua Gonçalves Dias	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Barão do Rio Branco
494	30	Nov.	1941/ XXIII	p. 5	Crônica: “Deodoro e Benjamin”	João Paraguaçu	(Presidente) Prudente de (Morais), (presidente) Deodoro (da Fonseca), capitão José Beviláqua, Benjamin Constant, Quintino (Bocaiuva), Rui (Barbosa), Saldanha Marinho, Ivan Lins, Oto Prazeres			Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política: 1º Presidente do Brasil

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
495	16	Dez.	1941/ XXIII	p. 5	Crônica: “Grata miragem”	João Paraguaçu	(Juiz federal) Otávio Kelly, Otávio Brandão, Minervino de Oliveira, Leitão da Cunha, Ferdinando Labouriau, Tomaz Ribeiro			Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política Eleitoral
496	18	Dez.	1941/ XXIII	p. 2	Crônica: “O germanismo de Tobias”	João Paraguaçu	Anibal Freire, Artur Orlando, Tobias (Barreto), Silvio (Romero), Oliveira Lima, (Heinrich) Ewald, Bismarck, Clemenceau, Haeckel, Lamarck, Darwin, Spencer, Phaelante da Camara, Moltke	<i>Geschichte dos Voikes Israel</i> (livro)	Pernambuco, Cadeia Velha, Alemanha, França, Leipzig, Academia (ABL), Recife	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 10/12/1941 Tobias Barreto
497	27	Dez.	1941/ XXIII	p. 7	Crônica: “A miniatura”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Monteiro Júnior, Mac Crimmon, Wickman	<i>Vida brasileira</i> (livro)	Amazônia, Marabá, Pará, Tocantins, rio Itacuiemas, Belém, Valença, Rezende, Rio (de Janeiro) (estado), Londres, Estados Unidos, Europa	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/12/1941 Comparação do Brasil a Marabá João Paraguaçu e JB Capivari

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
498	4	Jan.	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “Fantasias etimológicas”	João Paraguaçu	Edmundo Lins, Castro Lopes, Anatole France, Forcellini, Capistrano de Abreu, Hovelacque	<i>Artigos Filológicos</i> (livro), <i>Totios Latinitatis Lexicon</i> (livro), <i>La Languistique</i> (livro)	Supremo Tribunal Federal, Seminário Menor de Diamantina, Colégio Pedro II	Fonte em destaque <i>Correio da manhã</i> de 01/01/1942 Edmundo Lins Latim
499	7	Jan.	1942/ XXIII	p. 6	Crônica: “Resistência mineira”	João Paraguaçu	Olegário Maciel, Teófilo Ottoni, Silviano Brandão, (presidente) Campos Sales, Rosa e Silva, Antonio Carlos		Palácio da Liberdade, Minas (Gerais), Catete	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
500	22	Jan.	1942/ XXIII	p. 7	Crônica: “Rodolfo Teófilo e seus romances”	João Paraguaçu	Oliveira Lima, Rodolfo Teófilo, JB Capivari outro (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), José de Alencar	<i>Paroára</i> (romance), <i>Iracema</i> (personagem-título de romance)	Amazônia, Ceará	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/01/1942 Crítica Literária. Rodolfo Teófilo. João Paraguaçu e JB Capivari
501	27	Jan.	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “Borracha plantada”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Juarez Távora, D. Pedro II, La Condamine, Raimundo de Moraes, Armando Mendes		Amazônia, rio Envira, Pôrto Rubim, Belém	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Ciclo da Borracha. João Paraguaçu e JB Capivari
502	13	Fev.	1942/ XXIII	p. 2	Crônica: “Heróis recompensados”	João Paraguaçu	Virgílio Várzea, Patrício Pinto Martins (aviador), Walter Hinton, (Cristóvão) Colombo, Fernão de Magalhães	<i>Sampaio Corrêa</i> (avião)	Livraria Garnier, nova York, Rio de Janeiro, Ilha das Enxadas	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/02/1942
503	21	Fev.	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “O ‘Legendário’”	João Paraguaçu	Pedro Moacir, Marquês de Herval, Osório, Pio Ângelo da Silva, Fernando Osório		Paraguai, Passo da Pátria	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
504	22	Fev.	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “Milagres”	[João] Paraguaçu	Castelar de Carvalho, Antônio Tórres, Irineu Marinho, Afonso Henriques		Asilo S. Luiz da Velhice Desamparada	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
505	27	Fev	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “Osório”	João Paraguaçu	Fernando Osório, Pedro Moacir, Machado de Assis	<i>Memórias (póstumas) de Braz Cubas</i> (romance)	Camara (Federal)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre Fernando Osório

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
506	6	Mar.	1942/ XXIII	p. 6	Crônica: “Pagãos e Cristãos”	João Paraguaçu	Edmundo Lins, Pedro Lessa, Virgílio, São Paulo (de Tarso), Dido (personagem mítico), Juno (personagem mítico), Venus (personagem mítico), Santo agostinho, Rousseau, Ovídio, Medea (personagem mítico), Jasão (personagem mítico), Stendel	<i>Eneida</i> (poema), <i>Emile</i> (romance), “Epístola aos Romanos” (livro da <i>Bíblia</i>)	Supremo Tribunal Federal, Hispona, Seminário Maior Diamantina	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Mitologia Grega e Cristã
507	21	Mar.	1942/ XXIII	p. 7	Crônica: “Na pinacoteca”	João Paraguaçu	Gomez Ayala, Magalhães Corrêa, Oswaldo Teixeira, Corregio, Cormish, Augusto Duarte	<i>O sertão Carioca</i> (livro), <i>A virgem de São Jerônimo</i> (painel), <i>O sátiro</i> (painel), <i>Danae</i> (painel)	Rio (de Janeiro), Museu de Parma, Louvre (museu), Museu Borghése, Buenos Aires	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
508	22	Abr.	1942/ XXIII	p. 6	Crônica: “Os concursos de Pedro Lessa”	João Paraguaçu	Dr. Braga, Martins Júnior, Pedro Lessa, princesa Izabel, Espírito Santo, Edmundo Lins, Benjamin Constant		Baía (Bahia), Recife, Faculdade de Direito de São Paulo, Supremo Tribunal Federal, São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
509	30	Abr.	1942/ XXIII	p. 7	Crônica: “Dido e Enéas”	João Paraguaçu	Edmundo Lins, Virgílio, Santo Agostinho, Montaigne, Dido, Sicheu (personagem de <i>Eneida</i>), Enéias (personagem de <i>Eneida</i>), Vênus (personagem mítico), Ana (personagem de <i>Eneida</i>), Salomão	<i>Eneida</i> (poema), <i>Tratado da Graça</i> (livro), <i>Cântico dos Cânticos</i> (livro presente na Bíblia)	Rua de São José, Telégrafos, Cais Voltaire, Hypona, Seminário Maio da Diamantina, Cartago, Tróia, Roma, (Mar) Mediterrâneo, Avenida Rio Branco, Supremo Tribunal (Federal)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Mitologia Greco-Romana

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
510	1	Maio	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “Alcindo e Rui”	João Paraguaçu	Alcindo Guanabara, Medeiros e Albuquerque, Rui Barbosa, Clovis Beviláqua, Gabriel Salgado, Gumerindo Bessa		Senado (Federal), Acre, Brasil	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 28/02/1942 Sobre Rui Barbosa e Clóvis Beviláqua
511	9	Maio	1942/ XXIII	p. 5	Crônica: “Retificação”	João Paraguaçu	Hugo de Andrade, Fausto Machado, Felix Pacheco, Antonio Alves Pereira de Lira, (presidente) Rodrigues Alves, Santos Dumont, Agenor Barbosa	<i>Demoiselle</i> (aeroplano)	Recife, Washington, Pernambuco, Timbaúba, Rio (de Janeiro), palácio do Catete, Arsenal da Marinha, Santa Izabel	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Referência a “A turbina reversível”, publicada em 16/02/1939 n°O <i>Imparcial</i>
512	15	Maio	1942/ XXIII	p. 7	Crônica: “Graça Aranha e a Academia”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Ronald Carvalho, Renato de Almeida, Celso Antônio, Vitor Hugo, Paul Saint-Victor, Lúcio de Mendonça, Fausto Cardoso, Chamfort, Moliérs, Rousseau, Diderot, Balzac, Flaubert, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Capitú (personagem do livro <i>Dom Casmurro</i>), Afrânio Peixoto	<i>Viagem Maravilhosa</i> (romance), <i>Cromwell</i> (romance), <i>Hernani</i> (peça de teatro), <i>Introdução ao cosmos do direito e da moral</i> (livro), França, <i>Chanaan</i> (Canaã) (romance), <i>A esfinge</i> (romance), <i>Epilepsia e Crime</i> (livro), <i>Rosa mística</i> (poemas)	Rua Alvaro Alvim, Academia (ABL)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 12/05/1942 História da ABL Graça Aranha
513	22	Maio	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “A preta Luiza”	João Paraguaçu	(Prefeito do Rio de Janeiro) João Felipe, Benjamin Constant, Luiza (escrava), marechal Beviláqua, Olímpia Gonçalves Dias, Gonçalves Dias, Camilo Castelo Branco, (Augusto) Comte	<i>Os Timbiras</i> (poema)	Instituto dos Cegos, rio Paraíba, Niterói	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/05/1942 Benjamin Constant
514	26	Maio	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “Livros didáticos”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Eça de Queiroz		Academia (ABL)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política. Educação ABL

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
515	30	Maio	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “O jubileu de Rui”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Constancio Alves, (presidente) Venceslau Braz, José Bonifácio, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Tackeray, Taine, Paul Saint-Victor, Nilo Peçanha, Paul Claudel, Pasteur, Casimir Périer	“Swift” (capítulo de livro)	Academia (ABL), São Cristóvão, Brasil, Bélgica, França, Inglaterra, Argentina, Itália, Estados Unidos	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/05/1942 Rui Barbosa Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
516	5	Jun.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Eleição e representação”	João Paraguaçu	Gilberto Amado, deputado Piragibe, Sampaio Corrêa, Frontin, Ireneu, Azevedo Lima	<i>A chave de Salomão</i> (livro)	Brasil, Distrito Federal, Sergipe	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
517	12	Jun.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Língua luso-brasileira”	João Paraguaçu	Afranio Peixoto, JB Capivari (outro pseudônimo de m. Paulo Filho), D. Aquino, Machado de Assis, Braz Cubas (personagem do livro <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>)		Mato Grosso, Escola de Belas Artes, Avenida Rio Branco, Biblioteca Nacional, Cuiabá, Campo Grande, Ponta Porã, São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Língua portuguesa. João Paraguaçu e JB Capivari
518	16	Jun.	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “O grande Gaspar”	João Paraguaçu	Silveira Martins, Armando Barros, Cassal, Érico Veríssimo, Gumercindo Saraiva, Basílio (Saravia), Aparício (Saravia), Chiquito (Saravia), Mariano (Saravia), Camilo (Saravia), Pancho (Saravia), Timóteo (Saravia), José (Saravia), Pereira Lessa, Gaspar, Carlos Martinez Vigil (escritor), Custódio, Saldanha	Bandeira (Nacional), Hino Nacional, <i>Floriano, memórias e documentos</i> (livro)	Porto Alegre, Pereira Lessa, Santa Vitória do Palmar, Cerro Largo, Rio Grande do Sul, Pablo Paez	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
519	19	Jun.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Museu da cidade”	João Paraguaçu	Agostinho d’Almeida, (Julien) Benda, Sociedade dos Admiradores de Francisco Manoel, Alcides Bezerra, Rocha Pombo, Bailly, Restier, Noronha, Francisco Braga	Hino Nacional, Hino à Bandeira	Arquivo Nacional, Museu da Cidade	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> História. Cultura
520	30	Jun.	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “Fraquezas”	João Paraguaçu	Alcides Bezerra, Conselho de Estado do Império, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, Barbosa Rodrigues, Ladislau Neto		Arquivo Nacional, Brasil, Senado (Federal), Museu Nacional	Fonte em destaque Publicação com mesmo título em 22/03/1938 <i>Correio da Manhã</i> de 27/06/1942 Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
521	7	Jul.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Benjamin no Provisório”	João Paraguaçu	Rocha Pombo, Benjamin Constant, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Rui Barbosa, Fonseca Hermes, Teixeira Mendes, capitão Bevilacqua		Arquivo Nacional, Instituto dos Cegos, Escola Normal, Exército	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 01/07/1942 História. Memória. Imprensa
522	9	Jul.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Alencar e a confederação dos Tamoios”	João Paraguaçu	Ivan Lins, D. Pedro II, conselheiro Furtado, Tinto Franco, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Franklin Távora, Ig (outro pseudônimo de José de Alencar), Araujo Pôrto Alegre, Montalverne, (Joaquim) Manoel de Macedo, Paranapiacaba, Soares de Azevedo, visconde de Sapucaí, Debret, Guilherme Tell	<i>Erasmus e seu tempo</i> (livro), “Confederação dos Tamoios” (poema), <i>Revista</i> (do Instituto Histórico), <i>Diário do Rio</i> (periódico), <i>Jornal do Comércio</i> (periódico), <i>Correio da Tarde</i> (periódico)	Itália, Turim, Academia de Belas Artes, Seminário de S. José	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 07/07/1942 Literatura. Política História. Memória Imprensa
523	16	Jul.	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “O drama de Plácido de Castro”	João Paraguaçu	Plácido de Castro, JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Castilhos Goycochéa, Vicente Reis, Voltaire, Olimpio da Silveira, Alcindo Cavalcanti, Alípio Bandeira, Gomes de Castro, (Augusto) Comte, Kipling	<i>Diário de um sertanista</i> (livro), <i>O espírito militar na questão do Acre</i> (livro), <i>Homens e ideias</i> (livro)	Acre, Bolívia, Manaus, Pôrto Acre	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 15/07/1942 Política. História Memória João Paraguaçu e JB Capivari

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
524	4	Ago.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “A nova Califórnia”	João Paraguaçu	JB Capivarí (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Pimentel Gomes		Escola Agronômica de Areia, Recife, Acre, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, (rio) Purus, (rio) Danúbio, (rio) Volga, Boca do Acre, (rio) Iáco, (rio) Sena Madureira, Rio Branco, Xapurí, Brasília, Cobija, Departamento Pando, Amazônia, serra do Ibiapaba, Califórnia	Fonte em destaque Ciclo da Borracha Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
525	7	Ago.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Coerência conservadora”	João Paraguaçu	Mauricio Cardoso, Assembléia Nacional Constituinte, Rui Barbosa		Pôrto de Santos, Lisboa	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política. Língua Portuguesa
526	14	Ago.	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “Simplificar e deformar”	João Paraguaçu	Euclides da Cunha, João Ribeiro, Almeida Magalhães, Medeiros e Albuquerque, Silva Ramos, Machado de Assis, Rui (Barbosa)	<i>Os sertões</i> (romance)	São José do Rio Pardo, São Paulo, Escoda (sic) Normal de Casa Branca, Beira Alta	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política. Língua Portuguesa
527	21	Ago.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Bandeiras e bandeirantes”	João Paraguaçu	Capistrano (de Abreu), Lemos, Santo Inácio de Loiola, (Candido) Rondon, Companhia (de Jesus)		(Livraria) Garnier	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> As Bandeiras (séc. XVII)
528	4	Set.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Casanova”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Casanova (Cavaleiro de Seingalt), Claudio de Souza, Stolnik, Saint-Beuve, Brockhaus, Voltaire, Paul-Louis-Courier, Frederico da Prússia, Catarina da Rússia	<i>Memórias</i> (livro)	P. E. N. Clube do Brasil, Leipzig	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
529	18	Set.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Arte de dizer”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Ivan Lins, Dante, padre Coulet, Cícero, Quintiliano, Demóstenes, Gaspar Silveira Martins, Otelo (personagem-título de uma peça de teatro), Santo Antônio de Pádua, Abade Fleury, padre (Antônio) Vieira, Gastão da Cunha, Artur Ribeiro, São Bernardo, Voltaire (Mestre Arouet)	<i>Sermões</i> (livro)	Casa de Rui Barbosa. Roma, Grécia. (Teatro) Municipal, Câmara (Municipal)	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 13/09/1942 Retórica Língua Portuguesa Rui Barbosa
530	6	Out.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Patriota de rua...”	João Paraguaçu	General Glicério, Julien Benda, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Benjamin (Constant), coronel Solon		Senado (Federal), São Paulo, palácio dos Condes dos Arcos	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> História e Política
531	10	Out.	1942/ XXIV	p. 2	Crônica: “Livro emprestado”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, Cassiano Tavares Bastos, Anatole France	<i>Le Jardin d’Epicure</i> (romance)	Tribunal de Contas, Minas (Gerais)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
532	14	Out.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Malherbe”	João Paraguaçu	Ivan Lins, Malherbe, Boileau, Racine, Eurípedes, Horácio, Regnier, Ronsard, Bellay, Desportes, Duperier, Rosette		Biblioteca Nacional, Caen, França	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica e Historiografia Literária
533	18	Out.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “A simplificada”	João Paraguaçu	Hemetério dos Santos, Assembléia Nacional Constituinte, Estácio de Sá, Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa, Candido de Figueiredo, Ramiz Galvão, Medeiros e Albuquerque	<i>Aulete</i> (dicionário)	Pão de Açúcar, Colégio Militar	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
534	24	Out.	1942/ XXIV	p. 7	Crônica: “ORTOGRAFIA”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Pero Magalhães Gandavo, Miguel Lemos, Machado de Assis, Tavares de Lira, Rui Barbosa, (Olavo) Bilac, Capistrano (de Abreu)		Brasil, Academia (ABL)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Ortografia. Língua Portuguesa

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
535	27	Out.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “O bravo desconhecido”	João Paraguaçu	Floresta de Miranda		França, Arco do Triunfo, Paris, Iéna, Friedland, Wagram, Ulm, Magenta, Moscou, Strasburgo, Panteon, rua Soufflot, Paraguai, Verdun, Metz, Europa, Cenotaph (memorial), Londres, Alemanha, Austria	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Memória
536	6	Nov.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “O repórter Cruz e Souza”	João Paraguaçu	Nestor Vítor, Cruz e Souza, Ferreira de Araújo	<i>Gazeta de notícias</i> (jornal), <i>Aulete</i> (dicionário)	Central do Brasil, rua da Alfandega	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Cruz e Souza
537	19	Nov.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Alexandre Herculano e a Confederação dos tamoios”	João Paraguaçu	José de Alencar, D. Pedro II, Araújo Pôrto, Montalverne, Paranapiacaba, Manoel de Macedo, José Soares de Azevedo, Ivan Lins, Georges Roeders, Alexandre Herculano, Goethe, Byron, Manzoni, Lamartine, Garret, Voltaire, Tupan (divindade indígena)	“Confederação os Tamoios” (poema), <i>Bulletin des Etudes Portugaises</i> (periódico)	Palácio da Ajuda, Biblioteca Nacional, Instituto Histórico	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 11/11/1942 Ref. à publicação d’ <i>O Imparcial</i> de 09/07/1942 Literatura. Política. Memória. Imprensa. Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
538	20	Nov.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “O apêlo de Heine”	João Paraguaçu	Coelho Neto, Guilherme III, José Veríssimo, Sá Viana, Reis Carvalho, Graça Aranha, Heine, Goethe, Kant, Hegel, Thor (personagem da mitologia nórdica)	<i>Chanaan (Canaã)</i> (romance), <i>L’Allemagne</i> (livro)	França, Prússia, (rio) Marne, Alemanha, Cartago	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
539	28	Nov.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “A Revista Contemporanea”	João Paraguaçu	Luiz Edmundo, Cardoso Junior, Carlos Góis, Artur Azevedo, Coelho Neto, Luis Pistarini, Luis Delfino, João do Rio, Antonio Austregésilo, Nestor Vítor, B. Lopes, Oliveira Gomes, Luiz Guimarães Filho, Colatino Barroso, Leôncio Correia, Gonzaga Duque, Figueiredo Pimentel, Júlio Tapajoz, Julio Reis, Raul Pederneiras, Mário Pederneiras, Alphonsus de Guimaraens, Lima Campos, Mamssa, Machado de Assis, (Memórias póstumas de) Braz Cubas, Agostinho da Silva ou de Souza	<i>Revista Contemporanea</i> (periódico), <i>Rosa dos ventos</i> (poemas), <i>A corte de D. João VI no Rio de Janeiro</i> (livro), “Palestra” (coluna de jornal), <i>País</i> (jornal), “Fagulhas” (coluna de jornal), <i>Gazeta</i> (jornal)	Rio (de Janeiro), tipografia Aldina, São Paulo, London Bank	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
540	2	Dez.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Rui e Seabra”	João Paraguaçu	Rui Barbosa, JJ Seabra, barão do Rio Branco, (presidente) Rodrigues Alves	<i>Tratado de Petrópolis</i> (documento)	Rua Carvalho de Sá	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/11/1942 Rui Barbosa
541	11	Dez.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Seabra e Rio Branco”	João Paraguaçu	Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, (presidente) Rodrigues Alves, Sr. Root, (JJ) Seabra, John Bull	<i>Cartas da Inglaterra</i> (livro)	Alagoas, Itamarati, Estados Unidos, Washington, Sicília	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Rui Barbosa Política
542	30	Dez.	1942/ XXIV	p. 5	Crônica: “Rondon”	João Paraguaçu	Luiz Bueno Horta Barbosa, Francisco (Bueno Horta Barbosa), (Candido) Rondon, Nicolau (Bueno Horta Barbosa), Julio Caetano (Horta Barbosa), Renato Rodrigues Pereira, Caingangs (etnia indígena), Manoel Rebelo, Pedro Dantas, Manoel Miranda, Tapajós (etnia indígena), Nhambiquaras (etnia indígena), Bagueira Leal, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Hércules (personagem mitológico grego)		Rio (de Janeiro), Mato Grosso, vale do Parapanema, rio Juruema	Fonte em destaque (negrito). Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
543	17	Jan.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Visionário”	João Paraguaçu	Sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres, JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Sampaio Correia, Sampaio Vidal, Xavier de Oliveira, Oliveira Viana	<i>Vida brasileira</i> (livro), Oliveira	Rio São Francisco, porto de Maria da Cruz, Januária, Montes Claros, Minas (Gerais), Central do Brasil, Baía (Bahia), Brasil, Ministério da Viação	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Malha viária nacional João Paraguaçu e JB Capivari
544	19	Jan.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Humberto e Belmiro”	João Paraguaçu	Humberto de Campos, Belmiro Braga, Fausto Ferraz, Hermes Fontes, Homero, Virgílio, Capistrano (de Abreu), (Coelho) Neto, Rui (Barbosa), (Martinho) Lutero, Gil Vidal	<i>Correio da Manhã</i> (jornal), <i>Bíblia</i> (livro)	Juiz de Fora, Minas (Gerais) Rio (de Janeiro), Academia (ABL)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
545	28	Jan.	1943/ XXIV	p. 5	Artigo: “Conversão ortográfica”	João Paraguaçu	Silva Ramos, Humberto de Campos, D. Pedro I	<i>Da seara de booz</i> (livro)	Camara (Federal), Portugal, Brasil, Academia (ABL), Damasco	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Língua Portuguesa
546	29	Jan.	1943/ XXIV	p. 2	Crônica: “O monarca e o sábio”	João Paraguaçu	Affonso Celso, (Luis) Pasteur, D. Pedro II, Vellery-Radot, (Émile) Littré, Benjamin Constant, Osvaldo Cruz, Miguel Angelo, (Hippolyte) Taine	<i>Histoire d'un savant par un ignorant</i> (livro)	Europa, Academia de Medicina (França), Academia Francesa (de Letras), Brasil, Rio de Janeiro	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 21/01/1943 Sobre Luis Pasteus e D. Pedro II
547	11	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Propaganda”	João Paraguaçu	General Vital Ramos de Castro, José de Souza Dantas, Jaime de Abreu		Paris, Brasil, Rio de Janeiro, Biarritz, Havre, França	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
548	12	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Calógeras em Versailles”	João Paraguaçu	Pandiá Calógeras, Conferência de Versailles, Wilson, Clemenceau, Lansing, Tardieu, Orlando, Lloyd George, Afranio Peixoto, Léon Daudet, Ernest Renan, Gustave Flaubert, Louis Pasteur, Jaceguai, José Veríssimo	<i>A esfinge</i> (romance), <i>Thais</i> (romance)	Academia (ABL)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
549	14	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Regionalismo”	João Paraguaçu	Max Fleiuss, barão de Ramiz Galvão, Dom Pedro II, Laurindo Rabelo (Lagartixa)		Instituto Histórico, rua Araújo Gondim, Academia (ABL), Rio Grande do Sul, Camara Municipal (cidade do Rio Grande do Sul – Porto Alegre), São Paulo	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
550	17	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Seabra e a Academia”	João Paraguaçu	(JJ) Seabra, Medeiros e Albuquerque, Rodrigo Otávio, (presidente) Campos Sales, Alberto Tôrres, Machado de Assis, (Olavo) Bilac, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Salvador Mendonça, Raimundo Corrêa, Sílvio Romero, Clovis Bevilacqua (sic), (barão do) Rio Branco, Afonso Arinos, Anatole France, Rabelais, Sazerdelo Correia, Rui Barbosa, Mr. Bergeret	<i>Thais</i> (romance)	ABL, Argentina, Rio (de Janeiro), Brasil, Teatro Municipal	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 06/12/1942 ABL Referência a outros textos
551	18	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “As aulas de Benjamin”	João Paraguaçu	Ivan Lins, Benjamin Constant, ministro Capanema, Quintino Bocaiuva, Medeiros e Albuquerque, (Augusto) Comte, Harvey, Teixeira Mendes, Tasso Fragoso, (Candido) Rondon, Lauro Sodré, Villeroy, Lauro Muller, Moreira Guimarães, Marquês da Cunha Trampowisky, Gomes de Castro, Agliberto Vavier, Descartes, Erasmo, Tomás Morus, Max Fleiuss	<i>Memórias</i> (livro), <i>Política positiva</i> (livro)	Instituto Histórico, Escola Militar, (colégio) Pedro II, Escola Normal	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Benjamin Constant Educação

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
552	23	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “O campeão das selvas”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Miguel Calmon, general (Candido) Rondon, (presidente) Afonso Pena	<i>Diário de um sertanista</i> (livro)	Ministério da Agricultura, Parecis Nhambiquaras (etnias indígenas), Mato Grosso, Amazônia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Candido Rondon João Paraguaçu e JB Capivari
553	24	Fev.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Condecoração”	João Paraguaçu	Oliveira Lima, Régis de Oliveira, Jorge V, Souza Dantas	<i>Memórias</i> (livro)	Lisboa, Londres, Inglaterra, Recife, Rio (de Janeiro), Itamarati, Paris	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
554	2	Mar.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Em Berlim”	João Paraguaçu	Silvio Romero Filho	Lufthansa (empresa de aviação)	Berlim, Varsóvia, Alemanha	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 27/02/1943 Alemanha nazista Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
555	3	Mar.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Tobias e Taunay”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), (visconde de) Taunay, coronel Camisão, (Simon) Bolívar, ministro Osvaldo Aranha, Tobias (Barreto), Mayerbeer	<i>Diário de um sertanista</i> (livro), <i>Retirada de Laguna</i> (romance), <i>Revista Brasileira</i> (periódico)	Monumento aos Heróis da Retirada de Laguna, Praia Vermelha, América, Itamarati	Fonte (negrito) <i>Correio da Manhã</i> de 24/02/1943 Crítica Literária. Política João Paraguaçu e JB Capivari Publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
556	11	Mar.	1943/ XXIV	p. 6	Crônica: “Onde se lembra Condillac”	João Paraguaçu	Lindolfo Collor, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Pinto do Couto, Schiller, Goethe, Byron, Scott, Balzac, Lamartine, Chateaubriand, Hugo, Musset, Sainte-Beuve, Dickens, Leopardi, Stendhal, Vigny, Espronceda, (presidente) Washington Luiz, Alexandre Herculano Rodrigues, Condillac		Portugal, Porto, Coimbra, Evora, Braga, São Miguel de Seide, Lisboa, Brasil, Lamego	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
557	17	Mar.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “Amor de princesa”	João Paraguaçu	Conde d’Eu, Solano Lopez, rei Luiz Felipe, Benjamin Constant, princesa Isabel, (Duque de Caxias, Heitor Lira, (João Paraguaçu, Osório, Ivan Lins	<i>Erasmus e seu tempo</i> (livro)	Paraguai, Instituto Histórico, Castelo d’Eu, Montevidéu, Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Princesa Isabel
558	19	Mar.	1943/ XXIV	p. 6	Crônica: “UM EXEMPLO DE DEODORO”	João Paraguaçu	Oliveira Viana, (presidente) Deodoro da Fonseca, general Hermes Rodrigues da Fonseca (futuro presidente), dr. Pacheco Mendes	<i>Populações meridionais no Brasil</i> (livro)	Baía (Bahia)	Fonte em destaques Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Marechal Deodoro da Fonseca Relação com “Deodoro”, texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
559	25	Mar.	1943/ XXIV	p. 5	Crônica: “A volta do Conde d’Eu”	João Paraguaçu	Epitácio Pessoa, conde d’Eu, rei Luiz Felipe, barão de Ramiz Galvão, D. Pedro II, Saldanha da Gama, almirante Silvano	<i>Correio da Manhã</i> (jornal), <i>Jornal do Comércio</i> (periódico)	Rio de Janeiro, Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política e Jornalismo Relação com texto de mesmo título em <i>Memórias de João Paraguassú</i>
560	26	Mar.	1943/ XXIV	p. 7	Crônica: “Comunismo e gasolina”	João Paraguaçu	Mário Santos, Modesto Leal, César Garcez, Staline (Stálin)		Praia Vermelha, Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
561	6	Jul.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “No Juri”	João Paraguaçu	Nelson Hungria, Astolfo de Rezende		Tribunal do Juri (RJ)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
562	7	Jul.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “O embaixador inválido”	João Paraguaçu	Oscar de Teffé, Antonio Covello, Mussolini, atleta Aleixo	<i>Correio da Manhã</i> (jornal)	Roma, Itália, Palácio Dória, Brasil, Botafogo (bairro)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
563	22	Jul.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “A solidariedade do Consolidador”	João Paraguaçu	Generoso Ponce Filho, (governador) Generoso Ponce, (presidente) Floriano Peixoto, (presidente) Campos Sales, Murtinho, senador Azeredo		Mato Grosso, Congresso (Federal), Paraguai, Cuiabá, Itamaratí, Ministério da Guerra, gabinete de Ouro Preto	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
564	23	Jul.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Aduladores”	João Paraguaçu	João Pinheiro Lauro Muller, Pedro Rache	<i>Rigoletto</i> (ópera)	Minas (Gerais), Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
565	26	Jul.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Dumas em casa de Euclides”	João Paraguaçu	Euclides da Cunha, Coelho Neto, Eleodoro Villazon, George Dumas, Jeanne d’Arc	<i>Perú vesus Bolívia</i> (livro), <i>Os sertões</i> (romance), <i>Revue du</i> <i>Mois</i> (revista)	Colégio Pedro II (antigo Ginásio Nacional), Paris, Buenos Aires, (Univerisdade de) Sorbonne	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Euclides da Cunha
566	11	Ago.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “George Dumas e Euclides da Cunha”	João Paraguaçu	Euclides da Cunha, Coelho Neto, George Dumas, Analote France, Venâncio Filho, Edgar Sussekind de Mendonça, Mistral (poeta)	<i>Le livre de mon ami</i> (livro), <i>Os sertões</i> (romance)	(Univerisdade de) Sorbonne, Rio (de Janeiro), praça Duque de Caxias, Escola Normal	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Euclides da Cunha Referência à publicação anterior
567	14	Ago.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Pascoal Segreto no Fôro”	João Paraguaçu	Candido Lobo, Pascoal Segreto		Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
568	18	Ago.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Imperial Tradutor”	João Paraguaçu	D. Pedro II, visconde de Araguaia, barão de Loreto, José de Alencar, Cassiano Tavares Bastos, Longfellow, Dante, Mary Willelmine Williams, Lamartine, (Vitor) Hugo	<i>Canto Siciliano ou El- Rey Roberto da Sicília</i> (poema), <i>Evangeline</i> (poema), <i>Dom Pedro</i> <i>the magnanimous</i> (livro)	Biblioteca Nacional, Instituto Histórico	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Memória. Arquivos
569	24	Ago.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “A Esperança...”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Pimentel Gomes, Giuseppe Bevione, Vieira de Trípoli, Mussolini	<i>Como siamo andati a</i> <i>Trípoli</i> (livro)	(Rio) São Francisco, Escola Agronômica do Nordeste, Areia, Pernambuco, Ceará, Piauí, Recife, Itália, Líbia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> João Paraguaçu e JB Capivari

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
570	26	Ago.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “O julgamento literário”	João Paraguaçu	Ivan Lins, Michelet, Silvio Romero, José Veríssimo, Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaia), Sales Tôrres Homem, Fernandes Pinheiro, Chateaubriand, Byron, Hugo, Lamartine, Goethe, Schiller, (José de) Alencar, Afrânio Peixoto, Prud'homme, Carlos Magno, Shakespeare, Voltaire, Malebranche, Graça Aranha	<i>Bíblia da humanidade</i> (livro), <i>Cinque Maggio</i> (livro), <i>Napoleão em Waterloo</i> (livro), <i>Código de Manu</i> (livro), <i>Divina comédia</i> (peça de teatro)	Rua de São José, Paris, Escola Militar, China Índia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária
571	4	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Preciosismo de Heredia”	João Paraguaçu	Anatole France, Heredia, Leconte de Lisle, Leon Blum, Manuel J. Silva Pinto, Cahen	<i>Troféus</i> (poemas), <i>Cruzeiro do Sul</i> (constelação), <i>Revue blanche</i> (revista), “La belle viole” (A amada de Du Bellay) (poema)		Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária. Diálogo com o título do texto
572	7	Set.	1943/ XXV	p. 11.	Crônica: “Nabuco em Belo Horizonte”	João Paraguaçu	Dermeval Lessa, Joaquim Nabuco, presidente Affonso Penna, Graça Aranha, Rodrigo Otávio, Carlos de Laet, Theophilo Ribeiro, Machado de Assis, Rui Barbosa, Elísio de Carvalho, barão do Rio Branco	<i>Um estadista no Império</i> (livro)	Brasil, Washington, Minas (Gerais), Grande Hotel de Belo Horizonte	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 03/09/1943 Política
573	10	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “As cidades e os sertões”	João Paraguaçu	JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Fidelis Reis, João Ribeiro, (governado) José Marcelino	<i>Diário de um sertanista</i> (livro)	Uberaba, Bahia, Minas (Gerais), Belo Horizonte, (rio) São Francisco, Rio de Janeiro	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Entre Pseudônimos Política João Paraguaçu e JB Capivari
574	14	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Euclides no Alto Purús”	João Paraguaçu	Euclides da Cunha, Venâncio Filho, Quirino Cunha	<i>Os sertões</i> (romance)	Alto Purús, Boca do Chandless, Manaus, Amazônia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Título e texto com nomes diferentes

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
575	15	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “A Serra misteriosa”	João Paraguaçu	Max Fleiuss, Capistrano (de Abreu), (Afonso) Arinos, Euclides da Cunha, Afonso de Taunay, Orville Derby, (Candido) Rondon, Índios Chavantes, Castro Menezes, Couto de Magalhães, Gonçalves Dias		Serra do Roncador, Instituto Histórico	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Serra do Roncador
576	17	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “O Belo e o Feio”	João Paraguaçu	Keyserling, Leonel Gonzaga, Carlos Chagas	<i>Descobrimento</i> (revista)	Europa, Darmstadt, Portugal, Brasil, Minas (Gerais)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária e Cultural
577	22	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “O Soneto mais lido...”	João Paraguaçu	B. Lopes, (presidente) Hermes (da Fonseca), Medeiros e Albuquerque, Rui (Barbosa), Alberto de Oliveira, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Machado de Assis, Da Costa e Silveira	<i>Cromos</i> (poemas), “Ouvir estrelas” (poema “Via Láctea”), “Pecador” (poema), “A vingança da porta” (poema), “O lenço” (poema), “Mal secreto” (poema), “Carolina” (poema), “Saudade” (poema)	Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária e Cultural Sobre B. Lopes
578	24	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “História para as crianças”	João Paraguaçu	Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira, V. M. Hillyer, Dona Benta (personagem do livro <i>História do mundo para as crianças</i>), Homero (personagem mitológico grego), (Napoleão) Bonaparte, Leonardo (Da Vinci), Jeca-Tatú (personagem do livro <i>Urupês</i>)	<i>História do mundo para as crianças</i> (livro), <i>Gioconda</i> (quadro), Itália, França	Livraria Quaresma, Louvre (museu)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Crítica Literária. Educação
579	30	Set.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Espírito Romano”	João Paraguaçu	Antônio Tôrres, Augusto Veloso, Juvenal, Cícero	<i>Litteratorum egestas</i> (sátira), <i>Verdades indiscretas</i> (livro)	Minas (Gerais), Roma	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Antônio Tôrres Educação

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
580	7	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Passo e Uribúru”	João Paraguaçu	Tasso Fragoso, Benjamin Constant Neto, major Uriburú, (presidente) Irigoyen, (presidente) Washington Luis		Escola da Praia Vermelha, Legação de Buenos Aires, Buenos Aires, Rio de Janeiro	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política
581	8	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Gênio da Província”	João Paraguaçu	Achilles Bevilaqua, Gumercindo Bessa, Rui Barbosa, Tobias (Barreto), Silvio (Cardoso), Fausto Cardoso, Laurent, Planiol, Lamonaco, (Raimundo) Troplong	<i>Jornal do Comércio</i> (periódico), “Em prol da verdade” (artigos do <i>Jornal do Comércio</i>)	Sergipe, Rio de Janeiro, Acre, Amazonas	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 05/10/1943 Rui Barbosa
582	13	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Para desagrar Castro Alves”	João Paraguaçu	Eunápio Deiró, Afrânio Peixoto, Castro Alves, José de Alencar, Machado de Assis, Chénier, duquesa de Coigny, João Germano (personagem de “La jeune captive”), Arlindo Fragoso, Hermano Sant’Anna, Frei Vicente de Salvador	“Gonzaga” (poema), “A canção da escrava” (poema), “La jeune captive” (poema)	Rio (de Janeiro), Academia Bahiana de Letras	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Castro Alves Crítica Literária e Cultural
583	14	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Ortografia...”	João Paraguaçu	Remy de Gourmont, João Ribeiro, João Paraguaçu, David Campista, Rui (Barbosa), Carneiro Ribeiro		Bahia, Minas (Gerais)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Língua Portuguesa Carta a João Paraguaçu
584	5	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “A sagacidade de Paschoal Segreto”	João Paraguaçu	Paschoal Segreto, Candido Lôbo, (Napoleão) Bonaparte, Frederico II, D. Carlos I, Padre Feijó, Pedro II, <i>Corcunda de Notre Dame</i> (personagem título de romance)	Madame Recaimer (quadro)	Bahia, Rio (de Janeiro), Portugal, Brasil	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Paschoal Segreto
585	20	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: ““La chose jaune””	João Paraguaçu	Keyserling, Augusto Comte, Smiles, Ronald Carvalho, Lindolfo Collor, Graça Aranha	<i>Jornal das Viagens</i> (livro)	Londres, Inglaterra, Rio (de Janeiro), Escola de Dermstadt	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
586	27	Out.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Nada de novo”	João Paraguaçu	Serrano Júnior, (visconde de Taunay	<i>Inocência</i> (romance)		Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Romance <i>Inocência</i> Crítica Literária
587	18	Nov.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Sobre o Positivismo”	João Paraguaçu	Alípio Bandeira, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Quintino (Bocaiuva), Benjamin Constant, (Augusto) Comte, Alvaro de Oliveira, Rui (Barbosa), Demétrio Ribeiro		(Escola) Politécnica	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
588	24	Nov.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Muro de meação”	João Paraguaçu	Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaia), Ivan Lins, Ronald Carvalho, Sales Tôrres Homem, Fernandes Pinheiro, Lamartine, Chateaubriand, Byron, Hugo, Schiller, Goethe, José Veríssimo, Afrânio Peixoto, Alcântara Machado, Virgílio	<i>Suspiros (poéticos de saudades)</i> (livro), “Ode a Napoleão” (poema)	Academia Carioca (de Letras)	<i>Correio da Manhã</i> de 02/11/1943 Crítica Literária
589	1	Dez.	1943/ XXV	p. 6	Crônica: “Ferreira Viana e Teixeira Mendes”	João Paraguaçu	Paulo José Pires Brandão, Garcia Júnior, conselheiro Ferreira Viana, Teixeira Mendes, Seráfico de Assis, cardeal Arcoverde, Humberto de Campos		Rua de São José, Gabinete João Alfredo, Hospital da Venerável Ordem Terceira, de São Francisco da Penitência, rua do Fialho, rua Benjamin Constant, Templo do Apostolado, Brasil, palácio de São Joaquim, Igreja da Sagrada Imaculada Conceição	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
590	11	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “No entêrro de Auta de Souza”	João Paraguaçu	Da Costa e Silva, Auta de Souza, (Olavo) Bilac, Agostinho, Kempis, Santa Tereza de Jesús, Gonçalves Dias, Castriciano, Luiz Murat, Junqueira Freire, Alfonsus de Guimarães, senador Pedro Velho, São Vicente de Paulo	<i>Horto</i> (poemas), <i>Sextilhas do Frei Antão</i> (poemas), “Imitação de Cristo” (poema), “Sangue” (poema), “Zodiaco”	Recife, Natal, Pernambuco, Rio Grande do Norte	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Auta de Souza
591	15	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Do museu Simoens da Silva”	João Paraguaçu	Carlos Simoens da Silva, D. Pedro II, visconde de Ouro Preto		Rua Visconde de Silva, Ilha Fiscal, Paço (imperial), Museu (Simoens da Silva)	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
592	16	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Araguaia, filósofa e diplomática”	João Paraguaçu	Ivan Lins, Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaia), Araújo Pôrto Alegre, Debret, Monte Alverne, Caxias, Gomes de Souza, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Afranio Peixoto, Spinoza, Artur Orlando, Oliveira Lima, D. Vital, D. Antonio de Macedo Costa, Pio IX	“Urania” (poema), “Cantos fúnebres” (poema), <i>Fatos do espírito humano</i> (livro)	Academia Carioca de Letras, Academia de Belas Artes, Seminário São José, Colégio Pedro II, Maranhão, Rio Grande do Sul, Brasil, Instituto Histórico, Portugal, Academia Brasileira (ABL), Estados Unidos, Buenos Aires, Paraguai, Fortaleza de São João, ilha das Cobras	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Gonçalves de Magalhães Historiografia
593	17	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Classicismo e Modernismo”	João Paraguaçu	Graça Aranha, Ronald Carvalho, Renato Almeida, Celso Antônio, (Luis de) Camões, D. João III, Sá de Miranda, Homero, Horácio, Virgílio, Ptolomeu, Ribeiro Chiado, Gil Vicente, Pero de Andrade Caminha, José Agostinho de Macedo, barão Ramiz Galvão, Laudelino Freire	<i>Viagem maravilhosa</i> (romance)	Cinelândia, Portugal, Lisboa, Porto, Evora, Coimbra, Academia (ABL)	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
594	21	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “A Bíblia e Camões”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha, Ronald Carvalho, Renato Almeida, Celso Andrade, (Luis de) Camões, Milton, Cervantes, Shakespeare, Rabelais, Jacob, Raquel, Labão (os três últimos estão descritos na <i>Bíblia</i>)	(<i>Os lusíadas</i> (poema), <i>Hamelet</i> (peça de teatro), <i>Bíblia</i> (livro))	Portugal	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
595	22	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “A bandeira da Misericórdia”	João Paraguaçu	Vieira Fazenda, Joaquim Gonçalves, Manoel da Guia, Luiz Botelho de Sampaio	Bandeira da Misericórdia, <i>Dona Clara</i> (patacho)	Biblioteca do Instituto Histórico, Santa Casa, Brasil, Rio de Janeiro, São Mateus (ES), cadeia de Aljube, Largo do Moura	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
596	24	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Emílio no outro mundo”	João Paraguaçu	Bastos Tigre, Humberto de Campos, Pedro Leopoldo (médium), Emílio de Menezes	<i>Carvalhos e roseiras</i> (livro), <i>Poemas da morte</i> (poemas), <i>Deuses em ceroulas</i> (livro), <i>Entardecer</i> (livro), <i>Pingos & respingos</i> (seção do <i>Correio da Manhã</i>)	Rio de Janeiro	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Bastos Tigre Emílio de Menezes Espiritismo
597	30	Dez.	1943/ XXV	p. 5	Crônica: “Emílio e Afranio”	João Paraguaçu	Emílio de Menezes, Afrânio Peixoto, Luiz Garcia (personagem do livro <i>Iaiá Garcia</i>), Machado de Assis	<i>Poemas da morte</i> (poemas)	Curitiba	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Emílio de Menezes Biografia

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
598	6	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “O modernismo do visconde de Araguaia”	João Paraguaçu	Ivan Lins, Alcantara Machado, Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaia), Ramiz Galvão, (José de) Alencar, Fernando de Magalhães, Cassiano Ricardo, San Juan de La Cruz, Luiz Garcia (personagem de <i>Iaiá Garcia</i>), Machado de Assis, Mr. Bergeret	<i>Confederação dos Tamoios</i> (poema), <i>Os lusíadas</i> (poema), <i>Iracema</i> (romance)	Escola de Belas Artes, Academia Carioca (de Letras)	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
599	8	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Frei Henrique de Coimbra”	João Paraguaçu	Annibal Freire, Montaigne, Frei Henrique de Coimbra, Santo Antônio de Lisboa, São Francisco (de Assis), (Pedro Álvares) Cabral	<i>Ensaaios</i> (livro)	Biblioteca Nacional, Pernambuco, Faculdade de Direito do Recife, Rio (de Janeiro), Camara (Federal), Coimbra, Lisboa, Pádua, Bernardone, Assis, Brasil	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Frei Henrique de Coimbra “Descobrimento” do Brasil
600	9	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “A última festa de D. Pedro II”	João Paraguaçu	Max Fleiuss, D. Pedro II, visconde de Ouro Preto, barão de Ladário, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Benjamin, Almeida Barreto, Forster Vidal, Wandercolk, Coelho Netto, general Floriano (Peixoto), Marquês da Gávea, Mallet, Pires Ferreira		Ilha Fiscal, Marinha, Exército, Chile, baía de Guanabara	<i>Correio da Manhã</i> de 14/11/1943 D. Pedro II. Política
601	12	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Precursores de nosso Romantismo”	João Paraguaçu	Laurindo Rabelo, Afranio Peixoto, José Bonifácio (Patriarca), Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaia), Chateaubriand, Goethe, Schiller, Walter Scott, Byron, Young, Maciel Monteiro, irmãos Queirogas, Tiradentes	<i>A esfinge</i> (romance), <i>Fruta do mato</i> (romance), <i>Cromwell</i> (romance), Hernani (peça de teatro), “Primeira Noite” (poema) (tradução), <i>Poesias</i> (poemas)	Biblioteca da Academia Brasileira (ABL), Europa, Academia Carioca de Letras, France	<i>Correio da Manhã</i> de 18/11/1943 Crítica Literária Gonçalves de Magalhães José Bonifácio

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
602	13	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Os deuses em ceroulas”	João Paraguaçu	Leite Ribeiro, Emilio de Menezes, Francisco Alves (editora), Medeiros e Albuquerque, Hemetério dos Santos, Francisco Alves	<i>Os deuses em ceroulas</i> (romance)		<i>Correio da Manhã</i> de 29/12/1943 Crítica Literária Emilio de Menezes
603	14	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Araguaia e os barbadinhos”	João Paraguaçu	(Candido) Portinari, Domingos José Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaia), Ivan Lins, Alcantara Machado, José de Alencar, Pascal, Dom Pedro II, Varnhagem, Tamoios (povo indígena), Guido Marlière, José Bonifácio, Gonçalves Dias, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, (Candido) Rondon, Roquette Pinto, Adão (descrito na <i>Bíblia</i>), D. Pedro II, papa Pio IX, Luiz Bueno Horta Barbosa	“Confederação dos Tamoios” (poema), <i>História Geral</i> (livro), <i>Os indígenas do Brasil perante a História</i> (livro), <i>Iracema</i> (romance), “O serviço de proteção dos índios e a história da colonização do Brasil” (ensaio)	Escola de Belas Artes, São Paulo	<i>Correio da Manhã</i> de 28/11/1943 “Confederação dos Tamoios” Gonçalves de Magalhães Crítica Literária e cultural
604	18	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Camões e a Inquisição”	João Paraguaçu	Medeiros e Albuquerque, (Luis de) Camões, padre José Agostinho de Macedo, Bocage, Adamastor (personagem d’ <i>Os lusíadas</i>), Vasco da Gama	<i>O Gama (O oriente)</i> , <i>Os lusíadas</i> (poema)	Cabo das Tormentas (Cabo da Boa Esperança)	<i>Correio da Manhã</i> de 16/12/1943 <i>Os lusíadas</i> . Crítica literária e cultural Inquisição
605	19	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Os três Braganças no Brasil”	João Paraguaçu	Vieira Fazenda, D. João VI, D. Maria I, visconde de Cairú, Oliveira Lima, (D.) Pedro I, (D.) Pedro II, Braganças (sobrenome da Família Real Portuguesa), Carlos V. Manoel I, Henrique VIII, Luiz XIV		Brasil, Rio de Janeiro, Portugal, Europa	<i>Correio da Manhã</i> de 16/12/1943 Família Real no Brasil
606	20	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Portinari”	João Paraguaçu	(Candido) Portinari, Saint-Beuve, Victor Hugo	<i>Cromwel</i> (romance)	Europa, Estados Unidos	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Candido Portinari

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
607	29	Jan.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Solano, o profeta”	João Paraguaçu	Solano Carneiro da Cunha	<i>Caixa Econômica</i> (banco)	Praça da República, Quinta da Boa Vista, Distrito Federal (Rio de Janeiro, RJ), América do Sul	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
608	2	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Singularidades capistrânicas”	João Paraguaçu	Capistrano de Abreu, Leopoldo de Bulhões, Rui Barbosa, Teodoro Sampaio, João Ribeiro, (visconde de) Taunay, Raymundo de Moraes, Ramiz Galvão, Paulo Prado Henrique Fialho	<i>Dicionário dos Caxinauás</i>	Vienna	Capistrano de Abreu. Referência ao artigo “Rui e os caxinanás” (04/05/1939) Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
609	4	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “O baile da Ilha Fiscal”	João Paraguaçu	Visconde de Outro Preto, (presidente) Floriano (Peixoto), João Alfredo, barão de Vargem Alegre, barão de Ramiz Galvão, visconde de Barbacena, marquês de Paranaguá, Machado de Assis, Haritoff, Custodio de Melo	<i>Joujoux x balangandans</i> (revista), <i>Gazeta de notícias</i> (jornal)	Ilha Fiscal, bahia (baía) de Guanabara, Paraguai	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
610	5	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Torres e o nazismo”	João Paraguaçu	Antônio Torres, Platão, (Adolf) Hitler	<i>Verdades indiscretas</i> (livro), <i>Constituição de Weimar, Diálogos</i> (livro)	Alemanha, Brasil, Bahia, Berlim, Rio de Janeiro, nova Caledônia, mer do Norte, Barcans Balcãs, Hamburgo, Itamaratí	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Sobre II Guerra Mundial
611	8	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Idealismo em ação”	João Paraguaçu	Armando Magalhães Corrêa, Rego Lins, Manoel Dominguez, José de Alencar, Capitão Fogaça	<i>Correio da Manhã</i> (jornal), <i>As minas de prata</i> (romance)	Rio de Janeiro	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Armando Magalhães Corrêa

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
612	11	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Negócios diplomáticos”	João Paraguaçu	(Presidente) Floriano Peixoto, Rocha Pombo, capitão Messias de Oliveira Valadão, Micelh Joachino, João Felipe Pereira	<i>Bauzan</i> (cruzador italiano)	Baía de Guanabara, Itamaratí, Rio (de Janeiro), Itália, Brasil, Sergipe, cemitério do Caju	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
613	12	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Miguel Calmon, mestre de Literatura”	João Paraguaçu	Carlos de Laet, Miguel Calmon, sociedade Nacional de Literatura, Afranio Peixoto, Varnhagem, Norberto Silva, Sylvio Romero, José Verissimo, (presidente) Afonso Pena		Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, Europa, Teatro Municipal	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Miguel Calmon
614	16	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Papeis esquecidos”	João Paraguaçu	Marcolino Fagundes, (presidente) Floriano (Peixoto), Epitacio Pessoa, (visconde de) Ouro Preto, (presidente) Deodoro (da Fonseca), Benjamin (Constant), Glycerio, (presidente) Hermes (da Fonseca), barão do Rio Apa JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), Gilberto Freyre, barão do Rio Branco, Root, Bacon, Teddy, (Anatole) France, Clemenceau, Jaurés, Paul Fort, Jane Catulle Mendés, Ferrero, Euclides da Cunha, alberto Rangel, Blasco Ibanez, Vilaspesa, Castro Alves, ministro Mangabeira	<i>Divina comédia</i> (peça de teatro)	Paraguai, Exército	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Miguel Calmon Proclamação da República
615	17	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Hóspedes ilustres”	João Paraguaçu	Conselheiro Basson, Bernardino Ferreira, (presidente) Floriano (Peixoto), Rui Barbosa, (presidente) Deodoro (da Fonseca)		Brasil, Congresso AfroBrasileiro da Bahia, Minas (Gerais), São Paulo, Itália, Espanha	Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política, Pesquisa e Cultura João Paraguaçu e JB Capivari
616	19	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Rui, conspirador?”	João Paraguaçu			Ministério da Justiça, Exército, largo da Lapa, antigo Senado (Federal)	<i>Correio da Manhã</i> de 16/02/1944 Rui Barbosa Proclamação da República

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
617	24	Fev.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “A lingua dos Santos”	João Paraguaçu	Augusto Velloso, Antônio Torres, Virgílio, Cícero, Ovidio, Juvenal	<i>Verdades indiscretas</i> (livro)	Berlim, Hamburgo, Alemanha, Camara dos Deputados (MG), Belo Horizonte	<i>Correio da Manhã</i> de 19/02/1944 Antônio Torres Arquivos Cartas
618	8	Mar.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Belmiro contra os pardais”	João Paraguaçu	Belmiro Braga, Mario Barreto, Passos	<i>O trovador</i> (poemas)	Juiz de Fora, Rio (de Janeiro), Tijuca, Minas (Gerais), Brasil	Fonte em destaque <i>Correio da Manhã</i> de 29/02/1944 Belmiro Braga
619	16	Mar.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Amor aos cães”	João Paraguaçu	Ari de Almeida e Silva, almirante Diogo Inácio Tavares, Axel Munther	<i>History of San Michel</i> (livro)	Edifício da bolsa, Camara Sindical de Corretores, Brasil, Santa Casa de Misericórdia, avenida Suburbana	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i>
620	17	Mar.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Euclides e as árvores”	João Paraguaçu	Venancio Filho, Euclides da Cunha	<i>Os sertões</i> (romance), “Gênesis” (livro presente na <i>Bíblia</i>)	Lorena, Amazônia	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Euclides da Cunha
621	22	Mar.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Espírito ágil e irônico”	João Paraguaçu	Antônio Carlos, Carlos Maximiliano, (presidente) Wenceslau Braz, Mario Ramos, Agamemnon Magalhães, Nereu Ramos, Xavier de Oliveira, Leoncio Galvão, Adroaldo Costa, Zoroastro Gouveia, Edgard Sanches, Alvaro Maia, Covelo (Correia), Sampaio Correia, Guaraci Silveira			Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Política Liberdade de Culto e Pensamento Relação com segunda parte de “O velho Andrada”, texto publicado em <i>Memórias de João Paraguassú</i>

Nº	DATA	MÊS	ANO Calendário/ Jornal	PÁG.	TEXTO	AUTOR	AUTORES/ PERSONALIDADES, GRUPOS CITADOS	LIVROS/OBRAS/ OBJETOS/ TEXTOS CITADOS	LUGARES/ ESPAÇOS CITADOS	OBSERVAÇÕES
622	23	Mar.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Vis prophetica...”	João Paraguaçu	Epitacio, Cardoso, JB Capivari (outro pseudônimo de M. Paulo Filho), general Góes Monteiro, São Tomé (santo católico)	<i>Mate Laranjeira</i> (empresa)	Campo Grande, Mato Grosso, Paraguai, Sete Quedas, (rio) Apa, rio Paraguai, Ponta Porã, Bela Vista, Buenos Aires, estrada Mirande- Porto Murтинho, Coimbra, Corumbá, Porto Esperança, (Ministério) do Trabalho, (Ministério) da Agricultura	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> João Paraguaçu e JB Capivari
623	24	Mar.	1944/ XXV	p. 7	Crônica: “Sentimentalismo e patriotismo”	João Paraguaçu	Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque Filho	<i>Correio da Manhã</i> (jornal)	Club de Engenharia, Paraná, Brasil, Rio de Janeiro, Inglaterra, Bahia, Ceará	Fonte em destaque Confrontar com <i>Correio da Manhã</i> Imigração e Imigrantes

APÊNDICE B – CRÔNICA “RUI E AZEREDO”

Rui e Azeredo

Foi um grande acontecimento a conferência de Rui Barbosa no Teatro Lírico, sobre a questão social e política no Brasil. Na noite de 20 de março de 1919, com o casarão superlotado de ouvintes e as proximidades — ruas 13 de maio e Senador Dantas — apinhadas de curiosos, cerca de 8 3/4, o grande cidadão dava entrada no palco, tendo a seu lado, lembro-me bem, Sertório de Castro, Baptista Pereira, Caio de Barros, Campos de Medeiros, além de outros que não identifiquei ou cujos nomes não conservo de memória. Havia também uma delegação patrona do comércio.

Dos assuntos de que Rui mais se ocupava, a questão social estava em primeiro lugar. Sem dúvida, era nele extraordinário o sentimento de justiça, como era vibrante a paixão pela liberdade de seu semelhante. Mas o fato é que, nascido num meio aristocratizado, educado na convivência dos homens que mandavam e desmandavam no Império, refratário das multidões e beneditino, num palacete, de seus livros e objetos de arte, esse espírito, de um poder verbal e de uma cultura generalizada como nunca tivemos, jamais encontrou com os próprios olhos e ouvidos os anseios das massas trabalhistas. A conferência foi um arranjo menos delicado do que dos amigos que se batiam pela sua candidatura à sucessão presidencial. E a prova é que, como solução do problema agravado pelo desfecho da guerra europeia, suas ideias e afirmações ficaram muito aquém do momento.

Eu cheguei tarde para assistir à reunião. Rui havia feito a sua amarga sátira com o Jeca Tatu, elogiando o senso psicológico de Monteiro Lobato. Sustentava ele não ser socialista porque o princípio do socialismo implicava em partido, o que significava conjunto de teorias falsas e verdadeiras. Preferia, então, estar com a democracia social, cristianizada, que não se apresentava sobre a ruína de nenhuma classe, mas se fundava na necessidade de reparar e atender a todas as classes. Depois de longamente dissertar sobre horas, acidentes e higiene do trabalho, o grande cidadão, que tudo condicionava à revisão constitucional, passou a perorar. E aí é que esteve realmente magnífico. Aludia ele aos “sete felizardos” da nova “banda alemã-política”: Azeredo, Urbano, Seabra, Lauro, Alvaro de Carvalho, Carlos de Campos e Altino Arantes. Como sátira literária a serviço de uma campanha eleitoral é incomparável. Azeredo foi o mais castigado. Era o “suco” do Senado. Na charanga, dizia Rui, com uma entonação de voz que cortava como navalha, “era o flautim, pois levava toda a vida a flautear, flauteante de requinte”.

A plateia sorria. Um sorriso, entretanto, que doía. Voltei-me de repente, e vi que atrás de mim, meio oculto, num capote, alguém me batia no ombro. Era Azeredo. Discreto, irreconhecível, escutava tudo aquilo.

— Fui seu amigo durante quase quarenta anos, segredou-me ele. Ainda quero bem ao Rui. Perdoo-lhe o desabafo, porque é humano.

E desapareceu, antes que outros o descobrissem. Nas minhas recordações, guardei o episódio como expressão mais curiosa de bondade do senhor mato-grossense.

RIO — 1937

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE C – ARTIGO “RUI NA ACADEMIA”

Rui na Academia

Na Academia, como contei anteriormente, a eleição de Alcides Maya teve caráter desusado. Sabia-se que Rui também iria votar. O fato de o grande cidadão comparecer e participar dos escrutínios era assunto de curiosidade, pois raramente aparecia no cenáculo.

Sucessor de Machado de Assis na presidência da casa, por este incumbido de falar à beira do túmulo de velho ironista de *Brás-Cubas* e de saudar Anatole France quando o perigoso romancista-pensador esteve no Rio, sem embargo de tudo isso Rui andava em constantes divergências com os colegas da imortalidade. Era natural. A maioria dos acadêmicos mergulhara na política partidária. Frequentava muito mais o morro da Graça do que o palacete da rua de São Clemente.

Rui foi à Academia para apoiar, nas urnas, o nome de Almachio Diniz, contra Alcides Maya, na vaga deixada por Aluísio de Azevedo. Pinheiro Machado decidira sustentar o novelista gaúcho, menos por interesse do que pela vaidade de derrotar o chefe civilista dentro da própria Academia.

O escritor Carlos Pontes, a propósito desse pleito agitado, dizia-me que Verissimo, ao contrário do que eu pensava, não sufragara nem Almachio nem Alcides. E isto porque já havia abandonado o cenáculo desde o dia em que ali se preferiu Lauro Muller a Ramiz Galvão. Alberto Torres e Virgílio Varzea não chegaram a concorrer à cadeira do autor de *Casa de pensão*. Se concorressem, Verissimo teria escolhido um dos dois.

Eu tomei nota da informação de Pontes. Evidentemente, tínhamos uma contradição. Almachio censurava o procedimento de Verissimo. Verifiquei, porém, que o crítico não fora à sessão secreta. Mas podia ter mandado seu voto, que, pelo regimento, devia ser guardado com o maior sigilo. Indaguei na secretaria. Coelho Netto, um dos padrinhos da candidatura de Alcides, garantiu-me que Verissimo permaneceu indiferente. Não votara, nem fora à Academia.

Almachio conjecturava. Estaria ele fantasiando para desabafar?

Revendo meus apontamentos, não julgo os homens. Lembro-os como os conheci. Dou depoimentos pessoais. Uns de ciência própria, outro por ouvir narrar. Talvez sejam úteis aos futuros cronistas que venham a tratar dessas coisas. O que me preocupa é a verdade, que, em história, infelizmente, foi e será sempre a grande pilhéria a que de vez em quando aludia o marechal Pires Ferreira...

RIO — 1938

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE D — ARTIGO “CROISSET NA ACADEMIA”

Croisset na Academia

Francis de Croisset foi recebido na Academia Brasileira em sessão de 6 de agosto de 1931. Acadêmico também, esse moralista moderno do teatro francês, acionista do Banco do Brasil, encontrou acolhimento festivo.

Croisset foi um escritor que envelheceu sem sair da moda. As sociedades mais cultas e exigentes o estimavam. Dramaturgo e comediógrafo, ligou-se a Porto-Riche, a Tristan Bernard e a Caillavet, a quem sucedeu na parceria com Robert de Flers. Não se misturava, entretanto, com nenhum deles e tinha muito individualismo. Em resumo, um fino e sutil psicólogo que, nos seus enredos, ia até ao paradoxo condimentado de malícia que o público reclama. “As verdades têm seu curso como o câmbio”, dizia ele pela boca de uma de suas personagens. Andando sempre de mãos dadas com a moral, claro que as verdades não podem deixar de ser convencionais. Aceitas subsistem de acordo com a opinião geral. E esta é o que há de mais variável. Não dura mais de um decênio. A moral verdadeira de hoje será mentirosa em 1950.

Mas não é para fazer crítica de filosofia teatral do autor de *Le feu du voisin* que exumo estas reminiscências. A tarefa está acima de minhas forças. Nem caberia aqui realizá-la. Os especialistas e eruditos que se encarreguem disso.

O que me fez recordar Croisset foi a maneira pela qual Claudio de Souza, em nome de seus pares, o saudou, com uma bela oração, na Casa de Machado de Assis. “É a vossa própria obra que vos recebe”, declarou Claudio. Accentuou que essa obra era cheia de luz e de bom humor, de graça e de encanto, e se casava bem com a juventude dos acadêmicos que cercavam o visitante ilustre, pois todos bem o haviam compreendido.

Verifiquei em torno. Nas poltronas da Academia, via a “gente moça” a que aludia Claudio: Filinto de Almeida, Affonso Celso, Ramiz Galvão, Alberto de Oliveira e Augusto Lima. Xavier Marques, ausente na Bahia associára-se às homenagens. O mesmo fizera Magalhães de Azeredo, num telegrama mandado de Roma.

Depois Croisset agradeceu. Leu uma conferência curiosa sobre as qualidades e defeitos da arte cênica, assinalando, de começo, que no teatro o mentiroso era geralmente uma pessoa fina, de extrema polidez.

Afirmava isto reparando em volta, para se certificar de que o salão não era uma plateia.

RIO — 1938

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE E – CRÔNICA “TOBIAS E TAUNAY”

Tobias e Taunay

Voltando comigo da inauguração do monumento aos Heróis da Retirada de Laguna, que se ergue na Praia Vermelha, JB Capivari ia-me recitando alguns trechos do livro de Taunay. E comentava, socorrendo-se de sua esplêndida memória:

— Também percorri os lugares onde o céu testemunhou a mais penosa de nossas façanhas militares. Era pela imaginação e guiado pelas narrativas do escritor que os meus olhos assinalavam os pontos fatais. Gente de bravura e idealismo capaz dos maiores sacrifícios. Quanto mais penso nela, mais me convenço das reservas de energias que o Império Brasileiro oferecia ao resto da América. Salvo na ilustração e na cultura generalizadas, em que foi que o nosso coronel Camisão foi inferior ao grande Bolívar, cujo advento bebeu água de cinco rios?

Capivari calou-se. Parecia-me comovido. O ministro Oswaldo Aranha, passando na ocasião, lembrou-lhe que não faltasse à reunião do dia seguinte, da Comissão de Estudos da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, reunião que seria no Itamarati. O autor do *Diário de um sertanista* agradeceu o aviso, respondendo que não faltaria.

— Mas, continuou ele, retomemos o assunto de Taunay e de sua *Retirada de Laguna*. Recorde-se que Tobias atacou furiosamente essa obra literária. Foi o caso que na *Revista Brasileira* de 15 de outubro de 1879, a propósito de um artigo do visconde de sobre Meyerbeer e os “Huguenotes”, o pensador sergipano caiu-lhe em cima, visando demonstrar que o crítico do músico alemão não entendia patavina de arte. E por causa da ópera, investiu contra a *Retirada* que nada tinha a ver com a história. Disse Tobias que o roteiro da epopeia estava errado e que o estilo do livro era chocho e inexpressivo. Apenas, o pensador jamais se havia perdido pelas paragens inóspitas e bravias ali descritas. Igualmente, como prosador não era dos mais cuidadosos.

A Capivari o episódio não deixava de ser curioso. Partindo de quem partia o exemplo, pois Tobias se identificava no tempo como um dos talentos mais poderosos, renovador, por excelência, o deslize se lhe afigurava imperdoável.

Concordei. E o pior ajuntava ele, é que ainda hoje os Tobias menores fazem a mesma coisa, isto é, não compreendem a crítica senão nas duas extremidades: — para elevar os amigos ou para rebaixar os inimigos. De qualquer forma...

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE F – CRÔNICA “EM BERLIM”

Em Berlim

Em 1937, março ou abril, tive de agradecer em Berlim uma gentileza da diretoria da Lufthansa. Ela me havia proporcionado visitar várias cidades alemãs, em poucos dias, viajando nos seus aviões comerciais. Cercou-me mesmo de atenções, o que não podia deixar de produzir, como produziu em meu espírito, uma excelente impressão.

Pedi ao Sílvio Romero Filho, então nosso adido à representação brasileira em Varsóvia, que se achava na capital do Reich, que me fizesse o obséquio de ir comigo á referida empresa, no que ele, com a distinção de sempre, logo aquiesceu. Sílvio valer-se-ia de intérprete nesse encontro de cortesia, uma vez que eu não falava alemão e a diretoria, sem dúvida, não se exprimiria em português.

O diretor, que nos acolheu, era um prussiano de estatura elevada, civil no traje, porém, marcial em tudo o mais. Firme, ereto, duro, respondeu aos nossos cumprimentos com a inevitável saudação nazista. Expliquei-lhe, pela boca de Sílvio, que era sincero o meu entusiasmo pela ordem, rapidez e segurança dos aparelhos da Lufthansa, dos quais guardaria excelente recordação. Ainda pela boca de Sílvio, o diretor replicou-me que a Alemanha, com esses aparelhos, poderia realizar o mesmo serviço no mundo inteiro. Não o faziam porém, pelos embaraços de fronteiras...

Compreendia a sutileza. O diretor resumia em “embaraços de fronteiras” uma infinidade de obstáculos, inclusive os de natureza política. Para dizer qualquer coisa, numa conversa breve e puramente protocolar, arrisquei:

— O ideal seria não haver fronteiras...

O prussiano pareceu-me mais formalizado, mal o nosso intérprete acabou de traduzir a minha pobre frase. Olhou-me, como que tomado de espanto. Num relance, mediu a minha temeridade. Depois, percebendo que nenhum pensamento reservado me movia ou inspirava, sorriu. E acrescentou, forçando o tom amável e delicado que não me desconcertasse:

— Sim, talvez fosse melhor não haver fronteiras. Contanto que a Alemanha dominasse todas...

Estendeu o braço para a frente, riscando um semicírculo. Eu também sorri. Despedimo-nos.

Cá fora, caminhando sobre a neve que se derretia pelas ruas, Sílvio Romero Filho não se conteve. Considerava ele uma coisa grave o simples fato de alguém, principalmente um estrangeiro, enunciar, diante de um nazista fichado como aquele diretor, além do mais

investido de tão importantes funções oficiais, uma tese comunista, como se lhe afigurava essa da “desnecessidade de fronteiras”.

— Você alarmou o homem, resmungava Sílvio.

Eu não imaginava assim o ocorrido. Admitia, porém, que como gafe, o episódio merecia, realmente, um registro nestas *Memórias*.

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE G – ARTIGO “FLORIANO”

Floriano

Não há celebridade sem lendas. A esse respeito, Julien Benda tem um estudo muito curioso. Entende ele que as lendas fazem bem à imaginação popular, animando-a no entusiasmo e na admiração pela memória dos grandes homens. O culto do passado é, por via de regra, um sistema que resulta de muitas fantasias e superstições. Daí as criações de muitos mitos sem nenhum prejuízo para a História e de muita vantagem para a Literatura.

Mas isto é especular alto com a Filosofia e com a Lógica, o [que não está no “terra-a-terra”]¹⁹³ desta desprezível narrativa.

De Floriano as lendas são muitas. A maioria delas não deixa de evidenciar o caráter do grande soldado. Vale a pena repeti-las. Um dos seus coronéis, comandando um regimento que fazia frente às tropas revolucionárias do caudilho Saraiva, não se recomendava pela probidade pessoal. Era porém, um homem bravo. Dera provas de valor militar e por isso o marechal não a dispensava.

Certa vez, recebendo as folhas do pagamento das forças às ordens desse coronel, Floriano notou que as contas eram escandalosamente exageradas. Verificou o efetivo do regimento e apurou que só em fornecimento de carne fresca a despesa estava o dobro. A Cassiano do Nascimento, seu ministro da Fazenda, disse ele ironicamente:

— Na unidade do F..., cada soldado está comendo quase um boi por dia.

Depois, refletindo um segundo:

— Veja você a que fica reduzido um presidente da República, com o dever de restabelecer a ordem no país assaltado pela fúria de ambiciosos e despeitados. Vou ser conivente no crime contra o Tesouro.

E pôs o “pague-se”, lamentando não poder meter o coronel na cadeia.

Cassiano concordou. Mesmo porque Catilina estava Às portas de Roma...

RIO — 1937

JOÃO PARAGUAÇU

¹⁹³ Trecho não publicado n’*O Imparcial*, mas presente no mesmo texto, publicado no *Correio da Manhã* de 12/12/1937, p. 6.

APÊNDICE H – ARTIGO “ENTRE A ACADEMIA E A POLÍTICA”

Entre a Academia e a política

É claro que nos amigos só devamos ver as virtudes. Os outros, os estranhos e desafetos, que lhes vejam os vícios. Mas a quem preza a História, prezando, por isso mesmo, a verdade verdadeira, não é lícito ocultar certos fatos comprovados, que não deixam à vontade aqueles que são de nossa estima pessoal.

Vá a confissão por conta de um caso que se passou com Graça Aranha. O romancista era dos que mais se batiam pela exclusividade dos homens de letras na Academia. Declarava não compreender a instituição com elementos que não faziam literatura. Alegava que sua coerência, neste particular, não era tão grande que quase deixou de ser um dos fundadores da casa. Foi Lúcio de Mendonça quem o chamou para o grupo da organização. Nada estava resolvido. O poeta-magistrado era dos mais entusiastas na elaboração do plano de um cenáculo, conforme o modelo francês.

— Recusei, acrescentava-me Graça Aranha. Eu ainda não era um escritor, pela simples razão de não ter publicado livros. A Academia tinha de ser, não uma simples sociedade recreativa e literária, mas uma diretora do mundo intelectual do país. Sob esse aspecto, presumida sua ascendência, ela não podia transformar-se em refúgio de estreates. Valeria por uma consagração. No fundo, a minha repulsa era motivada pelo receio da Academia ser aqui o que era em França, isto é, uma coisa protegida pelo estado. Tudo quanto redundasse em intervenção oficial nas atividades particulares, fosse a produção material fosse a espiritual, não merecia meu apoio.

Lúcio insistiu. Machado de Assis e Joaquim Nabuco ajudaram-no no cerco, e o futuro criador de *Canaã* acabou cedendo. Ajudou a fundação. Nenhuma surpresa tiveram os demais com a sua presença. Ele já colaborava na *Revista* de Verissimo, onde por algumas novelas interessantes e até dera um curioso prefácio para a *Introdução ao cosmos de direito e da moral*, obra que Fausto Cardoso lançou com certo aparato de pensador.

Mais tarde, Graça Aranha mudou de opinião. Não ficou assim tão obstinado quanto ao programa da Academia somente para os literatos. Transigiu. Trabalhou forte e abertamente pela eleição de Dantas Barreto, que não era nem nunca foi homem de letras. Isso foi em 1911. O romancista, que se aproximara do ministro da Guerra do governo Hermes, metera-se na política e namorava uma cadeira de deputado pelo Maranhão...

RIO — 1939

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE I – CRÔNICA: “POST-SCRIPTUM”

Post-Scriptum

É uma verdade que a história se faz de pequenos fatos no momento despercebidos, mas com que os vindouros, ouvindo-os de velhos testemunhos ou recolhendo-os nos arquivos, armam narrativas curiosas e sensacionais.

Eu pensava nisso em meados de 1922, quando o escultor Magalhães Corrêa me levou a ver os portões de Mestre Valentim, no Passeio Público, que o prefeito Carlos Sampaio arrancara de lá. Magalhães Corrêa sempre foi um entusiasta do artista colonial, no que frequentemente estava em desacordo comigo, pois me parecia que Valentim, a exemplo de Aleijadinho e de Bocage, era presumido autor de muita coisa que não realizara, nem sequer imaginara. Seus biógrafos, inclusive o prestimoso Norberto Silva, fazem muita confusão em torno da estatuaria da época e recorrem mais às lendas do que aos episódios autênticos. Valentim cercou-se de discípulos. Os de Rubens também trabalhavam para o chefe da Escola Flamenca, mas, inexplicavelmente, os quadros são desse extraordinário e operoso pintor.

A essas minhas observações Magalhães Corrêa respondia com a sua grande devoção ao desenhista e fundador dos portões. Não valia a pena insistir. Entramos no parque onde outrora Dom João VI assistia ao cair da tarde, olhando melancolicamente para a saída da barra, e fomos até junto do busto de Castro Alves.

Ninguém diria que Eduardo de Sá cogitasse do épico da Abolição, do poeta exaltadamente revolucionário, ao preparar seu bronze. Eduardo fez uma máscara que se supõe ser de Casimiro de Abreu, pois a face fosca do cantor de “Os escravos” não tem nenhum traço de revolta, de indignação ou de desespero, conservando uma atitude choramingas que é tudo quanto há de mais casimiriano.

— O mais interessante, acentuou Magalhães Corrêa, é que para esse busto de Castro Alves se abriu uma subscrição popular. Bilac foi o tesoureiro do movimento. Creio que rendeu dez ou doze contos. Bilac, porém, antes da prestação de contas, embarcou para Buenos Aires, onde pronunciou algumas conferências brilhantes. Depois, regressando ao Rio, o movimento estava terminado. Os contribuintes não lhe perguntaram pelo dinheiro. E o lírico da “Via Láctea” não os importunou com explicações. Houve que arranjar novos *cum quibus*, plantando-se aqui esta beleza.

Magalhães Corrêa fazia-me tais revelações muito por alto, sem a menor malícia, abanando-se com o lenço. Mesmo porque sua atenção concentrava-se nos defeitos da técnica de Sá. Enumerava-os, destacando-os com o dedo.

— Sim, repetia eu para afirmar qualquer coisa, talvez você tenha razão. Eduardo de Sá é positivista. E a Arte dos sectários é um tanto nebulosa...

Mas, no fundo, o caso do tesoureiro em alcance, glorioso pelos seus versos perfeitos, perturbava-me os raciocínios. Era um *post-scriptum* à “Missão de Purna” e ao “Caçador de esmeraldas”...

RIO — 1938

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE J – CRÔNICA “LIVROS DIDÁTICOS”

Livros didáticos

Humberto de Campos queria levar para a Academia o caso dos livros didáticos. Isto em fins de 1927.

— Há, dizia-me ele, uma Comissão que opina. Essa Comissão que é quase sempre a mesma. Examina, reexamina e seleciona. Acontece, porém, que no seio dela quase todos os membros por coincidência, autores de trabalhos igualmente destinados ao uso — ou abuso — das escolas oficiais e oficiosas. A cobiça mercantil fala muito alto. Influi. Decide. A Comissão acaba por escolher os livros por ela mesma.

— É humano...

— Sim, continuou o crítico-memorialista, mas para os autores que estão fora, seus concorrentes, é o que há de mais desumano. Eu vi um volume de *História da civilização*, que foi recusado só porque a Comissão encontrou “várias incertezas ortográficas”... Li, reli o volume. É perfeito no fundo e na forma. As incertezas apontadas podem até ser erros de simples revisão tipográfica. E que não fossem! Eça de Queiroz quando lhe falavam nessas coisas, gracejava, confessando saber que na palavra *retórica* havia um *h*, mas que por infelicidade, jamais atinava onde deveria meter a consoante trapalhona. Nem por isso deixou de ser o maior sensacionalista, se não o maior romancista de Portugal em todos os tempos.

Eu arrisquei uma observação:

— E o pior é que a Comissão delibera secretamente.

— Pior, resumiu o acadêmico. Não Admite recursos. É Soberano, onipotente. A Academia, pelas suas finalidades, exerceria, no controle, uma de suas mais altas atribuições. É de sua tarefa policiadora. Um promotor não advoga em seu juízo e o juiz se dá logo por suspeito para sentenciar em causa na qual, vaga e remotamente, se venha a imaginar que ele tenha interesse. Como a comissão opina sobre os livros de seus próprios membros? Seria possível ao governo designar alguns donos de laboratórios Farmacêuticos para, em nome da Saúde Pública, licenciarem os remédios dos outros, seus competidores, que diligenciassem colocar as drogas no mercado? Não. Pois é o que ocorre com a Comissão de livros didáticos. Pode haver melhor negócio?

Humberto calou-se. Agora, limpava cuidadosamente o *pince-nez* de míope. Eu pensava nos caprichos desse perigoso ironista que é o Destino. No país em que o autor era sempre o forçado da pobreza, o livro só garantia a prosperidade quando explorado por esses processos escandalosos...

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE K – CRÔNICA “MURO DE MEAÇÃO”

Muro de meação

Sempre me espantou a profunda divergência de juízo a respeito da obra literária de Gonçalves de Magalhães. Ainda hoje se discute não só acerca do seu valor como poeta, mas até sobre o seu papel de pai do romantismo nacional.

Ao tempo em que Ivan Lins preparava o seu discurso de posse na Academia Carioca, tendo ali por patrono o autor de *Suspiros*, conversei com ele sobre as dúvidas que me deixavam inquieto.

— Você tem razão, dizia-me esse escritor. Nada mais inexplicável do que permanecer controvertida a posição do visconde de Araguaia em nossas letras. Os críticos modernos adotam uma opinião diametralmente oposta à dos contemporâneos do velho poeta, para os quais, segundo Ronald Carvalho, ele era uma espécie de deus, algo de sobre-humano, digno de ombrear com os gênios criadores. Sales Tôrres Homem, por exemplo, saudou o visconde como um excelso renovador. E o cônego Fernandes Pinheiro achou que Magalhães acumulava o sentimentalismo de Lamartine, a melancolia de Chateaubriand, a imaginação de Byron e Hugo, e as altas cogitações de Schiller e Goethe. À medida, porém, que os anos se escoam, esse entusiasmo vai perdendo de calor, transformando-se em olvido, senão em sarcasmo e zombaria, a ponto de José Veríssimo afirmar que do lírico titulado só se salvava a “Ode a Napoleão”. Desta mesmo acrescentava Afrânio Peixoto: apenas escapavam alguns “versos”.

E Ivan Lins considerou:

— Ora, para sermos justos, precisamos abstrair de todo o nosso envolver literário, para o qual, com a sua obra, o próprio Magalhães contribuiu. Devemos encarar, como recomendava Alcântara Machado, a “versalhada abominável” que, ao surgir o visconde, entulhava o nosso Parnaso. Cumpre que nos coloquemos no Brasil da época, a época de *Suspiros*, quando o país mal se estribava na independência política e ainda se achava mergulhado no subarcadismo. Por via de regra, os iniciadores são vítimas de sua ousadia porque, não se desprendendo de vez das fórmulas antigas, não se assenhoreiam, em definitivo, das que empreendem estabelecer. É fatal, portanto, que, desbravado o campo, sejam excedidos pelos seus continuadores mais felizes. Encontrando estes os rumos traçados, aprimoram o novo gênero, sublimando o que de belo oferecem os precursores, do mesmo modo que evitam imitá-los no tateamento e nos deslizes. De Virgílio se disse que tirava ouro do monturo de Ênio: — *Aurum ex stercore Ennio*. O mesmo pode afirmar-se de Gonçalves Dias e demais românticos relativamente ao debatido visconde. Se em *Suspiros* já se sente o sopro restaurador do Romantismo através de maior leveza e maleabilidade dos versos no

livro, todavia, percebe-se os vestígios do arcadismo, já quanto à métrica de certas composições, já quanto àqueles “antigos e safados ornamentos” a que o insuspeito Magalhães alude no prefácio de seus versos. A principal influência de *Suspiros* foi a receita de seu conteúdo. Caracterizou-se por ter difundido o espírito romântico entre nós. Foi o que aí enxergaram os seus contemporâneos e o que menos veem os leitores e críticos de agora.

Ivan Lins despediu-se. Fiquei a refletir nos seus claros raciocínios. Alcântara Machado e Veríssimo tinham os versos do visconde como uma espécie de *muro de meação* entre o classicismo e o romantismo. O que se impunha era a subida a esse muro. Sem isto, não se descortina, simultaneamente, o arcadismo, que antecedeu a Magalhães, e a escola subsequente, de que ele foi, apenas, o visionário...

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE L – CRÔNICA “CAMBIO NEGRO E ORTOGRAFIA”

Câmbio negro e ortografia

A Assembleia Nacional Constituinte discutiu e votou a emenda que mandava restabelecer em todo o país a ortografia usual dos brasileiros. Fê-lo sob um ambiente de injúrias e agravos pessoais. Durou meses a campanha dentro e fora do parlamento, tempo suficiente para se lavar a roupa suja da gramática.

A mim, que participava da confusão, nada me surpreendia. As questões filológicas, entre nós, nunca deixaram de degenerar em insultos pesados. O hábito, como no verso do poeta, era antigo. A propósito de letras geminadas ou de grupos consonantes, era fatal que os contendores — etimológicos e fonéticos — se agredissem, chamando-se, em público o raso, sacripantas, gatunos, proxenetas etc. Quando não iam além, num vocabulário ainda mais infamante. João Ribeiro, que educou duas ou três gerações, autor de numerosos livros didáticos, observava que essas polêmicas davam um índice animador de nossa situação econômica. No calor sob o qual eram travadas, provavam que o álcool ainda estava barato, o que não era de todo desagradável para os que gostavam de beber.

Na academia quase houve um pugilato. Mas o que me pareceu mais singular foi ver o deputado Roberto Simonsen cabalando contra a referida emenda. Esta era de minha iniciativa. Simonsen, industrial e banqueiro, jamais se revelou interessado por essas ninharias. Homem prático, suas preocupações eram outras. Por que, então, sua tenacidade e seu ódio contra a proposta favorável à nossa velha e tradicional maneira de grafar as palavras?

Fiquei intrigado. Intrigado e receoso. Fernando Magalhães e Olegário Marianno, que combatiam a emenda, exultavam. Na bancada paulista, em cujo seio Simonsen tinha assento, Oscar Rodrigues Alves e Hyppolito do Rego, que eram meus aliados, procuravam contraminar-lhe a ação. Reconheciam, entretanto, que ele era um combatente perigoso.

Devi a Antônio Carlos a explicação do caso. Falando-lhe a respeito, perguntou-me ele se, alguns anos atrás, não tinha eu escrito uns artigos sobre as operações cambiais do Instituto de Café de São Paulo, consideradas lesivas ao Tesouro? Respondi que sim. Simonsen, ele mesmo, fora incomodado pelas diligências ordenadas pelo governo.

— Pois então! Exclamou Antônio Carlos, sorrindo maliciosamente. Você mexeu com o homem. Agora, ele se vingará. Vão os dois ficar quites...

Ainda hoje, revendo estes apontamentos, indago, de mim para mim, que é que o câmbio negro do café tinha a ver com a ortografia. E, quanto mais me interrogo, menos entendo...

RIO — 1939

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE M – CRÔNICA “CUIDADO COM A HISTÓRIA!”

Cuidado com a História!

Paulo Emílio não faltava às conferências do Salão da Escola de Belas Artes. Nessa época, ainda havia nesta terra muita gente que tomava interesse pelas coisas de Arte, Literatura e História do Brasil. Supunha-se mesmo que ser *litterateur* não era nada deprimente... E o Salão enchia-se de ouvintes!

Um deles era Paulo Emílio, cuja cultura se media pelo seu idealismo: este e aquela de alto merecimento. Na vez que me tocou falar, escolhi o tema dos estetas europeus trazidos para cá por D. João VI e não me lembro mais por que, aludindo aos precursores da nossa emancipação política, fiz o elogio de Felipe dos Santos. Paulo Emílio achou nisto um grande exagero. Logo depois da reunião, chamou-me a um canto da Escola, dizendo-me:

— Você precisa reexaminar o caso. Felipe, que era um português bronco, quase recém-chegado, simples almocreve ou rancheiro, mal assinava o nome. Vivia às ordens de um argentário seu compatriota chamado Paschoal da Silva Guimarães. Não podia, pois, interessar-se pela nossa causa. Nem devia. Seria impossível que amasse a Colônia onde pouco antes desembarcara. Mais ainda: Felipe não tinha bons precedentes. Abandonou a família sem recursos em Portugal, esquecendo-se dos seus. Contra ele as autoridades eclesiásticas de Lisboa expediram uma precatória afim de que “fosse para sua terra, Cascais, fazer vida de casado com sua mulher”. Esta era Maria Caitana. O mandado não foi cumprido, porque Felipe tinha a proteção do opulento Paschoal. Admitirá você que um ádvena semianalfabeto, desertor do lar, como provou depois a referida Maria Caitana, alimentasse aqui entusiasmos pela nossa independência e por esta se sacrificasse? Sem esquecer que a rebelião de 1720 nada teve de civismo e nativismo. Foi econômica, inspirada e atizada pelo capitalismo contra a fazenda real.

A memória de Paulo Emílio era como a sua erudição. Ambas excelentes. Não o interrompi. Ele prosseguiu:

— Toda a lenda criada em torno de Felipe pode ser assim explicada. Em 1863, um brasileiro ilustre, filho de Diamantina, o Couto de Magalhães, publicou na *Revista do Instituto Histórico* um trabalho intitulado “Um episódio da História Pátria”, onde Felipe aparece como herói do romance. O trabalho foi escrito a pedido do Homem de Melo, que se impressionara bem com a novela *Os guaianás*, do mesmo Couto de Magalhães, divulgada em São Paulo em 1860. Homem de Melo, amigo e companheiro de Couto de Magalhães na república da Força, na capital bandeirante, exigiu-lhe qualquer coisa que lhe desse credenciais, pois queria fazê-lo sócio do Instituto. Couto de Magalhães acudiu. Nunca imaginou, porém, que sua literatura

sobre Felipe dos Santos iria ser argumento contra as glórias que mais tarde pertenciam a Tiradentes. Medite você. Repare que Felipe dos Santos cresceu após a inauguração da estátua de D. Pedro I, no largo do Rocio. Era o dedo da demolição do alferes que entrava a movimentar-se. Tenha cuidado com a história feita de preconceitos e restrições.

Nada objetei a Paulo Emílio. Pensei, no momento, nas incertezas eternas dos historiadores. Pensei no belo quadro de Parreiras, que se encontra na Escola Normal de Belo Horizonte, onde Felipe, soberbo e audaz, aparece como o primeiro dos mártires de nossa autonomia. A tela foi encomendada e paga pelo governo. Pensei mais na sentença de morte dada contra Felipe, sentença nula de pleno direito, porque foi lavrada por um juiz incompetente. Pensei num mundo de coisas e acabei concordando com Paulo Emílio. Com a História, todo cuidado é pouco...

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE N – CRÔNICA “UM ARQUIVO ORIGINAL”

Um arquivo original

Floresta de Miranda é velho amigo de jornais e jornalistas. Não raro, deles também é colaborador inteligente e perspicaz. Dou o meu testemunho de que a idade lhe deve alguns serviços. Vai para vinte anos que vejo Floresta de Miranda empenhado na campanha de aparelhar o povo carioca com um serviço de fiscalização do tráfego de veículos que fosse superiormente irrepreensível.

Floresta é um desses homens que tem tempo pra tudo. Porque estima a imprensa, vem ele, de longa data, fazendo uma curiosa e abundante coleção de notícias e fotografias, publicadas nas folhas e revistas mas absolutamente inexatas, contraditórias e até absurdas. Muitas até, embora o tom solene da divulgação, são humorísticas. Não escapam diários, nem hebdomanários, sejam desta capital, sejam de outros estados. Tudo isso cortado, colado e retificado a manuscrito, sem perder a ordem cronológica.

Entre outros clichês, vi um que me desconcertou. Tratava-se de uma amável reportagem sobre o embarque de Aloysio de Castro para a Europa. Quem viajou foi mesmo esse delicado professor e escritor acadêmico. Está a legenda por baixo do retrato, mas a fisionomia é de Hitler, com a sua carranca ameaçadora. Numa outra folha, o austero mestre de medicina Irineu Malagueta surge como se fosse o cômico cinematográfico Clark Gable.

Esse arquivo de Floresta de Miranda, se ele o conservar, crescerá em mérito no futuro. Poderá até ser útil aos futuros historiadores e críticos-biográficos. Por exemplo: está ali guardado um belo artigo de Humberto de Campos, dado no *Diário Carioca*, sob o título de “O crime de Sanjurjo”. O memorialista, apreciando a desordem político-militar dessa época na Espanha, assinalava textualmente: “foi essa ilusão de Primo de Rivera quando mandou fuzilar os dois melhores de Jaca”. Ora, Primo de Rivera, já fora do poder, faleceu em Paris em 16 de março de 1930 e a sedição em Jaca, com Sanjurjo à frente, só se verificou em 12 de dezembro desse mesmo ano. Floresta de Miranda ouviu a respeito de Figner, que lhe garantiu que depois de morto Primo de Rivera não seria capaz de mandar fuzilar quem quer que fosse, muito menos um seu camarada em armas. Os espíritos não praticam dessas atrocidades. A ordem de fuzilamento, posteriormente sustada, foi expedida pelo governo do general Berenguer, que sucedeu a Rivera.

Floresta de Miranda, no dia seguinte a esse artigo, falou a Mario Guaraná, sugerindo a esse jornalista que corrigisse o engano. Alegando, entretanto, a precária saúde de Humberto, que já estava no fim da vida, Guaraná não quis afligi-lo e deixou que tudo passasse em branca nuvem. O outro concordou, mesmo porque, nesse dia, ele lera, num vespertino, a informação

de que durante os festejos carnavalescos só uma fábrica de cerveja vendera aqui, nos quatro dias, duzentos e cinquenta milhões de litros de chopes. Admitia a população carioca em dois milhões de almas, a conclusão matemática era que cada pessoa, inclusive enfermos, crianças e bebês, teria bebido apenas cento e vinte cinco litros.

No entender de Floresta de Miranda, estas coisas eram divertidas. Mas eu não seguia o seu raciocínio. Afinal de contas, o noticiário dos jornais era excelente matéria prima para as pesquisas dos historiadores.

RIO — 1939

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE O – CRÔNICA “FRAQUEZAS”

Fraquezas

Os grandes homens, trazidos à posteridade numa auréola de louvores, têm, às vezes, fraquezas que desconcertam o mais benigno dos historiadores. Não sendo a história nenhum panegírico, convém fazê-la com as devidas cautelas e absoluta isenção de ânimo. Isso, porém, não é fácil. O caso de Michelet é expressivo. Este escreveu longos e documentados estudos sobre João D’Arc. É mesmo um dos guias da inteligência humana no papel desempenhado pela heroína santa. Pois Huysmans, certa ocasião, surpreendeu-o em Reims, sentado na base do monumento à gloriosa mártir dos ingleses, num choro desesperado. Michelet explicou-se. Não podia olhar a face fosca de João D’Arc que não sofresse e não se lamentasse. Por aí imaginar-se-á a força do sereno julgamento com que ele a apreciou. Voltaire, antes de Michelet, é quem tinha razão. Aos mortos, ilustres ou não, só devemos a verdade.

Mas estas considerações são dispensáveis. Minhas narrativas são muito simples e despretensiosas. Não vale a pena filosofar com elas. Refiro-me somente às prevenções de Rio Branco contra Domingos Olímpio, anotadas em capítulo anterior. O barão, tão louvado e exaltado, procedeu incorretamente não só com o escritor cearense, como igualmente com o general Dionísio Cerqueira. Ao contrário do que eu pensava, Domingos Olímpio já se achava em Washington quando o estadista chegou, incumbido de regular o negócio dos limites com a Argentina. O autor de *Luzia-Homem* era o secretário da Missão Diplomática. O segundo plenipotenciário era Dionísio, de que o barão se libertou, influenciando para que ele fosse à Espanha. A retirada do general deu resultados proveitosos, pois Dionísio descobriu em Madrid o autêntico Mapa das Cortes — episódio de que falarei ulteriormente —, permitindo, assim, a identificação dos rios lindeiros do tratado de 1850, a respeito dos quais os governos brasileiro e argentino não conseguiam entender-se. O barão ressentiu-se com a vitória do general.

Toda gente sabe que entre Rio Branco e Zeballos, este o chefe da delegação argentina, havia rancores insopitáveis. Talvez fosse por isso que Zeballos, ao ter notícia da decisão favorável ao Brasil, cercado de vários diplomatas, inclusive do secretário do Estado norteamericano, que transmitia a informação, dirigiu-se, não ao barão, mas a Dionysio, a quem apertou a mão, declarando-lhe: “O vencido saúda o vencedor”. Rio Branco nunca perdoou o gesto, nem ao rival nem ao compatriota.

Ora, Domingos era amigo sincero e creio que até contraparente de Dionísio. O barão excluiu logo os dois de suas relações. Um pouco por causa da atitude de Zeballos. De maneira que, anos depois, apresentando-se o escritor à vaga de José do Patrocínio na Academia, e

sendo Rio Branco um dos acadêmicos e ministro do Exterior, interveio cabalando ostensivamente a favor de Mario de Alencar. Jogou com o prestígio do governo. Machado de Assis também protegeu Mario, mas por motivos diferentes. O ironista de *Brás Cubas*, amigo de José de Alencar, quis honrar no filho a memória do criador do romance nacional. Não fantasio. Querem a prova? Euclides da Cunha votou em Mario. Por quê? Porque encontrando-se com Amazonas, na semana da eleição, lá teve notícia, por telegrama daqui enviado, de que só havia um candidato, Mario de Alencar, e este amparado pelo Itamarati. Mais tarde, ao seu camarada F. Alcino, no Estado Maior do Exército, o escritor de *Os sertões* confessava que se soubesse que Domingos Olímpio era também concorrente, ter-lhe-ia sufragado nome.

Aludi aos livros do romancista do nordeste. Mas não acrescentei os seus dramas publicados entre 1871 e 1875: *Túnica de Nessus*, *Julia*, *Tântalo*, e a comédia *Rochedos que choram*. No conflito da Maçonaria com os bispos, mal denominado “Questão Religiosa”, visto como o que houve foi um incidente episcopal, ele atuou divulgando o estudo crítico *Os maçons e o bispo* (sic).

Esquecido embora, sua obra literária é assinalada. Pertence ao patrimônio do espírito brasileiro.

RIO — 1938

JOÃO PARAGUAÇU

APÊNDICE P – CRÔNICA “ARTE E JORNALISMO”

Arte e jornalismo

De Carlos Brandão dizia-se na Bahia, do tempo de Luiz Vianna, Severino Vieira e José Marcellino, que era o mais completo dos jornalistas do norte. Eu já o conheci velho, sem nenhum hábito de temperança, escrevendo nas folhas de oposição. Seu conhecimento seguro da língua portuguesa, sua erudição literária e seu largo entendimento dos problemas morais, sociais, políticos, econômicos e financeiros do país davam-lhe, realmente, o direito a ser colocado na galeria dos bons polemistas e publicistas brasileiros. Além disso, empregava nos escritos diários um estilo claro, persuasivo, ao alcance de todos, mesmo quando versava as questões técnicas. E era, quando lhe convinha, um panfletário vibrante, temível. A nós outros, novatos e bisonhos no ofício, ele ensinava que nunca fôssemos irônicos no comentar ou informar.

— Em jornalismo, recomendava ele, a ironia é a pior forma de argumentar. Nas campanhas de imprensa, diferentes das que se faz na Literatura, o público não estima os ironistas. Acha-os especiosos e raramente concorda com eles.

Era instintivamente hostil a Severino Vieira. Contra esse chefe político, antigo governador, parlamentar e ministro de estado, publicou uma série numerosa de artigos que ficaram memoráveis. Carlos Brandão, que fora, na mocidade, estudante de medicina, não chegando a diplomar-se, dedicara-se a estudos de psiquiatria. Para ele, Severino não passava de um louco que, às vezes, raciocinava. E sustentava a tese engenhosa de que todos os homens sofrem da psicose fatal. Uns mais, outros menos, como água que se aquece. Indivíduos havia que estavam a cinco, dez, vinte graus acima de zero. Eram os inquietos, os assustados, os nervosos. “Severino, entretanto, sentenciava o articulista, atingiu a 99°. Qualquer dia, a cidade amanhacerá, vendo-o solto na rua, a atirar pedras sobre os transeuntes”. Guardei o recorte deste artigo, do qual, certa vez, Rui Barbosa, no Senado, leu um trecho.

Mas em Carlos Brandão, que morreu em extrema pobreza, solteirão incorrigível, não estava somente o jornalista. Era igualmente um notável crítico de arte. Quando da passagem do ator Coquelin por S. Salvador, em 1908, a empresa, que trabalhava no Politeama, contratou-o para declamar, no palco, o terceiro ato do *Cyrano de Bergerac* e um dos monólogos do seu repertório de *Molière*, nas *Précieuses ridicules*. Aproveitando a presença do grande comediante, Brandão, analisando-lhe a carreira teatral, divulgou o mais brilhante ensaio que tenho visto sobre Rostand e seus poemas. O crítico assinalava e explicava porque o poeta francês, tão festejado no momento, não lograria meio século de popularidade.

Isso em 1908. Muito mais tarde, vi em *Monsieur Bergeret em pantoufles*, que Brousson editou em 1927, ser exatamente esse o juízo que Anatole France fazia do lírico famoso.

RIO — 1938

JOÃO PARAGUAÇU